



Conduzida
pela
música

DRIVE



Autora best-seller do USA Today
KATE STEWART



Conduzida
pela
música

DRIVE

Autora best-seller do USA Today
KATE STEWART

Tradução: Aline Salles

1ª EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK

Todos os direitos reservados
Copyright © 2020 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares
Tradução: Aline Salles
Preparação e Revisão: Gabriela Peres
Projeto Gráfico e Diagramação: Cristiane Saavedra | **Saavedra Edições**
Projeto de capa original: Amy Qeau (Qdesign)
Adaptação da Capa: Flavio Francisco

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)

*Para meu pai, Robert Scott, que
ensinou sua filhinha a dançar e lhe
mostrou a importância de uma boa
música.*



“Se alguém lhe disser que uma música é importante para ele, você deve aumentar o volume, fechar os olhos e realmente ouvir. Porque, no fim, vai acabar conhecendo essa pessoa muito melhor.”

— Desconhecido.



SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

NOTA PARA O LEITOR

CAPÍTULO 1

Someone like you – Adele

CAPÍTULO 2

Mr. Brightside – The Killers

CAPÍTULO 3

Word Up – Cameo

CAPÍTULO 4

Feel Good Inc – Gorillaz

CAPÍTULO 5

Numb/Encore – Jay Z, Linkin Park

CAPÍTULO 6

Bittersweet Symphony – The Verve

CAPÍTULO 7

Given to Fly – Pearl Jam

CAPÍTULO 8

I Want You – Kings of Leon

CAPÍTULO 9

We are Young – Fun ft. Janelle Monáe

CAPÍTULO 10

21 Questions – 50 Cent ft. Nate Dogg

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

Never Say Never – The Fray

CAPÍTULO 13

Ready or Not – Fugees

CAPÍTULO 14

Umbrella – Rihanna ft. Jay-Z

CAPÍTULO 15

Turn My Head – Live

CAPÍTULO 16

Say Goodbye – Dave Matthews Band

CAPÍTULO 17

Freak on a Leash – Korn

CAPÍTULO 18

I Belong to You – Lenny Kravitz

CAPÍTULO 19

Watching the Wheels – John Lennon

CAPÍTULO 20

1,2,3,4 – Plain White T's

CAPÍTULO 21

Down with the Sickness – Disturbed

CAPÍTULO 22

Sugar, We're Going Down – Fall Out Boy

CAPÍTULO 23

10,000 Emerald Pools – Borns

CAPÍTULO 24

Santeria – Sublime

CAPÍTULO 25

Stay – Hurts

CAPÍTULO 26

Whiter Shade of Pale – Annie Lennox

CAPÍTULO 27

Numb – U2

CAPÍTULO 28

Wonderwall – Oasis

CAPÍTULO 29

Back to Black – Amy Winehouse

CAPÍTULO 30

Into the Black – Chromatics

CAPÍTULO 31

Everlasting Friend – Blue October

CAPÍTULO 32

Clumsy – Fergie

CAPÍTULO 33

Xanadu – Olivia Newton-John, Electric Light Orchestra

CAPÍTULO 34

Trouble – Coldplay

CAPÍTULO 35

Ex-Factor – Ms. Lauryn Hill

CAPÍTULO 36

The Flame – Cheap Trick

CAPÍTULO 37

In too Deep – Genesis

CAPÍTULO 38

Burn – Usher

CAPÍTULO 39

She's Everything – Brad Paisley

CAPÍTULO 40

Drive – The Deftones

CAPÍTULO 41

Poison & Wine – The Civil Wars

CAPÍTULO 42

Colorful – The Verve Pipe

CAPÍTULO 43

Wasted Time – Eagles

EPÍLOGO

Who Knew – P!nk

Turning Page – Sleeping At Last

AGRADECIMENTOS

ALLBOOK EDITORA

NOTA PARA O LEITOR

Para aproveitar totalmente este livro, e porque este romance é minha ode pessoal à força que me move — a música —, não resisti a incorporar a trilha sonora pelo Spotify.

Cada título de capítulo é o nome de uma música e a *playlist* pode ser encontrada pela busca no Spotify de **AUTHOR KATE STEWART/DRIVE**.

Acesse a playlist apontando seu celular para o QR Code:



Espero que goste.

XO

Kate



Someone like you – Adele

RESPIRE. RESPIRE. ISSO ESTÁ NA MALA, STELLA. VOCÊ consegue fazer isso, então faça.

Cliquei na câmera e rapidamente olhei para minhas anotações.

Um minuto.

A eletricidade percorreu minhas veias e infiltrou-se em todos os poros, me lembrando de que era isso.

Trinta segundos.

Dei um gole na água e esperei ao lado do meu laptop.

Dez segundos.

Uma dúvida mínima apareceu por alguns segundos antes de eu ignorá-la.

Cinco.

Respirei estressada, cliquei em Ao Vivo, e me dirigi à câmera.

“Mulherengo, valentão, gênio, recluso e o maior MC do mundo. Mesmo com todos esses rótulos, Phillip Preston, também conhecido como Titan, ainda é um enigma. Apesar do universo que construiu com letras narrando histórias, ele sempre deixou à nossa escolha decifrar a verdade de sua ficção. Ele apareceu no cenário musical há quinze anos, um oprimido cantando rap, com rimas caóticas e desesperadas que ressoaram e o levaram a um nível inesperado de estrelato. Com cento e oitenta milhões de discos vendidos, ele ainda mantém seu título de

peso-pesado e permanece um ícone para seus fãs obstinados, tendo coletado um exército de novos seguidores nas duas últimas décadas. Devo admitir que fiquei meio intimidado quando me sentei com ele no fim de semana passado em sua casa em Chicago. Eu, assim como milhões de pessoas, sou grande fã do gênio dele. A simplicidade ao nosso redor no estúdio de sua casa era, no mínimo, surpreendente. A sensação foi meio estranha e não havia discos de platina nas paredes, nenhuma foto pessoal e nenhum sinal da história que o tornara a estrela do rap mais conhecida do mundo. Ele se sentou em uma poltrona de couro perto de sua mesa de som, com garrafa de água na mão, e falou sobre seu amor pelo rap, enquanto sutilmente redirecionava perguntas sobre sua vida pessoal — embora saibamos que ele terminou recentemente o longo namoro com Jordan Wilson.”

Meus olhos quase lacrimejaram quando vi o visor da transmissão ao vivo atingir cem mil. Em questão de minutos, cem mil pessoas haviam começado a ouvir o meu podcast. Respirei fundo.

“Mas parecia que minha reputação me precedera, porque, quando me sentei com o magnata do rap, Phillip parecia pronto para o fuzilamento. Duelamos bem quando fiz as perguntas difíceis... perguntas de uma fã. Perguntas para as quais sei que muitos de seus ouvintes leais querem respostas, e acho que ficarão surpresos com elas. Então, sem mais delongas, dê uma olhada na minha exclusiva com o homem por trás dos mitos. Sinta-se à vontade para formar suas próprias opiniões, mas, acima de tudo, lembre-se de que a música é o que mais importa.”

Conectei o link da minha entrevista pré-gravada e observei os cliques explodirem assim que o rosto dele apareceu na tela.

Foi nesse momento que minha carreira chegou ao auge.

Com orgulho, assisti à minha entrevista com o grandioso, a lenda da indústria da música. O lindo, brilhante e altamente indescritível Phillip Preston era o artista com quem mais se tinha dificuldade para se conectar em uma entrevista. E eu fui a mulher a quem ele chamou para quebrar o silêncio a respeito de seu caminho para o sucesso, seus pais, sua ex-esposa e, finalmente — depois de muito pisar em ovos —, ele falou sobre seu relacionamento recente. Ele entregara a mim, em uma bandeja de prata, detalhes extremamente pessoais sobre sua vida, coisa que muitos outros jornalistas haviam falhado em conseguir. E não foi por um milagre.

Foi minha maior conquista como uma jornalista da música. Eu estava voando, flutuando, quando meu celular começou a pipocar com uma mensagem atrás da outra. Eu não contara a uma alma, nem a uma única pessoa, sobre minha exclusiva. Estava com a adrenalina nas alturas quando as notificações começaram a apitar no meu celular. Cem, duzentas mensagens e, então, vi os cliques de visualização pularem drasticamente para meio milhão. Meio milhão! Dei uma risada nervosa e verifiquei a rede social de Phillip. Ele acabara de postar o link do podcast da minha entrevista. Fiquei boquiaberta. Ele tinha mais de oitenta milhões de seguidores apenas em seu fórum.

E a contagem de visualizações continuava a subir. Eu tinha conseguido. Arfei quando os cliques ultrapassaram um milhão.

Um milhão de pessoas estavam ouvindo meu podcast.

Um milhão de pessoas estavam ouvindo meu podcast!

— AHHHHHH! — gritei para ninguém e varri os olhos pela sala vazia. Levei as mãos no ar quando os cliques passaram de dois milhões. — Ah, meu DEUS! — Levantei-me, os olhos cheios de lágrimas, incrédula.

Nunca tivera mais de um milhão de visualizações. *Nunca*. Levava meses para conseguir essa quantidade. Era o melhor momento da minha carreira. Olhei de novo para o celular, ansiosa para falar com alguém, *qualquer pessoa*.

O dedo do meio de Lexi surgiu na tela, e não resisti e atendi sua ligação.

— AHHHHHHHH! — gritei no celular.

— Stella?

— Sim! Ficou boa? Acha que fiz as perguntas certas? Editei, tipo, por nove horas.

— O quê?

— Como assim, *o quê*? A entrevista com Titan.

— Você entrevistou o Titan?

Uma pequena parte da minha empolgação se dispersou.

— Eu não devia ter atendido a *sua* ligação.

— Você entrevistou o Titan?

— Entrevistei, sim. Queria fazer surpresa para todo mundo.

— E não me levou junto?

— Desculpe. Vou me sentir culpada depois.

— É. — Sua voz baixou. Ouvi uma descarga. — É, Stella, isso é muito legal. — Outra descarga.

— Onde você está?

— Estou no banheiro, no Marquee.

— Ok. Bom, estou vibrando agora, mulher. Tipo, literalmente, meu celular está explodindo. Cinco milhões de acessos, Lexi. Cinco milhões!

— Estou muito feliz por você, Stella.

Franzi o cenho.

— É, com esse tom monótono *incrível*, dá para ver mesmo.

— Sinto muito. — Então sua voz falhou. Minha melhor amiga não chora. *Nunca*.

— Ai, merda. O que aconteceu?

— Te ligo depois, ok? Não quero arruinar isso.

— Não está arruinando nada. Não conseguiria arruinar isso. Juro. Vou ficar nas nuvens por uns dias. Então, me conta. Por que está no banheiro?

— Vim num encontro às cegas. Ele me trouxe a um casamento.

— Ok. Precisa de uma desculpa? Essa não é você. Você é corajosa. Só fale o de sempre: “não sou eu, é você”. — Dei risada, porque eu estava presente quando ela usou isso com um baixista que tinha topete e mau hálito.

— Stella.

Eu conhecia esse tom. Esse tom era o portador das más notícias.

— O que foi? Desembucha.

— É o casamento *dele*.

Olhei o relógio enquanto fechava minha mala. Tinha uma hora e meia até o voo. Estava quase atrasada.

— Casamento de quem?

— Stella.

— Eu sei qual é meu nome. Caramba, de quem... — Minha ficha caiu e meu coração despencou no chão. Fiquei muda enquanto ela balbuciava com nervosismo.

— Quais são as chances? Quais são as chances, caramba? Não sei o que fazer. Quer que eu vá embora? Não tem um manual para isso. Você sequer queria saber disso? Que ele está se casando? Não consigo acreditar que acabei de vê-lo se casar! Quem acaba indo ao casamento do ex-namorado da melhor amiga? Não podia *não* te contar.

Ela fungou conforme as descargas soavam repetidamente à sua volta.

— Stella, por favor, fala alguma coisa.

Contive a dor.

— Estou bem, claro. Está tudo certo. Por que você está chorando?

— Não sei. — Ela fungou. — Ben me ligou ontem à noite, e as coisas simplesmente estão tão fodidas, e hoje essa merda acontece, e sei que você está feliz. Sei que está. Mas... Digo, isto é...

Ergo a mão como se ela pudesse me ver.

— Não me conte mais nada, ok? Estou bem. — Olhei, da cama, para meu reflexo no espelho no banheiro. Nada tinha mudado. Eu não estava chorando. Estava bem. — Estou bem. Obrigada por ter me contado. Tenho que sair para o aeroporto agora, se não vou perder meu voo.

Um amontoado de perguntas estava na ponta da minha língua. *Ele parecia feliz? Ela era bonita?* E mais perguntas que faziam com que eu me odiasse por tê-las concebido. Perguntas que Lexi nunca conseguiria responder. Ainda assim, meu coração e minha cabeça se recusavam a manter aquelas perguntas engarrafadas.

Ela era mais bonita que eu? Ele olhava para ela do mesmo jeito? Ele a pediu em casamento com metade do coração? Pensou em mim ao fazê-lo? Tinha alguma parte dele pensando em mim agora? Eu aparecia em seus sonhos do mesmo jeito que ele aparecia nos meus às vezes?

Todos meus pensamentos eram egoístas. Todos. E, de todos os pensamentos que eu poderia ter tido naquele dia, autoaversão não era o que eu esperava sentir. Forcei-me a falar.

— Fique.

— Tem certeza?

— Claro que sim. Estou bem.

— Essas merdas esquisitas sempre acontecem. *Sempre* com você.

— Eu sei.

— É como se fosse um carma, ou como se Deus ou alguém te *odiasse*. É muito zoadado.

Dei uma risada irônica, apesar de meu coração estar acelerado.

O silêncio tomou a linha enquanto nós duas aguardávamos uma solução que não viria.

— Stella..., Deus, me desculpe mesmo.

— Pelo quê? Para com isso. Sabe que eu teria te contado se fosse o contrário. Tenho que ir. Te amo.

— Te amo...

Paralisada no meio do quarto do hotel, desliguei o celular antes de ela terminar de falar.



Encarei o enorme Buda cor de bronze que ficava atrás da recepção enquanto meu celular barulhento apitava na minha mochila minúscula. Atrás de mim, a água escorria pelo caminho de pedra no lobby.

Toda voz era um borrão. Todo som sumia enquanto eu encarava a estátua. A alça da mala que eu segurava parecia ser a única coisa me impedindo de ir até o Buda convidativo.

— Senhora.

Arrancada de meu torpor, olhei para o homem diante de mim. Tinha cabelo castanho-escuro perfeitamente cortado e olhos castanho-claros. Abriu um sorriso branco.

— Gostou da estadia?

Ele queria uma resposta. Eu só tinha que dar uma para ele.

— Gostei, obrigada.

— Para onde está indo hoje?

— Preciso de um táxi para o aeroporto. — Percebi que não tinha respondido sua pergunta, mas não conseguia me importar.

— O carregador vai chamar um táxi. Tem mais malas?

Balancei a cabeça devagar e voltei a olhar para o Buda. Meu celular não parava de apitar na mochila.

— Parece que é um dia cheio para nós dois.

Nossos olhares se encontraram de novo antes de ele desviar o olhar e fixá-lo para além do meu ombro, para a fila que estava se formando atrás de mim.

Casado? Claro que ele se casou. Por que não se casaria?

— Tenha um ótimo voo.

O recepcionista me dispensou cuidadosamente. Ele não tinha respostas para mim. Nem Buda. Eu me recompus o suficiente para ir à calçada, onde um carregador trajando um casaco pesado me recebeu.

— Aeroporto?

— Sim, por favor.

— Como foi sua estadia?

Uma rajada da versão Norte do ar primaveril atingiu meu rosto enquanto eu permanecia cautelosa atrás dos olhos e, forçadamente, me encorajei a falar.

— Foi ótima, obrigada.

O homem mais velho analisou meus traços, e eu desviei o olhar, a tensão caindo sobre meu corpo e escorrendo em minha postura. Ombros caídos e cabeça agitada, eu sabia que ele podia ver o estrago em mim. Eu tinha certeza. Minha mãe sempre me dizia que minhas expressões faciais me deduravam. Mas será que aquele carregador conseguia enxergar minha vergonha? Eu não tinha direito de me sentir assim. Absolutamente *nenhum* direito. Porém, não importava. Sentia mesmo assim — o ciúme, a dor, a torção afiada da faca que cravava repetidamente em meu peito e se recusava a ser ignorada.

O casamento dele.

Asfixiei-me com outra rajada de vento congelante quando o carregador saiu da calçada para um caminho de neve suja e abriu a porta do táxi para mim. O motorista pegou a mala da minha mão e, em segundos, estávamos correndo para o aeroporto, enquanto os arranha-céus desapareciam pela janela embaçada.

— Para onde vai hoje?

Meu celular explodiu de novo com muitos toques distintos, e o procurei na bolsa a fim de silenciá-lo.

— Para casa.

Ele me olhou pelo espelho retrovisor e entendeu a dica. Fui grosseira sem desculpas. Meu rosto estava queimando, meu peito, em chamas.

Controle-se, Stella.

Desabotoei meu casaco de tweed, de repente com necessidade de ar mais fresco. Queria estar coberta com ele. Queria estar

adormecida, mas, mesmo em temperaturas abaixo de zero, eu sabia que ainda sentiria o calor.

Minutos depois, na entrada do aeroporto, fitei as pessoas correndo para se abrigar do vento que enregelava os ossos. Movendo-me a um ritmo de caracol, entrei pelas portas deslizantes e fiquei parada no centro do caos. Uma onda barulhenta pulsou pelo ar: vozes, o clique de saltos ao meu lado, o bipe dos raio X de bagagem. Concentrei-me em uma das aeromoças, que estava zunindo pelo caos, os passos rápidos, o cabelo preso em um coque impecável no topo da cabeça. A mala perfeitamente alinhada deslizava ao seu lado. Imaginei brevemente aonde ela ia conforme passou pelos carrinhos na inspeção. Havia, no mínimo, cinquenta pessoas esperando para passar no raio X, e eu não queria que olhassem para mim. Nenhuma delas. Estava incapaz de sorrir, incapaz de uma conversa educada. Olhos para baixo, dei um passo à frente e forcei outro.

Ele se casou. Bom para ele.

Continue andando, Stella.

Respirei fundo, coloquei os ombros para trás e, figurativamente, sacudi a poeira. Eu era incrivelmente boa em fazer isso. Tinha feito isso minha vida inteira.

Lexi estava certa. As coincidências, a casualidade, a crueldade da vida e o senso de humor doentio do destino sempre desempenharam um enorme papel em tudo que tinha a ver com ele. Com ambos. Talvez fosse o jeito de a vida me avisar que, naquele dia, de todos os dias, eu estava no lugar certo da minha jornada.

Então por que doía tanto?

Eu tinha chegado muito longe para todos esses sinais importarem. Onde eu analisava e reanalisava a ponto de ficar louca até, finalmente, simplesmente deixar as coisas acontecerem.

E eu poderia fazer isso de novo. Com facilidade, se conseguisse deixar o passado para trás. A vida que eu vivia era meu consolo.

Porque Lexi estava certa.

Eu estava feliz.

Satisfeita por talvez ter passado pelo pior e, sem dúvida, com mais drama do que necessário. Procurei minha identidade na bolsa. E foi quando ouvi as primeiras notas no alto-falante do aeroporto.

— FILHO DA P... — Interrompi a fala e cobri a boca, horrorizada. Cada cabecinha da fila estava virada na minha direção, centenas de olhos me analisando.

Algumas mães abraçaram os filhos com força e abriram expressões aborrecidas, e vi o sorriso tolo de alguns homens agrupados diante de mim. Paralisada enquanto a música entrava em meus ouvidos e explodia em meu peito, fiz um gesto pedindo desculpas e segurei a alça da minha mala. Então, saí apressada, como se tivesse acabado de gritar “Bomba!”. Humilhada e sem vontade de me sujeitar a mais olhares analíticos, voltei para o lobby do aeroporto, com os olhos fixos no chão.

Alguns quilômetros depois, o avião tendo alçado voo seguramente sem mim, o suor escorria da minha testa enquanto eu tentava acompanhar meu cérebro divagante. Desconfortavelmente empacotada com meu casaco de inverno, andava sem direção pelo aeroporto, puxando o fardo da minha mala de mão, que parecia estar cheia de tijolos, sem destino.

Era sempre a música que mais me magoava. Que fazia mais estrago. Para cada dia da minha vida, eu tinha uma música que se encaixava. Alguns dias eram repetidos. Outros eu acordava com a letra rondando minha mente. A letra às vezes configurava o ritmo do meu dia e, como uma escrava, eu seguia. No entanto, outras músicas eram como uma unha afiada cutucando feridas abertas. Porque a música é a maior biblioteca do coração. Algumas notas tinham a capacidade de me transportar de volta no tempo e para os lugares mais dolorosos. Pegue qualquer música do seu acervo, e conseguirá lembrar de algo na vida. Ela traduz, ressoa, e ali vai permanecer. E não importa quantos arquivos você queira rasgar e queimar como um número antigo de telefone para dar lugar a novos. Essas músicas permanecem e ameaçam se repetir.

E a música que rodeava os becos profundos de meu cérebro — enquanto eu tentava dar meu melhor para tirá-la do arquivo — me machucava bastante graças à minha boa amiga *coincidência*, e era cruel puxar toda lembrança associada a ela. Passava queimando por meu nariz e saía dos meus pulmões à medida que eu andava pelo piso branco do aeroporto, usando meus tênis Chucks bem gastos, e encarava a letra que tinha escrito neles com canetinha.

A música que tocava era uma tatuagem em meu coração, como muitas outras. E, pela segunda vez na vida, quis que a música parasse. Precisava que ela parasse de se repetir. Não queria sentir essa queimação. Era absoluta demais.

E essa lógica era ridícula.

Enquanto andava até suar, encarando as pequenas rachaduras e manchas na superfície do piso aos meus pés, pensei que sabia de algumas coisas.

A primeira era: eu não entraria em um avião naquele dia.

A segunda era: eu não retornaria à ligação de Lexi para fazer perguntas a ela.

E a terceira: eu me recusava a admiti-la. A mágoa estava pungente demais.

O que tinha na mente de uma mulher que recusava a nos deixar ignorar dores antigas, as mágoas do passado e as lembranças dos homens com quem nos relacionamos?

Costumava pensar que homens eram especialistas em esquecer o passado e seguir em frente, mas finalmente tinha idade o suficiente para entender. As lembranças deles eram simplesmente tão vívidas quanto dolorosas. Eles só eram melhores em se libertar.

Exausta, parei no meio de minha caminhada, e um homem trombou em mim.

— Desculpe! — rapidamente me desculpei quando ele segurou meu braço para equilibrar nós dois. Era prematuramente careca, tinha olhos verde-claro, e estava vestido dos pés à cabeça com

uniforme camuflado do exército, a calça para dentro das botas. Um soldado.

— Tudo bem — respondeu baixinho ao reajustar a bolsa no ombro e me dar uma piscadinha rápida antes de seguir para um grupo de outros vestidos como ele. Afastei-me do fluxo regular de humanos, com as costas na parede conforme os segundos passavam.

O que está fazendo, Stella? Vá para casa!

Furiosa comigo mesma, me conformei em transferir minha passagem para um voo mais tarde e parar com a loucura antes de olhar para cima e ver uma placa neon diretamente acima de mim. Encolhi-me com as letras que brilhavam e tremeluziam em amarelo e se destacavam descaradamente, piscando para mim.

Dirija. Dirija. Dirija.

Alamo.* Dirija feliz.

Meus pés se moveram antes de eu conseguir pensar — antes de conseguir raciocinar que estava sendo extremamente dramática e que a notícia não fazia nenhuma diferença em minha vida. Eu estava no controle de mim mesma e da minha reação. Todos esses pensamentos se filtraram por minha razão e foram expulsos pelo vazamento lento de decepção no meu peito.

Quando se tratava dos homens em minha vida, minhas emoções eram minha criptonita, assim como minha indecisão.

E naquele dia, no aeroporto, novamente fui vencida por ambos.

Estava dirigindo.



Puxei minha mala até a vaga cinquenta e dois e destravei o Nissan Altima antes de jogar minha mala no porta-malas.

Dentro da cabine bolorenta, apoiei a testa no volante, liguei o carro e abri a janela. O ar frio me atingiu, me acordando da

exaustão. Olhei para o relógio no painel. Só tinha se passado três horas desde que fiz meu podcast.

Três horas.

Colocando o cinto, peguei o celular na mochila para inserir as direções. Já tinha mais notificações do que conseguiria responder em uma semana, e os e-mails simplesmente continuavam chegando. Seiscentas mensagens não respondidas aguardavam, e eu não conseguia olhar nenhuma delas. Abri a Siri e lhe dei o endereço da minha casa, começando a dirigir enquanto ela falava as primeiras direções.

Meu voo de cinco horas se transformou em mais de vinte horas de carro. Eu estava brava comigo mesma, brava com Lexi, simplesmente... brava. Coloquei o carro de volta no ponto-morto e bati no volante. Mesmo no carro silencioso, a música não parava. Recusava-se a me soltar. O nó estava em meu coração, apertando-o como um torno. A ferida estava aberta, e eu não conseguia impedir. Sangrava como um lembrete de onde eu estivera. E, se não conseguisse impedir, então a abraçaria. O que quer que tivesse restado, qualquer parte de mim que precisasse de um desfecho tinha revelado que eu precisaria reviver isso, parte por parte, música por música.

Mas eu não acreditava mesmo em desfechos.

Não, desfechos eram uma desculpa para alguns, um bode expiatório para outros. Contudo, esse mito não fazia nada a não ser reprimir temporariamente a dor da saudade. E, depois daquela ligação, daquela mensagem, daquele breve encontro, daquele momento no tempo em que presumia-se que você conseguiria seguir em frente, chega a percepção de que tudo que realmente fez foi redefinir o temporizador para o coração partido.

O amor não morre, mesmo quando você para de alimentá-lo. Não há data de vencimento para a dor da saudade de alguém com quem você compartilhou seu coração, sua vida e seu corpo.

Pegando meu celular no assento, hesitei apenas um segundo para abrir a *playlist* que fizera anos atrás. Se eu ia me entregar, faria

isso para valer.

Apertando tanto o volante que meus dedos ficaram brancos, lutei contra o trânsito por meia hora antes de, enfim, chegar à rodovia e sair em segurança da cidade. Eu tinha centenas de quilômetros de rodovia até pegar minha primeira saída.

Engolindo o nó em minha garganta, apertei o play.

* Locadora de carros.



Mr. Brightside – The Killers

2005

— STELLA, VAMOS LOGO!

— Estou indo! — gritei para minha irmã, Paige, que descia os degraus de cimento e concha prensada em direção ao seu carro.

Trancando a porta da frente, segurei o celular no ouvido enquanto tocava e desci as escadas de seu apartamento. A ligação não foi atendida, como tinha acontecido na última semana. Quando caiu na caixa-postal dele, lutei contra as lágrimas de raiva que tentavam aparecer.

— Sou eu, mas você sabe disso. — Inspirando fundo, me obriguei a permanecer equilibrada, apesar de, por dentro, sentir a rejeição como um milhão de picadas de abelhas. Ele tinha tomado dois meses da minha vida, um pouco da minha devoção, e não iria tomar mais nada. A dor de sua indiferença se transformou em raiva quando minha irmã buzinou de maneira desagradável do carro. — Acho que... — Engoli em seco, conversando com um pedacinho de mim que nunca mais teria de volta. — Acho que *vá se foder* serve, Dylan. Cuide-se.

Desliguei, deixei duas lágrimas escorrerem e, então, as sequei antes de chegar ao carro. Assim que me sentei no banco de trás,

Paige me olhou para verificar o estrago com olhos sábios quando seu namorado, Neil, nos tirou da guia.

— Ainda sem resposta?

Meneei a cabeça antes de erguer os ombros e deixá-los cair.

— Acabou.

Paige franziu o cenho.

— Ele é um idiota.

Olhei para ela e apontei para a nuca de Neil. Não queria falar sobre Dylan na frente dele. Neil era legal, mas não era do tipo que falava sobre sentimentos, nem sobre muita coisa. Era quieto, o que era bom, já que Paige era falante. Na verdade, não dava para fazê-la ficar quieta. Tínhamos isso em comum. No entanto, ela estava muito envolvida em minha vida pessoal desde que fui morar com ela.

— Você vai se recuperar — ela disse, indiferente ao meu olhar fatal em relação à invasão de privacidade e ao fato de ela ter exposto o *status* do meu relacionamento. Ela olhou para Neil. — O que foi? Ele viu você andando de mau humor em nosso apartamento na última semana.

Eu tinha ido morar com Paige e o namorado dela para ajudar a economizar o dinheiro de meus pais. Eles não podiam me ajudar a dar uma entrada em um apartamento enquanto economizavam para meus estudos. Eu precisava estar estabilizada e trabalhando em Austin quando começasse a escola naquele outono, mas tinha ferrado com tudo e não conquistei quase nada depois que conheci Dylan. Entre minhas idas e vindas de Dallas para ficar com ele e correr para todo lado a fim de ver seus shows, eu havia estragado meu carro — o que ganhei no primeiro ano do Ensino Médio. A Velha Betty Preta tinha feito seu trabalho, mas eu não tinha dinheiro para comprar um novo. Então, estava presa em Austin, sem trabalho e sem carro, e sem parceiro.

No Ensino Médio inteiro, fui preguiçosa com meus estudos devido à minha obsessão por ir a shows e tirei notas logo abaixo

das que eram exigidas para entrar na universidade do Texas. Havia passado os dois últimos anos no cursinho, me matando para conseguir os pré-requisitos e a nota necessária para entrar na faculdade de Jornalismo. Mas esse não era o único motivo para minha mudança. Austin era a capital da música ao vivo no mundo.

E, entre o curso da universidade e o cenário musical, era o lugar perfeito para ganhar experiência.

Eu tinha grandes planos para meu futuro.

Planos que não tinham nada a ver com o cantor sexy para caramba que estive perseguindo em Dallas. Eu tinha o resto do verão para me concentrar no jogo e continuar a executar meus planos, porém zero vontade de liberar um pouco da tensão que adquiri por ter morado mais dois anos na casa de meus pais enquanto me recompunha. Eu não precisava de alguém com 1,83 m estragando todo meu trabalho duro. E eu não permitiria.

Rotulando-o como só um lance, coloquei Dylan em uma caixa com “Oops” na etiqueta. Ainda assim, meu coração miserável e mal orientado me dizia que poderia ter rolado algo a mais entre aquele homem e eu. Suspirando, observei meu celular à espera de uma mensagem que não chegaria e me xinguei por ser tão ingênua. Dylan havia me deixado fascinada com sua aparência de garoto bonito e voz sedutora. Ele não me intimidava, mas me atraía; sua presença dentro e fora do palco também. Era descontraído, engraçado para caramba e não levava quase nada muito a sério.

Presumi que eu também me enquadrasse nessa categoria de “não ser levada a sério”. Todos seus colegas de banda diziam que ele gostava de mim. Acreditei neles, em vez de acreditar em Dylan e nas palavras que dizia, que consistia mais em seus planos para a banda. E foi como se eu me tornasse fascinada por seu talento e ficasse cega por isso, já que meus planos envolviam descobrir as informações dos bastidores. Eu me formaria e, felizmente, acabaria com um emprego em um jornal razoável que poderia me pagar para viajar. Mas meus sonhos não paravam aí. Queria ser inovadora, de qualquer jeito. Deixar uma marca única. Deixaria a música me levar.

Porém, tinha quer cautelosa, porque a música havia me levado para Dylan. E, após uma semana sem ele, seu silêncio me disse que era um caso de paixão da minha parte, e uma forma de passar o tempo para ele.

Ele falava, eu ouvia, e então transávamos no sofá dele. Ele só ficava realmente envolvido comigo quando eu estava bem diante dele, o que eu não tinha chance de fazer isso naquele momento. Fiz papel de boba presumindo que fosse algo além disso e me encolhi ao pensar em minha tentativa de merda de tentar algo verdadeiro entre nós. A palavra *groupie* percorria meu cérebro, me envergonhando, e me encolhi com a ideia. Nem mais uma gota do meu orgulho estava à venda. Recusava-me a ser categorizada como uma maldita *groupie*. Eu era uma escritora, apesar de ter me comportado de uma forma meio *groupie* recentemente. Oops.

— Cansei de músicos — declarei para minha irmã, que me observava com cautela de seu banco. — Cansei de namorar, ponto final. Pelo menos por um tempo. Agora não é a hora.

Embora falasse para meus pais que estava em Austin, ia escondido para Dallas e ficava com Dylan ou seus amigos entre os shows. Agora eu estava permanentemente em Austin, totalmente dependente da minha irmã.

— Preciso arranjar um emprego.

Ela passou as mãos pelo cabelo comprido escuro e o puxou em um rabo de cavalo ao falar. Minha irmã e eu éramos parecidos quanto à genética. Nós duas tínhamos pele morena bem clara devido à nossa raiz metade latina, mas ela tinha olhos castanho-escuros e eu herdara o acinzentado de meu pai que, às vezes, mudava de cor de acordo com minhas camisetas. Ela era magra, mas eu era um pouco mais curvilínea, principalmente no quadril. E, enquanto ela se vestia meio engomadinha, eu era toda *rock 'n' roll*. Mas não havia dúvida, quando íamos a algum lugar juntas, de que éramos irmãs.

Mordendo seu lábio cor-de-rosa com gloss, ela olhou para Neil e, então, voltou o olhar na minha direção.

— Quer tentar trabalhar comigo?

— De garçone? — Estremeci. — Sem ofensa, mas *não mesmo*. Eu seria horrível. Vou encontrar algo perto e ir de carona com você até poder comprar um carro.

Ela assentiu, sua preocupação mais por mim do que por minha situação. No entanto, devido às nossas diferenças no estilo de vida, eu tinha certeza de que nosso acordo nos uniria em breve. Ela era do tipo de mulher que ia dormir cedo e chegava no trabalho pontualmente e toda arrumada. Eu era noturna e adorava shows ao vivo e me divertir, e quase sempre me atrasava, a menos que estivesse correndo na direção da música.

— Desculpe — pedi com a voz baixa. — Fiz merda, Paige. Me deixei levar um pouco. — Engoli meu orgulho ferido. — Vou sair do seu pé logo, juro. — Minha voz vacilou quando paramos na entrada do complexo que tinha uma placa de PARE.

— Você vai ficar bem. Sabe disso, certo? — Ela não era de demonstrar carinho, mas colocou a mão no meu joelho assim que um cara abriu a porta oposta do passageiro no banco de trás, entrou e se sentou ao meu lado. Pulando de susto, analisei os detalhes do rosto dele... para a polícia... me preparando para lutar ou fugir enquanto ele me olhava com o mesmo interesse.

Em pânico, me dirigi ao intruso:

— Podemos *te ajudar*?

Lábios carnudos e tingidos de vermelho se curvaram em um sorrisinho conforme ele me olhou de cima a baixo.

— Não sei, *irmãzinha*, você pode me *ajudar*?

Paige deu risada ao olhar para trás e ver minha expressão de pânico.

— Stella, este é Reid. Te falei sobre ele. Contei que ele morava aqui, lembra?

— Lembro. — Só que não me lembrava. Estivera ocupada demais bajulando um idiota em Dallas para reter alguma coisa de Austin.

Conformada que agora estava permanentemente no lugar em que lutei tanto para chegar, olhei para Reid sentado ao meu lado enquanto ele invadia o espaço pequeno do carro. Seu braço esquerdo estava em um gesso verde neon, e parecia que ele tinha acabado de tomar banho. Gotas de água escorriam por seu queixo e pelo cabelo castanho-escuro. Uma camiseta branca simples se grudava em seus ombros largos e se afunilava na cintura mais fina. Usava jeans azul-escuro e botas pretas. O topo da cabeça tocava o teto do carro. Isso foi tudo que notei antes de ignorá-lo e deixar os pensamentos de minha vida anterior tomarem conta.

Tinha optado por sair uma noite com minha irmã para variar a monotonia e a rotina irritante da minha nova vida. Paige me disse que era uma das primeiras noites em que ela não ia a um bar e que a “irmãzinha” estava convidada.

Tive que reprimir a “empolgação” para aceitar o convite. Havia passado dias perambulando pelo parque de madeira em frente ao apartamento dela e limpando seu banheiro para pagar minha estadia. Espontaneidade era meu único propósito de vida. Precisava ser livre de rotina para existir e, até agora, Austin era fanfarrona. Primeiro meu carro, depois meu namorado.

Austin - 2, Stella - fodida.

Paige falava animadamente conforme seguíamos para um bairro na periferia da cidade. Ainda presa à mensagem que deixara para Dylan, e a que eu não tinha recebido, não me incomodei em perguntar para onde iríamos ao seguirmos para uma casa com um galão de tequila e uma mala cheia de mixers. Fui apresentada a alguns amigos de trabalho, e não fiz o menor esforço para memorizar seus nomes antes de ficar confortável no sofá da sala da casa espaçosa. Todas as outras pessoas estavam na varanda enquanto eu estava sentada em minha própria bolhinha de desespero.

Eu não tinha ninguém em Austin além de minha irmã, que decidira que o fato de ser cinco anos mais velha a tornava a matriarca da relação. Eu lhe dei essa liberdade porque, para ser

sincera, não dava a mínima. Mesmo assim, Paige tinha sido boa comigo, garantindo que eu dormisse confortavelmente em seu sofá e me dando a primeira margarita que fez na cozinha naquela noite, a qual bebi rapidamente.

Olhando à minha volta, avistei móveis sem combinar, estantes de livros com inúmeros livros de capa dura, enfeites e um monte de plantas. Então, vi uma estante de revistas. Peguei uma *Spin* com uma capa em que se lia: “Foo Fighter’s: The Secret Life of Dave Grohl”** e comecei a folhear.

Risada e o cheiro de maconha vieram da porta parcialmente aberta do quintal quando olhei por cima da revista. Todos lá fora pareciam estar de bom humor, sentados em volta de uma mesa de piquenique coberta por ladrilhos de caleidoscópio, bebendo margaritas enquanto falavam besteira. “Mr. Brightside”, de The Killers, ultrapassou a risada e, mesmo com meu humor amargo, comecei a cantarolar. Na metade da entrevista, analisei as fotos de Dave Grohl e olhei de volta pela persiana aberta para fitar Reid.

Reid parecia um pouco com Dave Grohl. Ou talvez Reid estivesse *tentando* parecer um pouco com Dave Grohl.

A tequila me disse que isso era histórico, e me vi voltando a olhar para ele enquanto ria por causa das similaridades. Os olhos de Reid encontraram os meus do outro lado, e rapidamente desviei o olhar. Mas foi tarde demais.

A porta se abriu.

— Do que está rindo?

— Não estou rindo — respondi de forma distraída enquanto virava outra página.

— Ok.

— Só lendo sobre seu gêmeo — comentei com um sorriso, apesar de ter certeza de que ele não tinha ouvido por conta da máquina de gelo na cozinha e da parede entre nós.

— O quê?

Tequila, ou a extrema estupidez, me fez falar de novo.

— Você se parece um pouco com Dave Grohl.

— *Ele se parece comigo.*

— Então te falam muito isso?

— *Diariamente.* E temos muito em comum.

— Você é de uma banda?

Um braço engessado apareceu da cozinha com sua resposta.

— Hoje, não.

— Ah, que droga. Desculpe.

Não perguntei o que aconteceu porque não me importava. Não podia. Estava me esforçando ao máximo para não pensar em Dylan, e a humilhação que vinha ao deixar um cara desse me controlar assim. Só queria ficar sozinha para ficar rabugenta com minha revista. Pegando outra, comecei a folhear e me encolhi quando vi Reid parado na ponta do sofá esperando com uma margarita na mão. Não importava o quanto ele fosse bonito, não queria sua companhia.

— Está planejando se juntar a nós?

— Não. — Virei a página, apesar de não ter lido uma palavra. — A partir de hoje, cansei de me socializar, principalmente com pessoas da música.

— Eu não estava dando em cima de você.

Meu rosto queimou levemente e lancei mais um olhar por cima da revista. Ele se assomava sobre mim, e eu me contorci um pouco sob seus inquisitivos olhos castanho-esverdeados, mais para o verde do que para o castanho. Ele tinha sido abençoado com um nariz amplo, romano, e uma mandíbula lindamente esculpida. A pele mais escura do braço que não estava engessado me dizia que ele tinha ficado no sol o verão todo.

O cabelo na cor de ônix, agora seco e parecendo mais curto, pendia em mechas que formavam uma bagunça perfeita e sedosa. Ele era bastante tatuado; havia uma faixa grossa preta no punho que não estava engessado e desenhos sólidos e distintos que

desapareciam em seu bíceps sob a camiseta. Embora tivesse um sorriso branco, era escuro da cabeça às botas pretas. Emanava confiança e não tinha problema em me encarar a ponto de eu me sentir totalmente desconfortável.

Apesar do meu orgulho ter acabado de fugir, encontrei seus olhos de maneira fatal.

— Não pensei que estivesse dando em cima de mim.

— Com certeza pensou — declarou e uma covinha apareceu em seu lábio inferior atrás de sua barba por fazer. — Mas não se preocupe, irmãzinha — disse com uma certeza sarcástica. — Você está segura.

Revirei os olhos e voltei a fitar a *Spin* que jazia sobre minhas coxas.

Segundos depois, a porta se fechou. Minutos após isso, olhei de volta para o quintal e o vi conversando com Paige, certa de que ela estava contando a Reid exatamente o motivo de eu não ficar mais com músicos.

— Vá se foder, Paige — suspirei conforme Reid olhou de novo para mim, seus olhos escuros me cobrindo com certa indiferença. — Bom, graças a Deus estou segura — comentei sarcasticamente enquanto ele lia meus lábios. Lentamente, um novo sorriso apareceu, um que me dizia que ele sabia exatamente o que eu havia falado.

** Foo Fighter's: A vida secreta de Dave Grohl.



Word Up – Cameo

— *STELLA, VÁ, AMOR, VÁ!*

Mãe?

Sonolenta da soneca da tarde, olhei pelo quarto vazio da minha irmã. Tinha acordado inquieta naquela manhã depois de outra noite em seu sofá mole e havia esgotado minha lista de afazeres. De novo, limpei o impecável apartamento de um quarto só que, naquele ponto, poderia ter passado por uma inspeção de luva branca. Em meu laptop, eu preencheria vinte inscrições e assistira a quatro horas de reprises de *Behind the Music* — minha bíblia proverbial e o ponto de partida da minha obsessão com os bastidores da vida de músicos. Adorava as histórias sobre aqueles com as maiores dificuldades e suas reviravoltas épicas.

Com Neil e Paige no trabalho, fui forçada a perambular pelo complexo no calor torturante do Texas até me cansar. Havia optado por algumas horas na cama dela em vez de no sofá que me engolia por inteira. Na verdade eu dormia *dentro* daquele sofá, e não em cima.

— *Olha para ela!* — A voz da minha mãe foi inconfundível quando me levantei da cama, extremamente confusa.

Conseguia ouvir claramente meus pais na sala da minha irmã. Quando saí de meu estado sonolento, me surpreendi ao ver que

minha mãe e meu pai não estavam ali.

Em vez disso, Paige estava sentada no sofá rindo, com Reid ao seu lado também rindo. Ambos tinham os olhos fixos na TV.

— *Ela tem ritmo, com certeza!* — minha mãe gritou com orgulho, concluindo.

Reid foi o primeiro a me ver parada no corredor, e seus olhos me analisaram antes de se voltarem para a tela. Segui seu olhar e pulei na direção da minha irmã, que estava com o controle remoto nas mãos.

— Paige, o que está fazendo?

— Chegou o vídeo do seu aniversário — ela disse, divertindo-se com meu desconforto.

— Estou vendo — eu disse entre dentes cerrados. — Por que você abriu? Não foi legal.

— Deus, você era fofa — comentou ela, me ignorando ao erguer o queixo em direção ao vídeo caseiro.

Todos os olhos da sala estavam fixos em uma miniatura minha, dançando na cozinha da casa dos meus pais. Eu estava sentada de fralda, agitando braços gorduchos e me balançando enquanto “Word Up”, de Cameo, retumbava no som que Neil acabara de instalar.

— *Minha ursinha Catatau.* — Ouvi meu pai rir. — *Olhe para ela. Ela sabe mesmo dançar.*

— Ursinha Catatau? — Reid perguntou.

Abri a boca com algo que não era uma resposta, mas Paige foi mais rápida.

— Ela não teve cabelo até os dois anos. E o que ela tinha era só no topo da cabeça. Viu? — Paige apontou para a tela. — Fofa, não é? Ela arrasava de moicano antes de qualquer um!

Paige cutucou Reid antes de ambos olharem para mim com sorrisos parecidos.

Ignorando-os, me perdi no vídeo, assistindo aos meus pais bajularem a bebê gorducha e praticamente careca no chão da

cozinha deles. Minha mãe estava no auge da juventude, ajoelhada no azulejo, colocando uma panela grande diante de mim, junto com uma colher de madeira. Ela deu dois tapinhas no utensílio antes de entregar a mim. Seu cabelo escuro passava dos ombros, e eu senti a nostalgia bater quando vi o vestido que ela usava. Era branquinho e de renda com flores roxas. Ainda estava em seu armário, amarelado e esquecido. Mesmo assim, na tela, ela estava linda de morrer enquanto me incentivava a bater na panela com a colher de madeira. Avidamente, peguei da mão dela e comecei a bater. Não mais interessada na reação de Paige e Reid, e acomodada na cadeira solitária ao lado da TV, assisti à minha primeira tentativa de ser música, ao mesmo tempo em que Paige soltou outra piadinha.

— E você nunca ficou melhor que isso — brincou.

— Acho que alguns de nós nascem para ser fãs. — Suspirei ao observar a cena.

A voz sarcástica e carinhosa de meu pai soou quando eu realmente comecei a bater na panela.

— *Talvez não tenha sido uma ideia muito boa* — ele disse para minha mãe quando dei uma de roqueira e joguei meu corpo nela.

— Isso é épico — Reid declarou, rindo, os olhos grudados na tela. — Seus pais parecem legais.

— Eles são — Paige disse, amorosa. — São mesmo.

Mamãe sorriu para mim enquanto eu dava meu máximo para tocar mais música e soltava um grito insanamente alto.

— *Você criou um monstro* — meu pai comentou quando minha mãe olhou direto para a câmera.

— *Você será famosa um dia, Estella.*

— *Só... bem, talvez não como baterista.* — Meu pai soltou uma risada carinhosa, sem aparecer no vídeo conforme eu enlouquecia, parecendo um Muppet gordinho e verde ao gritar com objetivo de massacrar a panela.

Meus pais riram descontroladamente, assim como Paige, Reid e eu antes de o vídeo ir para os créditos. Era uma mensagem dizendo

que eles me amavam, para arranjar um emprego normal e não me demitir — um lembrete da minha carreira musical fracassada. Após a piada, o resto dos créditos revelavam que eles tinham orgulho de mim. Fui dominada pelo sentimento e, ignorando que tinha companhia, sequei uma lágrima debaixo do olho.

— Estou feliz pra caralho por estar aqui para ver isso — Reid disse com um sorriso presunçoso, suas intenções em encher meu saco na primeira oportunidade antes de ele desviar os olhos para os meus. — Parabéns.

— Só é sábado, e não subestime minhas habilidades. Eu dominei aquela panela — respondi enquanto refazia meu rabo de cavalo arruinado pela soneca.

— Ela tentou tocar de tudo, e digo *de* tudo — Paige contou com um gemido. — Bateria, não mesmo, era muito ruim. Piano, bem, ela mordeu a professora. E violão, Deus, era terrível. Ela até ganhou uma trompa e tentou entrar na banda da escola.

— Não brinca? — Reid murmurou com olhos brincalhões antes de morder o lábio inferior para conter um sorriso. Já tinha revelado muito mais do que eu tinha visto na semana em que o conhecera.

— Ela era terrível, mas meus pais simplesmente continuavam comprando instrumentos. Finalmente, ela teve que desistir quando percebeu que não conseguia nem tocar triângulo.

Lancei um olhar desafiador para minha irmã enquanto os olhos de Reid continuavam fixos em mim. Lá estava de novo, a estática que zumbia em meu peito por causa de sua análise. Eu só queria que ele desviasse o olhar.

— Mas ela vai ser jornalista agora — Paige informou Reid. — Não vai, ursinha Catatau? — Ela sorriu com orgulho de irmã. — Stella resolveu ser a enciclopédia britânica de músicos e uma crítica.

— Sério? — Reid ergueu uma sobrancelha. Paige assentiu.

— Pergunte qualquer coisa a ela, estou falando sério. Pergunte *qualquer coisa*.

— Nada de perguntar coisas para mim — declarei entre um bocejo enquanto olhava o relógio, percebendo que desperdiçara outro dia chegando a lugar nenhum.

Paige assentiu para o balcão ao meu lado.

— Eles mandaram um cartão também.

— Você abriu também? Sabe, para garantir que arruinasse tudo?

— Ah, deixa disso. Eu tinha que te acordar de algum jeito e preciso tomar banho. Estou cheirando a burrito. Peguei um turno da noite, então vai ficar sozinha de novo. Neil também vai trabalhar até tarde. — Ela se levantou do sofá, olhou para Reid e entregou o controle remoto para *e/e*. — Já volto.

Reid pegou o controle dela como se eles fizessem isso há anos. E, até onde eu sabia, faziam mesmo. Paige e eu não conversávamos quando ela saiu de casa. Ela sempre voltava nos feriados e, quando, finalmente, teve coragem suficiente para anunciar que morava com o namorado, e meus pais aceitaram, ela e Neil começaram a aparecer mais. Seu convite para me deixar ficar com ela até a escola começar foi um chamado de Deus ao comportamento intrusivo de minha mãe e meu pai. Ainda assim, eu não conseguia evitar o pavor que me percorria com a ideia de outra noite isolada em seu apartamento.

— Eu vou com você — declarei em voz alta. — Vou tentar procurar um emprego.

Paige franziu a testa.

— É um turno de seis horas.

— Você poderia me deixar te levar e me emprestar seu carro.

— De jeito nenhum. Já vi como você dirige.

— Dirijo bem.

Paige revirou os olhos antes de virar as costas para Reid.

— Ela dirige igual toca bateria.

— Tão ruim? — Reid se intrometeu. Ele também recebeu uma careta de *vá se foder*.

— Vinte minutos dirigindo e ela bateu em um carro estacionado.

Eu tinha minha defesa.

— Isso foi há quatro anos.

— Não vou te emprestar meu carro, mas vou te pagar um burrito para jantar — ela gritou ao desaparecer em seu quarto.

Você poderia ficar em casa a noite inteira e escrever.

Normalmente, eu agarraria a chance de escrever um novo artigo, mas estava me sentindo especialmente bloqueada. Precisava ir a um show, e rápido.

De repente sozinha com Reid, e sabendo que provavelmente teria uns dez minutos no banheiro depois do banho da minha irmã, comecei a pegar roupas na minha mala que estava ao lado da lareira. Minha irmã tinha o Cadillac dos apartamentos de um quarto só, mas não havia muito espaço para hóspedes. E, apesar de Neil ser legal comigo, eu sabia que ele não estava exatamente empolgado com o fato de eu ficar hospedada ali.

Eu não tinha tempo para refletir sobre minha piada de relacionamento. Eu precisava de dinheiro, e rápido. Austin não era barata, e estava na hora de essa passarinha realmente sair do ninho. O plano dos meus pais era pagar a universidade por dois anos. Nós éramos membros da classe trabalhadora, no mínimo. Nossa infância sempre consistira em apenas dinheiro suficiente. No entanto, quando Paige saía de casa, não havia muita coisa em nossas poupanças de educação. As intenções deles eram boas, mas meus pais nunca conseguiram poupar muito. Eles tinham uma abundância de amor acima de dinheiro, e eu ficaria feliz de aceitar o apoio deles acima de qualquer coisa.

Acabou sendo uma bênção para eles eu não ter entrado na universidade nos primeiros anos. Tanto alívio quanto preocupação com meu futuro enevoavam seus olhos quando nos sentamos para planejar. Eu me esforçava ao máximo para pagar meus anos de cursinho, enquanto eles economizavam de tudo para os próximos dois anos. Mas conseguimos, e eu estava em Austin. E Austin era onde estavam minhas esperanças de um início que eu rezava que

me levaria à carreira que sonhava desde que vi meu primeiro episódio de *Behind the Music*.

Elétrica com um pouco de entusiasmo, e determinada a não permitir que a rejeição de Dylan arruinasse mais coisas, fiz uma xícara rápida de café e planejei meu dia. Tinha pouca coisa para perseguir um emprego que eu realmente quisesse. Fiz uma rápida lista mental de lugares que poderia ir a pé a partir do restaurante da minha irmã.

Quando Paige saiu da sala, pareceu ter levado com ela a atenção de Reid, o que era perfeito para mim. Ele, rapidamente, ficou imerso na TV enquanto eu pegava shorts, meus tênis em um tom brilhante de azul e minha camiseta de “Tasty Burger” de *Pulp Fiction* com o rosto de “foda-se” do Samuel L. Jackson. Corri para o quarto e me troquei enquanto Paige tomava banho, depois penteei meu cabelo levemente ondulado, passando um pouco de óleo para baixar o volume e controlar o frizz. Depois de aplicar bastante delineador e máscara de cílios, passei um gloss pink nos lábios e espirrei o perfume de Paige nos punhos e pescoço. Saindo do quarto, encontrei Reid na cozinha. Ele pausou, com uma garrafa de água na boca, e me olhou.

— Camiseta legal.

— Concorde.

— Acha que vai conseguir um emprego vestida assim?

Ofendida, olhei para seus jeans, botas e camiseta.

— Parece que você achou.

— Que seja, irmãzinha. — Ele passou por mim e voltou ao seu lugar no sofá.

Eu não estava procurando um emprego de escritório. No mínimo, queria encontrar algo em uma das baladas na 6th Street. Eu sabia que seria difícil, considerando que eu não tinha idade, mas não custava tentar antes de acabar anotando pedidos no Tex-Mex.

Pronta para sair para a luta na animada Austin, peguei meu celular para enviar uma mensagem para Lexi, que era a única

pessoa que eu realmente me arrependia de ter deixado em Dallas. Ela sempre dizia que viria para Austin assim que eu tivesse dinheiro suficiente para um apartamento, e seu único trabalho seria mobiliá-lo. Lexi era bem parecida comigo quanto ao fato de sua mãe não ter como sustentá-la nem um dia depois do Ensino Médio. E, como a mãe contava com a ajuda dela para cuidar de seu irmãozinho, um souvenir surpresa de nove anos que ela conseguiu quando estava de férias em Porto Rico, ela não podia se libertar e vir morar comigo até ele voltar para a escola. Então, eu tinha semanas para fazer acontecer. Precisava de outra pessoa, sem ser minha irmã, que estava ocupada vivendo sua vida, para me ajudar a me manter motivada.

Eu: Estou ficando louca aqui. Será que foi um erro?

Lexi: Não mesmo, mal posso esperar para chegar aí. Já conseguiu um emprego? Por que não veio para Dallas neste fim de semana?

EU: A Betty Preta estragou. Te mandei duas mensagens. Terminei com o idiota também. Tem sido uma semana de merda.

Lexi: Você mandou mensagem? Droga, desculpe. Eu estava cuidando do “Rico”. Ele dá trabalho em tempo integral. Jesus, nunca vou transar sem camisinha e sem espermicida. Tenho quase certeza de que foi por isso que minha mãe me prendeu com ele no verão inteiro antes de me soltar pelo mundo. E o que houve com Dylan?

Eu: Ele terminou comigo. E essa é uma boa suposição, porque não temos conversado. MESMO. Ele simplesmente parou de ligar.

Lexi: Vou quebrar a cara dele. Digo, se eu o vir.

Eu: Não faça isso, por favor. E não me ligue. Estou sentada ao lado de um cara.

Lexi: Você seguiu em frente rápido.

Eu: É amigo da minha irmã, e estou sentindo uma vibe estranha.

Lexi: Não brinca? Gostoso? Tire uma foto.

Claro que ela ignorou a parte da “vibe estranha” da mensagem. Para Lexi, essa vibe era uma placa neon que traduzia: Pare e venha

aqui! Mas tinha que admitir que ela se garantia com homens. Nunca dava bobeira com seu coração quando se tratava deles. Seu exterior forte era uma força e tanto. Ela seguia uma filosofia: nada sério antes dos vinte e cinco. Jurou deixar apenas seus hormônios guiarem sua vida sexual. Sua cabeça administrava o resto. Eu estava rapidamente entendendo sua linha de pensamento.

Eu: Claro que não vou tirar foto. Ele está sentado perto!

Lexi: VAI. Quero ver.

Que se dane. Ergui o celular e, assim que Reid se virou em minha direção, tirei uma foto.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Acabou de tirar uma foto minha?

— Não.

Enviei.

Eu: Ele me viu tirar. Te odeio.

Lexi: CARALHO, ELE É GOSTOSO!!

A mãe dela estava certa em aterrorizá-la. Lexi tinha pulado a fase de seguir em frente depois do garoto maluco. Mas eu tinha que admitir que, para uma garota que não queria compromisso, ela tinha padrões bem altos, e era mais uma beijoqueira. Nisso eu concordava em todos os aspectos. Beijar era tudo, quase um riff de abertura de guitarra.

Eu: Cansei de homens por enquanto. Cansei mesmo. C.A.N.S.E.I. Por mim, tudo bem. Vou aí este fim de semana para seu aniversário e fico com ele.

Revirei os olhos quando Reid pigarreou. Olhei para cima.

— Pois não?

— Você acabou mesmo de tirar uma foto minha e enviar para a pessoa com quem está trocando mensagem?

— Vai me agradecer por isso depois.

Seus olhos ficaram sérios.

— Não preciso da sua ajuda para transar, irmãzinha.

— Oh? Ah, que bom, porque acabei de cadastrar você como agressor sexual.

Lexi: Sabe com quem ele se parece?!

Eu: Réu número 2345678.

Lexi: O quê?

Eu: Nada. Que plano incrível para você. Vem para cá caçar homem. Pelo menos vai ficar para o bolo?

Lexi: DESCULPE. Sei que está magoada.

EU: Estou bem. Estou esquecendo bem melhor do que pensei. Ele não dava a mínima para mim. Não sou tão burra. E sabe o que é esquisito? Estou mais brava do que magoada. Comigo mesma.

LEXI: Ele era gostoso e engraçado às vezes. Mas te falei que era um babaca. Juro que seu aniversário será épico. Vou me certificar disso. Mas, sério, vá para algum lugar e me ligue. Preciso decifrar se você está mentindo ou não.

Eu: Não estou. E não quero falar dele. É estranho, mas estou bem. Eu sabia. Lá no fundo, eu sabia.

Lexi: Ele era um idiota completo.

Uma parte patética de mim queria defendê-lo. Mas eu era melhor que isso.

Eu: Pensando bem, acho que tem razão.

Lexi: Estou aqui, se precisar de mim.

Eu: Eu sei. Te amo. Bjs.

Olhei para cima e vi Reid me observando.
— O que foi?

Ele pressionou os lábios em uma linha, e eu tive a sensação de que o que quer que fosse sair de sua boca desencadearia uma briga, mas Paige nos interrompeu.

— Prontos? — Ela nos olhou, e eu sabia que conseguia sentir a tensão e confirmou isso com um franzido antes de pegar a bolsa do balcão.

Reid e eu estávamos em lados opostos da sala, mas poderíamos também estar em lados diferentes do planeta.



Feel Good Inc – Gorillaz

— AUMENTA, POR FAVOR — PEDI DO BANCO DE TRÁS, AINDA UM POUCO BRAVA POR REID NÃO TER INTENÇÃO DE AGIR COMO UM cavalheiro nem de ser gentil. Parecia que ele tinha me colocado em um tipo de categoria que determinava que eu não era lá grandes coisas e devia ser ignorada.

Não era fã de Reid. Mas ele se dava muito bem com minha irmã. Conversas e piadas internas eram fáceis entre eles. Na verdade, eu não conseguia participar de uma conversa.

— Pode aumentar, por favor?

Ambos me ignoraram enquanto minha irmã dirigia para o centro, falando sobre umas situações em que se envolveram recentemente.

Recostei-me furiosa, certa de que um ou ambos tinham me ouvido alguma hora. Quando a música terminou, Reid moveu a mão devagar para o painel e aumentou a próxima música. Estreitei os olhos quando um sorrisinho lento se abriu em seu rosto ao olhar na minha direção.

Oh. Seu. Otário.

E foi aí que tive certeza do sentimento. Eu não gostava de Reid.

— Vamos para o pub depois do trabalho — Reid murmurou.

— Não posso. — Minha irmã assentiu para mim.

— Oh, por favor. Eu tenho identidade falsa desde que tinha dezessete anos. Você sabe disso, Paige.

Reid deu de ombros.

— Não custa tentar.

— Nada disso, e ver aqueles babacas colocando a mão na minha irmãzinha? Não, obrigada.

— Ela está segura. Você sabe que não vou deixar nada disso acontecer.

Minha próxima declaração pode ter saído como:

— Tenho camisinha. — Paige me olhou desafiadoramente pelo espelho retrovisor enquanto Reid ria. — Pare de fazer o papel de mãe. Sou bem entendida de pênis e vagina. Não preciso que me proteja de nada. — Reid olhou de volta para mim quando cruzei os braços como uma criança de quatro anos. — Jesus, se eu soubesse que você seria tão protetora, teria ficado em Dallas.

Paige suspirou.

— Pênis e vagina?

— Bom, só estou indo para o terceiro ano. A experimentação ainda não começou, mas vou te manter atualizada.

Reid jogou a cabeça para trás, rindo. Ignorei-o e me movi para a frente, segurando o banco de minha irmã ao falar com ela.

— O que deu em você para bancar a Mary Poppins de repente? Sabe que sei me cuidar.

— Você acabou de levar um pé do cantor principal de uma banda chamada Meat. ***

Brava pela incapacidade de minha irmã de manter minhas besteiras em segredo, retruquei:

— E eu vi o vibrador na gaveta da sua cômoda. Vamos falar abertamente de cada detalhe privado na frente *dele*?

Paige pisou bruscamente no freio em um semáforo e se virou para me lançar um olhar desafiador.

— Que porra é essa, Stella? Está mexendo nas minhas coisas?

— Que porra é essa, Paige? Tinha que falar dele? Também é um detalhe pessoal. Só esqueça. Não quero sair com você. Vou pegar a chave e um táxi para casa.

— Você não tem dinheiro — ela soltou.

— Arrumo. O sinal abriu.

Apontei para a luz neon diante de nós assim que alguém buzinou. O carro ficou mergulhado no silêncio até chegarmos ao El Plato Cantina. O nome mais idiota possível para um restaurante Tex-Mex. Era óbvio que os donos eram brancos e não tinham pensado muito no nome antes de investirem uma fortuna para abrir um restaurante.

Reid pegou dois aventais limpos do porta-luvas de Paige enquanto ela estava furiosa no banco da frente.

— Ninguém está julgando. Acho ótimo que seja aventureira, maninha.

Saí do carro quando Reid deu outra risada antes de minha irmã dar um tapa no peitoral dele. Ela arrancou as chaves da ignição, saiu do carro e me repreendeu.

— Fique longe das minhas coisas!

— Não estou mexendo nas suas coisas. Só tinha acabado de lavar suas calcinhas e estava guardando, quando me deparei com aquilo. Realmente deveria investir em algo um pouco mais provocante.

Reid teve dificuldade para amarrar seu avental com o braço engessado. Eu ia perguntar a ele como conseguia servir mesas e pensei melhor quando minha irmã me jogou uma dose desnecessária de amor duro.

— Talvez *não* tenha sido uma ideia tão boa você ter vindo para cá.

Magoada, e mais do que puta, retruquei com o que pude:

— Sério, Paige? Vai ficar contra mim rápido assim? Para alguém tão preocupada com meu bem-estar, não teve problema em me fazer sentir indesejada em uma cidade que não conheço. E, em vez

de me *ajudar*, passou a última hora fazendo piadas à minha custa com seu *melhor amigo* e contando a ele merdas sobre mim que não são da conta dele!

— Senhoritas — Reid disse com cuidado, nos olhando por cima do teto do carro.

— Fique fora disso — soltei quando ele ergueu as mãos, parecendo mais entediado do que na defensiva. Paige ia começar a me repreender de novo, mas eu a impedi. — Não se preocupe. Sairei assim que tiver meu primeiro pagamento.

— Stella...

Eu já estava andando na direção de... bom, não fazia ideia, mas teria um emprego quando voltasse para o apartamento dela.

— Desculpe interromper, Paige. Vou deixar você voltar para sua vida incrível!

— Meio dramática, não acha? — ela retrucou. — Mas essa é você, não é, Stella? Sempre a rainha do drama. Talvez seja por isso...

Virei-me tão rápido para fuzilá-la com os olhos que senti uma daquelas queimaduras horríveis faiscarem minha nuca.

— Sério? É por isso que meu namorado me deixou? É isso que ia falar?

Paige ficou ali furiosa e Reid deu a volta no capô e andou até o restaurante. Deixando a raiva me dominar, dei um pouco de meu veneno a ele também.

— E você é um babaca!

O pescoço branco de Paige ficou vermelho.

— Tá bom, chega, Stella!

— Ei... — Dei de ombros. — Contanto que deixemos tudo claro.

Reid deu um sorrisinho e passou pelas portas do restaurante, que ficava cada vez mais lotado. Seria minha missão irritá-lo da mesma forma.

Irritada por um trajeto de dez minutos de carro estar prestes a nos atrapalhar, ergui uma bandeira branca.

— Olha, desculpe, mas o que você fez foi idiota, Paige. É exatamente disso que tenho medo. Me desentender com você ou Neil e ser mandada de volta para Dallas. Agradeço por você me aguentar, sabe disso. E sabe a semana que eu tive. Estou meio nervosa e à sua mercê. Sabe disso também. Estou perdida aqui!

Ela mordeu o lábio e fitou o chão entre nós.

— Eu sei. Desculpe. Reid é um cara legal. Só tem que conhecê-lo e lhe dar uma chance. Eu não deveria ter falado aquelas coisas na frente dele, mas, sinceramente, ele sabe muita coisa sobre você. É meu melhor amigo.

— Saquei. E eu não?

— Não, você é minha irmã — respondeu com carinho no olhar.
— Significa muito mais.

— É melhor mesmo. — Bufe e nós duas compartilhamos um sorriso hesitante.

— Vaca.

— Idiota.

— Te vejo mais tarde? — Paige perguntou com um sorriso ao amarrar o avental.

— Se você tiver sorte — ameacei.

— É melhor eu ter sorte. Não me deixe preocupada, ok? — Ela acelerou o passo enquanto seguia para a varanda do restaurante, depois voltou a olhar para mim, agora com uma expressão maternal.

Suspirei, resignada.

— Certo. Não vou te deixar preocupada.

— Precisa de dinheiro?

— Um pouco — respondi, detestando mais ainda minha situação.

Ela riu ao tirar vinte dólares do bolso.

— Saio às onze, então volte até lá, ok?

— Me empresta o carro.

— Até parece.



Vinte dólares e uma camiseta da hora. Era tudo que eu tinha quando entrei no escritório cheio de *Austin Speak*, um jornal da cidade que foi fundado puramente por publicidade e era grátis nas bancas. O prédio ficava em uma parte questionável da cidade. Não era um lugar de que você queria sair sozinha à noite. Mesmo assim, as poucas quadras que andei para chegar lá me deixaram um pouco mais familiarizada com as ruas de Austin, meu lar para os próximos anos.

Austin era uma arena enorme de história, comércio e designer comercial. Eu tinha muitos motivos para querer me mudar para a cidade, mas o melhor era a música. Em meu plano principal, sempre pensara que iria trabalhar em algum lugar como *Austin Speak* para ter experiência, apesar de, lá no fundo, saber que seria difícil conseguir com minha inexperiência e falta de diploma. E tinha certeza de que o pagamento era uma bosta. Teria que arrumar outro emprego para compensar as despesas mensais, mas foi minha primeira parada, e o único emprego que eu realmente queria enquanto completava minha educação. Havia enviado vários currículos diferentes e anexado um monte de artigos que escrevera, mas não tivera resposta. Persistência não era a única coisa que você precisava ter na busca, mas era tudo que eu tinha no momento.

O jornal estava movimentado depois da mesa de recepção de madeira barata. Uma recepcionista loira com sardas no rosto que parecia ter minha idade me recebeu com um sorriso e curtiu o Samuel em minha camiseta antes de perguntar se podia me ajudar.

— Quero trabalhar aqui. Como consigo um emprego?

Sua risada ecoou pelo protótipo de lobby, e vários funcionários em suas mesas atrás dela olharam para ela.

— *Wow*, você é direta.

— Direta, honesta, trabalhadora. Seria um trunfo para este lugar — eu disse, reparando nos pisos de linóleo verde-ervilha e retrô e na tinta lascada nas paredes.

Ela ergueu as mãos, com a palma na minha direção.

— Não tente vender para mim. Não sou eu que pago o aluguel.

— Então para quem eu vendo?

— Para Nate Butler.

— Ok, posso falar com Nate Butler?

— Ele está em uma reunião.

Lancei um olhar desconfiado para ela.

— Ele sempre está em uma reunião, não está?

Seu sorriso ficou mais largo.

— Essa é a descrição do seu trabalho — continuei —, não é? Atender telefone e anotar recados porque ele está sempre em reunião?

Ela apertou os lábios para não dar risada. Eu planejava encontrar apenas portas fechadas em meu futuro. Mas eu tinha a capacidade de tentar a “jogada desesperada” necessária para ser levada a sério. Tinha passado a maior parte de meu tempo na escola técnica escrevendo vários artigos que acompanhavam os artistas atuais. Eu tinha um disco rígido com algumas milhões de palavras. Era atípico de mim não saber os detalhes de qualquer tentativa antes de sair de cena, principalmente para o emprego que estava almejando. Mas decidi rapidamente que eu tinha outra habilidade que precisava dominar para me tornar uma força reconhecida. Então, totalmente despreparada, encarei a recepcionista, pronta para fazer o que fosse necessário para ter a atenção do tal de Nate Butler.

— Não quero falar “eu espero”. Não tenho a paciência para esse truque. Me dê uma forcinha?

— Ele também é bem direto. Tem certeza de que não quer voltar mais preparada? — Ela olhou para minha camiseta.

Sorri.

— Acha que uma gravata melhoraria o *look*? — Ela balançou a cabeça, rindo. — Concordo, é *ousado*. — Procurei algum sinal de que ela tinha entendido meu trocadilho com *Pulp Fiction* e fiquei decepcionada ao ver que não. — Ele não teria um fetiche por morenas teimosas?

— Não, ele é mais do tipo de loiras carinhosas, mas quietas, de pernas longas.

Enruguei o nariz.

— E do tipo que prefere peitos também, certo?

— Provavelmente, e ele também é próximo da mãe.

— Isso é bom. Deve ser um ser humano decente.

— É basicamente um bundão — ela garantiu.

Nós duas sorrimos.

— Agora *isso* eu tenho de sobra. Mas vou ter que arriscar com minha personalidade.

— Eu te contrataria. — Ela deu uma piscadinha ao pegar o telefone e olhar para mim, questionando.

— Stella Emerson — anunciei, orgulhosa. — Estella, para abreviar.

Seu sorriso me disse que ela gostava de meu sarcasmo.

— Espanhola?

— Mexicana.

Ela soltou uma risada alta que chamou atenção de todo mundo na sala atrás dela. Acenei para as expressões mais sérias com olhos arregalados e balançando os dedos das mãos. Aparentemente, depois da mesa da recepção era onde a felicidade morria.

— Nate, Stella Emerson está aqui para falar com você. Não, ela não marcou hora...

Antes de ele poder dar uma desculpa, peguei gentilmente o telefone dela. Ela achou mais engraçado do que ficou chateada. Gostava dela.

— Sr. Butler, só vou tomar cinco minutos de seu tempo.

Hesitação do outro lado da linha e, então:

— Sra. Emerson...

— Senhorita.

— Srta. Emerson, peça para Sierra marcar uma hora.

— Sierra? — perguntei ao abafar o telefone. — Gostei, nome legal. Sua mãe deve te amar mais do que a minha.

Ela apenas deu risada conforme continuei com meu devaneio.

— Estou aqui para minha entrevista, senhor.

— Sei.

— Temos uma entrevista hoje — olhei para o relógio na mesa de Sierra — às quatro e meia.

Uma porta se abriu atrás de uma das mesas situada na sala circular de mídia. Esperava que um homem careca com cabelo duro e irritado fosse aparecer. Em vez disso, apareceu um cavalheiro de cabelo cobre em um terno sob medida que, do outro lado das mesas, parecia apenas algumas anos mais velho do que eu. Com o telefone na mão, ele deu uma olhada em minha aparência e suspirou antes de erguer o aparelho de volta à boca.

— Srta. Emerson, sei muito bem que você não tem uma entrevista.

— Voz sexy — sussurrei para Sierra.

— Eu ouvi isso — ele disse, não impressionado.

Pigarreei.

— Perdão. Já perdemos um minuto de conversa. Vou aproveitar os últimos quatro.

Ele suspirou de novo antes de olhar entre Sierra e eu, com uma expressão que beirava a braveza para minha nova amiga.

— Venha para cá.

Devolvi o telefone para Sierra.

— Desculpe, tempos desesperados.

— Espero que ele te contrate — declarou ela, não afetada por minha façanha.

— Eu também. De qualquer forma, te devo uma bebida.

— Fechado — respondeu quando o telefone tocou. Deu uma piscadinha ao atender. — *Austin Speak*. — Ela pausou antes de sorrir ao responder, rindo com os olhos para mim. — O sr. Butler está em uma reunião.

Andando na direção da porta aberta, olhei para as mesas e procurei qualquer sinal de vida atrás delas. O resto das salas estava vazio. Havia um total de vinte pessoas trabalhando no *Austin Speak*. Eu não tinha nenhuma chance. Ainda assim, passei pela porta, fechei-a, me virei e vi o homem mais lindo que já tinha visto.

— Boa tarde, sr. Butler.

*** Significa carne em inglês.



Numb/Encore – Jay Z, Linkin Park

NATE BUTLER ERA UM DEUS QUE ALGUÉM DEVE TER GUARDADO EM UM ANTIGO ARMAZÉM DISFARÇADO DE ESCRITÓRIO E ESQUECIDO. Seu cabelo vermelho-queimado e grosso estava jogado levemente para trás em volta de um topete proeminente. Sobrancelhas escuras, olhos violentamente azuis e traços fortes e suaves formavam seu rosto, enquanto sua estrutura permanecia um mistério coberto pelo terno. Estava sentado em sua cadeira de escritório e me analisava com os olhos. Quando chegaram à minha camiseta, se suavizaram um pouco enquanto ele escondia um sorriso. Samuel L. Jackson era uma boa forma de quebrar o gelo.

— Deixe-me adivinhar, *srta.* Emerson, você é freelance e está procurando um trabalho de escritório, e vai fazer qualquer coisa para passar pela porta.

— Estudante, jornalismo, terceiro ano, e vou fazer muita coisa, mas não *qualquer coisa*. Te enviei um e-mail esta manhã.

— Recebi seu e-mail, todos eles. O que não tenho são espaço e orçamento. O que tenho é uma fila quilométrica de pessoas com *diplomas*, *experiência* e currículos bem mais qualificados que os seus.

— Então você olhou?

Ele suspirou e se recostou, e seu sorriso finalmente venceu. Fiz menção de me sentar.

— Não se incomode em se sentar. Temos mais três minutos. Vai.

Ele começou a digitar em um dos dois teclados na mesa preta espaçosa, e me sentei, de qualquer forma.

— Quero cobrir entretenimento.

Ele deu uma risada cética antes de continuar digitando.

— Quantos anos você tem?

— Não é ilegal perguntar isso? — retruquei, inclinando-me um pouco para invadir seu espaço pessoal e sentir o cheiro do perfume que ele estava usando. Sexy fatal, intimidador, eram apenas alguns adjetivos para descrever Nate Butler.

— Seria ilegal se eu tivesse uma vaga aberta e se esta fosse uma entrevista de verdade... — Ele olhou para Samuel por cima de uma de suas telas —, o que não é.

— Farei vinte no sábado.

— Você é um bebê. Não tem nada para me oferecer. E não pode entrar legalmente na maioria das baladas desta cidade.

— Nós dois sabemos que isso é mentira. Com uma identificação de imprensa, vou conseguir entrar em qualquer lugar. E sou bem persuasiva.

Ele parou de digitar.

— É por isso que está aqui? Para ter entrada livre?

Ele olhou para mim de novo e se recostou com as mãos unidas. Segurando na beirada da cadeira barata, falei minha defesa pronta:

— Já estive em mais de duzentos shows. Conheci um monte de músicos e celebridades nesses shows. Este não é um contrato para realizar meus desejos.

— Ser fã não a torna escritora.

— *Discordo* totalmente. Ser fã é o motivo pelo qual sou escritora.

— Por que *Speak*?

— Porque tenho que começar em algum lugar.

— Mirando baixo, hein? — Ele não ficou nem um pouco ofendido.

— Sem ofensa ao jornal, não é *Rolling Stone*, mas é um jornal que as pessoas leem. Eu leio. — Isso não era mentira. Lia desde que me mudara para Austin.

Ele assentiu.

— Dois minutos. E gostei do artigo que escreveu sobre a influência dos Beatles.

— Obrigada — agradei conforme um fio de esperança cintilava por seu escritório frio.

— Bem perspicaz, Kurt Cobain e Don Henley os creditavam por diferentes motivos e, no período de duas décadas, nasceram muitos sons diferentes.

— Concordo. Música é muito orgânica. Se existisse um jogo musical, como o “Seis graus de separação de Kevin Bacon”, tenho certeza de que seriam os Beatles.

— Acabou de citar você mesma? — Ele balançou a cabeça com um sorriso. — Você é muito crua.

— Me ajude a mudar isso. Realmente vou começar em *qualquer lugar*. Vou fazer listas. Leitores adoram listas.

— Não posso. Tem um minuto, srta. Emerson.

— Então faço uma coluna de cinco ou de dez. “Cinco formas de conseguir o emprego dos seus sonhos.” “Cinco formas de transformar seu dia mentalmente.” “Dez coisas que você não sabia sobre Spam.”

— Todas essas já foram feitas. Está chegando perto.

— Mas é isso que jornais vendem. Vou pensar em novas listas, listas melhores.

— Trinta segundos.

— Vou contribuir, então. Um artigo por semana, editado. Não vai precisar fazer nada além de ler.

— Quinze — ele avisou —, e nem eu deixo de passar por meu editor. — Ele estalou a língua. — Isso é básico. — Sua decisão foi tomada.

— Vou pagar para mim mesma. Vou encontrar publicidade.

Ele finalmente pausou, mas apenas brevemente.

— Tenho pessoas para isso.

— Que mal poderia fazer? Trago publicidade para pagar meu próprio salário. Eu vou fazer *todo* o trabalho.

— Freelance, srta. Emerson. Por que não tenta esse caminho?

— Porque tenho dezenove anos, não tenho diploma e nunca fui publicada, é por isso. E é por isso que você vai bater a porta na minha cara.

— Desculpe. Acabou o tempo.

— Obrigada. — Levantei-me, incapaz de esconder minha decepção, e fingi um sorriso para combinar com meu dar de ombros mentiroso. — Bom, pelo menos tenho minha primeira história de rejeição.

Seus olhos brilhantes dançaram por mim, e não tive escolha a não ser reconhecer o calor que isso causou. Sua beleza me atordoava. Mas a de Dylan também.

— Espero que tenha sido memorável.

Incapaz de não flertar com Nathan Butler, ergui os olhos.

— Poderia ter sido melhor.

Um sorriso pecaminoso passou por seus lábios.

— Desculpe te decepcionar.

Parei à porta.

— Realmente queria ter algo épico para falar agora, mas não tenho nada. Não desconte isso na Sierra. Não a demita, ok? Eu forcei minha entrada aqui.

— Você não forçou nada. Eu deixei acontecer. E não vou demiti-la. Ela é minha prima.

— Oh.

Parada na porta, senti a decepção total. A primeira foi ter uma parte de meu sonho dilacerada, e a segunda foi querer ver Nate Butler de novo. Facilmente, ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Mas a primeira superava a segunda. Não importava o quanto eu estava preparada para a rejeição, ainda doeu. Mas foi uma droga desde o início.

Nate se levantou e apoiou os dedos na mesa.

— Apesar de sua escrita ser meio indulgente para alguém totalmente desconhecida e cujas opiniões não importam, você realmente tem alguma coisa. Deve saber disso.

— Eu sei.

Ele me mostrou os dentes de novo.

— Que bom, fique confiante. Vai precisar.

— Não me ajudou em nada. Obrigada de novo.

Saí de *Austin Speak* sem emprego, mas ainda tinha vinte dólares e uma camiseta irada.



CAPÍTULO 5

Bittersweet Symphony - The Verve

DEPOIS DE HORAS SUBINDO E DESCENDO A 6TH STREET, A FAMOSA RUA DE AUSTIN REPLETA DE BALADAS, E PREENCHENDO INSCRIÇÕES, tinha decidido que merecia uma cerveja, no mínimo. O turno de Paige acabaria logo, e eu não queria usar o dinheiro dela, mas falhara na missão. Ainda estava sem emprego e precisava adormecer minha ferida. A pior parte de tentar conseguir um emprego em todo lugar na 6th Street era que eu não poderia usar minha identidade falsa no futuro imediato. Acabei refazendo meus passos em direção ao *Speak* e encontrei um bar chamado Louie's na esquina. Uma tempestade me encharcara a ponto de não poder me safar, e Samuel ficou puto. E eu também. Puta e desanimada, finalmente deixei meu humor de merda vencer. Sentei-me no bar e usei minha identidade com nome de Juanita Sanchez. Era minha prima, e apenas um ano mais velha do que eu. Seu cabelo e sua pele eram mais escuros, e ela tinha olhos castanhos, porém a identidade nunca tinha sido colocada em dúvida. *Nunca*.

— Vou querer qualquer bebida que tenha no happy hour.

— Essa é por minha conta.

Apenas uma pequena parte de mim ficou feliz pelo fato de o homem que havia acabado de esmagar minhas esperanças ter me pagado uma cerveja de consolação. Ainda assim, não consegui

evitar que minhas entranhas dançassem por conta própria com o som da voz dele.

— Sr. Butler, obrigada.

— Nate.

— Nate. Obrigada.

— Eu realmente não deveria ter feito isso — ele disse, lembrando-me de que ele sabia da minha idade.

— Bom, então não faça. — Coloquei os vinte dólares no balcão, e ele empurrou a nota para mim.

— Seja legal. Estou me esforçando aqui.

— Desculpe — pedi ao pegar o dinheiro e guardá-lo no bolso. Sentia-me um cachorro molhado enquanto ele me fitava com algo que se assemelhava a pena.

Ele estava perto o suficiente para que eu o analisasse, então finalmente deixei meus olhos o avaliarem enquanto ele desabotoava o paletó, pendurava na cadeira do bar e arrumava o cabelo brilhante antes de se sentar ao meu lado. Dava para ver o contorno da regata debaixo de sua camisa engomada e úmida e, sob aquele tecido incômodo, vi um homem sarado. Ele era intensamente lindo, direto e meio presunçoso. Mas a metade latina de mim sabia que eu já tinha vencido no segundo em que ele se sentou.

Ele poderia ter sido arrogante, porém eu lutara contra o machismo a vida inteira. Tinha mais primos da minha idade do que queria, e aprendi cedo seus truques. O que realmente me tornava uma idiota por ir atrás de um bebezão em uma banda chamada Meat.

Nate deu um longo gole de sua cerveja.

— Não teve sorte em nenhum lugar?

— É, posso servir mesas se quiser. Puro progresso.

— Poxa, desculpa.

— É só um dia — respondi, dando um longo gole na cerveja. — Tem mais. E vou servir mesas se precisar. Nada errado com isso,

certo?

— Errado. Você quer trabalhar para subir desde baixo, mas não quer cavar mais para chegar lá. Acho que sabemos que você é capaz de fazer mais.

— Mas indulgente e insignificante. Pode querer encontrar companhia melhor, estou avisando — declarei ao drenar a cerveja e erguer um dedo para outra.

— Estou bem aqui. E acho que você sabe o que eu quis dizer.

Olhei em volta pelo bar escuro. Havia exatamente cinco pessoas no recinto, incluindo Nate, o bartender e eu.

— Aqui não me parece seu tipo de lugar.

— É perto, silencioso, conveniente.

— Deserto.

Ele redirecionou:

— O que você está fazendo aqui?

Era uma pergunta carregada.

— Esperando.

— O quê?

— Minha irmã. Ela está trabalhando a alguns quarteirões, no Bar dos Pratos. — Dei risada sozinha conforme ele franziu a testa para mim. A pergunta estava na ponta da minha língua, então dei um gole em minha nova cerveja e perguntei o que estava na minha cabeça no segundo em que entrei em seu escritório. — Como chegou até aqui? Não pode ter mais do que vinte e quatro anos!

— Vinte e seis, e é meu jornal. Obviamente, você não pesquisou direito.

— Falar com você foi uma decisão de última hora.

Ele olhou para minha camiseta ensopada.

— Estou vendo.

— Mesmo assim, teria usado esta camiseta — retruquei.

— Agora estou ainda mais convencido de que fiz certo em *não* te contratar.

Brindamos as garrafas e compartilhamos um sorriso.

— Você é um idiota. Por que começou o próprio jornal?

— Pelo mesmo motivo que você forçou a barra hoje. Queria muito e estava cansado de andar em círculos. Estou fazendo do meu jeito. Neste mês, será apenas a nona edição.

— Oh, uau. Novo assim?

Ele assentiu.

— É meio que inspirador.

— Não será se eu tiver que fechar, mas vai valer a pena se alavancar.

— Bom — comecei bebendo a cerveja como se estivesse em uma festa de faculdade —, te desejo sorte, apesar de seu talento estar prestes a ir embora.

— Vou fazer um acordo com você — declarou ao segurar meu punho e puxar para me obrigar a sentar de novo.

— Qual?

— Continue escrevendo como se eu tivesse te contratado e, em seis meses, se eu ler suas coisas e gostar, vou comprar um pacote de colunas para um teste. Mas você vai precisar começar a cobrir localmente e se familiarizar com as baladas.

— Está falando sério?

— Estou, gostei do seu estilo. Li mais dois artigos seus quando foi embora.

Era meu primeiro sorriso verdadeiro do dia.

— Quais?

— “Beastie Theory” e “Jane’s Abduction”. Eu ia te ligar amanhã para fazer essa proposta.

— Fico feliz que tenha feito pessoalmente. — Não conseguia conter meu sorriso.

— É, eu também. — Nate me observou com cautela antes de falar de novo. — Você tem alguém?

Sua pergunta me pegou desprevenida.

— Alguém?

Ele hesitou.

— Precisa de carona?

Olhei-o de lado.

— Claro, digo, se estiver indo.

Ele colocou algumas notas de vinte no balcão e envolveu seu corpo lindo no paletó.

— Estou indo.

Dentro de seu Tahoe, estremeci com o ar-condicionado, meu cabelo ainda úmido e grudado no rosto.

Nate dirigia com o punho apoiado no volante e o cotovelo no descanso do console entre nós. Tentei, e consegui, manter os olhos fixos na rua, apesar de ele ser tentador.

— Então, mais dois anos de faculdade. Para onde vai?

— Para todo lugar. — Sorri. — Mas tenho alguns lugares em mente.

— Vai mudar de ideia centenas de vezes até se formar.

Olhei para fora pela janela e fitei as ruas ficando cada vez mais apinhadas.

— Tenho certeza.

A carona durou quatro minutos no total, e eu hesitei ao segurar a maçaneta antes de agradecê-lo. Antes de conseguir falar, ele disse:

— Quero te levar para sair. Lá no bar ia perguntar, mas, primeiro, você é jovem demais para mim e, segundo, não queria que pensasse que estava fazendo o acordo para transar com você.

Fiquei boquiaberta.

— Isso foi há quatro minutos. O que mudou?

— Nada.

— Só estou quatro minutos mais velha.

— Certo.

— Acabei de terminar com meu namorado.

Seus olhos baixaram para meus lábios.

— Então é um não?

— Não. Não ligo por termos terminado.

Ele baixou a cabeça, rindo.

— Uau.

— Realmente não sei como explicar. Ele era cantor em uma banda e tinha o tempo de atenção de um inseto.

— Acho que isso resume bem. — Ele se inclinou, então nossos olhares se encontraram. — Só para você saber, adorei essa camiseta.

— Eu sabia.

Compartilhamos uma energia pesada e um sorriso conforme Paige e Reid saíram do restaurante, virando a cabeça e fixando os olhos treinados em nós.

— Então, te ligo amanhã?

— Desculpe, não estou saindo com ninguém. Mas te vejo em seis meses. Obrigada pela carona, Nate.

Saí do carro e Paige espiou o interior do veículo. Nate já estava contornando quando olhei de volta para duas expressões com expectativa.

— Ei, não me olhem assim. Eu falei que tinha camisinha.



Given to Fly – Pearl Jam

EU CORRI COM OS BÚFALOS NO MÉXICO QUANDO TINHA CINCO ANOS. ERA MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA DE VERDADE. MINHA mãe nos levava para Panotla a fim de visitar sua família, e ficava a apenas alguns quilômetros de Tlaxcala, onde havia a corrida anual de búfalos depois da Festa da Assunção, um desfile colorido, cheio de flores, feito pela igreja católica, dedicado à Virgem Maria.

De alguma forma, em meio à empolgação e ao caos da multidão, minha mãe soltou minha mão. Foi uma decisão de segundos da minha parte. Uma decisão que me lembro de ter tomado. Eu estava com roupas parecidas às de quem iria correr, e queria fazer parte. Não queria perder nada. Então, em vez de tentar pegar a mão dela, eu corri. Podem ter sido segundos ou minutos, mas me lembro da alegria em ver os animais enormes correndo pela multidão ao longe. Nunca poderia esquecer dos gritos e berros horrorizados de quem estava em volta de mim, mas eu não estava com medo. Fui arrancada da multidão e segurada por uma mulher grande com uma força descomunal. Ela tinha uns dentes faltando e estava determinada a fazer careta para mim até meus pais finalmente chegarem.

Não me bateram por minha participação na corrida de búfalos, apesar de terem me dito que minha cruel tia Yamara de El Cucuy —

a versão espanhola do bicho-papão — iria me pegar.

No entanto, minha recepção foi bem o oposto. Por uma semana, a história foi contada por minha mãe e suas doze irmãs e recontada por todo mundo. Antes de deixarmos Panotla, vi uma *piñata* em forma de búfalo. Era tudo de que me lembrava. Contudo, depois, minha mãe me contou que era uma festa em minha homenagem. Todos pensavam que eu iria crescer e ser alguém especial. Naquele dia, minha mãe pediu a bênção da minha tataravó pela ajuda em educar uma *niña* tão rebelde — *criança selvagem*. A família dela era supersticiosa a ponto de ser ridícula às vezes, mas continuei com todas aquelas superstições porque faziam parte de mim tanto quanto dela. Honrava minha mãe e sua família. Eu abraçava meu lado latino, enquanto minha irmã fazia um trabalho decente bancando a indiferente. Paige somente agradava nossa mãe quando precisava. Meu pai era garoto-propaganda para as conservadoras vermelha, branca e azul, enquanto minha mãe mostrava suas cores com orgulho, *todas* elas.

Então, enquanto eu contava o pesadelo que tive na noite anterior para minha irmã, com medo de que se tornasse verdade — uma superstição que eu levava a sério —, me certifiquei de não deixar nenhum detalhe de fora. Estávamos no mercado comprando coisas de que precisávamos, então, enquanto eu falava sobre meu sonho, ela se apressava pelos corredores na tentativa de evitar o que pensava ser desnecessário. E tinha trazido seu *melhor amigo* junto para ele fazer umas compras para a própria casa. Acontece que Reid também estava sem carro devido a um acidente, o motivo para seu braço quebrado e sua presença constante.

— Então, depois lutei com um cabide... um cabide de *arame*.

Reid deu risada enquanto pegava um pacote família de macarrão instantâneo da prateleira debaixo. Eu estava quase sentindo pena dele. Ele só estava pegando porcaria barata para levar para casa. Paige percebeu e imediatamente o convidou para jantar. E essa parte dela era minha mãe falando. É com comida que mostramos nosso carinho.

— De boa.

Ela o repreendeu como fazia comigo.

— Não está de boa, e não vou aceitar um não. Você está horrível.

— Valeu — ele respondeu pensativo ao jogar o macarrão em nosso carrinho e enfiar o dedo entre o gesso e o braço para se coçar.

— O cabide se transformou — continuei falando, exigindo a atenção da minha irmã —, em uma bolha do *Exterminador do Futuro*.

— E a trama se complica — Reid disse com um suspiro divertido.

Paige apertou os lábios para controlar a risada e meus olhos estavam em chamas. Ela corria perigo quando se tratava de Reid, e ele estava prestes a sofrer esse perigo, se eu pudesse escolher. Eu me ressentia por sua presença e seu lugar na vida de minha irmã. Ansiara por dias em que seríamos apenas nós duas conversando, mas parecia que Reid sempre estava lá, e era óbvio que ele não gostava da minha nova posição como hóspede. Era mesquinho e nós dois sabíamos disso, mas não mudava o fato de que não gostávamos. E, com eles dois, eu sempre me sentia na defensiva. Quase queria que Neil estivesse junto. Mesmo que ele ficasse mudo na maior parte do tempo, eu poderia espetá-lo como uma batata e colocá-lo do meu lado.

— Stella, não acredita mesmo que, se não contar seus pesadelos para alguém, vão se tornar verdade, não é?

Reid olhou entre nós, divertindo-se.

— É por isso que ela está fazendo isso?

— Estou bem aqui, e posso falar por mim mesma — declarei sem nenhuma paciência.

Os olhos cor de mel faiscaram para os meus.

— Precisa crescer um pouco, sabia disso?

— Disse o cara que acabou de jogar cereal colorido no carrinho como se fosse um presente de Natal. — Revirei os olhos e segui Paige enquanto ela empurrava o carrinho. — E era uma bolha enorme. O resto do sonho foi exterminado!

Paige andou pelo corredor de temperos e pegou um pouco de coentro da prateleira para fazer Caldo de Res — minha sopa favorita — antes de me olhar de forma sábia. Estava mais quente que o inferno do lado de fora, mas nunca quente demais para aquela sopa.

— Te amo, irmã — eu disse com um sorriso. — Tudo está perdoado.

— Te amo *también, dulce amor*.

— Uau, isso é novidade — Reid comentou. — Quase não acreditei que fosse metade mexicana quando me contou. Você fala inglês perfeitamente.

— Latina — corrigi. — Mexicanos vivem no México. Somos americanas que falam espanhol, o que nos torna latinas. Aí está sua lição do dia. E ela não fala espanhol porque acha que soa idiota. Não usa a língua o suficiente, e não gosta de ser metade caipira.

Paige enrugou o nariz.

— Está muito enganada, sem contar que é politicamente incorreto.

— Só se você não for metade mexicana. — Sorri. — Mas eu sou, então posso fazer toda as piadas que quiser. — Olhei diretamente para Paige, ignorando Reid. — No fim do sonho, sou roubada.

— Sério? — Paige achou graça, olhando as especiarias no corredor internacional enquanto eu peguei umas pimentas secas da prateleira.

— Por uma tarântula com um cachorro-quente.

— O quê? — Paige ficou diante de mim. — Estava comendo cachorro-quente?

Mantive a voz monótona para demonstrar minha irritação. A limpeza do sonho só funcionava quando a pessoa para quem você

estava contando prestava atenção.

— Não, essa foi a arma que a aranha escolheu: um cachorro-quente.

— Isso está ficando estranho — Reid comentou ao gesticular por cima do ombro. — Vou estar em qualquer lugar, menos ouvindo o resto do sonho.

A ficha caiu quando ela me olhou com olhos arregalados.

— É melhor não ter nenhum ovo cru debaixo do meu sofá! — Paige berrou.

— Haverá esta noite. Não suporto aranhas.

— Não — Paige declarou, determinada. — Sério, não. Neil não vai saber o que pensar. Colocar um ovo cru debaixo do sofá para espantar espíritos malignos? Sério, Stella? É onde coloco meu pé.

— E Neil não vai sofrer se não souber. E tem certeza de que está com Neil? — Olhei para onde Reid foi. — Porque vocês dois parecem bem íntimos.

— Nem comece — ela retrucou com olhar sério. — Reid está tão longe dessa linha de pensamento que nem é engraçado. Estou te falando que ele é só um cara bom, e eu amo a namorada dele. A ex... o que quer que ela seja neste momento.

— Parece um ótimo cara — murmurei.

— Qual é o problema de vocês dois? Se evitam como se fosse uma doença.

Era verdade. Eu nunca me engajava em uma conversa com ele, e ele nunca se esforçava para conversar comigo também. Era como se fôssemos repelidos um pelo outro.

— Não sei. Não gosto dele. Ele é grosseiro e presunçoso.

— Ele poderia falar a mesma coisa de você — Reid disse ao colocar um fardo de seis cervejas no carrinho.

Não sentia mais pena do Sr. Macarrão Instantâneo. Ele podia encontrar outra irmã para lhe fazer caldo.

— E por que eu seria presunçosa?

Sem olhar para mim, ele se dirigiu a Paige:

— Encontro vocês na saída. — Reid saiu de novo sem olhar para trás.

— Uau. — Paige deu risada. — Acho que posso dizer que o sentimento é mútuo.

— Que seja — resmunguei, peguei a nota de cem que meus pais me enviaram de aniversário e entreguei a ela.

Ela olhou o dinheiro, que eu sabia que ela precisava, e negou com a cabeça.

— Nada disso, esse é seu. Divirta-se neste fim de semana.

— Pegue um pouco, ok? Não quero ser um fardo.

— Você está procurando um emprego todos os dias. Tem andado nas ruas por semanas para encontrar.

— Vou conseguir um. Recebi uma ligação hoje. El Plato Cantina.

— Dei de ombros. — Preenchi um formulário da última vez que te esperei. Tudo bem, certo? Pedi para ficar no seu turno.

Paige hesitou, mas apenas brevemente.

— É, tudo bem. E, por favor, tente ser legal com Reid. Ele está passando por muita coisa agora.

— Está bem — respondi automaticamente. — Ok, então, a tarântula falou...



No caminho para casa, banquei a DJ e coloquei “Helena” (So Long & Goodnight), de My Chemical Romance, sem nenhuma objeção. Quando deixamos Reid em casa, Paige o ajudou a subir as escadas para seu apartamento com as compras enquanto eu fiquei sentada, sem fazer nada, no carro com o ar-condicionado ligado a todo vapor para cuidar de nossas compras se derretendo. Texas era um lugar quente para se viver. Eu tinha certeza de que nossas fatias de queijo já teriam se transformado em um bloco quando chegássemos ao nosso apartamento. Mesmo com o ar frio

soprando, eu estava suando com o sol que entrava pelo para-brisa e, caramba, cega pelo brilho do meio-dia quando Paige abriu a porta.

— Coitado. — Ela suspirou ao olhar para a porta aberta de Reid.

— Como ele serve mesas?

— Nossa gerente, sua nova gerente, Leslie, dá três mesas a ele. Ele é destro, então até que consegue, mais ou menos. Não quis me deixar carregar as compras para dentro. Acho que, desta vez, ela o deixou cansado.

Olhei e vi Reid pegar as sacolas restantes na varanda onde Paige as tinha deixado e, então, entrar.



I Want You – Kings of Leon

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, FUI ENCARREGADA DE LEVAR UM PRATO DE COMIDA PARA REID, JÁ QUE ELE NÃO APARECEU PARA JANTAR. Paige fizera de tudo para insinuar que sua ausência tinha tudo a ver comigo.

Mesmo às nove da noite, o calor dava um jeito de tornar insuportável a curta caminhada à casa dele. Quando cheguei à sua porta, eu estava com a boca seca e desesperada por água. Era a quarta vez que batia quando Reid abriu a porta com uma toalha enrolada no corpo e uma das sacolas de plástico do mercado envolvendo seu gesso. Com comida fumegante na mão, ignorei o choque de vê-lo quase nu e passei por ele a fim de colocar a travessa quente sobre o balcão.

Fiquei mais chocada ainda quando vi a escassez de móveis: um colchão gasto na sala onde deveria ter um sofá, uma TV de tubo antiga que devia ter uns dez anos e uma única cadeira em sua varanda pequena.

— Não falei que você podia entrar.

A raiva envolvia sua voz quando ele se moveu para ficar diante de mim para obstruir minha vista. O peitoral era bem definido com músculos e coberto de tatuagens. Engoli em seco ao encontrar seu olhar.

— Bom, ou você soltaria a toalha para pegar esta travessa e eu te veria nu ou...

Ele soltou a toalha instantaneamente, e meus olhos seguiram a direção. Ele estava usando cueca boxer. Virei-me de costas e comecei a seguir para seu armário a fim de pegar um copo. Estava vazio, e eu sabia que a maior parte de sua louça estava na pia. Para lhe dar crédito, ela estava mergulhada em água morna e parcialmente com sabão.

— Só preciso beber alguma coisa, e já vou.

— Sirva-se.

Ele foi para o corredor e, segundos depois, ouvi o chuveiro se abrir. Por instinto, comecei a lavar a louça dele enquanto olhava pela cozinha. Era totalmente sem vida e cor. Lembrava um quarto barato de hotel — apenas as necessidades básicas —, e essa era uma avaliação generosa. O lixo estava meio amontoadado na lateral da pequena ilha de granito falso à frente da pia, mas vi uma grande parte dele espalhada, se não propositalmente, pelo chão. Obviamente, ele estava tendo dificuldade para se organizar e tinha surtado um pouco quando as coisas não saíram do seu jeito. Suprimi um sorriso ao pegar uma pá e vassoura da despensa, que estava quase vazia, a não ser pela caixa de cereal e miojo que jaziam na prateleira de plástico.

Olhei para o balcão perto de uma cafeteira barata e vi um último aviso de cobrança para Reid Crowne. Ele tinha uma taxa de atraso de setenta e cinco dólares anexada ao aluguel. E estavam ameaçando despejá-lo. *Setenta e cinco dólares? Idiotas.*

Peguei um rolo de lenços umedecidos de limpeza de debaixo da pia e passei nos balcões antes de tirar o lixo e colocar em sua varanda para que eu pudesse pegar quando fosse embora. Estava andando por sua cozinha com os lenços sob meu pé, porque ele não tinha rodo, quando Reid saiu de banho tomado, observando-me com uma expressão severa.

— O que está fazendo?

O cabelo estava bagunçado e ele contornou o balcão vestindo apenas calça jeans, que se pendurava confortavelmente em seu quadril. Vi uma pequena quantidade de sabão atrás de sua orelha quando ele jogou a toalha molhada na ilha entre nós.

Peguei-a e lhe dei um pequeno sorriso.

— Venha aqui.

— Ah, não. Você vai embora.

— Jesus.

Passei por ele para encontrar o banheiro e, como desconfiei, seu quarto estava totalmente vazio. Não tinha nada ali além de lixo espalhado, um cabide antigo de plástico e uma caixa pequena e vazia com um telefone velho. Era como se Reid estivesse morando no apartamento de outra pessoa. Em seu banheiro, que estava surpreendentemente limpo, peguei shampoo e voltei para a cozinha. Ele estava encarando a louça que eu tinha colocado no escorredor.

— Há quanto tempo está com o gesso?

Ele se virou, parecendo meio irritado.

— Quase um mês.

Fui até a pia e abri a torneira antes de testar a temperatura com o dedo.

— Bom... — Movimentei cabeça. — Venha.

Entendendo o que eu queria, seus ombros se enrijeceram e ele balançou a cabeça.

— Estou dando conta.

Fui até ele e peguei um pouco de resíduo de shampoo de seu cabelo e lhe mostrei. Ele suspirou com frustração, o hálito com cheiro mentolado.

— Vá para casa, irmãzinha.

— Trégua. Ok? Cinco minutos de trégua.

Reid me olhou com cautela e, então, saiu para a varanda para pegar a cadeira de plástico. Não era a altura certa, mas demos um jeito. Coberta de suor por estar limpando, me debrucei nele e inclinei

sua cabeça para trás para passar os dedos em seu cabelo cheio de shampoo

Franzi os lábios.

— Acho que a sua mão boa já desistiu de você.

— Estava distraído pelo barulho em minha cozinha.

Olhei para baixo para ele ao pressionar a torneira em sua tampa e começar a molhar de novo seu cabelo. Coloquei um pouco de shampoo — ou o que fosse merda barata com uma etiqueta de um dólar — na mão e adicionei ao resíduo, depois enfiei as unhas em seu couro cabeludo. Ele soltou um grunhido involuntário com a sensação, e eu olhei para baixo e vi seus olhos me encarando. Vi vulnerabilidade e vergonha neles antes de desaparecerem. Trabalhei rápido, fazendo espuma em suas mechas sedosas. Ele cheirava um pouco ao sabonete Irish Spring que estava em seu box e shampoo fresco quando fechei a água e coloquei a toalha em seu peito. Ele se levantou da cadeira, enxugando a água que escorria por seu tronco. Desta vez, desviei o olhar, mas não antes de ouvir seu “obrigado” baixinho.

— Por nada.

Olhando para a sala, vi uma foto ao lado de seu colchão. Era de Reid e quem eu presumia ser a ex-namorada que Paige havia mencionado. Aquela única foto na imensidão vazia em que ele habitava ressonou em mim, e não pude evitar olhar de volta para Reid, que estava me observando em silêncio.

— Todos seus segredos estão seguros comigo — prometi.

Ele assentiu lentamente conforme saí pela porta e arrastei o lixo pelas escadas.



Dois dias depois, acordei um ano mais velha e com uma batida nervosa na porta da frente. Pulei do sofá, que tinha engolido minha perna esquerda, e manquei até a porta enquanto comecei a senti-la de novo. Esperando que fosse Lexi, encontrei um Reid puto da vida.

Sua mandíbula ficou tensa quando ele me viu. O sol o castigara na curta caminhada de seu apartamento até ali, e suor pingava de seu rosto, mas seus olhos não vacilaram, mesmo quando uma gota de suor caiu de seus cílios. Ele estava bravo, e caía muito bem nele. Ele segurou a mão que massageava minha perna adormecida e virou minha palma para cima antes de colocar dinheiro nela.

— Eu só estava tentando ajudar — confessei.

Ele me encarou com seu olhar sério.

— Não sou eu que estou dormindo no sofá da minha irmã. Tenha sua própria vida.

— *Touché*, e a trégua chegou oficialmente *ao fim*!

— Por mim, tudo bem. — Ele bufou enquanto seguia pelo caminho de cimento até o gramado entre os edifícios.

— Arrrrgh.

Bati a porta e depois me encolhi, temendo ter acordado Neil, e então olhei para o relógio. Eu tinha dormido até meio-dia. No meu aniversário. Bateram na porta de novo, e abri e vi minha melhor amiga sorridente parada ali, sorridente. Lexi era alta e magra, mas era curvilínea o bastante para ser efetivamente atraente. O cabelo castanho curto estava desfiado nas orelhas, e ela tinha tingido as pontas de vermelho-escuro recentemente. Lex tinha olhos amendoados, testa pequena, maçãs do rosto altas e lábios enormes. Ela parecia meio exótica, apesar de ser eu quem tinha genes misturados.

— Finalmente — eu disse, dando-lhe um abraço rápido antes de me arrastar para minha mala. — Lexi, tenho que sair daqui, *agora*.

Peguei algumas camisetas na mala e decidi vestir a do Kurt Cobain usando óculos Monroe, uma minissaia preta de couro e meu All Star preto com renda vermelha. Lexi foi rápida ao olhar em volta pelo apartamento.

— Poderíamos nos mudar para este condomínio. Parece legal.

— Não mesmo, não gosto dos vizinhos.

— Só uma sugestão. Ei, você fez vinte anos! — Ela se empolgou. — O que está te incomodando?

Virei-me com um suspiro quando ela se sentou na cama da minha irmã. Eu estava parada na porta do banheiro, pronta para tomar um banho e lavar a imagem do rosto de Reid.

— Preciso muito disto. Preciso de música, Lexi. Preciso estar com você, aqui. Vamos ao brechó primeiro, jantar e depois encontrar um show, *qualquer* show.

— Ok, estou com você.

— Sei que está — respondi suspirando e indo rapidamente até ela, dando-lhe outro abraço.

— Está tão ruim assim?

— Não é engraçado. Parece que estou em um limbo aqui. Deixe-me tomar banho.

Lexi assentiu quando fechei a porta. Nem um minuto depois, escutei-a falar.

— Ei, sabia que sua irmã tem um vibrador *enorme* na gaveta de calcinhas?

Foi minha primeira risada do dia. Sorri. Eu tinha vinte anos.



We are Young – Fun ft. Janelle Monáe

GEMIDO. E MAIS GEMIDO. E VINHA DE MIM. MINHA CABEÇA ESTAVA MARTELANDO E, BABANDO E AINDA COM MÁSCARA DE CÍLIOS, tirei o rosto da almofada do sofá. O apartamento estava escuro, com exceção da luz baixa do poste da rua que entrava pelas duas persianas. Eu sabia que não fazia muito tempo que estava em casa. Remexi-me no sofá enquanto o que restara de meu cérebro inundado em álcool gritava de protesto. Ergui minha cabeça latejante e vi botas pretas no tapete. Erguendo os olhos, me encolhi quando vi olhos esmeralda me encarando com firmeza. Reid estava na poltrona da minha irmã, com uma cerveja na mão, o gesso apoiado no braço da poltrona. O ar-condicionado estava ligado, e agradei pelo ar frio que envolvia minha pele quente. Foi só então que percebi que minha saia estava erguida até a cintura. Minha bunda coberta por renda preta estava totalmente à mostra devido ao cobertor que eu tinha chutado para longe. Sentei-me confusa, o martelar aumentando conforme o sangue circulava.

— Lexi? — resmunguei.

Reid ergueu o queixo em direção à TV, onde Lexi estava imóvel no tapete ao lado da estante de madeira. Suspirei aliviada e olhei para o relógio no aparelho de DVD... quatro e meia da manhã.

Unindo as sobrancelhas, analisei Reid.

— O que está fazendo... — Antes de terminar a frase, me lembrei de tudo em cenas gigantes.

8 horas antes...

— É disso que estou falando! — declarei para Lexi, que andava ao meu lado pela calçada lotada.

Apesar de eu ter subido e decido a 6th Street inúmeras vezes desde que chegara a Austin, foi mais para encontrar um emprego, e não era a mesma coisa sem minha parceira de crime. O respeito e entusiasmo que Lexi nutria pela música eram semelhantes aos meus.

Embora ela gostasse principalmente de rock, e eu tivesse gosto mais eclético. Eu não discriminava, nem um pouco, e estava ficando cada vez mais difícil ser tendenciosa devido à quantidade de novos artistas que emergiram nos últimos anos e impossibilitaram que qualquer gênero musical predominasse. Não existia mais um gênero que dominava uma década, como o Disco dos anos 1970 e as bandas cabeludas dos anos 1980. E o barulho de metal pesado através de uma porta aberta de um bar chegando à rua cheia seguido do baixo regular de hip-hop a alguns passos dali confirmava isso. Era livre para todos, longe dos velhos tempos de ligar em uma rádio para votar na sua música preferida e ver qual ficava em primeiro lugar.

A diversidade da rua era praticamente a mesma. Era uma festa gigante de concreto com jovens, velhos, colorido e acinzentado. E, pela primeira vez desde que cheguei a Austin, me senti parte dela. A eletricidade me percorreu quando olhei para a fileira de edifícios com luz neon e passei por postes enormes cheios de propaganda. O sorriso de Lexi era amplo conforme ela olhava para mim com a mesma conclusão.

Ali era nosso lar. Nós duas sentimos.

— Vou encontrar um lugar para a gente logo. Juro.

— Vai mesmo — ela concordou enquanto andávamos pelo concreto, absorvendo a vista e os sons à nossa volta.

Um homem mais velho, com pele escura e antigos tambores de latão, batucava em um ritmo rápido ao nosso lado, perto de uma parte aberta da rua. Tinha dreads bagunçados e punhos enormes que seguravam bastões para batucar. Lexi e eu paramos para assistir ao show, junto com algumas outras pessoas, enquanto o homem apoiava metade de um pé em um banquinho velho e fazia seu melhor para impressionar o público. Ele nos ganhou facilmente ao fazer seu número e terminar com a batida nos pratos. Lexi deu cinco dólares a ele e nós continuamos, de braços dados pela rua, onde tínhamos certeza de que seríamos as primeiras a ver o próximo Jack White ou Chris Martin antes de eles tocarem diante de estádios lotados. Essa era a melhor parte de estar no caminho em que eu estava prestes a embarcar. Não havia escassez de talento, e havia muitos artistas não descobertos perdendo um pedaço de si mesmos diariamente para qualquer tipo de reconhecimento.

— É aqui que começa, Lex — anunciei antes de ela puxar meu braço e me colocar em uma fila.

Andando pela fila pequena, esperamos carimbarem nossa mão. Depois de entrar como Juanita Sanchez e Meadow Townsend, estávamos livres para ingerir álcool. Uma dupla de guitarristas tocava em um pequeno palco à nossa esquerda quando um bartender corpulento olhou nossas mãos antes de perguntar silenciosamente nossos pedidos.

— Duas doses de álcool de verdade e uma cerveja para cada — Lexi pediu. — Nada fraquinho. — O bartender lançou um olhar divertido para Lexi. — Algo que coloque uns pelos em nosso peito.

Ele saiu, assentindo levemente com o dinheiro de Lexi nas mãos.

Fitei-a enquanto ela observava o pequeno bar do qual eu ainda não sabia o nome quando a multidão ficou enlouquecida com um dos solos de abertura de guitarra mais famosos da história.

Peguei minha cerveja e assenti para a dupla sorridente quando eles enfim chamaram a atenção de todos.

— A música mais cantada nos bares dos Estados Unidos seguida de “Parabéns” — meio sussurrei, meio gritei para Lexi, que

olhou para mim com interesse.

— Sério? “Hotel California”?

— É.

— Você sempre gostou das coisas antigas.

Apontei para a multidão cantando.

— Não sou a única. E adoro a voz de Don Henley. Você sabe que ele é meu herói.

Ela enrugou o nariz.

— Acho que tudo bem. — Encostamos os copos quando ela propôs um brinde. — Um brinde à abelha que picou o búfalo e o fez copular, e um brinde a Adão que ficou com Eva e fodeu com o mundo inteiro.

— Amém! — Um cara soltou tossindo e rindo ao nosso lado antes de ir até o bar e pedir sua própria bebida.

Engoli o líquido marrom forte enquanto ela o olhou desconfiada e bebeu o próprio drinque.

— É Jameson.

Ela tossiu e engasgou quando o bartender riu à sua custa.

— Você queria um peito peludo — eu disse ao dar um gole grande na cerveja a fim de aliviar a queimação.

— Parabéns — ela gritou ao beber o resto e colocar nossos copos vazios no bar.

O cara que tinha ouvido nosso brinde se virou de lado com um sorriso. Tinha cabelo curto, loiro e enrolado, olhos azuis alegres e um sorriso sexy. Parecia embriagado quando nos pagou mais duas doses do que estávamos bebendo. Balancei a cabeça e Lexi me olhou com olhos arregalados. Nós tínhamos uns cem dólares juntas, e eu sabia que não era suficiente para pagar couvert e bebidas a noite toda. Cedi, bebendo outra dose do líquido âmbar, e então coloquei o copo de volta no bar com um rápido “obrigada”.

— Aonde vocês vão? — nosso amigo perguntou quando Lexi segurou meu braço a fim de me tirar do bar.

— Encontrar nossos namorados no fim da rua.

Ela inventou logo um namorado, o que respeitei, porque ficar amarrada tão cedo naquela noite estava longe de ser o que queríamos.

— Bom, ei, vou tocar no Emo's lá para meia-noite. Venham me ver.

— Sim, claro — Lexi mentiu quando ele se moveu para ficar diante dela, bloqueando sua saída rápida.

Os olhos do cara percorreram o rosto de Lexi, que o encarou, irritada. Dei um passo para trás, porque era ali que minha melhor amiga brilhava. Eles ficaram se encarando e percebi a confiança que ele emanava. Talvez ele não estivesse tão embriagado quanto fosse arrogante. Não importava, pois ele não tinha intenção de ser ignorado. Dei um sorrisinho com esse impasse, vendo os olhos de Lexi levemente interessados. Ela era a definição de fêmea alfa, o que eu considerava uma boa influência para mim. Ela queria abrir o próprio caminho como estilista, assim como eu queria ser jornalista. Nosso único interesse residia em viver aquele momento. Falávamos a mesma língua.

— Sou Ben.

— E eu não estou interessada. Nem. Um. Pouco. Interessada.

— Uau. — Ele deu risada e deu um passo gracioso para o lado.

— Você é meio assustadora. Mas a proposta continua de pé. — Pegou dois cartões de visita do bolso e entregou para Lexi.

Ela os olhou e os pegou de sua mão.

— Obrigada pela bebida.

— Por nada — ele se divertiu.

Na rua, ficamos empolgadas pulando de bar em bar, com nossa decisão pesando sobre pagar ou não o couvert. Em vez de ficar em um só lugar, entrávamos nos lugares que não tinham couvert e bebíamos mais uísque. Quando o relógio bateu meia-noite e meu aniversário chegou ao fim, estávamos apoiadas uma na outra e correndo sem destino.

— Para casa? — perguntei quando olhamos à nossa volta.

Havíamos saído de um bar para tomar ar, e foi como se nós duas percebêssemos, de repente, que não estávamos em Kansas. Lexi arregalou os olhos ao puxar os ingressos da calça.

— Vamos.

— Você nem gostou dele.

— E daí? É um show grátis.

Ela chamou um táxi e tirou do bolso o que sobrou de nosso dinheiro. Estávamos a apenas um quilômetro e meio e Lexi xingou ao entregar metade do nosso dinheiro para o motorista antes de ficarmos diante do bar. Por fora, parecia um teatro dos anos 1970. Havia um grupo fumando na frente. Com a visão embaçada pela nuvem de nicotina, vi o letreiro quadrado e amarelo que mostrava a atração principal da noite.

— Dead Sergeants e Billow? — Tossi. — Oh, aposto meus últimos cinco dólares que seu misterioso encaracolado é o Billow, certeza.

— Você sabe que não se pode julgar o livro pela capa.

— Ele é muito Billow — insisti, balançando nela. — Billow — cantarolei para provocá-la.

Continuamos falando com a voz arrastada de bêbadas até Lexi reconhecer o refrão e nós duas nos encararmos com olhos arregalados.

— Não pode ser.

“Float On”, de Modest Mouse, saía das caixas de som do bar, localizadas sobre o toldo de estanho vermelho. Nós duas esperamos a voz, que sempre subia ou descia o nível para a gente.

— Parece bom — eu disse a ela.

Ela assentiu.

— Muito bom.

— Vamos!

Puxei seu braço ao entregarmos nossos ingressos para o recepcionista, e a apressei para o meio do bar lotado. O ar tinha cheiro de suor e álcool. Meus olhos foram imediatamente atraídos para o homem cantando. E lá, no meio do palco, estava nosso estranho encaracolado executando perfeitamente a música para uma multidão de punhos erguidos.

— Porra — comentou Lexi, boquiaberta enquanto ele segurava o microfone como um profissional, seus tênis para ambos os lados do palco, inclinando-se com destreza na direção que ele decidisse seguir.

Levemente aturdida, assisti conforme ele guiava a multidão, e Lexi saiu de seu estupor e foi até o bar. Chamou a atenção de uma bartender baixinha.

— Quem está tocando agora?

— Dead Sergeants — ela respondeu e aguardou um pedido de bebida. Com má vontade, cutuquei-a para pedir. Lexi colocou os últimos dez dólares que tínhamos no balcão. — Dá para me dar duas doses de uísque por dez dólares?

A bartender guardou os dez e serviu duas doses caprichadas de uísque, dando uma piscadinha para Lexi.

— Obrigada!

Brindamos e começamos a acompanhar a banda. Eles eram exatamente a mistura boa de talento que eu estivera morrendo de vontade de encontrar desde que cheguei em Austin. Parecia que muitas de suas músicas eram originais, e não eram nada mal. Mas, enquanto eu me concentrava na música e no efeito que causavam nos fãs para meu primeiro artigo para dali a seis meses, Lexi se concentrava no homem que ela tinha dispensado horas antes como um ninguém, além da bebida grátis.

— Tudo bem — eu a consolei. — Ele poderia ter sido esquisitão.

— Mas não é. É um cantor gostoso pra caramba.

— Talvez não gostoso. Fofo. — Nem eu acreditava nessa besteira.

— Oh, olhe para ele! Quem você pensa que engana? — ela me repreendeu com um suspiro. — Não vou falar com ele. Não posso. Fui muito cretina — declarou, chateada. — Mas, Deus, só olhe para ele.

— É para você aprender — respondi, rindo. — Ele é talentoso mesmo. Um dos milhares nesta cidade, Lex, não se esqueça disso. Sempre terá outro cantor.

Ela se virou para mim, determinada.

— Tem razão. Agora vamos encontrar alguém mais bêbado do que a gente para nos pagar mais uma bebida.

Ela nos fez passar por algumas pessoas apoiadas no bar e puxou meu braço, então fui obrigada a me esquivar de uma perna saliente que poderia ter me feito cair de cara no chão. Atrapalhada, bati na perna e me vi caindo diretamente no colo de alguém. Algo duro e verde esbarrou em meu rosto, e olhei, reconhecendo um pouco, antes de me desculpar.

— Foi mal, cara, desculpe mesmo — ofereci, recusando contato visual antes de gritar para Lexi, que ainda estava tentando me puxar em sua direção. — Droga, Lexi, vá devagar!

— Desculpe!

Envolvidas pelo show, vimos cinco músicas do Dead Sergeants antes de eles pararem para um intervalo. Lexi conseguiu mais algumas doses de uísque para nós com sua lábia persuasiva. Eu estava quase desmaiando quando Usher começou a cantar “Yeah”. No ano de 2005, parecia uma regra entre as massas, inclusive eu: quando “Yeah” tocava, onde quer que fosse, o protocolo era enlouquecer. Algumas músicas tinham esse poder e, dentro de segundos, eu estava na pista de dança com Lexi, e dançamos como duas piriquetes bêbadas. Era tudo que eu queria que meu aniversário fosse. Até eu desmaiar.

Olhos castanho-esverdeados me analisavam conforme eu queimava a cabeça, em branco, para me lembrar da noite. De

alguma forma, eu sabia que o homem me encarando da poltrona tinha me salvado, e à minha melhor amiga, que roncava no chão.

— Desculpe. Pelo que quer que eu tenha feito. Por favor, não conte para Paige sobre ter que nos trazer para casa.

— Seus segredos estão seguros comigo — Reid disse quando nós dois nos levantamos ao mesmo tempo.

Puxei minha saia para baixo e desviei o olhar.

— Detesto essa sensação.

— Que sensação? — ele perguntou, sua voz grave penetrando a sala escura.

— A sensação de ter que me desculpar por uma noite dessa.

— Então, não se desculpe — declarou antes de dar um gole em sua cerveja e me entregar. — Parabéns.

— O quê? Nenhum sermão para a “irmãzinha”?

Reid parou na porta.

— Não há nada que eu possa te dizer, Stella. Nada que você já não saiba.

Foi a primeira vez que ele dissera meu nome, e uma chama percorreu meu corpo, apesar da dor de cabeça.

— Mas estou segura?

As palavras saíram assim que ele abriu a porta. A luz da varanda nos cegou temporariamente antes de ele ir embora sem me responder.



CAPÍTULO 9

21 Questions – 50 Cent ft. Nate Dogg

— LA MIGRA, LA MIGRA, ABAIXA! — GRITEI AO CORRER PARA A COZINHA DO BAR DOS PRATOS.

Dois dos cozinheiros rapidamente pararam o que estavam fazendo e correram para a porta de trás. Gargalhei até minha irmã me bater com força na testa.

— Caramba, Stella! — Ela saiu correndo atrás dos cozinheiros enquanto Reid ficou ao meu lado no balcão limpíssimo, pegando seu dinheiro e contando suas gorjetas.

Ele me olhou com uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

— Será que quero saber o que significa “La Migra”? — perguntou quando os cozinheiros reapareceram segundos depois e me chamaram de demônia e muitas outras palavras na minha língua.

— Ela disse que a polícia da fronteira estava aqui e pediu para abaixarem — Paige explicou ao virar e voltar para perto de mim. Seus lábios tremiam conforme ela tentava não rir. — Isso foi *muito errado*, Stella. Por que fez isso?

— Foi um esquema — respondi enquanto os cozinheiros me fuzilavam com os olhos detrás do balcão, fazendo Reid explodir em uma gargalhada.

Fui até a porta e lancei beijos individuais para eles antes de lembrá-los da conversa que eu ouvira mais cedo. Só um teve a decência de baixar os olhos.

— O que ela está dizendo agora? — Reid perguntou atrás de mim.

— Que ela se casaria com um deles se já não tivessem uma esposa no México e uma namorada aqui.

Virei-me e cruzei os braços.

— Mais cedo, eu os escutei se vangloriando sobre as mulheres deles. Falando também como minha bunda é dura, e nem queira saber o que falaram de você, irmã. E agora estão irritados. Por nada.

Sorrindo, Reid balançou a cabeça devagar enquanto Paige suspirava. Ela pegou uma tigela de chips de tortilla frescos da minha mão.

— Se o gerente escutasse, eles poderiam perder o emprego.

— Oh, tenho certeza de que o gerente sabe muito bem que eles estão aqui *ilegalmente* e que estão sendo roubados por hora por causa disso. Caia na real, Paige — respondi, pegando as garrafas de Chula e começando a limpá-las.

— Não acredito que concordei com você trabalhar aqui — ela murmurou ao passar pelas portas-balcão com uma bandeja na mão.

— Uma grande família feliz! — gritei para ela e dei uma piscadinha para Reid.

Ele tirou o avental e o dobrou algumas vezes antes de se juntar a mim para terminar nosso trabalho paralelo. Fazia uma semana que eu trabalhava no restaurante e, apesar de as gorjetas serem decentes, detestava.

— Essa sua boca vai te colocar em encrenca.

— *Au contraire, mon frère*. Eu e minha boca notória vamos ficar extremamente populares. A honestidade vai me levar a *todo lugar*, principalmente como jornalista.

Ignorei o cheiro do sabonete Irish Spring quando ele se inclinou para perto.

— A honestidade vai te trazer inimigos.

Dei de ombros.

— Não dou a mínima para isso. Mentir não ajuda *ninguém*, e é reportagem ruim. Se eu fizer um trabalho bom o bastante e arriscar meu pescoço, é melhor que esteja pronta para lidar com a repercussão.

— Então *isso* você leva a sério.

Com nosso ombro se tocando, enchemos os porta-guardanapos.

— Música, sempre. Tenho vinte anos. Minha educação, meu futuro, *isso* eu levo a sério. Este lugar? — Olhei para a cozinha e franzi o nariz. — Não mesmo. E por que deveria? Se quer saber, você, Neil e Paige estão presos demais nessa horrível bolha adulta. Aqui não é futuro para *nenhum* de vocês.

Parei para olhar para ele. Nossos olhares se encontraram.

— Para nenhum de nós.

— Bom saber. Agora você sabe prever o futuro? Me conte, qual é o meu? — Sua voz estava cheia de condescendência.

— Melhor do que está agora. — Esperei um segundo. — Você só está passando por um período difícil.

Ele endireitou as costas e estreitou os olhos.

— Você não sabe de *nada*. O mundo tromba em você bem forte, *irmãzinha*, e, em algum momento, vai cair de joelhos.

— Bem, eu aguento um soco.

— Bom para você.

Deixei meus olhos descerem por sua postura arrogante. De sua camiseta preta em V, jeans escuros e botas pretas. Senti o confronto irradiando dele. Estava cansado, amargo e irritado com o mundo. Como deveria estar. Vi um vislumbre de sua vida naquele apartamento. O sr. Crowne parecia ser o rei de nada. Podia sentir seu desespero enquanto ele permanecia ao meu lado, uma mão

cheia de gorjetas péssimas, apesar de sua expressão não demonstrar nada. Seus olhos sempre exibiam certa severidade, mesmo quando ele sorria.

— As coisas vão melhorar, Reid, acredite em mim. Ok?

Ele passou os dedos pelo cabelo bagunçado e curvou os lábios para mim.

— Claro, irmãzinha, qualquer coisa que disser.

— Só precisa ansiar por algo.

— Está bom, chega da conversa que não pedi e de que não preciso.

— Ah, que bom, então você sabe tudo também.

Seus olhos verde-claros pareceram brilhar mais, e suas narinas inflaram. Encarou meus lábios como se os desafiasse a ficarem imóveis. Sorri, apesar disso. Estávamos em um impasse silencioso quando Paige voltou para a cozinha e colocou a comanda ali.

— Acabei de pegar mais duas mesas. Vai demorar, no mínimo, uma hora. Por que vocês não saem um pouco?

— Vou encontrar os caras. Vejo vocês amanhã — Reid disse ao pegar seu avental e o dinheiro.

Paige se iluminou.

— Leve Stella. Ela iria adorar.

— O que eu iria adorar? — perguntei quando Reid olhou para nós duas.

— Uma outra vez — respondeu ele automaticamente ao passar pelas portas duplas.

Virei-me para Paige, confusa.

— O que eu iria adorar?

— Ele vai se encontrar com a banda dele.

Meus braços e minha nuca se arrepiaram.

— Que banda? Ele está mesmo em uma banda? Pensei que ele estivesse brincando. Por que não me contou?!

Paige olhou para mim com as sobrancelhas unidas.

— Ähhh, talvez porque vocês dois não se gostem?

Remexi nas minhas comandas e dei o dinheiro e os recibos na mão dela.

— Qual é o nome da banda?

— Dead Sergeants.

Meus olhos se arregalaram.

— Ele é o baterista, ou será de novo quando tirar aquele gesso. Espere, aonde você vai? Stella, não corra atrás dele!

Mas eu já estava saindo.



— Ei! — gritei para as costas de Reid. — Reid! — berrei na rua escurecida quando ele virou a esquina e saiu de vista.

Xingando, corri atrás dele, certa de que iria brigar de novo ou seria humilhada. Alcancei-o, e ele parou de andar quando segurei seu gesso e baixou o olhar para me fitar com impaciência.

— O que foi?

— Bom... — comecei com um pequeno sorriso, apagando a linha imaginária que tinha desenhado na areia entre nós com meus Chucks alaranjados bagunçados com a letra da Stone Temple Pilots — Posso ir junto?

— É ensaio. Não levamos irmãzinha da melhor amiga para o ensaio. Nem ninguém, para falar a verdade.

— Vou ficar quieta. Tão quieta que ninguém nem vai me notar.

Ele baixou a cabeça e a meneou devagar.

— Stella, você é como uma placa de neon berrante. Todo mundo te nota. E não. — Ele foi rápido em se soltar da minha mão diligente e deu longas passadas para tentar se afastar de mim.

— Por favor! — gritei para suas costas.

— Volte para Paige — ele gritou por cima do ombro.

— Por favor, Reid. Por favor! Eu preciso de alguma coisa para me empolgar.

Ele parou de andar, sua postura tensa sob a luz amarela do poste, e voltou a olhar para mim. Esforcei-me ao máximo para esconder meu sorriso de vitória. Estava suando em bicas e corri para alcançá-lo enquanto prendia meu cabelo em um rabo de cavalo antes de o sermão começar.

— Muda. Quero você muda. Vou te apresentar como muda.

— Entendi.

Viramos a esquina e, com um metro e sessenta e cinco, tive dificuldade de acompanhar enquanto ele mantinha seu ritmo regular de mais de um e oitenta e andava com prática pelas ruas.

— A banda é boa. Muito boa, Reid. Como vocês começaram?

— Ben costumava cantar em uma banda chamada Everly. Eu era de outra. Nos reunimos depois de um show em uma balada em que nós dois tocávamos. Nenhum de nós estava feliz, então mudamos.

— Mudaram. Gostei disso.

— É — respondeu, distraído. — Minha ex-namorada cantava na minha antiga banda, mas não trabalhávamos bem juntos.

— Oh? Você não gostava de tocar bateria para ela?

— Eu amava a voz dela, mas odiava seu estilo.

— Foi por isso que ela foi embora?

Ele afastou as mechas suadas e compridas do rosto antes de olhar para mim. Podia ver a indecisão. Ou ele não queria falar sobre ela ou não queria me contar. Bem, talvez fossem ambas as coisas.

— Não precisa me contar.

— Não, não foi por isso que ela foi embora. Isso foi há anos, quando ela e eu ficamos juntos. Ben e eu começamos a Sergeants há três anos. Ele era péssimo na guitarra e eu conhecia um cara. Depois de tocarmos algumas vezes, decidimos que dávamos certo e, então, nosso som saiu.

— Você sente falta dela?

Totalmente fora do assunto, mordi os lábios, sabendo que era melhor calar a boca ou nunca conseguiria voltar sozinha para o restaurante.

— Desculpe — pedi quando ele me olhou sério. — Desculpe.

— É melhor ir com calma nas perguntas pessoais se planeja trabalhar nisso.

— Tecnicamente — argumentei —, isto não é uma entrevista.

— Não, é a Inquisição Latina — ele disse, curvando os lábios.

— O que fez você começar a tocar?

— Eu batia em uma panela quando era pequeno, mas era bom nisso.

Ele saiu da calçada, e eu estava tão imersa nele, concentrada na história, que tropecei. Ele estendeu os braços para me segurar quando eu estava prestes a beijar o asfalto.

— Obrigada.

Ele se encolheu quando tirou o braço e segurou o gesso com a mão.

— Oh, merda. Desculpe.

— Ainda estou dolorido de te carregar bêbada para o táxi no seu aniversário. Você é como o Bambi aprendendo a andar, bêbada ou sóbria. Da próxima vez, vou te deixar cair.

— Meu herói rancoroso — suspirei para ele, dando dois passos a mais para acompanhar seu ritmo.

E, apesar de a rua escura recomendar que ficássemos assustadoramente quietos, eu não conseguia parar de fazer perguntas.

— Quem te deu sua primeira bateria?

— Eu tocava na escola.

— Na banda do colégio?

— É.

— Não consigo imaginar isso — comentei, rindo. — Uma banda nerd? Não você, Reid Crowne.

— Oh, sim, *eu*. Meus pais não podiam pagar uma bateria. Era o único jeito de eu aprender a tocar.

— Entendi.

— Eu amava. Marchar, competir. Tudo.

— Ok — respondi, pegando meu gloss de menta e passando —, agora está só tirando uma com a minha cara.

Seu olhar neutro confirmou. Reid era qualquer coisa, menos sociável. Só podia imaginar o quanto era difícil para ele participar de algo relacionado à escola. Na verdade, provavelmente era um pesadelo para ele, mas um sacrifício necessário.

Como se lesse minha mente, ele deu de ombros.

— Eu podia ensaiar o quanto quisesse. Fiz amizade com o diretor, o sr. Burris, então ia para lá todos os dias até ser expulso.

— Sabe, um de meus heróis tocava na banda do Ensino Médio e, depois, rodou bastante até chegar a ser reserva para Linda Ronstadt.

— Que carreira — comentou com as sobrancelhas unidas, como se tentasse entender minha lógica.

— Eu acho. Ele tocou com Glenn Frey até ambos saírem e decidirem apostar em si mesmos. Formaram uma pequena banda chamada Eagles.

Reid parou e olhou para mim.

— É, Don Henley — declarei, satisfeita. Adorei a surpresa em seus olhos. — Só um cara de nosso grande estado que jogava futebol e tocava trombone em uma banda de escola e que acabou escrevendo umas das melhores músicas da indústria. E aquela voz, nem vou começar a falar dela.

Tagarelei mais um pouco.

— Esse é o negócio a respeito da música: não subestime ser reserva. Você poderia ter o Don Henley tocando para você.

Reid parou de andar, os lábios se curvando em um pequeno sorriso que ele tentava esconder. Eu estava muito interessada no presente para lhe dar mais aula de história.

— Uau, então você era de uma banda nerd. Vai ter que agradecer o sr. Burris quando ficar famoso.

— Você nem me ouviu tocar — respondeu ao pegar um maço de cigarro do bolso.

— Ouvi sua banda. Eles não te manteriam se não fosse bom. Aposto que a formatura foi difícil para você.

A chama curta iluminou seu sorriso presunçoso antes de ele soprar uma nuvem de fumaça na minha direção.

— Eu transei com a rainha do baile em seu vestidinho azul antes de o rei ficar com ela.

Parei de andar e espantei o fedor.

— Ok, bleh. E uau.

— Fiquei bom em muitas coisas no Ensino Médio, irmãzinha. — Houve um rápido segundo de *alguma coisa* em seus olhos antes de desaparecer. — Principalmente ficar drogado — admitiu antes de jogar na rua o cigarro no qual tinha dado apenas algumas tragadas, esmagando-o com a bota.

Além dos ocasionais carros passando, estávamos sozinhos. E minha mente estava girando com perguntas.

— Me conte sobre seus pais.

— Tenho uma mãe e um pai.

— E?

— Você é horrível em captar sinais.

— Não, sou boa em ignorá-los.

— Eles moram em Nacogdoches.

— Você cresceu lá?

— Sim.

— Vamos, Reid, fale alguma coisa.

Outra esquina, outra rua vazia cheia de armazéns.

— Ambos são bêbados. Eu os vejo uma vez a cada dois meses.

Ofegante, acelerei de novo, minhas pernas queimando da corrida que estava fazendo.

— Sinto muito.

— Por que sentiria? Eles não estão mortos. São bêbados.

Dei de ombros.

— É por isso que sinto muito.

— Não sinta. Havia regalias em ser filho de David e Courtney Crowne. Sem hora de dormir, sem regras e sem punição. Nos dávamos bem.

Pressionei meus lábios em uma linha, porque não acreditava nele.

Minha mãe passou um ano se embebedando de White Russian depois de ter dado à luz meu irmão Pete. Ele nasceu sem respirar. Foi o pior dia de nossas vidas e todos os dias depois disso. Não tínhamos perdido apenas nosso irmão; também havíamos perdido nossa mãe, temendo que nunca a recuperaríamos. Eu chamei de Depressão Russa. A merda ficou real, bem rápido.

Ter um pai ou mãe alcoólatra era bem parecido com ter um pai ou mãe ausente. Meu pai a colocou na reabilitação quando decidiu que já era suficiente, e ela não colocara uma gota na boca desde então. Pareceu que ela voltou para nós um pouco mais reservada, um pouco menos descuidada. Também começou a tomar pílula anticoncepcional, o que era super-rejeitado pelos antigos católicos, e minha mãe era antiga católica. Mas ela venceu. E a respeitei para caramba por isso, embora ela não tenha saído mais forte da situação.

As palavras anteriores de Reid eram verdadeiras. Algumas pessoas conseguem aguentar muitos socos. Eu sabia que a vida não era curta e grossa como eu pensava, mas torcia para nunca cair de joelhos. E, se caísse, esperava ser forte o bastante para me recuperar.

— Sinto muito — repeti, o que pareceu colocá-lo na defensiva.

— Eles me deram comida, colocaram um teto sobre minha cabeça. Caramba, meu pai conseguiu manter o emprego por vinte anos tomando cinco copos de gim por dia. Isso é um feito.

— E sua mãe?

— Podemos parar com as perguntas?

— Claro que sim.

Cinco quarteirões depois, paramos na lateral de um dos armazéns e ele abriu uma caixa de metal perto de uma porta de um edifício pequeno e cinza. Lá dentro, o cheiro rançoso foi o primeiro a chegar ao meu nariz. Observei as telhas faltando no teto e o corredor cheio de lixo. Parecia uma casa para viciados. Ouvi os sons abafados do ensaio em cada cômodo, mas era silencioso o suficiente para conseguir ouvir os passos de Reid.

— Como essa pocilga se chama?

— Garagem.

— Armário seria um nome melhor.

— Muda, Stella.

— Sim, senhor. Então, qual é seu estilo? Falou que você e sua ex não combinavam. Quem te influenciou?

Ele parou em uma porta com “6” escrito com marcador permanente, depois olhou de volta para mim.

Cobri a boca e murmurei entre os dedos:

— Entendi.

Mal conseguia conter minha empolgação quando ele empurrou a porta com o ombro até ela ceder. Eu tinha assistido a dúzias de documentários de rock sobre bandas de garagem e visto inúmeras entrevistas sobre roqueiros que começaram a música em cômodos minúsculos exatamente como aquele em que entrei. Três pares de olhos se fixaram em nós quando fechamos a porta ao entrarmos. Um isolamento antigo de caixa de ovo foi rapidamente grudado nas

paredes e havia latas de cerveja por todo o lugar. Ben foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— O que você está fazendo aqui?

Ele se dirigiu diretamente a mim, e Reid não me defendeu.

— Me convidei.

Ben sorriu, e perguntei-me se ele se lembrava de mim, até que olhou por cima de meu ombro.

— Ela não veio com você?

Reid olhou para nós dois e franziu as sobrancelhas. Expliquei rapidamente conforme os dois outros caras se sentaram em um sofá vermelho de plástico, bebendo cerveja sem falar nada e me olhando com interesse. Dirigi-me a Reid primeiro.

— Nos conhecemos no bar na noite do show. Ele nos deu ingressos.

— Qual é, Crowne? — um dos caras perguntou do sofá.

— Ela está aqui só para assistir — ele respondeu em um tom que dizia que não iria discutir.

Reid Crowne tinha falado. Ainda assim, eu queria falar.

— *Ela* vai vender alguns artigos para *Austin Speak* daqui a uns meses. Posso falar de vocês em um deles, se todos concordarem.

Ben pareceu impressionado. Os olhos de Reid me diziam que ele não acreditava em uma palavra que eu estava dizendo. Os dois caras no sofá — um parecia uma versão gostosa do Salsicha do *Scooby-Doo*, e o outro um garoto-propaganda de uma revista de tatuagem, com vários piercings e alargadores — compartilharam um sorriso conspiratório.

— Ela não trabalha para o *Speak* — Reid informou enquanto ia até o sofá e pegava duas cervejas quentes da caixa.

— Eu tive uma entrevista com Nate Butler, o dono do *Speak*. Ele me deu seis meses para criar alguns artigos e vender.

Reid olhou de volta para mim com olhos acusatórios e, então, deu de ombros para os caras.

— Fique, baby, você é bem-vinda aqui — Ben disse ao vir até mim e jogar um braço em volta dos meus ombros.

Reid pressionou uma cerveja quente na minha barriga, oferecendo, antes de eu ser levada para o sofá por Ben. A claustrofobia me tomou quando percebi que não cabia mais nada naquele cômodo. O equipamento estava praticamente empilhado. Com apenas dois passos, eu estava sentada e quieta com uma cerveja quente e espumosa. Ben fez as apresentações enquanto Reid foi até a bateria e a analisou.

— Este é Rye — começou ele, apontando para o Salsicha. — E este é Adam.

— Ei — cumprimentei. — Stella Emerson.

— STELLA! — Rye exclamou. — Filme bom! Adoro Rocky.

Adam revirou os olhos e se dirigiu a mim.

— Ele é burro mesmo. Não se incomode em corrigi-lo. Ele fica indignado quando é burro.

Rye franziu a testa.

— O que foi, otário? O que falei de errado?

— Não falei? — ele perguntou, rindo. — Filme errado, babaca — Adam disse ao olhar para mim de um jeito que me avisava que eu era seu tipo. — É *Um Bode Chamado Desejo*.

— ãh? — Rye perguntou ao abrir outra cerveja.

— O filme — Reid respondeu pacientemente quando a expressão de Rye ficou confusa.

— Burro como Jessica Simpson quando achou que atum era um frango que vinha do mar, mas toca guitarra como uma alma antiga — Adam disse ao se mover para se levantar.

— O que vamos fazer hoje?

Ben jogou um caderno amarelo em um dos amplificadores e assentiu para Reid.

— Quer ver se conseguimos tocar essa? — Reid olhou para o caderno e assentiu antes de uma tentativa dolorosa de bater na

bateria. Só durou um minuto frustrante até ele pegar suas baquetas.

— Vai com calma, lembre-se disso — Adam avisou.

O único sinal de dor foi a rápida aparição do suor que delineou sua testa.

Ben se intrometeu.

— Não se apresse, cara. É daqui a umas semanas, e Jason falou que ele podia fazer os próximos shows.

Os olhos de Reid encontraram os meus brevemente. Talvez porque ele pensasse que eu fosse me intrometer, mas eu tinha parado de falar. Algo a respeito dele atrás daquela bateria barata tinha atizado minha curiosidade, e não apenas quanto à sua habilidade de baterista, mas quanto a ele. Eu tinha aquele gene idiota feminino que fazia músicos parecerem deuses, mas eu nunca tinha sido enganada totalmente. Eu tinha acabado de ser chamuscada. Estava segura por enquanto, mesmo com a total atenção de olhos cor de mel e os lábios carnudos e naturalmente vermelhos.

Ben nos observou enquanto nos encarávamos e se sentou ao meu lado. Ele cheirava a floresta, e eu o achei adorável de perto. Tinha aquela aparência de cara legal com seu cabelo encaracolado curto e lindos olhos azuis da cor do mar, mas eu sabia que ele era o tipo corruptor de cara legal. O tipo que te abandonaria no armário de uma igreja subindo a calcinha, pensando no que tinha acontecido.

Lexi estava ferrada. Eu sabia que ela se apaixonaria por ele. Soube naquele segundo.

— Então, cadê sua amiga?

— Lexi.

— Ela não me falou o nome.

— Porque é esperta. Ela não é um jogo que você quer jogar.

Reid pegou o caderno e começou a ler a partitura conforme Ben se virou para me encarar, totalmente envolvido.

— Vou fazer o que ela quiser fazer.

— Ela preferiria ver você cantar — admiti com sinceridade. — Mas vou dar o recado a ela.

— O que acha de *eu* dar o recado? — perguntou com gentileza.

— Nada disso.

Ele deu risada ao pegar a cerveja quente da minha mão e engolir tudo. Então, pegou outra lata e entregou para mim.

— O que acharam?

— Como sabe que fomos?

— Eu a vi no minuto em que entrou.

Algo nessa declaração me acertou no peito.

— Awwwww. — Não veio de mim. Veio de Adam. — Vou fazer amor com você.

— Vai? — Ben perguntou com sua melhor voz feminina. — Podemos dormir de conchinha depois?

— Podemos fazer alguma coisa além de conversar? Estou perdendo o UFC — o Salsicha Rye disse ao pegar sua guitarra e começar a dedilhar acordes como se Jimmy Hendrix estivesse ali.

Quase cuspi minha cerveja.

— Puta merda.

Adam e Ben olharam para mim com sorrisos de orelha a orelha.

— Burro, mas brilhante. Não sabe amarrar os sapatos, mas sabe mexer nas cordas.

Observei Rye começar a tocar o que parecia um aquecimento.

Olhei para Reid quando Ben pegou uma mecha de meu rabo de cavalo e esfregou entre os dedos.

— Você sabe que ele é um babaca, certo?

— Sei muito bem e não tenho nenhum interesse.

— Bom para você. Ele é um pessimista de primeira. Quer ser um cara bom, mas cuidado com ele. É misterioso, baby, e quem é assim não é gentil com o coração das mulheres.

Revirei os olhos.

— E você é?

— Eu sou oportunista — ele respondeu com um sorriso arrebatador. — Mas posso ser domado.

— Tem certeza disso?

— Ela estava usando um corpete azul, minissaia e brincos grandes. Juro para você que não enxergava ninguém além dela.

— Precisa fazer melhor do que isso para conseguir o número dela.

— Eu a acho linda. E sei que é durona. E estou disposto a aguentar para fazê-la sorrir.

Suspirei e ergui a mão.

— Me dê seu celular.

Ben o colocou na minha mão e, segundos depois de eu ter adicionado o número, Rye mudou drasticamente sua velocidade e nos deixou todos concentrados nele.

— Ele não é o único prodígio — Ben sussurrou. — Algumas bandas têm bastante sorte em terem dois.

— Como você é modesto — comentei, revirando os olhos.

Ben balançou a cabeça.

— Eu tenho uma voz, então posso ser um guitarrista de merda, mas não estou falando de mim.

Ele assentiu para Reid quando Rye atingiu uma nota que fez todos nós gritarmos para ele, encorajando-o. Desesperada para escrever meus pensamentos, olhei em volta e vi que Reid tinha as únicas ferramentas de que eu precisava.

— Ei, misterioso, pode me emprestar um bloquinho e uma caneta?

Claramente não gostando do apelido, ele os jogou em minha direção. Dez minutos depois, eu estava totalmente hipnotizada pelo talento presente na sala seis da Garagem. Reid se sentou ao meu lado enquanto os três tocavam para nós dois uma mistura de originais da Dead Sergeants e músicas cover. Com apenas duas

guitarras e a voz de Ben, eu estava acabando com a tinta da caneta com opinião imparcial. Fiquei encantada pela voz de Ben. Era pura tentação. Ele era o cantor perfeito de uma banda imbatível. Mas, mesmo com o som incrível vindo da guitarra ousada de Rye, do baixo de Adam e da perfeição gutural da voz de Ben, eu sabia que faltava alguma coisa. E o que faltava estava sentado ao meu lado. Ajeitei-me no sofá de plástico e perdi totalmente a noção do tempo. Olhei para Reid, que os estava assistindo pensativo, fazendo notas mentais. Eu estava sorrindo quando ele olhou para mim. Buscou a sinceridade e encontrou. Lentamente, ele a retornou e, pela primeira vez, finalmente alcançou seus olhos. O cômodo se encheu de ar fresco quando ele sorriu naquele sofá desbotado na sala seis. Aquele sorriso dizia tudo. Era na música que estava a felicidade de Reid Crowne, e aquele sorriso me dizia que ele já tinha encontrado algo para se empolgar.



DING! DING! DING! DING! DING! O ALARME DE TANQUE VAZIO

SOOU PELO CARRO, E PULEI EM MEU BANCO, FOCANDO NOVAMENTE os olhos na estrada diante de mim. Olhei para o odômetro e vi que estava a quatrocentos e oitenta quilômetros da cidade e nem tinha percebido que o sol havia se posto. Ansiosa e sem saber onde estava, vi uma placa na estrada que me levou a um posto de gasolina alguns quilômetros depois. Em transe enquanto abastecia o carro, senti o coração martelar com as lembranças distantes enquanto eu encarava o visor digital da bomba de combustível. Fui fazer xixi rapidamente no banheiro sujo e resolvi entreter a dor em meu estômago. No corredor de comida da loja de conveniência, peguei várias porcarias das prateleiras enquanto a rádio on-line tocava pela loja.

— Claro — bufei antes de baixar a cabeça, filtrando a letra que balançava meu peito. — E os sucessos simplesmente continuam lançando. Qual é seu problema, vida? — resmunguei ao pegar meu celular da mochila e rolar as mensagens, procurando por uma única.

Estou orgulhoso pra caralho de você. Venha logo. Não acredito que não me contou. Te vejo daqui a pouco.

Apesar da minha falta de equilíbrio, eu sorri. Meu peito doeu quando comecei a digitar a resposta. E a culpa bateu. O tipo de culpa que te avisa que está agindo insanamente. Com um braço cheio de porcaria, reajustei minha mochila e escolhi as palavras com cuidado.

Estou dirigindo para casa. Perdi meu voo e resolvi dar uma volta da vitória. Chegarei em casa amanhã.

Como assim, querida? Não podia pegar outro? É muito longe para dirigir.

Eu quero dirigir. Chegarei em casa amanhã.

O que está acontecendo?

Nada.

Me ligue agora mesmo.

Só me deixe ter esse tempo. Me deixe dirigir.

Os pontos apareceram, depois desapareceram. Ele estava bravo, e eu sabia, mas não podia conversar com ele. Não queria sentir a acusação em sua voz. Ele me conhecia bem demais. Mais pontos nervosos. Finalmente, ele resolveu ser simples, porque esse era seu estilo, a menos que estivéssemos cara a cara.

Cuidado. Te amo.

Ele estava magoado. Senti daquela distância. A coisa toda era ridícula. Eu podia deixar o carro no aeroporto mais próximo e estar em seus braços em algumas horas. Ainda tinha tempo. Andei pelo posto com pipoca, um pickles azedo, bifinhos e minha sacola essencial de donuts. Às vezes, eu não tinha vergonha quando se tratava de afogar as mágoas na comida, e ignorei os olhos xeretas do caixa que colocou tudo na sacola.

De volta ao carro, escrevi uma mensagem rápida.

Também te amo. Não se preocupe.

Conectei meu celular e atualizei a direção antes de abrir minha *playlist* e apertar play.



Never Say Never – The Fray

2005

— AHHHH HÁ! — exclamei ao pular do armário da minha irmã, onde estava minha camiseta dos Rolling Stones. Paige me lançou um olhar culpado.

— Neil gosta deles.

— Metade da população do mundo gosta deles, compre a sua.
— Vesti a camiseta e peguei o prato do balcão.

— Então quer me contar por que está levando café da manhã para ele?

— Porque a mamãe nos ensinou a não desperdiçar comida.

Paige revirou os olhos.

— Ontem você o detestava.

— Hoje vou dar comida para ele. Já volto.

O condomínio dela era enorme, composto por, no mínimo, doze prédios, e a porta de Reid era longe demais para levar um prato quente com uma dose saudável de ovos recém-cozidos, batatas em cubos e pimenta. Mesmo no sol da manhã, me arrependi de estar usando camiseta preta.

Demorou três excruciantes minutos batendo na porta para ele abrir. Quando abriu, meu ar foi roubado pela versão confusa de Reid Crowne.

Porra.

Era a segunda vez que o via de cueca boxer. Reid olhou o prato e, então, minha camiseta dos Stones com o símbolo de lábios vermelhos com língua para fora, o que era irônico porque, naquele instante, aquela língua representava meu estado mental. Eu estava babando como uma adolescente excitada.

Não, Stella, não.

— Bom dia — cantarolei ao passar por debaixo de seu braço e ir até sua cozinha. — Hoje estamos servindo ovos e *papas*.

— Stella, você precisa ir.

— Que grosseria! Cozinhei por meia hora para providenciar esse café da manhã arrasador para você.

Reid cruzou os braços.

— Eu agradeço, de verdade, mas não estou sozinho.

Senti a facada em meu peito e ignorei. Não estava interessada em Reid Crowne, só no que ele podia fazer por mim.

Mentirosa.

— Ela está lavando o corpo? — perguntei enquanto ouvia a água corrente.

— Importa? Fora. — Ele foi até a porta.

Dei a volta nele e fiquei à sua frente.

— Ok, então preciso que me deixe a começar a sair com você. Preciso que me mostre mais as coisas, me apresente a donos de baladas quando vocês fizerem shows, ok? Vou retornar o favor com favores.

Reid abriu a porta atrás de mim, e eu a fechei com minha bunda no shorts jeans.

Suas narinas inflaram.

— Isto não é legal. Não quero que ela veja você.

— Vou sair em quinze segundos. Só diga que sim.

— Não — negou ao segurar meu braço e me puxar para perto a fim de poder abrir a porta. Com nossa respiração se misturando e seus dedos em minha pele, vi um brilho em seus olhos. Não consegui identificar.

— Reid, quem está aqui?

Inclinei a cabeça para ver a garota da foto ao lado de seu colchão em carne e osso. Só que aquela garota tinha uma cicatriz nova e irregular atravessando a testa.

— Oi, sou Stella. — Acenei, estranha. — Estava só trazendo café da manhã para ele. Ordens de Paige.

— Sou Lia, e você é a irmãzinha.

Eu estava começando a detestar o título. Mas qual irmãzinha não odiava?

— Sou eu.

— Reid, solte-a e saia do caminho.

Ele me soltou, e eu fui até a cozinha para ter uma visão melhor. Ela estava usando uma das camisetas dele, e eu não tinha dúvida de que estava sem calcinha, mas estava bem coberta.

Seu cabelo comprido e loiro estava lambido para trás e molhado, e ela não estava usando maquiagem. Mas seus grandes olhos azuis brilhavam e sua cor era perfeita. Ela era a loira quintessencial, porém tinha algo em sua beleza. Linda em sua simplicidade com traços mais fortes, olhos maiores. Cílios longos e pretos batiam sobre suas faces conforme ela descobria minha comida e pegava um garfo da gaveta ao lado do fogão de Reid.

Em um segundo, eu não queria conhecê-la, e não queria que ela comesse os ovos de Reid. Não a queria em seu apartamento. E não queria pensar no porquê.

— Humm — ela elogiou. — Graças a Deus, estou faminta. — Abriu um sorriso sincero, depois gesticulou para eu seguir em frente,

como se estivesse em um tribunal. — Então, me conte sobre você.

Dei de ombros.

— Não tem nada para contar. No outono, vou para a universidade estudar Jornalismo. Acabei de começar a trabalhar no Bar dos Pratos com este cara aqui. — Reid permaneceu no corredor, totalmente sem saber o que fazer com duas mulheres tagarelando em sua cozinha. Ele foi para o quarto e nos deixou sozinhas.

— Bar dos Pratos. — Ela deu risada. — É isso que significa?

— É — respondi, forçando um sorriso falso. Senti minha determinação de me aproveitar da fraqueza de Reid conforme a observava.

— Uau, que bando de idiotas — ela murmurou de boca cheia. — Então, sobre o que vai escrever?

— Música. Essa comida é meio que um suborno para fazer Reid me levar para os lugares e me apresentar a pessoas.

Ele apareceu um segundo depois, vestido em seu costumeiro jeans e camiseta. Seus olhos encontraram os meus.

— Vai precisar de mais do que ovos para eu ser babá.

Lia revirou os olhos.

— Pare de ser babaca. Que mal faria mostrar tudo a ela? Você conhece *todo mundo* na cidade.

— Sou meio que um pé no saco — admiti e abri um sorriso na direção de Reid.

Ele sorriu de volta e, por um segundo e pela primeira vez desde que o conhecera, o sorriso chegou aos seus olhos.

— Não vou discordar.

Lia nos encarou e seu sorriso sumiu lentamente. Vi seu pescoço ficar vermelho e, então, sua hesitação logo antes de dar outra grande mordida no café da manhã de Reid.

Por que ela estava ali? E por que ele a deixaria entrar? Ela não o tinha magoado? Minha irmã falou que ela o abandonara. Ficou óbvio

que ela estivera no acidente com ele. Dava para ver nos olhos de Reid quando ele olhava para ela, e a sensação de culpa quando seus olhos paravam na cicatriz rosada em sua testa. Naquele momento, senti que eu era uma intrusa. E, no momento seguinte, me senti enjoada. Meu peito queimava ao pensar nele tocando-a, beijando-a.

— Vou indo.

— Fique — ela disse com cautela ao afastar o prato. — Eu vou. Foi um prazer te conhecer, e obrigada pelo café da manhã.

— Por nada.

Reid franziu o cenho quando ela pegou suas roupas ao lado do colchão e foi até o quarto antes de bater a porta.

— Desculpe. Só vou embora. Não queria fazer o quer que... tenha feito.

Sem falar nada, ele a seguiu e fechou a porta.

Paralisada e desconfortável pela reviravolta drástica de acontecimentos, ouvi o início de uma discussão que rapidamente se elevou.

— O que estou fazendo aqui? — Lia gritou quando trabalhei rápido para cobrir o prato e colocá-lo na geladeira vazia.

Não ouvi a resposta de Reid e não entendi por que ela estava chateada. Mas, um segundo depois, ela deixou totalmente claro.

— Tem uma queda pela irmã de Paige, babaca? Então, de novo, por que me ligou?

Ouvi sua voz grossa, mas ele respondeu baixo.

— Eu vi, Reid. Vi o jeito que acabou de olhar para ela. E transou comigo ontem à noite como se me odiasse! Não sou idiota!

Com o peito martelando devido ao drama acontecendo, diminuí a velocidade de meus passos e me esforcei para ouvir as palavras dele.

Mas foi a voz de Lia que ecoou pelo apartamento vazio.

— Eu sou ridícula? Você é ridículo! Estamos fazendo isto por quatro anos! Este relacionamento é um circo. Fui uma idiota por pensar que você havia tido uma grande epifania. Falei para não me ligar até estar falando sério. Então agora o que eu sou? A porra de uma estepe? Um pedaço de bunda para você se aliviar? Não vou deixar você me reduzir a isso.

Ouvi mais murmúrios e meu coração começou a bater forte. Algo dentro de mim começou a torcer para haver verdade nas palavras dela. Quatro anos? Ela o conhecia muito bem. Fui até a porta da frente na ponta dos pés, esperando mais, e fui recompensada assim que a abri.

— Cansei. Cansei de você.

A porta do quarto se abriu quando fechei a porta da frente. Desci a escada correndo e me escondi na lateral do prédio assim que Lia saiu, soltando fogo.

— Quer parar?! — Finalmente ouvi Reid dizer com estabilidade ao tentar convencê-la. — Não sinto nada por Stella.

— Não consegue mentir para mim. E você sabe que não se trata dela. Só... — Ela parou no degrau inferior e se virou para encará-lo. — Eu realmente te amava, sabe. Demos errado em algum lugar, mas precisamos esquecer. Não ficar voltando mais. Não posso mais ser seu consolo, Reid.

Ele se moveu para alcançá-la no degrau inferior. Levou a mão ao rosto de Lia, se inclinou e sussurrou para ela. Lia arfou e baixou a cabeça.

— Aqui. Vamos terminar aqui antes que eu comece a realmente te odiar.

Não consegui ver as lágrimas dela, mas sabia que estavam lá.

— Não consigo acreditar que é o fim — ela disse com voz sufocada. — Mas tem que ser.

Fiquei mesmo com pena dela naquele instante. Mas, de maneira egoísta, torcia para que ela estivesse falando sério.

Que droga, Reid e seus sussurros. Ele falou rapidamente e ela assentiu antes de jogar os braços em volta dele e abraçá-lo com força. Ficaram ali por um minuto, talvez dois, antes de ela sair correndo para seu carro. Reid a observou sair, depois subiu os degraus devagar e desapareceu de novo em seu apartamento.



Ready or Not – Fugees

ALGUNS DIAS DEPOIS, SOZINHA NO SOFÁ DA MINHA IRMÃ, COLOQUEI FUGEES ENQUANTO TENTAVA IGNORAR A IMAGEM REPETITIVA dos lábios carnudos de Reid e peito nu quando ele abriu a porta. Encarei meu cursor piscando e fechei os olhos, tentando escapar do calor circulante que tinha tudo a ver com um par de olhos cor de mel.

Eu sentia atração por ele. *Grande coisa*. Poderia superar isso. Precisava me concentrar em guardar dinheiro e escrever para o *Speak*. Estava em uma missão e não precisava acreditar na suposição de Lia. Reid era o último homem em que eu deveria pensar. Mas não estava apenas pensando. Tinha passado desse ponto e se transformado em sonhando acordada. Se eu não tomasse cuidado, seria fixo. E, da última vez que fiz isso, perdi dois meses da minha vida com Dylan.

Eu não tinha mais *crushes*. Eles eram para adolescentes, e eu tinha ganhado meu distintivo de vinte anos. E, apesar de meu comportamento recente e postura de adulta, sabia que era hora de crescer um pouco. Tinha um monte de trabalho e longos passos para chegar ao local em que precisava estar.

Meu celular apitou, mas ignorei. Eu tinha horas até Paige e Neil chegarem em casa. Eu pegara turnos duplos na última semana. Era

meu único dia para escrever e, ainda assim, não consegui escrever uma única frase devido aos incessantes sonhos acordada. Não sabia o suficiente sobre Reid Crowne, além do fato de que ele cresceu com pais horríveis, que seu único amor era sua música e que, recentemente, ficou solteiro.

Mesmo assim, a imagem de seu corpo gostoso queimava uma trilha quente por meus pensamentos e me aquecia a ponto da frustração. Meu celular apitou de novo, e eu o peguei. Fiquei boquiaberta ao ler as duas primeiras mensagens.

Dylan: Ei, linda. Pode falar?
Estou em Austin. Vou tocar no The Snake Lounge e quero muito te ver.

Pulei do sofá e falei com meu celular.

— Ah, não mesmo!

Andando de um lado para outro enquanto escrevia e apagava várias mensagens, pensei melhor e mandei mensagem para minha juíza.

Eu: Dylan mandou mensagem. Ele vai tocar em Austin esta noite.

Lexi: Não vou falar com você.

Zangada por segundos, dei risada quando me lembrei por que ela não falaria comigo. Dei seu número para Ben. As coisas deviam estar indo bem, porque ela gostava dele.

EU: Não pode ficar brava comigo por causa disso. Ele é perfeito para você. Vai ver.

Lexi: Ele é um verdadeiro poeta. Fui sarcástica, aliás. Agora vou para aí na próxima semana para ver o show dele. Fui seduzida.

Eu: Estou vendo que está bem brava.

Lexi: Brava demais. :O)

Eu: Podemos falar sobre Dylan?

Lexi: Nada para falar. Mande ele se foder. Além do mais, você tem uma queda por Reid.

Eu: Não tenho uma queda por Reid.

Lexi: É comigo que está falando.

Eu: Ele é gostoso. Não significa que tenha uma queda. E ele é totalmente rabugento.

Lexi: Perfeito para você.

Eu: Pode vir para cá?

Lexi: Não posso. Estou assistindo o superesperma.

Eu: Eu vou ao show.

Lexi: Deveria ir, dar falsa esperança a ele e depois um chute no saco. Remédio forte.

Eu: Bom falar com você.

Lexi: Sou sua amiga. Depois me conte como foi. Ben. Eu gosto dele.

Eu sabia que tinha tomado a decisão certa dando o número dela para ele.

Eu: Eu também. Ele é bem incrível e muito talentoso. Com aquela voz, vai longe.

Lexi: Não acredito que Reid é o baterista. Que coincidência.

Eu: Não é?

Lexi: Preciso ir. Me mande mensagem amanhã. Quero saber tudo.

Eu: Vou mandar.

Lexi: Não transe com ele.

Eu: Com qual deles?

Lexi: Com nenhum.

Eu: Não vou.

Uma hora depois, respondi a mensagem de Dylan, avisando que estaria no show dele. Escolhi um vestido preto que destacava cada curva minha e passei horas me embonecendo, depilando, esticando meu cabelo bagunçado e aplicando sombra carregada e batom. Quando Paige e Neil chegaram em casa, eu estava cheia de adrenalina. Eu tinha bastante sorte de ter a chance de dar um fora ao vivo em Dylan. Não iria perder a oportunidade. Ele merecia. Dois meses namorando uma estrela rock são como dez anos. Eu queria um divórcio justo e apropriado. Paige entrou com o melhor humor, com as mãos cheias de sacos de papel e com o gostoso do Neil atrás.

— Ei — ela disse e seus olhos se arregalaram. — Deus, você está muito bonita!

— Obrigada — agradei, pegando um saco do mercado de sua mão. Erguendo meu queixo para Neil. — E aí, Neil?

— Mulherzinha — ele disse com um sorriso. — Para que está toda arrumada?

Meus olhos foram para Paige.

— Então, Dylan mandou mensagem.

Paige abriu a boca, e eu a tampei com a mão.

— Ei, eu te amo. Fique quieta. Só vou lá para dar um fora nele.

Ela me lançou um olhar de desafio e tirei a mão devagar de sua boca.

— Juro, Paige. Mas preciso...

— Pegar meu carro emprestado? — ela perguntou, inexpressiva.
— Não.

— Pegue o meu — Neil disse, jogando as chaves no balcão e balançando as sobrancelhas. — Dê uma dura nele.

— O quê? Não! — Paige protestou.

Neil a abraçou e beijou sua bochecha.

— Dê uma chance a ela, Paige.

— É, *Paige*, dê uma chance a ela — imitei e Neil sorriu e enterrou a cabeça no pescoço dela.

Ela se encolheu com um sorriso e virou o rosto para encontrar seus lábios.

— Volto antes da meia-noite e não vou beber. Juro — garanti para minha irmã castigada, aproveitando-me totalmente da situação.

— Certo — ela respondeu, suspirando. — Só tome cuidado, ok?

— Juro — prometi antes de gesticular um “obrigada” para Neil.

Na última semana, Neil e eu havíamos nos conhecido melhor. Acabou que ele era meio nerd da tecnologia. Ficamos até tarde certa noite conversando sobre música — o estilo preferido dele era country — e toda a mais recente tecnologia enquanto Paige roncava no sofá. Ele jurou que nos próximos dez anos a transmissão de

vídeo iria superar a mídia convencional. Era um cara legal, o namorado escolhido por minha irmã, e eu tinha que admitir, depois de conversar por horas com ele, que eu tinha meio que uma queda pela personalidade do cara. Nossos pensamentos eram afins no que dizia respeito à Paige, e sabia que ele amava minha irmã pela forma que falava sempre dela, com “Paige pensa isso” e “Paige gosta daquilo”. Confortava-me bastante saber que ele se importava assim com ela. Também me deu o bom senso para perceber que eu não tinha nada parecido com Dylan.

E ele estava prestes a receber na mesma moeda.

Com Neil e Paige na cozinha fazendo o jantar juntos, peguei minhas chaves e saí. Eu estava na base da escada quando ouvi meu nome.

— Stella?

Virei-me e vi Reid me encarando boquiaberto. Sua testa estava coberta de suor e ele passou os dedos pelo cabelo. Eu já estava começando a me derreter, e isso se intensificou sob o peso de seu olhar. Olhos castanho-esverdeados analisaram meu rosto antes de caírem para estudar meu corpo. Deixei que ele se alimentasse e, na verdade, fiquei feliz por ele ter me encontrado toda arrumada com algum lugar para ir.

— Eu não subiria se fosse você — avisei, assentindo por cima do ombro. — Está acontecendo meio que uma festa de amor. As coisas vão ficar quentes! — Balancei as sobrancelhas, rindo, enquanto seu olhar parou em meus lábios.

— E o que você vai fazer?

— Doce vingança, meu amigo — eu disse baixinho. — Te vejo amanhã no trabalho.

Passei por ele e fui pega pelo braço. Seus dedos cálidos queimaram minha pele, e eu os encarei até ele me soltar.

— Olha, ah. Na verdade, ia pedir uma carona. Vai para o centro?

— Vou, meu ex tem um show.

Os lábios de Reid se curvaram em um sorriso sábio.

— Vingança, hein? O que ele fez?

Pensei nos meses em que passara com Dylan e falei a verdade.

— Ele me esqueceu.

— Ele não vai mais cometer esse erro — Reid declarou ao assentir para meu vestido.

— Somos legais um com o outro agora? — perguntei antes de bater os cílios.

— Podemos tentar. — Ele sorriu e meu pulso acelerou.

— Então, o que acha de uma carona?

— Não posso te trazer de volta.

Ele deu de ombros.

— Beleza. Vou encontrar um jeito.

— Vamos.

Na S-10 de Neil, Reid me falou o caminho para o centro, e franzi as sobrancelhas quando paramos em um posto de gasolina.

— Era aqui que você precisava chegar?

Ele assentiu antes de pegar um envelope de dinheiro do bolso. Curiosa, menti que estava com sede e saí com ele. Lá dentro, ele foi diretamente para o atendente, pegou um formulário da MoneyGram e começou a preencher.

Pegando um refrigerante da geladeira, fiquei na fila atrás dele e olhei por cima de seu ombro. Vi que ele escreveu o endereço de Courtney Crowne, sua mãe. Ia enviar quinhentos dólares para ela.

Assim que paguei minha bebida e estávamos de volta na caminhonete, não consegui evitar perguntar.

— Tudo bem em casa?

— Sim.

— Certeza? — perguntei em um tom tranquilo. — Porque era bastante dinheiro.

Sua mandíbula ficou tensa e seus olhos esfriaram.

— Uau, você precisa mesmo praticar a arte da sutileza.

— Para que é o dinheiro, Reid?

Ele olhou diretamente para mim.

— Não é da sua conta, Stella — ele soltou.

Ainda pensativa, parei de novo a caminhonete e me virei para ele.

— Ok, bom, eu não sou de me intro...

— Me permita falar que isso é mentira — ele disse, parando de me fitar para olhar para fora pela janela.

— Ok, talvez eu me importe pelo fato de você não conseguir pagar o aluguel e nunca ter nada para comer e ter acabado de enviar duas semanas de gorjeta para sua mãe alcoólatra!

— Ela precisa — respondeu ele simplesmente, os olhos ainda fixos no tráfego humano do lado de fora.

Liguei o ar-condicionado quando o calor preencheu a cabine.

— Para quê? Para que ela precisa? Para comprar mais bebida?

— Ei — ele disse ao virar a cabeça na minha direção. — Relaxe. Esta não é uma conversa que vai ter comigo. Entenda a porra da deixa.

Ele tinha razão. Cem por cento. E não significava nada.

— Que porra, Reid? Ela sabe que você está passando dificuldade e mal consegue segurar uma bandeja no trabalho por causa do braço quebrado? Ela sabe que você não tem móveis na sua casa e dorme no sofá no *chão*?

Seu orgulho tomou a frente e ele me lançou um olhar desafiador.

— De novo. Não é da sua conta, Stella. Posso cuidar de mim mesmo. Por que se importa?

— Acabei de te falar, me importo. E sei o que me contou sobre eles. Então, agora, estou me perguntando por que você está aqui definhando naquele apartamento para sustentar seus pais parasitas!

— É para a porra da insulina do meu pai, ok? Ele vai morrer sem ela. Eles não têm convênio e é caro pra cacete. Ela está

trabalhando e não consegue pagar sozinha, tá bom? É questão de vida ou morte, Stella. Se não receber o remédio, ele morre!

Encolhi-me no banco e olhei para ele. Ele estava furioso, o peito subindo e descendo ao cerrar os punhos.

— Desculpe, Reid. Desculpe mesmo.

— Tudo bem, que seja — retrucou, abrindo a porta da caminhonete.

Segurei-o pelo cós de seus jeans e o puxei de volta. Desesperada para fazer as pazes com ele, lutei contra as palavras enquanto ele me encarava como se eu tivesse duas cabeças. De repente, sem saber como consertar, puxei-o para mim no abraço mais bizarro de todos, e ele congelou com o contato. Com o corpo virado, envolvi os braços nele e ele soprou meu cabelo de seu rosto.

— O que está fazendo? — perguntou com a boca cheia de cabelo.

— Te abraçando — respondi em seu pescoço. Irish Spring entrou em meu nariz e me inundou com o calor com que estava me acostumando, e havia começado a desejar. — Desculpe. Sinto muito, muito *mesmo*.

Demorou alguns segundos, porém, enfim, senti seus braços circularem minha cintura, seu gesso em minhas costas. Envolvida em seu abraço, seu peito se moveu contra minha face.

— Deus, você é doida — ele disse, rindo, ao me deixar abraçá-lo.

— Eu sei.

— Você é uma granada — sussurrou em minha têmpora.

— Eu sei.

— Está tudo bem, Stella — ele disse baixinho ao passar os dedos em meu cabelo. Eu tinha certeza de que ele estava fazendo isso por instinto, e meu pensamento inicial se provou positivo quando ele se fez parar. — Está tudo bem, Stella. É só como as coisas são. Esta é minha vida.

— Sua vida é uma droga.

Ele riu alto quando me afastei e vi que estávamos sorrindo. Nossos lábios estavam próximos. Eu podia praticamente sentir sua barba por fazer em minha face. Embora ele estivesse rígido com hesitação, permanecemos ali, com os olhos fixos. Afastei-me e me endireitei atrás do volante.

— Vou te levar para casa, ok? É muito longe para andar. A menos que queira vir comigo?

— Não é uma boa ideia. Sabe disso, certo? Isso não vai te fazer sentir melhor.

— Então você vem? — perguntei, ignorando seu aviso.

— Para ver essa maluquice? — Ele arregalou os olhos. — Não perderia por nada.

Chegamos rápido à balada e, na verdade, conseguimos encontrar uma vaga muito boa. O lugar era fora da 6th Street e uma pocilga. Dava para ver que tinha novos proprietários a cada mês, porque o letreiro fora refeito várias vezes.

— Este lugar é uma piada — Reid disse ao olhar para mim. — Precisa tomar cuidado para onde vai aqui.

— Sim, mãe — murmurei ao travar as portas da caminhonete e fitar o lugar.

Algumas garotas entraram à nossa frente, e não pude evitar o sentimento de que Reid poderia ter razão. Para cada *groupie* que desistia, havia mais dez para tomar seu lugar. Sabia que eu não era uma *groupie*. E não tinha que provar nada para Dylan.

— Vamos — eu disse, pegando de volta as chaves da bolsa.

— O quê? — Reid olhou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Tem razão, ok? Isto é burrice.

— Foda-se — ele disse, unindo a mão com a minha e me puxando para a porta.

— Reid — meio sussurrei, meio gritei quando ele nos fez passar pela entrada.

A banda já estava tocando. Dylan estava dominando o pequeno público — na maioria garotas —, que estavam fazendo o máximo para chamar a atenção dele. Reid me puxou até o bar e pediu uma cerveja. Dylan nos avistou, e vi seus olhos se iluminarem até descerem para nossas mãos unidas. Segundos depois, Reid me colocou em seu colo, e eu arfei ao senti-lo atrás de mim. Sua respiração chegava em meu pescoço, e me inclinei para ele.

— Morra de inveja, otário — Reid murmurou em meu ouvido quando os olhos de Dylan se estreitaram e ele arrasou no microfone com “Are You Gonna Be My Girl”, de Jet.

Ajustei-me no colo de Reid enquanto ele bebia sua cerveja casualmente, seu comportamento arrogante e seguro de si, e achei sexy para caramba. Tinha certeza de que, se olhasse para trás e fitasse seus lábios, veria um sorrisinho satisfeito. Ele estava, claramente, gostando disso. Via por seu abraço possessivo e o ar saindo dele. Uma de minhas mãos descansava em seu gesso e a outra em sua coxa, a parte de trás da minha cabeça repousada em sua clavícula. Olhos travados com Dylan, não pude deixar de notar como eu me encaixava perfeitamente no corpo de Reid. A gente se encaixava. Por mais tentada que estava em ouvir algum tipo de desculpa de Dylan, Reid tinha toda minha atenção. Atrás de mim, ele colocou a cerveja no bar e tirou o cabelo de meu pescoço, seu sussurro fazendo minha pele arrepiar e aquecendo meu peito e o interior das minhas coxas.

— Neste momento, ele está pensando: Nossa, ela está bonita pra caralho. — Seu sussurro quente fez meus olhos se fecharem rapidamente conforme eu tentava não rebolar em seu colo. — Está pensando como você ficaria bem deitada diante dele. Como seria incrível te provar.

Minha respiração parou quando seus dedos passaram para a frente e para trás em minha barriga.

— Ele está pensando como seria perfeito se pressionar contra você.

Excitada a ponto de não ter volta e incerta se era um ato para meu benefício, virei a cabeça, oferecendo meus lábios.

Reid hesitou, mas se inclinou e me beijou suavemente. A pulsação acelerando, pressionei mais e senti o gemido em seu peito antes de ele se afastar.

— Pare, Stella — ele disse ao dar um selinho em meus lábios a fim de manter a farsa e abriu as coxas, me colocando totalmente entre elas.

A música acabou quando todos os pensamentos sobre Dylan fugiram de mim totalmente. Podia sentir a rigidez de Reid debaixo de mim enquanto meu coração galopava.

Dylan jogou o microfone no palco e se moveu na nossa direção, e eu fiquei de pé rapidamente.

— Vamos. Me leve para algum lugar.

— Acabamos de chegar aqui — Reid respondeu com um sorriso presunçoso, os cotovelos apoiados no bar.

— Não está legal, Reid, vamos. Te falei que eu não precisava disto.

Assim que terminei de falar, ouvi meu nome sendo chamado atrás de mim. O olhos de Reid se fixaram além de meu ombro, e eu me virei para encarar Dylan. Cabelo castanho-claro e olhos azul-escuros me encararam de volta.

— Que porra é essa, Stella? — Dylan ainda era lindo. Ainda era o cara com quem passara dois meses transando em um sofá. No entanto, quando olhei para ele, tudo que senti foram os lábios macios de Reid e o fogo em seus olhos.

— Isto é inadequado — respondi na defensiva. — Cuide-se, Dylan.

Ele deu um passo à frente.

— Posso falar com você? — Ele parou e olhou para Reid. — Sozinha?

— Não — respondi quando Reid se levantou e pegou minha mão. — Não pode, não.

— Sério? — ele perguntou ao olhar para mim e engolir em seco.

— É, sério.

— Stella! — Drew, o guitarrista da Meat, gritou para mim do palco, e acenei para ele sem entusiasmo. — Está linda, baby!

— Valeu!

Drew era meu preferido. Ele tinha sido meu amigo. E, exatamente como eu suspeitava, todo meu tempo com Dylan e o restante dos caras voltou como um arranhão recente, porém, em apenas semanas tinha se transformado em nada mais do que uma lembrança. Eu não estava mais magoada com Dylan e me sentia tão idiota quanto por ter feito o que acabara de fazer. Dylan segurou o queixo, seus traços contorcidos com confusão conforme ficou ali, sem saber o que estava acontecendo.

— Vamos — eu disse para Reid, que me seguiu para fora do bar.

Soltei a mão dele e coloquei as chaves nela, indo para o lado do passageiro.

— Você está bem?

Brava, excitada e mais do que confusa, me virei para ele.

— O que foi aquilo lá dentro? Por que o showzinho? Você era contra essa coisa toda.

— Não sou tão bonzinho quanto você pensa. E, às vezes, gosto de bancar o advogado do diabo. — Ele deu de ombros, ligando a caminhonete. — Para casa?

— Não. Não vou para casa esta noite. Minha irmã provavelmente está transando agora no sofá em que durmo. ODEIO MINHA VIDA!

Reid explodiu em gargalhada ao sair da vaga.

— Melhora.

— Está mentindo.

— Totalmente — ele disse, a diversão dançando em seus olhos conforme ele tirou o cabelo de meu ombro nu. — Conheço um lugar.
— Vamos.



Ele me levou para um show a alguns quarteirões da 6th Street. Era uma banda de metal pela qual ele era louco. Gostei deles até certo ponto — metal não era meu gênero favorito —, porém Reid parecia admirar o cantor e contava alguns fatos interessantes sobre como eles formaram a banda. Passamos o show inteiro gritando um para o outro enquanto eu fazia notas mentais. Ele me contou que uma gravadora os contrataria em breve, e que seria de meu interesse escrever sobre uma banda que chegaria a algum lugar.

Passei boa parte do show falando como ele era idiota e que Dead Sergeants tinha seu próprio futuro e valia a pena escrever sobre eles. Ficamos basicamente nos provocando até eles começarem a tocar “Silent Lucidity”, de Queensryche. E, de uma vez só, fui capturada pela execução e pela forma como eles a interpretavam. Perdi-me no timbre grave da voz que preenchia o lugar. Não havia uma palavra do público, mesmo depois das últimas notas agudas serem tocadas. A balada explodiu com aplausos e Reid olhou para mim com uma expressão de *Te falei*.

Reid conhecia bastante a cidade e, no show, ele tinha cumprimentado alguns músicos locais. Aqueles que o abordaram pareciam respeitá-lo e mantiveram as conversas curtas, provavelmente porque ele não era um homem de muitas palavras. E eu passei a maior parte do tempo tirando-as dele. Ele não era tímido com suas opiniões, e isso nós tínhamos em comum. Mesmo assim, quando o encarei, recostado em um banquinho alto, o gesso na mesa e os olhos fixos em mim, parecia que ele estava tentando me dizer mais. Mesmo com a mandíbula tensa e sobrancelhas franzidas, seus olhos eram seu mundo, e não pude deixar de gostar de cada segundo que passaram presos em mim.

Após a apresentação, passamos o resto da fascinante hora devorando hambúrgueres salgados e engordurados em uma pequena lanchonete chamada Arnie.

— Qual é sua banda preferida? — perguntei, sugando a lateral do meu cheeseburger apimentado para impedir que pingasse no meu vestido.

— Nunca pensei nisso — ele respondeu ao me observar devorar meu lanche duplo de carne. — Deus, você estava com fome.

— Não mais — declarei ao enfiar o último pedaço na boca e lavar com Dr. Pepper. — Não tem uma preferida?

— Não — respondeu e pegou o resto da batata frita antes de enfiá-las na boca.

— Influências?

— Todas — respondeu com um sorrisinho. — Escrevi uma música de uma batida comercial uma vez.

— Você escreve para a Sergeants?

— A maioria das originais. Ben é bom com a letra, mas eu escrevi algumas.

— Você canta?

— Não se puder evitar — respondeu, dando de ombros. — Rye faz a maior parte da segunda voz e aparece com um riff bom em minutos, e é *sempre* bom.

— Quando é seu próximo show?

— Eles tocam no sábado.

— Não — eu disse, me levantando e me alongando. — O *seu* próximo show.

Quase perdi seu sorriso

— Daqui a duas semanas.

— Estarei lá — garanti. — Tenho uma sensação boa sobre você. Ele se levantou, pegou nosso lixo e jogou fora.

— Está tarde.

— Está cedo — discordei. — Então, me conte sobre Lia.

— Jesus Cristo. Toda vez que penso que é seguro falar com você... Não, não vou conversar com você sobre Lia.

Passando pela porta de vidro, ele pegou um cigarro do bolso.

— Você não é um fumante de verdade.

Ele ergueu o cigarro e deu uma tragada profunda.

— Diria que estou fumando isto *de verdade*.

— Sabe o que quero dizer — retruquei enquanto subia em uma mureta e me balançava nos calcanhares, braços esticados como se estivesse no alto.

— Fumo quando estou a fim.

— Por que simplesmente não para?

— Por que simplesmente não me deixa fumar? — ele perguntou, observando-me executar um giro com o calcanhar.

Colocou o cigarro entre os lábios e bateu uma palma lenta, e eu lhe dei uma piscadinha.

— Então, qual é seu tipo? Obviamente, gosta de loiras.

— Mulheres que não fazem muitas perguntas.

— Ha, ha — zombei ao pular nele, propositalmente arrancando o cigarro de sua mão.

Ele riu, mal-humorado.

— Sua bobinha.

— Economizei sete minutos para sua vida, Crowne. Um cigarro tira tudo isso de você, amigo.

— Isso é mito, *colega* — devolveu, abrindo a porta do passageiro.

— E se forem os melhores sete minutos da sua vida? São duas músicas. Economizei duas músicas para você, Reid Crowne. Algum dia, vai me agradecer por isso.

Ele fechou a porta e foi para o banco do motorista, como se fosse a coisa mais natural. Encarei-o do banco.

— Bom, sinto muito se ela te magoou.

Ele suspirou ao ligar a caminhonete.

— Nós nos magoamos.

— O que aconteceu?

Ele se recostou e se encolheu, como se tentasse ver alguma coisa através do volante.

— Era bom, depois ficou ruim. Muito irregular. Muito caos. Fiquei cansado e ela, brava.

— Você realmente a amava — comentei ao observá-lo traçar o volante com o dedo, tocando em cada sulco.

— Havia amor. Havia várias coisas.

— E depois?

— Nós nos acidentamos.



Apesar do meu protesto, Reid nos levou de volta ao condomínio e estacionou a caminhonete de Neil.

— Espere aqui, ok?

Ele assentiu quando subi dois degraus por vez e abri a porta. Estava tudo em silêncio. Fui rápida ao deixar as chaves de Neil e vestir uma camiseta, shorts e Chucks. Peguei quatro cervejas da geladeira e voltei para baixo, gesticulando para ele se juntar a mim em um gramado enorme no topo de uma colina entre os apartamentos.

— Não estou cansada, e você? — perguntei e ele negou com a cabeça, seguindo-me para o gramado e sentando-se ao meu lado. Abri uma cerveja e lhe entreguei. — Deus, odeio esse calor — comentei, prendendo o cabelo no topo da cabeça antes de beber a cerveja.

Reid olhou pelo condomínio e, então, de volta para o apartamento de Paige.

— Tem medo da minha irmã?

— Só quando ela fica brava — respondeu, rindo.

— Concordo. Ela é assustadora. Ela grita.

— Só vi uma vez. Foi o suficiente.

Demos risada e brindamos nossas cervejas.

— Vocês se conheceram no trabalho?

— Sim — ele respondeu ao se apoiar nos cotovelos e cruzar as botas. Ele me rodeava com seu comprimento.

— Vocês dois não são nada parecidos — eu disse a ele.

— Gosto de estar com ela. Ela é pé no chão e sorri bastante. É fácil.

Não pude evitar me ofender.

— Ao contrário da irmã bocuda que é tagarela e cheia de opinião.

— Definitivamente — declarou, presunçoso. — Mas não mude para me agradar.

— Oh, não vou — soltei, pegando a cerveja dele e bebendo.

Ele pegou outra e abriu.

— Então, é isso, uma mulher quieta que sorri bastante? Essa é sua mulher dos sonhos?

— Acho que sim.

— Nunca achei que você fosse simples assim.

— Essa é uma boa palavra. Simples. Minha palavra preferida. Vou aceitar.

Ouvi o toque triste em suas palavras e o cutuquei.

— Vai tirar esse gesso logo, e aí pode dar um jeito na vida. Duas semanas.

— Que comece a contagem regressiva.

Deitei-me de costas e olhei para as poucas estrelas que o céu nos dava.

— Pensei que seria diferente me mudar para cá. Pensei que seria mais empolgante. Liberdade de verdade, sabe? Mas aprendi que ser livre envolve correntes próprias. Minha irmã age como uma mulher de noventa anos. Faz jantar às oito da noite e vai dormir às onze. O que é isso, Reid?

Ele olhou para mim quando fiz beicinho.

— É um tédio total.

— Acho que ela gosta disso.

— Eles vão se casar. Sei disso. — Analisei Reid. — Ela vai se casar com Neil. E aí?

— E aí vão fazer o que quiserem — ele disse ao dar um gole grande e deitar a cabeça ao lado da minha.

— *Eu* não. Vou pedir comida quase todas as noites, ficar acordada até depois da meia-noite todos os dias, encher meu passaporte de carimbos, comer coisas estranhas, fazer coisas que me assustam. Quero aproveitar.

— Não me diga — Reid disse, um sorriso enorme se espalhando por seu rosto.

— É sério! Quero fazer algo incrível, algo inovador. E já determinei o tempo. — Virei-me de bruços, com antebraços apoiados ao olhar para baixo para ele. — Vou fazer o impossível até os vinte e nove anos.

— O que vai ser?

Dei a ele meu melhor sorriso.

— Espere e verá.



Umbrella – Rihanna ft. Jay-Z

— ESTÃO PRONTOS PARA PEDIR? — REID PERGUNTOU A UMA MESA DE QUATRO PESSOAS QUE TINHAM TIDO BASTANTE TEMPO, apesar de sua tentativa de acelerá-los.

Vi a expressão do homem mais velho se tornar indignada quando ele olhou para Reid. Nada de empatia pelo braço quebrado dele. Na verdade, Paige me contara que era o punho que estava quebrado.

— Vamos pedir quando estivermos prontos — o cara soltou.

Baixei a cabeça ao ver Reid engolir sapo e voltar para a cozinha. Nossa gerente, Leslie, havia se recusado a lhe dar mais mesas, e eu sabia que ele não devia ter ganhado mais do que vinte dólares. Pensando rápido, peguei algumas notas de minhas gorjetas e deslizei nas contas de duas mesas que tinham acabado de sair. Sabia que Reid iria acreditar. Ele ganhara umas gorjetas péssimas das outras mesas.

Eu tinha o suficiente guardado para um primeiro pagamento de apartamento. Acabou que ser garçõete dava um dinheiro bom, o que era tanto surpreendente quanto enervante, porque eu detestava com cada fibra de meu ser. Estava ansiosa pelo dinheiro extra que ganhei naquela noite, planejando guardar para outra vez que Lexi e eu pudéssemos precisar. Mas, apenas naquela vez, eu poderia ajudá-lo sem ferir seu orgulho. Levei almoço ao seu apartamento na

maioria dos dias — e fui recebida com um olhar desafiador — e o vi comendo uma ou duas vezes no restaurante com nosso desconto de cinquenta por cento. Ainda assim, sua situação não estava melhorando.

Alguns minutos depois, vi Reid verificar as contas já pagas e certa surpresa passou por seu rosto.

— Com licença, estamos esperando — o homem disse quando Reid o encarou, querendo matá-lo antes de voltar à mesa.

Havia dois caras, mais velhos e vestidos com ternos. Eu estava fervendo de raiva quando vi que um deles era Nate Butler. Qualquer felicidade que eu tinha em vê-lo se dissolveu quando fez algum comentário para zombar de Reid quando ele se afastou, e ambos riram. Furiosa, peguei duas águas e uns salgadinhos e molho, depois saí pela porta da cozinha a toda velocidade. Nate me viu segundos antes de eu fingir um tropeço e derrubar a bandeja nos dois. Foi meio exagerado quando os acertei com uma onda de água e molho.

— Ah, meu Deus! — exclamei, fingindo surpresa, e sem nenhuma sinceridade. — Sinto muito mesmo.

Nate me encarou boquiaberto enquanto o cara sentado ao seu lado me lançou um olhar desafiador.

— Stella?

— Nate — eu disse com uma mão no peito. — Sinto muito mesmo. Devia ter alguma coisa no chão. Eu... simplesmente... tropecei.

Ele estreitou os olhos, seu colo coberto de molho, então olhou para o cara que estava xingando baixinho enquanto se levantou em uma piscina de água gelada, com a calça encharcada.

— Deixe-me pegar alguma coisa para ajudar a limpar isso — eu disse ao olhar para cima e ver Reid na recepção, sua mandíbula ficando rígida.

Nate me seguiu até a cozinha.

— Estava querendo te ligar — ele comentou brincando —, mas posso ver que está tentando viver como garçõete.

— Engraçado — respondi de forma amarga. — Vi que você está tentando viver como um idiota.

— Uau — respondeu, fazendo-me parar antes de chegar à porta dupla. — O que deu em você?

Virei-me para olhar totalmente para ele e senti uma pontada familiar do que era a perfeição. Seu sorriso malicioso e olhos azuis brilhantes me cegaram e, por um instante, senti esse sorriso nos meus dedos do pé.

— Sério, você só ficou sentado ali enquanto aquele otário era grosseiro com um garçom de braço quebrado?

— Aquele otário acabou de pagar por dois meses de circulação — ele comentou.

— Que seja, é nojento — retruquei ao tirar meu braço de sua mão.

— Deus, você fica bonita quando está brava. Tem que me deixar te levar para sair e te irritar um pouco mais.

Reid passou pelas portas duplas um instante depois, enquanto Leslie se apressava para a mesa a fim de ajudar o homem que ainda estava com a calça molhada.

Mantive os olhos no bom de lábia do Butler, que parecia estar qualquer coisa, menos bravo. Seu cabelo estava um pouco maior e arrumado de um jeito sexy pra caramba.

— Melhor voltar lá antes de perder seu contrato. E perder meu número.

— Ei, ei — ele disse ao segurar minhas mãos com as dele. — Estou muito feliz em te ver. Me deixe compensar para você. Sinto muito se ele foi grosseiro com seu amigo. — Ele hesitou. — Namorado? — perguntou com lábios perfeitos e uma sobrancelha arqueada.

— Não — respondi, mas senti uma pontada de culpa sem sentido por minha resposta.

Mesmo com molho na virilha de sua calça e a camisa com uma recém-adquirida mancha cor-de-rosa, Nate era incrível de se olhar. Permaneci um minuto a mais olhando e ele entendeu como um sinal.

— Jantar amanhã?

— Almoço em cinco meses — respondi com um sorriso rabugento antes de assentir na direção de Reid, que estava tirando um novo pedido. — E é melhor dar uma gorjeta muito boa para ele.

Aparentemente, estávamos negociando, porque Nate se inclinou para mais perto.

— Almoço amanhã, jantar em cinco meses.

— Cinco meses, Nate. Acho que não sabe o que isso significa para mim — eu disse com cuidado. — Estou trabalhando naqueles artigos todos os dias.

Nate suspirou e se afastou.

— Vou antecipar o prazo. Tenha tudo pronto em três. Austin City Limits está chegando e, se isto der certo, vou deixar você cobrir.

Austin City Limits era um festival de três dias cheio de uns dos maiores nomes da música. Ir como fã era uma coisa, mas ir como a imprensa era uma experiência completamente diferente. Podia ouvir a batida de meu coração.

— Está falando sério?

— Estou — ele respondeu. — Mas falo sério sobre meu jornal.

— Eu sei. E eu falo sério sobre Don Henley.

— O q-q-quê? — ele perguntou com uma risada incrédula, as sobrancelhas unidas.

Não tinha tempo para explicar minha fascinação em relação ao baterista do Eagles. Havia mesas aguardando.

— Só três meses?

Nate assentiu.

— Três. Ainda não consigo te pagar.

— Ok — eu disse com a voz meio vacilante.

— Ok — ele disse com um sorriso malicioso. — Agora, por favor, me dê licença enquanto lavo minhas bolas do coentro e das cebolas.

Gargalhei assim que Reid voltou pela porta com uma bandeja cheia de bebidas. Nate o abordou enquanto eu corri para dentro da cozinha, gritando por Paige. Minha empolgação foi contida pelo meu nome sendo chamado severamente.

— Stella. — Leslie, nossa gerente que parecia minha antiga técnica de softball com a postura perfeita, marchou até mim.

— Sim?

— Há um motivo para você ter derrubado um balde de água gelada e salgadinhos com molho em nossos clientes?

Reid estava de volta à cozinha, pegando dois pratos para servir, e vi o sorriso em seu perfil.

— Escorreguei.

— Mia disse que você jogou.

Mia. Aquela vadia tinha uma queda enorme por Reid e me via como uma ameaça. Eu a via me olhar com frequência quando Reid e eu brincávamos entre as mesas, só falando besteira.

— Mia é mentirosa, e ela rouba salgadinhos e molho toda noite quando vai embora.

Reid resmungou de um jeito para me mandar ficar quieta. Eu estava à sua frente e ele passando para pegar uns pratos.

— Bom, considere esta sua primeira advertência.

— Vou precisar de uns dias de folga em setembro.

Reid explodiu e saiu rindo pela porta. Engoli em seco quando Leslie me encarou.

— Talvez possamos pensar em uma folga quando não estiver correndo perigo de perder seu emprego?

— Concorde.

Paige saiu da salinha de funcionários e abraçou meus ombros com uma lágrima escorrendo no rosto. Colocou o braço em volta de meus ombros e deu risada.

— Oh, irmãzinha, quem diria que você seria tão burrinha?



Turn My Head – Live

É ENGRAÇADO COMO A ATRAÇÃO TE ENVOLVE SEM VOCÊ PERCEBER. AS COISAS SUTIS EM QUE PRESTA ATENÇÃO QUANDO OBSERVA uma pessoa. As peculiaridades. Tipo como ele sempre está tirando o cabelo da testa. Como está sempre batucando na coxa com o dedo médio e o indicador. Como seus lábios se curvam toda vez que faço uma piada. Como ele economiza sorrisos e esconde suas verdades atrás deles. A verdadeira beleza de Reid não me atraiu quando o conheci. Eu estava muito brava com a raça masculina para reparar. Claro que ele era gostoso, daquele seu jeito meio maltrapilho e rebelde nervoso. Mas, debaixo da superfície da animosidade que rolava entre nós, minha curiosidade estava aumentando.

Estávamos vivendo no banco de trás do carro de Paige na última semana, discutindo, rindo e conversando. Toda vez que ele falava, eu me sentia um pouco mais atraída, mais envolvida, mais apaixonada... simplesmente mais. E, cada vez mais, o banco de trás parecia *nosso* espaço, um espaço fechado entre nós dois enquanto Paige falava com Neil sobre tudo e qualquer coisa.

Em algumas noites, como naquela, Reid ficava empolgado depois de um longo dia sentado em seu apartamento vazio. Nós dois ficávamos meio loucos com tanto trabalho e nenhuma diversão.

Mas ela e Neil eram nosso cordão salva-vidas. Mesmo que estivéssemos apenas visitando amigos, saindo para comer ou de carona, era uma pausa da monotonia da sobrevivência. Agitado e entediado eram uma combinação assustadora.

No entanto, toda vez que eu olhava para minha direita, onde ele se sentava, e via a luz brincalhona em seus olhos, eu sabia que ele ansiava por aquele espaço na cabine tanto quanto eu.

— Quando você pega de volta sua caminhonete, cara? — Neil perguntou do banco do motorista.

— Uma semana.

Surpresa pelo tom de decepção, encarei a parte de trás da cabeça de Neil.

— Vai tirar o gesso também? — Neil perguntou pelo retrovisor.

— Graças a Deus — Reid murmurou. — Mas devo a vocês por todas as caronas que me deram.

Paige se virou no banco a fim de olhar para ele.

— Sem problemas, de verdade.

Ela lhe deu seu sorriso maternal e ele retornou. Era a coisa mais esquisita entre eles, essa amizade genuína de completos opostos.

— Vai ao show amanhã? — Neil perguntou. — Vou com você.

— Não — Reid respondeu. — Estou cansado de vê-los tocar sem mim. Eles entendem.

Neil assentiu e Paige interveio.

— Saiam de qualquer forma, ok? Eu e Stella temos que trabalhar.

Reid assentiu, Neil ligou o rádio e eu me senti enjoada e ridícula. Em uma semana, ele teria sua liberdade, e pensei no que ele faria com ela. Eu tinha ido a outro ensaio com Reid, do qual ele não participara, e começara quatro rascunhos diferentes de artigos sobre a Dead Sergeants.

Se eu não estava sentada ao seu lado no banco de trás do carro de Paige, estava escrevendo artigos sobre sua banda ou dando-lhe

almoço, o que ele mais do que gostava. Conversávamos enquanto ele comia. Meu alívio em saber que ele não ficaria sem comida naquele dia. A conversa era fácil entre nós, mas ficava tensa com olhares demorados de despedida em sua porta da frente. Não era um grande mistério por que, de repente, eu sentia a necessidade de olhar para ele quando ele não estava me observando. Eu tinha mergulhado em sua vida, seus hábitos, seus problemas, *nele*.

Precisava sair disso, e rápido.

— Stella! — Paige gritou do banco da frente com uma piscadinha para mim.

Sorri quando ela aumentou o volume da música e explicou para todos no carro:

— É a música preferida dela.

— Essa? — Reid perguntou ao olhar para mim. — The Cars?

Paige foi rápida em explicar.

— Papai costumava cantar para ela toda noite antes de dormir. E Eagles. Ela só dormia se ele cantasse para ela.

Reid me lançou um olhar divertido.

— Nem comece — avisei.

Seus lábios se curvaram antes de ele morder o inferior. E, de repente, eu estava morrendo de vontade de pegá-lo de seus dentes e chupá-lo. Engoli o desejo e desviei os olhos.

— As pessoas ignoram música antiga *muito facilmente* — defendi quando o calor invadiu meu rosto.

— Eu não — Reid disse, pensativo.

Eu estava pronta para matar Paige por não omitir fatos quando se tratava de fatos engraçados sobre Stella. Depois senti os olhos dele em mim, e o calor em meu rosto se espalhou.

— É deprimente, não é? — Paige comentou sobre a música.

— É a melhor música romântica — defendi. — Ele a conhece tão intimamente que ninguém mais pode ser para ela o que ele pode.

— Eu gosto — Neil disse com uma piscadinha para o espelho.

Rapidamente mudando de assunto, tentei falar:

— Se eu for publicada em *Austin Speak*, vou cobrir City Limits.

Paige olhou para mim com olhos arregalados.

— Isso é incrível. Oasis é uma das bandas principais! Papai vai surtar!

— É, e eu sei — respondi com um sorriso largo.

Senti uma pontadinha quando pensei em meu pai. Sentia falta dele e de nossas longas conversas. Ele fora meu maior incentivador quando se tratava de minha paixão por música. Enquanto minha mãe me ensinava tudo que era texano, meu pai passava horas dançando comigo na sala com clássicos americanos. Ele também desempenhara o papel mais importante na minha educação relacionada à música. Como eu, ele tinha um gosto eclético, e foi fundamental para me motivar. Ele era perito, e eu, sua aprendiz.

— Você sente falta dele — Paige interpretou pelo meu olhar.

— É — concordei, olhando para fora pela janela.

— Talvez possamos dirigir até Dallas daqui a algumas semanas

— Paige ofereceu. — Também sinto falta deles.

Assenti, tentando conter a repentina queimação em minha garganta. Ainda me sentia meio sozinha em Austin, como se realmente não tivesse nada que me mantivesse ali além dos meus sonhos. E, quanto mais eu vivia a realidade de Austin, mais fora de alcance eles pareciam. Ainda assim, tinha dois anos de estudo e um acordo semipromissor com um editor-chefe lindo, mas nada garantido. Lexi deve ter sentido meu desespero repentino.

Lexi: Realmente não consigo acreditar nesse garoto. Tenho umas perguntas para o pai dele se um dia encontrar o filho da puta.

Eu: O que ele fez agora?

Lexi: Ele mijou na varanda como um homem das cavernas. Como se vivêssemos na floresta, e não no subúrbio com vizinhos de todos os lados. Acha que ele abaixaria a calça discretamente, certo? Não, não esse menino. Sua calça estava nos tornozelos. Seu passarinho e sua bunda estavam à mostra para o mundo todo ver.

Joguei a cabeça para trás, rindo.

Eu: Aguenta aí. Só mais umas semanas.

Lexi: Já encontrou um lugar? Estou quase enlouquecendo!

Eu: Quase. Juro.

Lexi: Graças a Deus. Bjs.

O otimismo apareceu quando parei de pensar nas dúvidas sobre meu futuro. Dependia tudo de mim.

Depois de algumas horas na casa de Todd e Ana — os bartenders do Bar dos Pratos e casal que tinha a casa que frequentávamos quando todos tirávamos a noite de folga —, eu estava ansiosa para ficar sozinha com Reid de novo no banco de trás. Era como uma nova viciada, desejando a atenção dele, a intensidade em seus olhos, capturando seu sorriso raro apenas para mim. Contudo, naquela noite, apesar de seu alívio por estar fora de casa, ele permaneceu nas sombras, com a cerveja na mão. Vestia jeans, botas pretas e camiseta preta gasta que parecia ter visto

tempos melhores. A corrente prateada de sua carteira era a única joia dele. Ele era totalmente orgânico. O que você via era o que tinha. A barba de um dia por fazer e pele escura misturada com a tatuagem preta que cobria seus braços tonificados o tornavam mais sedutor. Na maior parte do tempo, Reid parecia desinteressado, como se esperasse mais aonde quer que fosse. Nunca bebia muito, só o suficiente para relaxar. Eu presumia que fosse por causa do vício de seus pais. Ele parava de beber quando queria. Eu, contudo, tinha decidido mergulhar em mim mesma naquela noite. Estava na minha quinta cerveja quando Paige cutucou meu ombro, fazendo-me parar de olhar para Reid.

— O que foi? — perguntei, brava.

Ela me lançou um olhar atento que me dizia que eu estava encarando demais. Ainda assim, quando se passava uns minutos, meus olhos voltavam para ele lentamente. Mas eu me sentia segura, porque, naquela noite, ele estava longe, como se estivesse em outro lugar, ainda que preso ali.

— EI, OTÁRIOS! — Todos nós ouvimos alguém chamar da porta da frente de Ana.

— Brodi deve ter fumado um baseado. — Ana deu risada quando ele saiu no quintal, onde nos juntamos como vítimas do suor causado pelo calor horrível, bêbados demais para nos importarmos.

Brodi colocou uma garrafa cheia de tequila na mesa, e todos nós gememos, já imaginando a ressaca. Duas doses para dentro, a música ficou mais alta e a festa, mais animada. Reid me surpreendera bebendo as doses de tequila, e eu me surpreendi indo até ele depois de meu terceiro.

— Por que parece tão entediado?

Ele deu de ombros.

— Mesma merda de sempre — murmurou.

— Onde preferiria estar?

Os olhos azuis como vidro me olharam.

— Não importa.

— Sente falta dela?

Ele franziu o cenho e meneou a cabeça.

— Não, e pare de me analisar, porque está interpretando tudo errado.

— Certo, desculpe — sussurrei.

Então me afastei, porque senti a frustração saindo dele. Mesmo no meio de amigos, aquela raiva sempre estava ali, como se a qualquer minuto ele fosse se partir, explodir, ou ambos. Aquilo me assustava, mas, de uma forma perigosa, eu ficava atraída por ele. Reid tinha um humor imprevisível, era cuidadoso com suas palavras e, com frequência, deslizava pela linha entre irritado e chateado. Paige o admirava, Neil também, o que deveria tranquilizar minha mente, mas não tranquilizava.

Eu ficava tanto fascinada quanto temerosa por conta dos sentimentos que nutria por Reid, e estava apenas ficando mais forte. Uma atração gravitacional me levava até ele. Queria estar dentro de sua cabeça. E isso era só o começo do que eu queria.

Talvez ele soubesse que eu conseguia ver a beleza por trás de sua máscara de indiferença e eu o fizesse sentir tão inquieto quanto ele me fazia.

Pela maior parte daquela noite, fiquei longe de Reid. De um lado, Brodi enchia meu ouvido com os mecanismos para enrolar um bom baseado, e, do outro, Paige ria sentada no colo de Neil. Ainda assim, o idiota que ficava mais atrevido a cada dose de Cuervo. Procurei e não o vi na varanda. Sem que nenhum integrante da festa percebesse, entrei na casa e dei de cara com Reid falando ao celular.

— Desculpe. Eu sei. Sinto muito mesmo. Vou encontrar um jeito de ajudar. Juro.

Prendi a respiração ao passar por ele, fingindo que estava indo ao banheiro, e vi seu olhar conforme dei a volta na mesa da cozinha. Eu estava me intrometendo de novo ao simplesmente respirar. Depois de lavar as mãos e secar os rastros pretos

induzidos pelo suor de debaixo dos olhos, saí do banheiro e vi Reid sentado no sofá. Seu olhar distante, o gesso e antebraço descansando nos joelhos. Parei, meu coração acelerando, e mordi o lábio. Tudo em mim me dizia que não era a hora.

Eu sabia que não deveria falar nada.

— O que aconteceu?

Porra de tequila.

Em vez do olhar desafiador que esperava, recebi uma risada sarcástica seguida de silêncio. Então, vi a brecha. Era pequena, mas estava ali.

— Reid?

Ele segurou o cabelo com a mão e o jogou para trás.

Pise com cuidado.

As palavras ecoaram na minha cabeça enquanto ele me olhava vagamente.

— Se precisar conversar com alguém...

— Stella. — Ele estava irritado, e eu sabia que estava contendo sua ira em respeito à minha irmã. Fiquei com inveja da amizade deles naquele momento.

— Se Paige não fosse minha irmã — comecei devagar antes de me agachar diante dele. Com os olhos nivelados, ele buscou meu rosto como se não pudesse acreditar que eu tinha a coragem de perguntar. E, sem a barriga cheia de álcool, eu sabia que não tinha. — O que me diria agora?

Eu podia ver a raiva e, por algum motivo, a queria. Talvez quisesse ver o que ele realmente pensava de mim naquele instante, quando sua barreira estava temporariamente abaixada e a raiva emanava dele. Era o que eu esperava. Porque, talvez, então, não ficaria tão tentada por ele, tão curiosa quanto a ele, tão necessitada de sua atenção. E não queria isso. Se havia uma coisa que eu sabia sobre Reid Crowne, era que ele era fogo, e precisava ser fogo para reconhecer.

— Nós dois somos vítimas da circunstância, não somos? Eu estou presa a você também, por enquanto, Reid, então é só falar.

E, na massa enevoadada cor de mel que se construía enquanto eu o observava, eu *vi*. O leve medo em seus olhos quando olhou para mim, a tentação, uma reflexão das mesmas chamas.

Eu não estava sozinha.

— Estou bem aqui — declarei, jogando mais lenha ao me levantar diante dele.

Lentamente, ele ergueu os olhos até meu rosto. O ar estava carregado entre nós, e era demais para aguentar. Eu estava muito apaixonada por ele. Tão apaixonada que comecei a tremer. Engoli em seco ao tentar encontrar minha voz.

— No que está pensando, Reid?

— Stella. — A voz de Paige atravessou a névoa quando ela entrou na sala. — O que vocês estão fazendo? — Sem uma resposta, ela nos encarou e lançou um olhar acusatório para Reid. — Reid, vamos comigo ao mercado. Precisamos de mais cerveja.

Fui até a mesa para pegar a lata que deixei ali e bebi tudo ao passar por minha irmã, tentando evitar contato visual. Podia sentir seus olhos me seguindo enquanto ela pegava sua bolsa e colocava Reid para fora da casa. Em vez de me juntar à festa, passei pelo quintal e fui até a lateral da casa para ver se conseguia ouvir a conversa deles na calçada.

— O que está fazendo? — Paige perguntou, repreendendo-o baixinho.

Não consegui decifrar as palavras de Reid quando as portas deles se fecharam.

Paige enxergou. Todos nós sabíamos. As linhas tinham sido traçadas. Reid estivera sendo cuidadoso, e eu tinha acabado de me dar conta de que oscilava no limite que Paige iria garantir que nenhum de nós cruzássemos.

E talvez fosse o melhor. Mas, lá no fundo, o fogo havia se acendido e, apesar de estar baixo, eu sabia que seria apenas

questão de tempo.

Reid também.

Assim como minha irmã.



Mais tarde naquela noite, a festa continuou no apartamento de Paige. Algumas pessoas tinham ido para lá conosco, e Neil bancou o DJ enquanto o resto de nós se reunia na cozinha, dançando enquanto terminávamos a garrafa de tequila. Reid estava sentado sozinho em uma cadeira de plástico na varanda de Paige, fumando sem parar, as botas pretas cruzadas em cima de um dos vasos terracota dela. Eu estava cansada, mas havia pessoas sentadas na minha cama e, quanto mais eu bebia, mais me sentia atraída na direção daquela varanda. Quando Paige e Reid voltaram à festa mais cedo, ele não olhara muito para mim. Eu queria me sentir aliviada, mas, em vez disso, sentia uma agitação. Mesmo no banco de trás a caminho de casa, ele não olhou na minha direção. Minha irmã fizera seu trabalho. E, quanto mais eu pensava nisso, mais ressentida ficava em relação à sua regra.

Após uma hora observando as botas pretas de canto de olho, fui até a varanda com a última cerveja e entreguei a ele. Ele a pegou e abriu sem agradecer enquanto eu me apoiei no corrimão, obstruindo sua vista do gramado em que havíamos nos deitado alguns dias antes.

Com o rosto coberto pela sombra, ele bebeu a cerveja sem falar nada até terminar.

— Posso ir ao ensaio esta semana?

Reid expirou e pegou outro cigarro do maço.

— Não tem ensaio esta semana.

Ele estava mentindo.

— Está mentindo.

— Mesmo assim — retrucou em um sussurro, um cigarro pendurado nos lábios —, sem ensaio esta semana.

Bufei e cruzei os braços à frente da barriga, segurando as laterais do corpo. Estava usando uma blusinha fina que mostrava a barriga e shorts curto. Os olhos de Reid me cobriram, parando na pele bronzeada da minha barriga antes de se desviarem.

— É por causa da Paige? Porque posso falar com ela. Ela pensa que tem alguma coisa acontecendo, e posso falar para ela que não tem nada.

Entendi seu silêncio como confirmação de que aquela afirmativa era mentira. Porque cada batida do meu coração inquieto me dizia que *definitivamente* havia algo acontecendo, e de ambas as partes.

Reid se levantou e esmagou o cigarro. Só isso já nos colocou a centímetros um do outro.

— Boa noite, Stella.

— Ótimo. Você sabe que também estou presa neste inferno. Não me abandone assim.

Reid guardou os cigarros na calça e olhou para mim.

— Eu não sou a resposta.

— O quê? O que isso significa? — perguntei, dando um passo à frente. Insistindo.

— Significa que precisa encontrar seus próprios amigos aqui — declarou, refletindo. — Esta não é sua galera. — *Não sou para você.*

— Quem disse? — *Sou eu que decido.* Dei outro passo à frente. — Eu que digo quem é minha galera.

— Stella. — *Fique longe.*

— Por quê? — *Não conseguiria nem se quisesse.*

Lá estava de novo, a estática inacreditável. Meu corpo inteiro estremeceu de ansiedade. Sentia-me enjoada e viva quando meu cabelo se arrepiou, quente em todo lugar — muito quente. Mais alto, olhei para ele com permissão e medo.

— Não me quer lá?

Sua voz estava incerta.

— Não.

Insisti.

— Me quer *aqui*? — perguntei ao ficar parada olhando para ele, meus olhos implorando, meus lábios desejando. — Me beije, Reid. Uma vez. Só me beije. Se não gostar, nunca mais precisa beijar.

Sua cabeça se abaixou devagar, nossos olhos se travaram e ele se inclinou.

— Não.

— Sim — teimei e lambi o lábio inferior.

Seus olhos seguiram e seus lábios se curvaram em um sorrisinho arrogante.

— E seu namorado do restaurante?

— Reid — eu disse, choramingando.

Estávamos tão perto, os limites ultrapassados e minha respiração pesada. Meus pulmões cheios, e estava morrendo de vontade de expirar nele. Meu coração martelava tão forte que jurava que ele conseguia ouvir. Eu estava totalmente imersa em seus olhos, bêbada de tentação, acabada.

Brava por sua hesitação, dei um passo para trás com um sorriso forçado e desafiador.

— Não vou oferecer de novo.

Passei batendo o ombro nele, bloqueando a porta. Prendi a respiração quando ele segurou meu braço e sua cabeça se abaixou para nossos lábios se roçarem enquanto ele falava.

— Isto não pode acontecer.

— Se está dizendo — devolvi e afastei meu braço dele, passando pelo ar quente do apartamento cheio de álcool e corpos e saindo pela porta da frente.

Eu precisava de mais ar. Precisava parar de beber tequila ou qualquer outra coisa, aliás. Tinha me feito de trouxa. Se Paige soubesse, me acusaria, *como sempre*, de ser extremamente dramática.

Porque eu sempre fora uma pessoa emotiva. Encolhia-me quando ouvia “acalme-se” e ficava altamente ofendida quando se dirigiam a mim. Eram como ácido sendo jogado em algo extremamente sensível.

Era difícil, para mim, manter tudo engarrafado, um problema que tive quase toda minha vida. Era isso que eu mais invejava nos músicos. Eles podiam sangrar pelos pulmões algumas horas por dia no palco, abrindo o coração, mostrando as mágoas ou raiva para a multidão, e eram adorados por isso. Não era tão épico quando suas emoções sangravam na vida cotidiana e havia muitas delas borbulhando para a superfície.

Uma das fotos mais poderosas da história da música não era da capa de uma revista. Era uma foto cândida de Kurt Cobain chorando nos bastidores. Lembro de encarar a foto por horas. Ele estava sentado no chão, usando jeans rasgados e uma camisa de flanela, um cotovelo abraçando o joelho, enquanto segurava o cabelo com a outra mão, sua expressão retorcida em agonia, chorando livremente. Mesmo com seu sucesso garantido, suas emoções o levavam. Essa foto nunca deveria ter sido tirada. Foi um momento de fraqueza e ele merecia ficar sozinho. Contudo, ao mesmo tempo, aquela foto poderosa me fazia sentir que eu não estava sozinha em minha dificuldade de manter as emoções de lado. Entendia sua incapacidade de mantê-las guardadas mesmo aos olhos do público e, principalmente, quando doía.

Eu era a chorona e vomitadeira da família e era constantemente repreendida por minha mãe para não levar as coisas tão a sério. Quando ficava extremamente empolgada, normalmente vomitava, principalmente no Natal. Era o pior pesadelo da minha mãe. “Oh, mamãe, mamãe, o Papai Noel me deu uma boneca nova.” Bleh. “Oh, mamãe, é o primeiro dia de escola!” Bleh. E assim ia.

Eu não era feliz com isso. Com frequência, me sentia desconfortável sendo eu mesma, principalmente conforme o tempo passava. Criava períodos euforicamente carregados e bravos e dias em que eu tinha que me fazer de burra para acabar com a agressão. Nunca foi um pêndulo equilibrado de emoções *diárias*, apesar de eu ter feito um teste para ver se era bipolar ou se tinha alguma doença. E o veredito era sempre o mesmo: “Stella só parece uma criança emocionalmente carregada. Ela é *apaixonada*”.

Meu pai deu fim ao escrutínio da minha mãe, dizendo que ela era praticamente igual quando eles eram mais jovens. Minha mãe se ofendera seriamente, e foi uma das maiores brigas que eles tiveram no casamento, o que só provou o ponto de meu pai. Ele ainda a provoca sobre esse dia até hoje. Ainda me lembro das palavras dele para mim quando me envolvi em uma briga na escola. Eu estava chorando em seu colo.

— Filha, olha só. Não pode sair batendo em todo mundo que te irrita. Use suas palavras, juro que elas são armas bem melhores. Mas tome cuidado com elas, porque feridas se curam.

Era a típica conversa entre pai e filha, só que as palavras seguintes foram as que fizeram mais sentido.

— Você é tão parecida com sua mãe. Ela não enxerga, mas eu, sim. Apenas lembre-se de que você está magoada quando está gritando. E quem quer que tenha te magoado te ama muito.

Eu era uma mulher emocionalmente carregada também — *apaixonada* —, só com uma ideia melhor de como lidar com isso, e música era minha saída. Era meu santuário, onde eu poderia sangrar, ficar brava ou magoada, sem consequências.

Todo mundo, em algum momento da vida, respira e se aflige pela música, mas, para mim, era uma terapia diária.

Quando uma certa música puxava essas cordinhas em meu peito, eu sentia tudo, e era libertador. Aquelas músicas não julgavam nem me diziam que eu era tola por me sentir como me sentia. Diziam-me que estavam *comigo*. Era como eu equilibrava minha vida e minha paixão.

Às vezes, eu invejava essas garotas que conseguiam conter melhor suas emoções e internalizá-las, controlando-se. Porém, eu não era como elas, então encontrei minha solução na música. E, com isso, encontrei minha paz.

Acabei andando no parque do outro lado da rua, bêbada e murmurando comigo mesma como uma doida. Ouvi Paige chamar meu nome e a ignorei. Depois de muitos quilômetros de caminhada alcoólica, voltei para o apartamento e fui recebida por um olhar furioso de Reid Crowne. Ele me olhava desafiadoramente do primeiro degrau. Então, levantou-se e saiu em direção à sua casa. Paige estava dentro do apartamento, também brava.

— Onde você estava? Faz duas horas que sumiu!

— Fui dar uma volta — defendi-me quando ela fechou a porta atrás de mim.

— No meio da noite?

— Pare de se preocupar comigo!

— Reid andou o condomínio inteiro nesse tempo. Ele tem que trabalhar em quatro horas!

A culpa apareceu enquanto eu a encarava.

— Eu estava no parque do outro lado da rua. Vou me desculpar.

— Não, fique longe dele. A vida dele já é bem complicada sem o seu drama.

Cerrei os dentes.

— Meu drama? Fui dar uma volta.

— Stella — ela disse, suspirando. — Só fique longe dele.

— Quem é você para me falar isso?

Seus olhos se estreitaram.

— Sua irmã e a melhor amiga dele. Conheço vocês dois. Esta é a última coisa de que vocês precisam.

Insisti, exausta.

— Que *coisa*?

— Olha — ela começou, me ignorando enquanto coletava garrafas de cerveja —, conversamos sobre isso e nós dois concordamos que é o melhor.

— Vocês conversaram? — Senti meu corpo tenso de raiva e humilhação. — Você *conversou com Reid* sobre se podemos ou não... Que porra é essa, Paige?

— É para seu próprio bem e o dele.

— Está me zoando? — perguntei com os braços cruzados, me encolhendo e ficando furiosa. — Vamos deixar uma coisa clara. Ninguém, nem mesmo você, querida irmã, toma decisões por mim. Vou sair daqui em algumas semanas e, depois disso, seu trabalho acabou. Você pode me apoiar, mas não mandar em mim. Não lido bem com autoridade, e você cruzou essa porra de limite.

Paige ficou boquiaberta.

— Você o detestava.

— Ainda detesto — retruquei ao pegar o lixo de suas mãos. — Só vá dormir, e obrigada por me humilhar.

— Só estou tentando impedir que vocês se machuquem.

— A única que me machucou hoje foi você — menti. A rejeição de Reid doía, mas a coisa toda já estava desastrosa e, aparentemente, decidida. — E, para alguém que fala tão bem dele, com certeza está mudando sua conversa.

— Antes de você ficar toda obcecada por ele, provavelmente deveria saber a verdade — ela soltou. — Sabe aquele acidente em que ele se envolveu? Ele estava dirigindo bêbado e, antes de os policiais chegarem, colocou Lia no banco do motorista.

Eu me encolhi quando percebi a gravidade.

— Ela quase foi presa. Ele bateu em uma cabine telefônica e quase matou ambos, e estava disposto a deixá-la levar a culpa. E foi *por isso* que ela terminou com ele.

Ele não podia ser tão cretino. Não Reid. Mas talvez fosse. Talvez aquela noite fosse a causa da culpa que ele carregava nas costas. Sua raiva era interna. Era clara como o dia.

— Ela o amava com todo o coração, e ele a abandonou. É esse tipo de cara com quem você quer se envolver?

Engoli em seco.

— Ele se odeia por isso.

— E esse é o único motivo pelo qual ainda gosto dele. Está tentando fazer o certo, mas não se engane, Stella, esse é quem ele é.

— Não é quem ele é. Foi um *erro* que ele cometeu. Deus, está se ouvindo? Com amigas como você...

— Não ouse — ela alertou. — Ele tem problemas, Stella, e realmente está tentando endireitar a vida. Neil e eu estamos aqui para ele, sempre, mas ele não é para você. — Ela suspirou ao me ver absorver suas palavras. — Só esqueça, ok?

— Ok — respondi de má vontade.

— Ok, vou limpar o resto de manhã — declarou ao se aproximar e me abraçar com força, uma rara demonstração de afeto. — Não quero brigar. Eu te amo.

Abracei-a de volta.

— Também te amo.

— Tirando tudo isso, esta noite foi divertida, não foi? — Ela se afastou e abriu um sorriso genuíno que me lembrou de minha mãe.

— Foi.

— Viu, não sou tão entediante. — Ela deu uma piscadinha.

— Não falei que era — contrariei quando ela fechou a porta do quarto ao entrar.

Minha mente estava acelerada quando comecei a tirar o lixo. Não importava de que ângulo eu olhasse para o que Reid fizera, não conseguia justificar, por nenhum motivo, e acho que é onde sua infelicidade residia. Ele também não conseguia justificar. Ao esfregar os balcões e o chão, não conseguia parar de pensar, de andar de um lado a outro. Estava mais do que exausta, porém continuava trabalhando até o apartamento estar um brinco, só encontrando

sono quando o sol se erguera totalmente e estava passando pelas persianas.



CAPÍTULO 15

Say Goodbye – Dave Matthews Band

NÃO VI REID NO BANCO DE TRÁS NA SEMANA SEGUINTE, E NÃO LEVEI ALMOÇO OU JANTAR A ELE.

Perdi seu primeiro show, apesar de Paige e Neil terem ido. No trabalho, fiquei sozinha na maior parte do tempo e, nos turnos que fazíamos juntos, conseguíamos nos evitar com exceção das idas à cozinha. Flagrei seus olhos em mim apenas uma vez quando ele pegara seu dinheiro e estava pronto para ir. Dei-lhe toda minha atenção, curiosa quanto às palavras que não passaram por seus lábios. Ele foi embora sem dizê-las, e eu deixei meu coração se afundar confortavelmente na decepção. Apesar de todas minhas tentativas de esquecê-lo, ele permaneceu na minha mente, nos meus pensamentos. O homem mal tinha me tocado, e mesmo assim, toda vez que ele estava perto, eu estremecia. Mesmo no silêncio entre nós, meu coração vibrava no limite e um desejo profundo corroía minhas entranhas. Nunca tinha reagido tão intensamente a uma pessoa na vida como fazia com Reid. Parecia surreal, emocionante e exaustivo.

Após uma semana e meia, Reid apareceu no apartamento de Paige para jantar. Eu estava empoleirada no sofá, de fone de ouvido, com o laptop aberto, escrevendo um artigo sobre Dave Matthews. “Say Goodbye” tocava em meus fones, que estavam conectados ao meu iPod, enquanto eu dava meu melhor para

ignorar totalmente os três. Paige e Neil trabalhavam juntos na cozinha e Reid estava sentado na outra ponta do sofá, oposta à minha, com os olhos fixos na TV à frente.

Respirando de forma controlada, me concentrei na introdução, com seus imprevisíveis bongos e flautas coordenadas, então aumentei o volume conforme Dave cantava uma letra de poema do sexo de seis minutos sobre amigos se tornando amantes.

Ele cortou o cabelo curto demais.

Desde o álbum de estreia de Matthews, “Under the Table and Dreaming”, em 1991, a banda acabou com a questão da queda do segundo ano e passou voando por isso, compondo álbuns de sucesso consistentes e uma sucessão imprevisível de hits.

Por que será que ele usa tanto sabonete? Fico muito tentada em dar uma mordida no Irish Spring.

A voz singular do sul-africano Matthews, acompanhada pelo contraste colorido de guitarra, baixo, sax, bateria e violino, levou a uma cultura única seguida de uma versão muito mais hipster dos Parrotheads, os fãs de Jimmy Buffett.

O braço dele é tão pálido.

Com o álbum solo do ano passado, “Some Devil”, que ganhou disco de platina e lhe garantiu um Grammy com o single “Gravedigger”, Dave conseguiu superar o comercial... OH, PORRA, POR QUE REID CROWNE É TÃO SEXY?!

Sinto falta dele. Por que sinto falta dele?

Fechando forte a tampa de meu laptop, chamei a atenção de todos os olhos no apartamento, incluindo olhos verde-escuros de que eu estava sentindo falta. Abrindo um sorriso falso no rosto, falei um “oi” rápido para Reid e Paige me olhou com o cenho franzido.

— As palavras não estão vindo?

Oh, eu tinha palavras, palavras demais.

— Não. Vou dar uma volta.

— O jantar está quase pronto — Paige avisou ao olhar para minhas pernas nuas.

Eu estava com um shorts preto justinho e uma camiseta comprida enfiada na bunda. Fui até minha mala e vesti um shorts cáqui por cima. Estava bem desarrumada. Meu cabelo escuro estava enrolado na cabeça e amarrado com um elástico *scrunchie* no estilo “não dou a mínima se já estamos em 2005”. Encontrei esse pequeno tesouro no banheiro de Paige enquanto o limpava como a Cinderela que eu tinha me tornado.

Pelo menos a Cinderela tinha um baile para ir.

— Só guarde um prato para mim — pedi, evitando os olhos observadores do lindo cretino no sofá. — Estou sem fome.

— Ok — Paige respondeu baixinho quando saí pela porta e praticamente corri até o parque.

Meia hora depois, eu estava coberta pelo último sol de julho e tropeçava em meus Chucks ao voltar. Fui direto para a pia da cozinha a fim de lavar o rosto, sem me incomodar em ver quem estava lá. Secando o rosto com um papel-toalha, olhei para cima e vi Reid digitando em meu laptop. Contive o grito em minha garganta ao observar seus lábios lentamente se curvarem em um sorrisinho.

De olhos arregalados, dei a volta no balcão.

— O q-que está fazendo?

Paige se intrometeu da poltrona.

— Falei para ele que podia pegar emprestado. Disse só para minimizar o arquivo em que você estava trabalhando.

Com o rosto queimando, peguei um copo do armário e bebi água. Ele viu. Tudo.

Mordi ambos os lábios e dei um tapinha duplo na cabeça da minha irmã a caminho do banheiro, do jeito que minha mãe fazia quando queria que soubéssemos que estávamos encrencadas, mas não podia nos repreender verbalmente no momento.

— O que foi? — ela perguntou, ofendida, antes de eu fechar a porta do banheiro e entrar a água fria do chuveiro.

Quando minha temperatura corporal voltou ao normal, segui até a sala com a cabeça baixa, aliviada ao ver que Reid não estava

mais lá. Voltando ao meu lugar no sofá, abri o laptop, depois meu arquivo. Ele tinha comentado em tudo. Meu coração martelava enquanto lia.

Ele cortou o cabelo curto demais. Você acha? Vou deixar crescer no futuro, mas só para você, Granada.

Desde o álbum de estreia de Matthews, “Under the Table and Dreaming”, em 1991, a banda acabou com a questão da queda do segundo ano e passou voando por isso, compondo álbuns de sucesso consistentes e uma sucessão imprevisível de hits. > Fatos previsíveis.

Por que será que ele usa tanto sabonete? Fico muito tentada em dar uma mordida no Irish Spring. Porque gosto de ficar limpo, e tenho uma barra extra para provar, mas tenho quase certeza de que não é recomendado.

A voz singular do sul-africano Matthews, acompanhada pelo contraste colorido de guitarra, baixo, sax, bateria e violino, levou a uma cultura única seguida de uma versão muito mais hipster dos Parrotheads, os fãs de Jimmy Buffett. > Tédio.

O braço dele é tão pálido. Vou me bronzear mais. Mais alguma coisa que não aprova na minha aparência?

Com o álbum solo do ano passado, Some Devil, que ganhou disco de platina e lhe garantiu um Grammy com o single “Gravedigger”, Dave conseguiu superar o comercial... OH, PORRA, POR QUE REID CROWNE É TÃO SEXY?! Boa notícia. Por um minuto, temia que meu cabelo estivesse curto demais, que fosse limpo demais e que meus braços fossem pálidos demais. E te acho a mulher mais sexy que já vi. Mesmo que esteja com esse elástico.

Sinto falta dele. Por que sinto falta dele? Estou bem aqui, Stella.

Reid escolheu esse momento para abrir a porta da varanda, uma nuvem de fumaça enevoando o ar atrás dele. O nó em minha garganta se recusou a sair quando olhei para ele por cima da tela do computador. Paige e Neil ainda ficaram na varanda rindo quando ele fechou a porta. Com a pulsação acelerada, levantei-me enquanto seus olhos cor de mel me estudavam, uma pergunta e uma resposta. Demoraram três segundos para nossa distância diminuir, dois segundos para nos unirmos como se estivéssemos fazendo isso a vida inteira e esse último segundo... o último segundo quando seus lábios devoraram os meus foi o segundo em que perdi uma

parte de mim mesma que nunca mais poderia reaver. Seu beijo começou intenso e se intensificou ainda mais quando me envolvi o máximo que pude nele. O coração martelando e o clitóris pulsando, ele me beijou com puro abandono, nossas línguas se entrelaçando. Gemi em sua boca e ele respondeu, me apertando mais a ele. Ele estava tão duro, tão incrivelmente duro conforme nos devorávamos, segurando, roçando e nos fundindo.

— Oh, nossa — murmurei quando ele mordeu meu pescoço enquanto eu segurava suas costas. — Reid.

Ele rosnou e seus lábios subiram, e nós entramos em combustão, nos separando apenas quando ouvimos a cadeira deslizar para trás na varanda. Não era suficiente. Não era nada suficiente. Sem fôlego, olhamos um para o outro, cheios de desejo, antes de Reid se inclinar e respirar em meu pescoço.

— Também sinto sua falta.

Ele tinha dado dois passos na direção do banheiro quando Paige abriu a porta, sorrindo.

— Ei, você comeu?

Meus lábios pinicavam com a sensação da boca de Reid e meu pescoço queimava com o arranhar de sua barba por fazer contra ele enquanto eu tentava esconder a prova inegável que ele deixou.

— Ainda não.

Neil deu uma olhada para mim e suprimiu um sorriso nos lábios ao fechar a porta.

Ele sabe.

Meus olhos imploraram aos dele antes de ele dar uma piscadinha. Aliviada, tentei agir o mais casualmente possível e esquentei meu prato no micro-ondas. Reid saiu do banheiro um minuto depois. Ele estava totalmente tranquilo, sem alterar o comportamento ao falar com Neil e Paige no sofá.

— Obrigado pelo jantar. Vejo vocês no show amanhã?

A pergunta era para mim, mas ele estava olhando para eles. Paige choramingou.

— Se sairmos cedo do nosso turno. Stella, quer ir?

Dei uma mordida na minha enchilada.

— Quero, sim.



Naquela noite, me mexi e me virei. Pesada. Sentia-me muito pesada. Precisava de ar, e esse ar estava dormindo a apenas alguns prédios dali. Reid falou tão pouco, e seu beijo falou tanto. Tudo. Falou tudo.

Tracei meus lábios ao reviver aquele beijo passo a passo até cair em um sono agitado.



Freak on a Leash – Korn

— NÃO VARRA MEUS PÉS! — REPREENDI PAIGE QUANDO ELA ME CENSUROU COM A AMEAÇA DA VASSOURA.

— Não é verdade. Você pensa que, se eu varrer seus pés, vai ficar solteira para sempre? Caia na real, Stella.

— Não me importo se você não leva isso a sério, ok? Não faça isso — adverti enquanto ela balançava a vassoura de maneira brincalhona na minha frente, a centímetros do chão. Peguei a vassoura, que ela apoiou no chão, e aproximei-me dela. — E você, maninha? — perguntei, chegando perigosamente perto de seus pés. Ela pulou para trás com um gritinho quando me aproximei. — Foi o que pensei.

— Certo, certo. Admito! — Ela deu risada. — Mamãe ligou esta manhã. Disse que você não tem retornado as ligações dela.

— Estou ocupada.

— Mas ligou para o papai — ela repreendeu, pegando a vassoura amaldiçoada e a colocando ao lado do balcão. Então, começou a contar suas gorjetas. Tínhamos terminado de trabalhar, o que era bom, porque o show de Reid iria começar em breve. Eu estava morrendo de vontade de ir para lá, mas Paige estava demorando demais com seu trabalho paralelo.

— Neil está esperando no carro — lembrei quando ela finalmente começou a pegar o dinheiro.

— É bom fazê-los esperar — ela disse, brincando.

Eu já tinha me trocado e colocado shorts preto, minha camiseta da TOOL, que eu tinha rasgado no colarinho, e passado batom vermelho. Era suficiente para me sentir sexy, mas não tanto a ponto de Paige desconfiar de algo. Passei o dia todo sonhando com uma repetição do beijo, no mínimo. Eu não fazia ideia do que ele significava. Tudo que sabia era que queria mais, e minha irmã estava atrapalhando de novo.

Paige estava sorrindo sozinha. Eu conhecia aquele sorriso.

— Você ama Neil.

— Demais — Paige confessou com um olhar suave.

— Eu o amo por você — declarei com sinceridade.

— É, estamos em um ponto em que vamos a algum lugar ou a nenhum.

Bufei.

— Estarão casados em um ano.

— Espero que sim — ela disse, pensativa. — Acho que ele está esperando terminar os estudos e conseguir um emprego, sabe?

— O que importa?

Ela olhou diretamente para mim.

— Não importa, nem um pouco.

— Fale isso para ele — aconselhei enquanto andávamos para o cubículo que Leslie chamava de escritório e lhe entregávamos nosso dinheiro.

— Vou falar.

— Preciso que me leve para procurar um lugar na semana que vem, ok?

Paige me cutucou.

— Finalmente.

— Não me venha com essa. Deixo seu apartamento tão limpo que você poderia comer na privada.

Ela jogou o braço em volta dos meus ombros quando encontramos Neil no carro.

— Vou ficar com saudade de você.

— Estarei na mesma cidade, e não vou ficar com saudade do seu sofá engolidor de bunda.



Tem algo na música que une as pessoas. Mas precisa ser a música *certa*. Quando se tratava da música que me tocava, eu era viciada na onda de sentimentos que trazia: raiva, amor, ódio, cobiça, fome, sede, desespero, redenção, paz e fantasia. Música era meu critério, meu local de adoração. Se ficasse muito tempo sem, sentia abstinência. Podia viver com ela. Eu prosperava com ela. Era meu segundo ar.

No entanto, na noite em que vi Reid Crowne tocar, esse equilíbrio balançou.

— Anda logo — guinchei ao mostrar minha identidade ao porteiro e passei pela fila a fim de pegar uma das últimas mesas ao lado do palco.

Paige se sentou ao meu lado enquanto Rye subia no palco e começava a fazer acordes na guitarra. Ele olhou para nossa direção e assentiu.

Meu coração galopava quando o ambiente escureceu. Neil se juntou a nós na mesa, trazendo cervejas e obstruindo minha visão. Peguei a bebida oferecida e quase gritei para ele sair da minha frente. Quando finalmente se moveu, vi que Reid já estava sentado atrás da bateria.

Por dentro, eu estava agitada ao dar um gole na cerveja e me recostar na cadeira. Estivera em centenas de shows e nunca havia ficado nervosa. E, antes de conseguir recuperar o fôlego por vê-lo em sua vestimenta de sempre, com botas pretas com ponta de

ferro, jeans e uma camiseta — totalmente não original, mas como uma isca para mim —, ouvi o barulho de suas baquetas. Então fui rodeada.

Precisei de toda minha força para manter a boca fechada. Tudo na dinâmica da banda com Reid tocando junto, pelo menos para mim. Ele ficava ali sentado atrás da bateria, composto e completamente relaxado, a baqueta uma extensão de seu braço mantendo o ritmo perfeito. Ben trouxe a casa abaixo, enquanto Rye arrasava na guitarra e Adam impressionava no baixo.

— Stella! — Paige gritou na tentativa de chamar minha atenção.

Ela me cutucou com o ombro e me forçou a tirar os olhos de Reid.

— Então, o que acha, srta. Futura *Rolling Stone*?

Acho que estou me apaixonando pelo rei do nada.

Mas não era do nada. Era qualquer coisa, menos isso.

— Eles vão ser contratados em menos de um ano — declarei sem hesitar.

Estupefata, olhei de volta para o palco.

— Te falei — Paige disse para Neil conforme eu me concentrava neles individualmente, notando como tocavam bem, antes de voltar minha atenção para Reid, que nunca, nem uma vez, olhou para o público.

Ele era puro negócio, mas vi, quando ele olhava para Ben, que zoava com ele de vez em quando, que tocar era o segundo ar *dele*. Eu estava hipnotizada, total e extremamente cativada. O suor se acumulava em sua têmpora. Nunca, na vida, tinha visto algo mais sexy do que Reid Crowne girando suas baquetas de forma habilidosa antes de bater na bateria. Seu cabelo suado voando livremente em volta de seu rosto enquanto ele mergulhava e reagia à música com o corpo, imerso em seu ritmo. O calor brilhava em seu pescoço enquanto ele criava a música, seu ritmo impecável. Ele mordida o lábio quando acelerava, balançando o corpo enquanto meu peito subia e descia com desejo. Eu estava com sede e só queria

beber o sal de sua pele, montar em seu colo e rebolar nele. Recém-viciada, as batidas de Reid me consertavam. Eu nunca me cansaria de vê-lo em seu ambiente conforme ele dominava o palco.

A Sergeants tocou algumas músicas originais que eu ouvira no ensaio e que tinham muito potencial e alguns covers específicos. Ben havia me contado, na Garagem, que não podiam diversificar ao tocar covers, porque não eram músicas deles para mexer. Era o momento de homenagear. Reid dissera a ele que isso era a maior besteira que ele já tinha ouvido na vida, e que algumas das músicas mais lembradas eram covers refeitos, porém ele tocou bateria do mesmo jeito, de qualquer forma, para agradá-lo. Os dois pareciam duelar, brincando, com frequência quanto à direção, enquanto Rye e Adam eram menos temperamentais e só queriam tocar.

E, mesmo sem conhecer a personalidade deles, eu sabia que todos combinavam. O som deles era um misto de rock puro e *old school*, combinado perfeitamente com elementos de metal, psicodélico e punk. Eu estrava extremamente atraída e queria muito testemunhar o início de *algo*. Quase perdi a cabeça quando começaram uma versão acústica de “Freak on a Leash”, de Korn, que se transformou em um crescendo magistralmente trabalhado de feedback épico do metal saindo de seus amplificadores. Reid despedaçava sua bateria enquanto Ben estourava nos vocais. E eu não era a única reagindo na balada. Paige estava de pé, gritando junto com Neil, e só quando os vi em pé que percebi que eu estava fazendo a mesma coisa junto com eles.

A pista encheu dentro de uma hora do início da segunda parte do show, pessoas gritando, cheias de reconhecimento e admiração. Também não havia escassez de mulheres, que estavam competindo pela atenção do carismático cantor com uma voz versátil, do guitarrista, do baixista e do baterista, que não se incomodava em notar a existência delas. Eu estava totalmente intoxicada e não tocara na minha cerveja desde que começaram. E estava grata por isso. Participei da multidão ao nos unirmos e adorarmos o altar da Dead Sergeants e eles *arrasaram*.

— Você está quieta — Paige comentou a caminho de casa, se virando no banco para olhar para mim.

Eu escondia minha decepção pelo fato de Reid ainda estar na balada rodeado por várias mulheres, que começaram a lhe comprar cervejas antes de o show acabar. Falamos brevemente com a banda depois da segunda parte do show. Paige abraçou Reid como uma mãe orgulhosa, e eu fiquei para trás em silêncio enquanto ela o elogiava. Ele olhou na minha direção apenas uma vez, seus olhos brincalhões se iluminaram com adrenalina quando viram que fiquei atrás aguardando um segundo sozinha com ele, uma palavra, um sussurro, mas não obtive nada. Ben me deu um abraço de urso por trás e me carregou até o bar para uma dose de comemoração, que engoli sem hesitar.

— Cadê minha garota, Stella?

Franzi o nariz.

— Ela não pode simplesmente vir. Vai se mudar para cá em algumas semanas, mas tenho a sensação de que você já sabe disso.

— Sei — ele berrou acima da música que preenchia o ambiente.

— Então seja paciente — aconselhei quando ele olhou para uma garota por cima do meu ombro. — Lexi vale a pena.

— E você? — ele perguntou com um sorrisinho sábio.

— Eu estou apaixonada pela Sergeants. Jesus, Ben!

Ele sorriu para mim.

— É tão boa assim?

— Muito melhor do que pensa.

— É bom termos nosso homem de volta — ele comentou, assentindo para Reid, que estava a apenas alguns metros.

Eu podia senti-lo atrás de mim, o nervosismo se transformando em dor. Senti a ponta de seus deslizar na bainha da minha camiseta nas costas quando ele passou por mim. Olhou por cima do ombro e nossos olhares se conectaram antes de ele apontar para o

bartender. Eu ia até ele, como uma mariposa faminta, mas Paige segurou a camiseta de Ben e o puxou para um breve abraço.

— Você. Estava. Totalmente. Incrível! — Paige lhe deu um abraço de mãe ao se virar para mim com um suspiro. — Deus, está quente aqui. Está pronta para ir?

Com um olhar arrependido na direção de Reid, dei de ombros.

— Estou.

Paige segurou minha mão e meio que sussurrou, meio que gritou para Reid, que assentiu e deu as mãos para Neil antes de eu ser arrastada para fora, meu olhar permanecendo nele antes de ser puxada pela porta.

De volta ao carro, respondi minha irmã e fiz meu máximo a fim de esconder meu ressentimento.

— Estou bem. Cansada.

— É, mas, nossa, eles estão cada vez melhores. Quero ir na semana que vem — ela disse a Neil.

— Ok, babe.

Paige se mexeu animada no banco enquanto eu me recostei, dolorosamente excitada e inquieta.

Em casa, fiquei debaixo do chuveiro lavando uma noite de suor e uma lágrima de frustração. Por que isso tinha que ser tão complicado?

Eu o queria.

Ele me queria.

Eu acho.

Danem-se as consequências.

O fogo fervilhava na minha barriga quando Neil e eu acalmamos minha irmã ao assistir ao filme preferido dela: *As Patricinhas de Beverly Hills*. Bocejei duas vezes e olhei para o relógio.

11h da noite. *Vá para a cama, Paige.*

11h11. *Faça um desejo, Stella.* Desejei Reid Crowne.

12h13. *Será que ele está em casa?*

01h. Encarei tanto a cabeça da minha irmã que fez um buraco.

01h16. *Era uma ideia idiota, de qualquer forma.*

01h32.

— Boa noite — Paige disse com um sorriso e Neil pegou sua mão, levando-a para o quarto deles.

— Boa noite — sussurrei, como se eu estivesse quase dormindo. Tirei minha coberta, afofei meu travesseiro, escovei os dentes e, vinte minutos depois, saí de fininho pela porta da frente.

Cada passo que eu dava na direção do apartamento dele era cheio de incerteza. A cada minuto, a dor ficava mais forte. Eu corria para ele, uma mulher excitada, correndo para o calor de seus lábios, a chama de seu beijo.

— Por favor, esteja em casa — sussurrei ao subir dois degraus de uma vez. Bati baixinho e aguardei.

Volte, sua groupie!

A porta se abriu um segundo depois de eu dar as costas para ela.

Olhei por cima do ombro e comecei a balbuciar como uma idiota para Reid, que estava sem camisa e suando.

Furiosa comigo mesma, olhei desafiadoramente para ele e seu tronco lindo.

— Só não tive a chance de te dizer que o show foi bom.

— Bom? — ele perguntou com uma sobrancelha arqueada. — Esse é o adjetivo que vai usar quando escrever para o *Speak*?

Franzi os lábios e sorri para ele. Quase explodindo com meus sentimentos, não fazia ideia do que era capaz. e então, recuei.

— Então, acho que está ocupado aí. — Gesticulei por cima de seu ombro. — Te vejo no trabalho.

— Stella.

Parei de andar e arrisquei um olhar em sua direção. Ele ergueu o braço na porta, o suficiente para eu passar apertada.

— Está sozinho?

Ele deu um sorrisinho para o sorriso em meu rosto quando passei debaixo de seu braço. Não havia por que esconder meu alívio. Quando vi, minhas costas estavam presas à sua porta fechada.

Ele ergueu minhas mãos acima da minha cabeça e entrelaçou os dedos nos meus.

— Por que você não veio ontem à noite?

Ele capturou minha boca — minha resposta — e rejeitou qualquer desculpa que eu pudesse ter. E, nesse beijo, senti a liberdade de que tanto precisava. Com nossas mãos ainda unidas, ele as virou atrás das minhas costas, pressionando o corpo no meu enquanto me provocava com sua boca habilidosa. Eu me contorci em seu abraço e senti a exploração profunda de sua língua. Quase me curvei sobre Reid quando ele recuou e mordeu meu lábio inferior, soltando-o depois.

Os olhos buscando os meus, peito subindo e descendo.

— O que vou fazer com você?

— Tirar minhas roupas? — sugeri, totalmente incapaz de conversar. Meu centro desejava, molhado de tesão. Tudo que conseguia fazer era arfar. — Escrevo melhor do que falo.

Ele deu risada e mordeu meu pescoço, minhas mãos ainda grudadas em seu quadril, presa à sua estrutura firme. Ele hesitou e, então, segurou minhas mãos com mais força, como se temesse me deixar sozinha com meus dispositivos.

— O que quer que você vá dizer, sinceramente não dou a mínima — sussurrei, meu hálito cálido ao me inclinar em sua direção para tentar capturar um novo beijo. — Transe comigo — exigi antes de reivindicar seus lábios e beijá-lo com tanta promessa quanto ele me segurava. — Agora mesmo — eu disse ao deslizar a língua por seu lábio inferior. — Reid Crowne.

Vi seus olhos se escurecerem antes de ele soltar minhas mãos. Colidimos de novo, bocas e línguas tateando por mais. Eu não conseguia chegar perto o suficiente, e ele estava faminto. Perdi minha camiseta por suas mãos. Ele perdeu a calça pelas minhas. Perdi meu shorts e ele, sua boxer. Segurei-o, forte, e arfei quando ele segurou meu cabelo e encheu minha boca com outro beijo arrasador. Eu estava quebrada, exposta e acabada só por seus beijos.

— Oh, nossa — disse rouca quando ele passou por minha calcinha e viu que eu estava molhada.

A ponta de seus dedos deslizou por minhas partes encharcadas e roçou em meu clitóris.

— Stella — ele disse com um gemido —, você acaba comigo.

Ele expirou pesadamente ao plantar uma trilha de beijos de língua até acima de meu sutiã. Segurou um seio e afastou o tecido com o polegar, deixando o mamilo à mostra antes de chupá-lo. Seus dedos mexiam dentro de mim, e eu empurrava ao ver seus olhos fechados enquanto ele me alimentava. Agarrei seu cabelo e puxei-o para mim. Era demais, demais para mim, e eu estava deslizando para algum lugar entre luxúria e o lindo esquecimento, temendo cair ali porque não queria perder nada.

— Caramba — Reid disse com a voz rouca ao se afastar e me encarar. — É uma granada do caralho.

Não me seria negado nem mais um segundo. Apertei seu pau e deslizei o polegar por cima de sua cabeça sedosa. Ele empurrou e xingou baixinho enquanto eu lambia o sal de seu peito. Eu massageava seu comprimento e me deixava perder ao adorar seus músculos enrijecidos com a língua. Seguimos de forma atrapalhada até seu colchão e eu caí forte de costas, com o peito ofegante. Ele se demorou em meus joelhos, me absorvendo enquanto enganchava os polegares em minha calcinha e, lentamente, a deslizava por minhas pernas. Com olhos escurecidos e cheios de desejo me inundando, ele me abria mais. Mãos quentes subiram e

desceram por minhas coxas enquanto ele observava eu me contorcer.

— Por favor — pedi ao alcançá-lo, e ele tirou minhas mãos antes de abaixar a cabeça e me lambe suavemente, do centro ao topo.

Estremeci com a sensação de sua língua disparando e soltei um gemido. Sua boca provocava conforme sua mandíbula se esfregava em minhas coxas. Demorou somente segundos para eu detonar contra sua língua impiedosa. Ainda estava arfando quando ele recuou e ficou de joelhos, o polegar em meu clitóris enquanto abria uma camisinha com os dentes. Pairando sobre mim, subiu uma mão por meu corpo, cobrindo cada centímetro desnudo, e segurou meu rosto antes de envolver minha nuca, fincando as unhas no meu couro cabeludo, puxando meu cabelo e se empurrando para dentro de mim. Engasguei-me com a sensação de preenchimento conforme ele gemia e se enterrava em mim. Ancorada por sua boca e tremendo debaixo dele, ele estocou forte e fundo em mim até eu estar em seu ritmo e choramingando em sua língua. Ele queimava dentro de mim, *comigo*.

Êxtase.

Completude.

Eu não conseguia pensar, não conseguia respirar, e só queria *mais*. Ele me levou mais longe do que eu já tinha ido antes de cairmos deitados em uma bagunça entrelaçada em seu colchão.

Cansados, deitados de costas e cabeça virada um para o outro, prendemos a respiração ao analisarmos um ao outro através de novos olhos de amantes. Eu tinha tantas palavras circulando na minha mente, mas não conseguia fazer outra coisa além de encará-lo. Ele passou os dedos lentamente por meus lábios, descendo por meu pescoço e por cima da curva dos meus seios. E, enquanto seus dedos exploravam, seus olhos permaneciam nos meus, preenchendo o silêncio e, neles, vi a parte de mim que ele pegou.



CAPÍTULO 17

I Belong to You – Lenny Kravitz

CAÍ NO PEITO DE REID QUANDO ELE TEVE SEU ORGASMO, APERTANDO MINHA BUNDA, ME PUXANDO E EMPURRANDO. QUANDO NÓS dois nos recuperamos, me afastei, envolvi a perna em seu quadril e estreitei os olhos.

— Nunca mais me chame de irmãzinha.

Seu sorriso era de tirar o fôlego quando me olhou com a excitação residual.

— Juro.

— E, aliás, o que eu quis dizer foi que foi totalmente incrível.

— Eu tive a sensação de que seria melhor do que *bom* com você quando começou a gritar.

Revirei os olhos.

— Eu estava falando do show.

— Eu também — ele disse com um sorriso astuto.

— Como pode saber? Não olhou para cima nem uma vez.

Ele se inclinou e pegou meu mamilo com a boca, murmurando.

— O quê?

Ele se afastou com minha pele entre os dentes.

— Eu não olho para o público. Não estou lá por eles.

— Deus — eu disse, bufando. — Só está lá pela música? Típico.

— Não gosto de multidões.

Desvencilhei meu mamilo da boca dele e me movi para me deitar de lado, apoiada em uma mão.

— Você vai ter um problemão.

— Porra, você fica muito linda sem roupa — ele disse ao se aproximar de novo e me prender de costas, chupando meu mamilo até doer.

Dei um gritinho e puxei seu cabelo.

— Reid, o que vai fazer quando for para uma turnê?

Ele se afastou e olhou para mim como se um terceiro mamilo acabasse de ter nascido em mim.

— Turnê?

— É, vocês vão ser contratados logo. Vão precisar fazer turnê.

Sua expressão foi um misto de ceticismo e diversão.

— É — ele disse com olhos arregalados, a voz cheia de sarcasmo. — Porque vamos ser contratados — sussurrou ao tirar nossa segunda camisinha e jogar em uma sacola do Taco Bell.

— Vão, sim — declarei enquanto ele se sentava e olhava por cima do ombro para me fitar com as sobrancelhas franzidas.

— Precisa ir devagar com a maconha do Brodi, Stella.

— Você sabe que não fumo. Não acha mesmo que vão ser contratados, não é? Não acredita que vai acontecer?

— Estamos tocando há três anos. Então, não, não acredito. — Ele se moveu para se levantar e estendeu a mão.

Eu a peguei e me levantei com ele.

— Vocês vão ser contratados. É só uma questão de tempo. E me botar para fora é grosseria, Reid. Preciso dizer que estou prestes a chutar seu saco.

Ele ficou estupefato.

— Eu queria que lavasse meu cabelo, mas você acabou de falar para um homem nu que ele deve temer por suas bolas, então vou ficar com medo de me virar de costas.

— Certo, mas você tem duas mãos agora. Pode lavar o próprio cabelo.

Ele me puxou para ele e apertou minha bunda nua.

— Eu quero suas mãos. E nunca... — ele começou, seus olhos se iluminando com sinceridade —, nunca te agradei por tudo que fez por mim.

Balancei a cabeça.

— Não foi nada.

— Stella, foi *tudo*. — Seus olhos me perfuraram, e senti o calor se espalhar. — Significou tudo. Eu estava em um momento zoadado.

— E agora não está? — perguntei com a voz envolvida por esperança, mas sabia que a culpa que ele carregava ainda estava evidente em sua expressão.

— Não, ainda estou em um momento zoadado — respondeu, dando de ombros. — Mas não é tão ruim com você por perto.

— Huh — eu disse quando ele começou a ir na direção do banheiro. — E eu pensava que te deixava nervoso.

Ele andou pelo corredor, sua bunda perfeita em minha visão.

— Você deixa.

Pensei rapidamente em mordê-la.

— Pensei que te irritasse.

— Também — respondeu, abrindo o chuveiro.

— Então... Te deixo nervoso e te irrita.

— Diariamente — declarou sem hesitar.

— Mas você gosta de mim. — Ele me olhou e deu de ombros ao pisar na água quente que saía do chuveiro. — Então, o que estou fazendo aqui? — perguntei quando ele me puxou para o chuveiro e me colocou debaixo da água.

— Está aqui porque quero falar com você todos os dias. Quero te olhar todos os dias. Porque mal posso esperar para ver a camiseta totalmente inapropriada que vai usar para trabalhar da próxima vez.

— Você gosta muito de mim. — Sorri.

— O suficiente para arriscar um chute no saco. — Ele se divertiu ao colocar xampu barato na mão. — Vire-se — ordenou. — Me deixe retribuir o favor.

Brincando, ele colocou uma mão cheia de shampoo no topo de minha cabeça e começou a esfregar meu couro cabeludo com a ponta dos dedos, espalhando o produto pelo meu cabelo. O pau estava duro e pronto entre nós enquanto ele me lavava gentilmente e depois a si mesmo. Minutos mais tarde, eu estava vasculhando seus armários da cozinha — faminta — e encontrei miojo sabor camarão. Mas não importava; estávamos satisfeitos em comer tigelas quentes de massa cheia de plástico, eu usando uma de suas camisetas limpas e ele só de cueca boxer. Naquele momento, em seu colchão grumoso enquanto comia macarrão, senti que podia voar. Estava fazendo de tudo para manter a calma. Era como se, finalmente, tivessem me dado permissão para sentir *alguma coisa* quando se tratava dele. Olhar para ele, poder tocar nele, era a droga mais pura.

Tentando acalmar minha exaltação, analisei sua sala e, no canto mais afastado, ao lado da porta do quintal, havia uma pilha de, no mínimo, cem cadernos com espiral. A maioria parecia bem usada.

Assenti na direção deles.

— Música?

— É — respondeu, pegando a tigela vazia de minhas mãos.

— Posso olhar?

— Não nesta noite.

— Por que não nesta noite?

— Porque são quatro e meia da manhã.

— O quê? — Olhei para o relógio em seu fogão. — Oh, merda, é melhor eu ir. Fiz menção de me levantar e ele balançou a cabeça.

— Fique. Só mais um pouco.

Meu coração pulou quando ele me puxou de volta para seus braços. Com nossas tigelas empilhadas ao lado do colchão, minhas costas foram pressionadas abaixo dele, nossas bocas atracadas conforme nos apertávamos, ofegantes, e nos soltamos antes de só restar um beijo demorado em sua porta da frente.

Eu não ia lhe pedir uma explicação quando se tratava da gente. Não sabia o que eu queria, além de mais do mesmo, *dele*. Conforme permanecemos ali, sem falar nada, consegui sentir a tensão começar a se formar nele. Eu não queria pensar em nada além do que tinha acabado de acontecer entre nós. Só queria manter o calor o máximo de tempo possível. Eu estava transbordando com ele.

— Stella, deixe que eu falo com Paige, ok?

— Não é da conta dela.

— Meio que é — ele disse ao apertar tanto minha boca que meus lábios se fecharam. — Então, mantenha isto fechado, ok?

— Certo — concordei com os lábios presos.

Ele os machucou completamente antes de eu sair igual doida para o apartamento da minha irmã. Meu coração martelava loucamente com a nova realidade e o medo de ser pega.

Eu estava animada com a liberdade e deliciosamente dolorida. Seu toque ainda permanecia em minha pele; seu desejo ainda dançava em minha língua. Subindo as escadas e me sentindo confiante, podia manter o segredo só por um pouco mais de tempo, então fechei a porta em silêncio e encontrei o apartamento quieto. Fui até minha mochila e pulei quando vi Paige no sofá. Congelei e, então, baixei a cabeça.

Sua voz foi fria.

— Não pode ficar aqui.

— O quê?

— Saia, Stella. Deixe sua chave.

— Não, o quê? Não, Paige. Não está falando sério. Não pode estar.

— Estou. Isto é um grande erro, e eu *não* vou observar você cometê-lo.

— Por favor — implorei através da sala escura. — Por favor, não faça isso. Só preciso de umas semanas.

— Deveria ter pensado nisso antes de transar com meu melhor amigo.

A raiva apareceu, e não consegui evitar de me defender.

— Por quê? Preferiria que fosse você?

— Saia.

— Paige. — Balancei a cabeça. — Não quis dizer isso. É só que...

— Saia. *Agora*.

— Paige? — Neil chamou ao entrar na cozinha e acender a luz, fazendo nós duas nos encolhermos.

— Ela está indo embora — ela avisou, indo até Neil e dando um beijo em sua face. — Agora.

— Paige — comecei quando minha voz falhou. — Gosto mesmo dele. Quero ficar com ele. Por que isso é tão errado?

Ela foi para o quarto e fechou a porta.

— Desculpe — pedi a Neil ao enfiar umas camisetas na mochila e fechar o zíper. — Obrigada por me deixar ficar.

— Vou falar com ela, Stella.

— Ela nunca ficou tão brava comigo, *nunca*.

Neil suspirou e esfregou o rosto.

— Ela vai superar. Está mais brava com Reid.

Meu peito começou a se corroer ao pensar, por um segundo, que poderia ter cometido um erro.

— Ele é tão ruim assim?

Neil me lançou um olhar sincero.

— Quando ele quer ser. — E foi até sua coleção de CDs e pegou uma nota de cem dólares de uma das prateleiras. — Pegue isto, chame um táxi e vá para um hotel barato esta noite. Vou falar com ela.

— Não — neguei, dando-lhe um abraço rápido. — Não, guarde seu dinheiro. Tchau — despedi-me engasgada ao fechar a porta.

Um maremoto me inundou quando saí e as lágrimas se formaram e escorreram livremente.

Merda.

Eu tinha dinheiro para um hotel, mas eram cinco da manhã. Fiz a caminhada da vergonha, suscitada unicamente por minha irmã, e arrastei minha mochila pelo gramado. Olhei para cima e vi Reid fumando um cigarro em sua varanda. Parei quando ele se levantou e o esmagou com o pé.

Ele me encontrou na porta da frente, meu rosto queimando com novas lágrimas.

— Ela te ligou?

— Se chama aquilo de ligar — ele disse ao pegar minha mochila, jogá-la nas costas e me colocar para dentro.

— Desculpe — pedi quando minha respiração se perdeu e mais lágrimas surgiram. Eu estava constrangida, furiosa e temporariamente sem lar.

— Nós dois fizemos isto — declarou ao passar o polegar em meu maxilar. — *Nós, não você.*

— Ela está muito brava.

— Ela vai superar. — Nada em sua voz me dizia que ele acreditava nisso. Será que eu tinha lhe custado a melhor amiga?

— Posso ficar só hoje? Preciso dormir. Preciso pensar.

Reid assentiu quando estremeci com a revelação de que eu tinha afastado minha irmã totalmente.

Eu estava errada? Ou ela estava? Será que Reid me faria de boba? E o que nós éramos? Será que valia a pena?

Reid mordeu o lábio e deu um tapinha na minha cabeça.

— Pare de pensar.

— Estou muito ferrada.

— Bem-vinda à vida adulta — declarou com um sorriso sarcástico. — É uma merda aqui.

— Deus, por favor, nunca se voluntarie para atender ligações suicidas — eu disse ao olhar em volta na luz da manhã. — Estava muito diferente há uma hora — sussurrei.

— Porque você não estava presa aqui — ele respondeu baixinho atrás de mim.

Olhei para ele e vi a vergonha que minhas palavras lhe trouxeram.

— Não foi o que quis dizer. Se acha que isto é ruim, deveria visitar meu tio Julio no México. O *chão* dele é sujo. Você vive como a realeza comparado a ele.

Reid balançou a cabeça como sempre fazia quando ignorava meu otimismo eterno e me levou para seu colchão. Em seu abraço, ele me beijou até eu relaxar e cair no sono em seu peito.



CAPÍTULO 18

Watching the Wheels – John Lennon

A SEMANA SEGUINTE FOI UMA MISTURA DE PARAÍSO E INFERNO NA TERRA ENTRE O ÓDIO DE PAIGE E OS LÁBIOS CURADORES DE Reid. Meus pais estavam bravos. Ela não perdeu tempo em lhes contar que eu estava ficando com Reid. Eu ignorava as ligações deles. Paige nos fuzilava com o olhar de longe enquanto trabalhava na dela. Recusava-se a falar com qualquer um de nós. Assim que entrávamos no mesmo turno, eu podia sentir a onda quente que ela deixava. Reid tentou abordá-la alguns dias depois de ela ter me colocado para fora, porém ela simplesmente saiu andando e o constrangeu. Nós duas estávamos totalmente brigadas. Eu não era bem-vinda para voltar à sua casa, e ela deixou isso claro contando tudo aos meus pais, o que me colocou em maus lençóis com eles também.

Eu ignorava isso tudo, totalmente concentrada em minha bolha com Reid. Quando chegava ao Bar dos Pratos, ia direto trabalhar, fazendo meu melhor para evitar Paige enquanto todos nós corríamos como ratos tentando acompanhar a correria da hora do jantar. Contudo, naquela sexta-feira, ficamos tão ocupadas em um momento que Paige teve amnésia temporária e trabalhamos juntas. Minhas esperanças de qualquer tipo de trégua foram banidas

quando, uma hora depois de as portas se fecharem, ela bateu as mãos no peito de Reid e gritou com ele sem se conter.

— Minha irmã? Seu. Maldito. Desgraçado! Não conseguiu se controlar, não é? Bom, você a queria, conseguiu!

Leslie saiu de seu escritório e se intrometeu, mas os olhos cheios de lágrimas e raiva de Paige foram suficientes para nos silenciar até chegarmos ao estacionamento. Reid tinha uma caminhonete dez anos mais velha do que eu e tinha acabado de repintá-la de preto. Os reparos do acidente demoraram uma eternidade porque o carro era considerado um clássico. O ar-condicionado mal soprava ar frio o suficiente para nos refrescar, e o botão era daqueles que você tinha que empurrar para a direita com o dedo a fim de aumentá-lo. Mas ele amava essa caminhonete. Era óbvio. A cabine era limpa e estava em forma decente. Não era o que eu o imaginava dirigindo, mas, quando ele me levava para os lugares, não conseguia vê-lo em outro carro.

Encarei seu perfil enquanto ele nos guiava pelas ruas que nos levariam de volta em segurança, longe do julgamento de minha irmã.

— Por que ela está fazendo isso? — perguntei.

Reid dirigiu em silêncio por alguns minutos.

— Porque ela me ama, mas pensa que sou um merda, Stella.

Quando estacionamos, ficamos sentados em sua caminhonete. Um alívio silencioso irradiava entre nós.

— E você acredita nela — declarei e me virei para encará-lo no banco.

— Não, não, não vamos discutir hoje — ele disse ao se inclinar e beijar meus lábios antes de tirar a chave da ignição e segurar a maçaneta da porta.

— Não acredite nela — pedi quando ele me ignorou e saiu da caminhonete. Eu não conseguiria me conter. Encontrei com ele na escada. — Reid, olhe para mim — exigi.

Seus olhos cansados encontraram os meus e coloquei as mãos em seu peito.

— Acredite em *mim*, não nela. Não no que se passa nessa sua cabecinha. Acredite em *mim*.

— Stella, não é tão fácil.

— É fácil, sim. Você não é quem você foi ontem ou anteontem. Acredite nisso. Você não é suas circunstâncias. Não é esse apartamento vazio. — Assenti para a porta. — Não é quem você é.

Fiquei um degrau acima para nossos olhos ficarem na mesma altura. Ele tirou uma mecha de cabelo dos meus lábios e colocou para trás dos ombros.

— E quem você pensa que sou, Stella?

— Você é o nerd da banda que cresceu para ser um astro do rock. Está apenas no caminho.

Recebi um sorrisinho.

— E quem é você?

— Sou a mulher que vai ver isso acontecer. Sou a mulher com um grande *Te falei* na ponta da língua.

Reid me pegou e jogou em seu ombro, e eu gritei enquanto ele dava um tapa na minha bunda.

— Chega dessa conversinha que não pedi, Granada.

— Estou começando a amar esse apelido. — *Amar você. Começando a amar você, Reid.*



Mais tarde naquela noite, olhei por cima do meu laptop e vi Reid andar de um lado para o outro no apartamento e fumar como se fosse pegar um voo longo. Tinha saído do telefone com sua mãe uma hora antes e, então, a marcha começou e ele se recusava a falar comigo. Pelo que entendi, o pai estava piorando. Eu tinha muito medo de insistir. Muito incerta de onde era meu lugar, se é que tinha um. Reid não falara uma palavra sobre o fato de eu estar

ali fazia dias. Ele sabia que era só questão de tempo até eu arranjar meu próprio apartamento. Ainda assim, ficou quieto quando parou de andar. Rascunhou em seus cadernos e continuou fumando em sua varanda. Imaginei se eu estaria ali se não tivéssemos sido pegos por Paige, se eu seria bem-vinda. Mas, então, seus olhos escuros encontraram os meus no espaço entre nós e ele me deu aquele sorrisinho, e eu simplesmente soube. Estávamos bem. Estava tudo bem.

— Quando vai me deixar ver sua música? — perguntei quando ele se sentou no chão da varanda, botas cruzadas, cigarro na boca e caneta na mão. Ele deu de ombros e continuou escrevendo. — Você provavelmente está desenhando cachorrinhos, de qualquer forma.

Ele passou os dedos no cabelo e suspirou. Embora estivesse me ignorando completamente para eu ficar quieta, não conseguia me conter. Sorri. E então encontrei alguém para incomodar.

Eu: Ei, gata do Ben! Qual é a boa?

Lexi: Não sou gata de ninguém. Dias.
Estarei aí em dias!

Eu: Dez!

Lexi: Dias soa melhor. Como está indo?

Eu: Me sinto estranha por ficar aqui. É como se ele tivesse que ficar comigo porque transamos. Não é zoadado? Nunca vou perdoar Paige. Sério, eu a odeio neste momento. Vou sair amanhã para encontrar o lugar e já era. Tenho dois lugares em mente.

Lexi: Ele vale a pena?

Eu: Ele é triste e lindo. Estou cansada de músicos. Foi o que eu disse, lembra? E você não se incomodou em me lembrar disso. Estou sentada no chão olhando para ele. É assim que está indo.

Lexi: Você está muito apaixonada por ele.

Eu: Talvez. Mas Ben está esperando você chegar aqui e parece que você está bem ferrada.

Lexi: Somos groupies?

Eu: Não. Somos entusiastas de música que, de vez em quando, dormem com músicos. Não somos bem Meg Ryan interpretando Pam Courson pagando um boquete para Jim Morrison na cabine de som.

Lexi: Eu faria isso, certeza.

Eu: Você é uma groupie. Sem dúvida.

Lexi: Amanhã serão nove dias.

Eu: Te amo, gata.

Lexi: Bjs

— Agora deixe eu ver se entendi o que acabou de escrever — Reid disse, parado acima de mim.

— O quê? — Olhei para cima e meu sorriso desapareceu. — Como foi parar aí sem eu ver?

— Não mude de assunto. Deixe-me ver — ele pediu, estendendo a mão diante do meu rosto, aguardando.

— Ah, não — neguei, e logo enfiei o celular dentro da calcinha. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Acha que não vou pegar? Leia... em voz alta.

— Nem pensar, cara — recusei-me, levantando-me e colocando a ilha da cozinha entre nós.

Reid pareceu satisfeito ao ver meu peito arfar.

— Minhas músicas são tão pessoais para mim quanto isso até eu estar pronto para compartilhá-las. — Ele desistiu, vitorioso.

— Certo. Vou ler em voz alta — anunciei para ele, que se afastava. Eu parecia uma idiota pegando o celular da calcinha, e flagrei seu sorrisinho. Pigarreei, observei as mensagens e

desanimei, derrotada. Vi *groupies*, putas e boquete na cabine. — Esqueça, pode ir.

Sua risada alta era a melhor parte do dia.

Bem, isso e o fato de uma hora mais tarde, ele seguir para o coldre do meu celular.



1,2,3,4 – Plain White T's

— VOCÊ NÃO PRECISA MESMO FAZER ISSO — AVISEI PARA REID QUANDO ELE ENTROU NA CAMINHONETE, ESPERANDO O ENDEREÇO. — Posso me encontrar sozinha.

— Para onde, Stella?

Dei a ele o nome da rua e ele assentiu.

— Sabe onde é isso?

— Sei.

— É uma região decente?

— Para você, é bem seguro.

— Bem seguro?

— Segurança é uma ilusão, Stella — declarou ao ligar o rádio.

— Vejo que comeu seu cereal matinal.

Ele olhou para mim e saiu do estacionamento. Pedimos a Leslie que organizasse nossos turnos o mais próximo possível para a semana seguinte. Deu um pouquinho de trabalho devido à explosão de Paige, mas ela concordou, depois de nos dar um sermão sobre deixar nossa merda pessoal do lado de fora.

Reid e eu tínhamos sido humilhados e punidos por nossa decisão. E, conforme os dias passavam, eu estava começando a me

importar cada vez menos com o que todo mundo pensava. Exceto por Reid. Na companhia dele, eu não conseguia me calar. Sob seu olhar, nunca me sentira tão linda. E debaixo dele...

— O que foi? — ele perguntou quando sorri para minha janela.
— Estou vendo você sorrir.

— Estava só pensando em Jim Morrison.

Reid não acreditou.

— Jim Morrison?

— É, ele era fascinante. E você é meio como ele, de certa forma. Ele era tímido. Não gostava de se apresentar no início, sempre ficava de costas para o público quando estava cantando. Mas depois se tornou fenomenal.

Reid meneou a cabeça.

— Quero visitar o túmulo dele em Paris. Está na minha lista de desejos.

— Ele tinha umas músicas boas.

— Amo a história deles — eu disse melancólica. — Dele e de Pam.

— Era problemático pra caramba — Reid comentou.

— Era rock and roll — eu disse, dando de ombros. — Romances com amor e rock 'n' roll não são para os fracos de coração. Veja Elvis, ele foi um pedófilo glorificado assim como Jerry Lee. Mas eles são lendas. E, apesar de toda essa maluquice, amaram as mesmas mulheres a vida toda.

— Elvis e Priscilla se divorciaram.

— Você, definitivamente, é um pessimista de primeira — afirmei, repetindo as palavras de Ben.

Reid olhou por cima do braço para mim, cético.

— Nada em você, Stella, diz que ficaria tranquila com esse tipo de vida.

— Não estou preocupada com isso.

— Não? — ele perguntou, mordendo a isca.

Dei de ombros.

— As mulheres por trás desses caras são esquecidas com muita frequência. Na verdade, é triste. Principalmente, as primeiras esposas. São geralmente as que estão desde o começo. Investem todo o tempo, criam aquele primeiro filho, que normalmente cresce e vira um zoadinho mimado, e são deixadas pela esposa número dois. Eles simplesmente se esquecem delas.

— E por que você não está preocupada com isso?

— Porque não serei esquecida, Reid Crowne — declarei, dando uma piscadinha. — Agora, vamos lá ver meu novo castelo.

Meu castelo acabou sendo um barraco de dois quartos separados por um lençol branco com carpete destruído.

— Vamos trocar o carpete — o administrador avisou enquanto eu encarava a mancha marrom enorme no meio do triste protótipo de sala.

Olhei para Reid.

— Dizem que Cobain morou debaixo de uma ponte. Posso passar fome por minha arte.

Reid balançou a cabeça e segurou minha mão antes de se dirigir ao administrador.

— Não, obrigado.

O segundo prédio parecia bem melhor do que o primeiro. Soltei um suspiro de alívio quando o administrador abriu a porta e havia um carpete limpo e paredes com tinta fresca. Também eram apenas vinte minutos de caminhada até o restaurante. Quando Lexi não pudesse me levar, seria um trajeto fácil. Os interruptores funcionavam e os carros do estacionamento não vazavam óleo.

— Vou ficar com ele — afirmei, orgulhosa, quando Reid assentiu para mim, aprovando.

Finalmente. LIVRE.

— O aluguel do primeiro mês é metade do preço — o administrador disse ao nos expulsar de volta para o calor.

Dei a Reid um sorriso sarcástico e meu melhor sotaque do Texas.

— Parece que vamos comer bife esta noite, querido!

Ele simplesmente balançou a cabeça e saiu pela porta.

Após uma hora de papelada, eu tinha uma data de mudança. Uma semana. Engoli em seco essa informação quando me juntei a Reid na caminhonete, onde ele esperava pacientemente.

— Oi — cumprimentei, engolindo o ar seco. Pulei para dentro da caminhonete, ergui o cabelo e abanei o pescoço.

— Conseguiu? — ele perguntou.

— Sim — respondi, apertando e soltando os punhos.

Acabou que *metade* do primeiro mês não incluía a taxa *única* por isso e a quantia disso. Eu estava falida e já tinha ficado mais do que podia em seu apartamento.

— Stella. — Reid estava me encarando quando comecei a entrar em pânico.

Eu havia estourado meu cartão de crédito emergencial consertando meu carro da última vez em que quebrou. E o resto que economizara estava em uma conta bancária intocável que meus pais monitoravam para minha educação.

Falida. Não tinha saída.

— Stella?

Coloquei a cabeça nas mãos ao tentar não chorar.

— Pode me levar para o restaurante, por favor?

— Olhe para mim.

Pela primeira vez na vida, estava realmente aterrorizada.

Posso voltar para Dallas e ficar com minha mãe e meu pai.

Ligaria para eles. Eles me enviariam o dinheiro da passagem de ônibus. Mas só isso já seria o inferno na Terra. Estavam mais do

que bravos comigo naquele momento. Eu não tinha escolha. Então me lembrei que tinha um emprego.

— Esqueça, para sua casa.

Fui tirada do meu devaneio por mãos quentes quando ele deslizou meu corpo para o lado do motorista.

— Você me irrita muito, sabia disso? Tão cheia de perguntas, sem respostas. Qual é seu problema?

Olhei para Reid e suspirei.

— Amo suas mãos.

— Isso é maravilhoso, Stella. Eu gosto dos seus peitos lindos. Podemos conversar aqui?

— Meus peitos, é isso que vem à sua mente primeiro?

— Bom, definitivamente não é sua boca — retrucou de forma seca.

— Podemos só ir embora?

— Podemos — concordou, mas não saiu do lugar ao segurar meu cabelo e beijar meus lábios, primeiro com suavidade, depois profundamente. Seu beijo era voraz, e sua língua deslizava na minha, então relaxei e me acomodei nele.

Ele se afastou.

— O que foi?

Ele buscou meus olhos e eu dei meu melhor para não demonstrar o que estava sentindo.

— Só posso me mudar em uma semana.

— Beleza — ele disse, esperando o que eu tinha a dizer. — E?

— E? Não tem “e”.

A percepção cruzou seus traços ao segurar meu queixo.

— Estava preocupada que eu quisesse que você fosse embora?

— Reid, você não pediu isso, e estou mendigando, e você odeia minha boca... — Ele me soltou e ligou a caminhonete enquanto

continuei. — Paige nos odeia, e aqui estamos nós, juntos porque *transamos*, e você se sente obrigado a...

Reid saiu do estacionamento enquanto eu não parava de falar.

— Essa situação toda é zoada. É como se eu não conseguisse ter um descanso, e aquele administrador é um desgraçado mentiroso. Pegou todo o dinheiro que eu tinha. Juro que ele viu minha conta bancária e inventou taxas ao redigir o contrato. Era tudo que eu tinha. Nem consigo comprar um bife para você de jantar na churrascaria mais podre! Tipo, nem consigo comprar para você um bife cheio de nervos, nojento, oleoso e gorduroso. Foda-se, simplesmente foda-se!

Antes de eu poder respirar de novo, estávamos estacionados. Fiquei quieta e olhei para cima, observando a placa da Emo's.

— Por que estamos aqui?

Reid me lançou um olhar direto.

— É, cansei de conversar.

Eu ainda estava perto dele no banco da caminhonete; estávamos sentados como casais de idosos fazem, do mesmo lado do banco. Uma parte de mim esperava que ele pegasse uma placa de carro no seu porta-luvas que dizia “Granada” em vez de “Sissy”, como naquele filme *Caubói do asfalto* — eu amava esse filme — e me desse um beijo molhado como John Travolta fazia com Deborah Winger. E tudo simplesmente seria *resolvido* entre nós, decidido por ele. Ele seria meu Bud/Nerd da Banda, e eu seria sua Sissy/Granada, e não teria que me questionar diariamente se não tinha problema me apaixonar por ele, porque isso claramente estava acontecendo.

Ele segurou minha cabeça.

— Wow, realmente está ficando denso aqui.

Engoli em seco.

— Você não faz ideia.

Olhos gentis me encararam.

— Stella, se eu fosse um homem melhor, diria para você ir para a casa dos seus pais.

— Posso ir.

— Não pode, não. Vai perder seu emprego e seu lugar aqui.

Engoli em seco e olhei para ele.

— Estou com medo. Tipo, com muito medo.

— Então está fazendo exatamente o que disse que queria, certo? Fazendo coisas que te assustam.

— Certo — respondi com falsa confiança. — É o que quero. E é bom.

Ele deu risada.

— Ainda com medo, huh?

— Cagando.

— Bom, a boa notícia é que você praticamente já arrasa no fundo do poço. Está pobre, sem lar e precisa ficar com amigos. Só o que falta é um vício em drogas.

— Puta merda — eu disse quando suas palavras me atingiram. — Tem razão. Tem um crack por aqui para podermos nos viciar?

Seus olhos se arregalaram, ele esfregou as mãos e ergueu a voz.

— Aposto que podemos encontrar aí dentro!

— Oh, legal. E, já que estamos assim, vamos transar sem camisinha esta noite! — Espere! — exclamei, dando de ombros continuamente e balançando as sobrancelhas. — Vamos fazer um ménage, então não vou saber quem é o pai do bebê!

Reid fez careta e segurou meus lábios.

— Fique comigo. Amo sua boca, principalmente quando está colada na minha. E ninguém vai tocar em você além de mim.

Eu fiz “ahhh” entre lábios cerrados.

— Bocê gota besbo de bim.

— Stella, você é a *única* pessoa com quem quero ficar agora.

Contive a emoção quando ele esmagou os lábios nos meus e nos tirou de sua caminhonete.

— Reid, sem querer ofender, mas nós *dois* estamos falidos.

Ele olhou para trás e me fitou com um misto de sentimentos.

— Eu sou um Crowne, baby. Sabemos como nos divertir mesmo estando falidos.

Ele apertou minha mão e me puxou para a balada vazia. Éramos os únicos ali quando o bartender nos cumprimentou.

— Acabou de abrir, cara. Pensei que fosse tocar só na quarta.

— Não — Reid disse ao me puxar para sentar ao seu lado.

Vazia, a balada parecia totalmente diferente e tinha aquela sensação de abandono.

— Stella, Jon, Jon, Stella — Reid apresentou.

— Oi. — Acenei e cutuquei a lateral de Reid antes de sussurrar:

— Minha identidade diz “Juanita”. Ótimo, agora não posso tomar cerveja.

Reid falou.

— Desculpe, Jon, esta é *Juanita*.

Dei um tapa em sua testa, e ele soltou uma risada alta antes de fazer cara de paisagem.

— Não faça mais isso.

— Desculpe, mas é isso que fazemos com babacas em nossa família. Tapas na testa. O tapa duplo significa que você é mesmo um idiota.

Duas cervejas foram colocadas diante de nós, e peguei uma como se alguém fosse tirá-la de mim.

— Tudo bem, baby, só beba.

Baby.

Escondi minha exaltação ao beber a cerveja como uma prostituta.

— Vai com calma — ele disse quando sequei a boca com as costas da mão. — Que dama. — Riu em silêncio. Seus olhos ficaram suaves quando me olhou.

— Foda-se hoje — declarei com determinação. E falei sério. Nunca saberia se ele ofereceu para eu ficar por pena ou porque realmente se importava e me queria lá, mas eu escolhia a segunda opção. Eu não tinha escolha. A vida adulta era uma merda e cerveja era boa.

Peguei meus últimos dez dólares e coloquei no bar para ajudar a pagar a cerveja que não podíamos pagar, mas Reid pegou a nota e foi até a *jukebox*.

— Ei! — exclamei desesperada. — Ei! — repeti, pulando de pé e seguindo-o assim que a máquina comeu meu dinheiro.

Não pude evitar. Dei um tapa duplo em sua testa.

— *Cabron!*

Ele me lançou um olhar de alerta antes de falar:

— Hoje, você está comigo, então não se preocupe. Agora, mulher, esta é a melhor *jukebox* de Austin. Escolha com sabedoria. Você será julgada.

— Oh, fechado — respondi e arregacei as mangas.

— Para cada música que eu aprovar, você ganha uma cerveja.

— É assim, é? — perguntei para suas costas, quando ele voltava ao lugar. — Esse é meu momento de brilhar, Crowne!

Eu tinha que escolher seis músicas. Desci pelas opções e pressionei as seleções em segundos como a profissional que era.

Sentei-me assim que a harmonia de “When the Levee Breaks”, de Led Zeppelin, começou. Reid assentiu para Jon, e fui recompensada com minha primeira cerveja. Dei-lhe um sorrisinho confiante.

— Vou te ensinar muito agora — anunciei ao beber alegremente a cerveja gelada.

Com o humor melhor, comecei a me mexer um pouco no assento. Reid passou uma mão no cabelo, sua barba de três dias cobriam o vislumbre de sua covinha. Eu detestava isso.

— Então, quando você se mudou para cá?

— Quando eu tinha dezoito anos.

— E quantos anos tem agora? — perguntei, constrangida por não ter me incomodado em perguntar ao homem com quem estava dormindo toda noite quantos anos ele tinha. Só presumi que tivesse a idade de Paige.

— Vinte e cinco — respondeu, dando um gole na cerveja.

— Hum — eu disse, analisando-o. — Quando você nasceu?

— No mesmo dia que você — respondeu.

Abri a boca e a fechei.

— O quê?

Ele tinha cuidado de mim no seu aniversário. De repente, me senti o maior lixo de todos.

— Não fique assim. Detesto aniversários. Minto para sua irmã há dois anos, falando para ela que é no Natal. Sempre lhe digo que vou para casa e nunca vou só para evitar bolo e toda essa merda.

— Uau — eu disse, abrindo minha cerveja quando “Walking After You”, de Foo Fighters, começou a tocar.

Fui recompensada com outra cerveja.

— Pensei que não fosse gostar dessa — comentei com um sorriso tolo. — É meio suave... oh, e porque você se parece com Dave Grohl. Mas, agora que estou olhando melhor — eu disse, pressionando minha testa na dele —, você parece uma versão mais mal-humorada. Como um cara que odeia aniversário e garotas gritando para ele.

— Engano seu — rebateu, erguendo a cerveja. — Como a música, eu *amo* garotas gritando para mim.

Peguei a dose que Jon nos ofereceu com um brinde silencioso entre nós três e engoli como uma boa desculpa para esconder

aquela pequena queimação que ficou presa em minha garganta.

— Como é? — perguntei.

— Como é o quê?

— Tocar.

Ele olhou para mim com as sobrancelhas franzidas.

— Você fica animado tocando?

— Fico — ele respondeu baixinho e se mexeu no assento. — Quando a multidão reage, e é aquela música perfeita, pode ficar bem intenso. A adrenalina fica muito alta e, quando o show termina, você está totalmente exausto.

— Parece sexo — comentei e cutuquei seu ombro.

— Quase, mas é diferente.

— Deus, tenho muita inveja. Eu tentei. Queria ser como Sean Yseult.

— Quem? — ele perguntou

— A baixista de White Zombie.

— Oh, é, ela era animal.

— Ainda é. Precisa se informar, amigo. Eles estão na ativa desde que nasci. — Fisguei sua atenção. — Sei que só foram reconhecidos no fim dos anos noventa, mas trabalhavam nisso por dez anos. É isso que tenho tentado te falar.

— Oh, droga — ele disse, olhando para Jon. — Outra conversa profunda.

— Não, vou parar — avisei. — Ok, mas sabe quem teve a maior pausa do rock 'n' roll?

Ele se inclinou, seus olhos enrugados nos cantos, e deu um beijo suave nos meus lábios. Era nossa primeira aparição pública — além de seu show para Dylan — e me atordoou tanto que quase esqueci minha linha de raciocínio. *Quase*.

— Todos eles. Toda banda em que pode pensar que está na rádio. *Todas* tem uma história. Todas elas. — Apontei para a porta

da frente. — E essas bandas que entram por lá toda noite vão ter também. Algumas não serão tão boas quanto outras, mas é por isso que *eu* estou aqui. — Apontei minha cerveja em sua direção. — Para cobrir as muito boas.

Se Reid personificasse uma aparência, seria sexo e ceticismo.

— Se não pode tocar como uma baixista, escreve sobre uma?

— Isso, principalmente se ela for tão esquecida quanto Sean Yseult.

— Ela não foi esquecida.

— Você não sabia o nome dela — lembrei.

— Verdade — cedeu ao brindarmos as cervejas.

“Redemption Song”, de Bob Marley & The Wailers, começou, e Jon abriu outra cerveja sem nem olhar para Reid. Feliz, adicionei-a à minha pilha crescente.



— Juanita, venha aqui! — Reid gritou do bar quando me viu rebolando com “Pride and Joy”, de Stevie Ray Vaughan.

Adorando o desejo em seus olhos conforme via meus braços ziguezaguearem acima da cabeça e o rebolar de meu quadril com o baixo, ignorei sua ordem e deixei a bebida e a guitarra guiarem meu corpo. Um pequeno grupo de pessoas tinha se reunido em uma mesa na beirada da pista perto da *jukebox* enquanto eu dançava como a descarada de vinte anos que era.

Gritei para Reid, que me observava com olhos intensos de onde estava sentado.

— Minha mãe falou que tem que dançar quando se está feliz! E que tem que dançar quando está bravo! E que tem que dançar quando bebe muita tequila... *enquanto* chora.

A mesa ao meu lado comemorou e me passou uma nova dose. Recebendo bem a queimação com uma saudação de

agradecimento, virei o líquido dourado antes de ir dançando até o homem mais sexy naquele bar.

— Ei — eu disse ao me sentar ao lado dele, totalmente suada, e me inclinei. — Obrigada por isso. Tenho quase certeza de que vou querer refazer um pornô quando voltarmos para sua casa, então vai ser recompensado.

Reid jogou a cabeça para trás e gargalhou, assim como Jon, que tinha me ouvido. Ruborizei tanto quanto o álcool permitia e segurei a mão pálida de Reid. Ele olhou para mim.

— Obrigada. Por hoje.

— É o mínimo que posso fazer. — Seus traços se torceram com preocupação. — Você está bem?

— Tonta, mas não ruim. Comi seis saquinhos de amendoim — contei, garantindo.

— É melhor eu te dar comida — Reid disse ao cumprimentar Jon e se levantar.

Debrucei-me sobre a bancada do bar e segurei a camiseta de Jon Quietto e dei um selinho em seus lábios, agradecendo. Gostei dele. Como se ele estivesse esperando, me segurou pelos braços e me puxou por cima do balcão, meus tênis batendo em duas garrafas vazias, e caiu comigo. Gritei de surpresa quando ele se deitou em mim como um homem possuído, mas manteve a língua fora disso.

— Seu filho da puta! — Reid praguejou, brigando e brincando. — Vai pagar por isso!

Jon se afastou com uma camada fresca de meu gloss de menta brilhando em seus lábios, sem culpa.

— Valeu a pena, cara. Valeu muito a pena.

— Awwwn, baby — eu disse com as mãos na cintura. — Não fique com ciúme, podemos pular o burrito e irmos ficar nus.



No banho, mais tarde, Reid estava fazendo seu melhor para me manter quieta e de pé.

— Deus, você não sabe mesmo a hora de ficar quieta. Acho que está na hora de comer um pouco de sabonete, Estella Emerson.

— É Estella Rosa Maria Emerson — corriji, estufando o peito com as mãos na cintura, ainda um pouco desequilibrada pela bebida.

— Sério? Esse é seu nome? — ele perguntou ao segurar minha cabeça e levar o sabonete na direção da minha boca.

— É — respondi, segurando as bolas dele. — Se puser isso na minha boca, eu arranco.

Ele soltou o sabonete, segurou minha mão e a colocou nele e em volta de seu pau rijo.

— O que acha de colocarmos *isto* na sua boca?

— Não, desculpe.

— Se não é boa nisso, eu entendo — ele resmungou, dando de ombros.

— O que acha de beijar minha bunda latina? Boquetes são um privilégio que você precisa *merecer*. Estes lábios são ouro puro, baby. Totalmente inocentes. Estou guardando esse ato para um homem que vale a pena.

— Oh, merda — ele disse com um sorriso astuto. — Eu aceito o desafio.

— Não fique todo esperançoso. Meu namorado do Ensino Médio ainda tem as bolas virgens.

— Sério? — Reid perguntou ao passar os dedos em meus lábios. — E sua virgindade não era sagrada?

Suspirei.

— Era para ser. Dei para o cara errado. Sei que é uma merda, mas é tudo que tenho.

— Droga, isso vai fazer de mim um perverso. Agora só vou pensar nisso.

— Não é tão importante assim — eu disse quando ele me ensabou desde os dedos do pé e virou as costas depois de me entregar a bucha.

— Até parece que não — retrucou com uma sinceridade que me fez rir. — Vou levar isto muito a sério, Estella Rosa Maria Emerson.

— Bem, me chamar por meu nome completo definitivamente não vai te fazer chegar lá. Minha mãe fazia isso diariamente para me lembrar o quanto estava falando sério. E agora nem consigo olhar para você nu — avisei, escondendo meu rosto dele. — Está ecoando em minha cabeça como um disco riscado agora. *Ótimo*.

Reid deu risada e se inclinou com a desculpa esfarrapada para molhar a cabeça, seus lábios em meu ouvido, e se esfregou em minhas costas ao deslizar a mão em minha barriga. Perdi o fôlego. Meu coração martelou conforme ele me lembrava exatamente com quem eu estava no banho.

— Reid — eu disse sem fôlego ao me inclinar para seu toque sedutor.

— Sim?

— Reid — arfei.

— O que foi, Stella? — ele sussurrou ao dançar com o dedo médio em meu clitóris antes de baixá-lo.

— Ela vai nos perdoar, certo?

Ele se afastou de mim e me virei para encará-lo. Reid estava lindo, o cabelo escuro todo para trás, molhado e mais preto, seus músculos definidos sob a água escorrendo.

— Não sei.

— Desculpe, eu... desculpe — pedi, meus olhos lacrimejando. — Mas e se ela não te perdoar?

Ele me pressionou no box, suas mãos trabalhando e fazendo bem seu trabalho.

— Pode continuar perguntando, Stella, mas não vou saber a resposta.

— Certo. Desculpe. Vou ficar quieta.

— Já era hora — ele disse ao me cortar com sua língua faminta.



Down with the Sickness – Disturbed

O VÍCIO TE ENVOLVE LENTAMENTE. É UMA COISA SUTIL. VOCÊ PROVA, REGOZIJA-SE COM A SENSACÃO E, ENTÃO, COMEÇA A DESEJAR outra vez. Você sabe que a sensação é temporária, mas o desejo é sacana.

E eu estava começando a desejar Reid Crowne.

Ele era a droga perfeita. E eu nunca sabia quando era a próxima vez. Deitada encolhida no sofá vermelho de merda na Garagem, eu o observava com uma avidez crescente. E não era apenas Reid, apesar de ele ser suficiente. Era a necessidade por sua música. Nunca estivera tão perto do processo, e era fascinante assistir. O nascimento de uma nova música, de algo diferente e distintamente Dead Sergeants. Às vezes eles só emperravam até reconhecerem um nicho. E, embora muitas das vezes agissem como palhaços — principalmente Ben e Rye, que pareciam ter um caso grave de serem patetas —, levavam a música deles a sério. E, quando funcionava, meu couro cabeludo se eriçava com consciência, meus braços inteiros se arrepiavam.

Eu sabia, sem sombra de dúvida, que a banda tinha um futuro brilhante e podia sentir isso acontecendo entre eles. Reid apenas reagia a Ben quando ele tocava. Olhava para ele quando incitado, mas mais perdido em si mesmo, e eu amava isso. Após algumas

horas no buraco superaquecido que eles alugavam, tiravam as camisas. Reid guardou a dele no bolso de trás de sua calça enquanto batia em sua bateria sem dó. Não pude evitar ficar um pouco incomodada com a amostra de homens primitivos e famintos diante de mim.

Ben era lindo; seu disfarce de cara legal era pura ilusão. Era o que tinha em seus olhos que falava a verdade sobre ele. E sua voz era capaz de qualquer coisa. Mal podia esperar para Lexi testemunhar aquilo de perto. No meio do amor pela banda e do desejo pelo baterista absorto, a realidade me espancou.

Paige: Você tem correspondência.

Eu: Posso ir pegar?

Paige: Neil vai levar.

Eu: Obrigada.

Encarei meu celular e esperei. Ela estava tentando? O que eu poderia dizer? Neil havia lhe proibido de fazer mais do que falar com Reid de passagem. Era besteira, pura e simplesmente. Ela era controladora, mas estava amolecendo. E eu tinha a sensação de que Neil estava levando a pior. Eu tinha finalmente ligado para meus pais. E, após uma hora gritando comigo, meu pai passou o telefone para minha mãe.

Foi um inferno, mas consegui me defender e me explicar e, logo depois, comecei a receber mensagens bravas da minha irmã. Aparentemente, eles lhe deram uma bronca depois de desligarem o meu telefonema. Não posso dizer que não sorri um pouco quando recebi suas desculpas furadas.

Ben se sentou ao meu lado no sofá quando eles, finalmente, terminaram a última parte. Reid ainda estava tocando, repetindo uma nova música em que estava trabalhando.

— E aí, linda? Para quem está mandando mensagem?

— Não é Lexi — respondi com um sorriso.

Ele curvou o lábio, depois se inclinou.

— Ele está menos mala esses dias.

— Juro que não.

Nós dois demos risada.

— Eu ouvi isso — Reid disse de onde estava, seus olhos finalmente se conectando aos meus.

— Olhe para vocês dois. São adoráveis — Ben comentou, sem se afetar pelo som ameaçador de Reid. — Vejo um futuro brilhante para vocês.

Reid ficou de lábios cerrados enquanto eu olhava para qualquer lugar, menos para ele. Reid começou a batucar e eu me inclinei para sussurrar para Ben:

— Estamos juntos, mas afastados.

— Paige ainda está dificultando? — Ben perguntou. — Não é legal.

— É como se eu tivesse chegado e estragado tudo — declarei baixinho, para apenas Ben ouvir.

Ele assentiu, depois me deu uma boa visão de seus dentes brancos brilhantes. Nem uma cárie sequer.

— Poderia ser pior. Você poderia estar dormindo com Rye — ele disse ao assentir a cabeça para ele.

Rye estava atacando as cordas, empurrando o quadril como se estivesse fodendo o ar. Nós dois caímos na risada quando Ben me puxou para o lado.

— A ex dele, Lia... Eu a odiava — ele sussurrou. — Digo, odiava mesmo. Ela era tóxica e se fazia de vítima. Sempre se tratava dela.

Sempre. Acho que você é boa para ele. Aquele acidente foi culpa dela.

— Como você sabe?

— Porque eu a conheço. E ele deixou no ar, mas não admite totalmente. Eles estavam discutindo. Ele estava terminando com ela de novo, e ela virou o volante. Merda, fui flagrado.

Reid nos encarou desafiadoramente de sua bateria e depois fixou o olhar na mão de bem, que estava sobre meu ombro.

— Quer parar de pôr a mão nela, otário?

— Gosto quando você fica todo alfa, baby — Ben cantarolou.

Eu também.

Reid se levantou de seu banquinho, o cabelo pingando com suor, o peito brilhando, e andou até nós, vestindo a camiseta. Puxou-me para eu ficar de pé e manteve os olhos fixos em Ben.

— Vamos.

No caminho para casa, Reid parou em uma loja 24 horas para podermos comprar shampoo decentes e outras coisas de que eu precisava, já que estava morando com ele. Ganhara gorjetas suficientes em nosso último turno para colocar comida na geladeira, mas senti o peso de seus passos conforme eu continuava a adicionar coisa ao carrinho. Andamos em silêncio pelos corredores. Ele estava exausto e eu, nervosa. Não conseguia parar de sentir que estava encrocada, mas seus olhos me falavam outra coisa quando ele olhava para mim. No entanto, o silêncio permaneceu, e eu tinha dado alguns passos ao sair da loja quando não consegui mais suportar.

— O que foi?

Ele continuou andando e destravou a caminhonete, guardando as lá dentro e pegando as da minha mão quando o alcancei. Ele entrou, e eu não tive escolha a não ser seguir. Ligando o carro, ele me olhou. Eu *estava* encrocada.

— Gosto de manter minha vida privada, Stella.

— Ben não é amigo íntimo?

— Só não gosto que falem abertamente das minhas coisas — declarou com as mãos no volante, olhos à frente.

Dei de ombros.

— Não fui eu que comecei aquela conversa.

— Só agradeceria se você mantivesse o que há entre nós, entre *nós*.

— Certo — respondi, sem conseguir discutir com sua postura ou seu tom de voz.

Ele deu risada, e eu detestei esse som. Era cruel.

— Tem certeza de que consegue fazer isso?

— Agora você quer brigar? — soltei.

Fui atingida por uma sensação de estar afundando enquanto ele nos levava de volta ao seu apartamento. Foi mais do que bizarro. Eu não podia ir embora. Depois de Reid carregar as compras para dentro, pegou um de seus cadernos e foi para a varanda.

Eu me joguei na limpeza e, quando ele não voltou para dentro, decidi me enterrar em um novo artigo. Estava na metade de um de “John para Mayer” quando Reid entrou. Não olhei para cima. Não me incomodei em dar sinal a ele. Só continuei digitando. Mesmo quando ele tomou banho e se deitou no colchão, mantive a cabeça baixa. Odiava minha situação. Eu não tinha nenhum poder, nenhum lugar para me apoiar. Naquele instante, jurei para mim mesma que nunca me deixaria colocar na posição de depender da piedade de alguém, *nunca*, por amor *nem* pela música.

Foi como se o resto da venda fosse retirada dos meus olhos. O mundo em que Reid vivia parecia feio e cruel, e fiquei aterrorizada porque tudo que eu queria era mergulhar nesse mundo com ele. A raiva me percorreu com o desamparo e a culpa. Sentia falta da minha irmã. Sentia falta da minha vida descuidada em Dallas. Sentia falta de Reid a alguns metros de mim.

Lágrimas salgadas escorreram por meu rosto e eu as sequei e continuei digitando. Pensando melhor, decidi levar minha choradeira

para a varanda para não perturbá-lo. Tirei os fones dos ouvidos e senti seus dedos encostarem em meu tornozelo.

Olhei por cima de minha tela e o vi me encarando.

— Venha aqui.

— Não quero.

— Mentirosa — ele disse com os lábios se curvando presunçosamente. — Venha, está tarde.

— Preciso verificar meu e-mail — eu disse, ignorando-o.

— Você salvou? — ele perguntou conforme seus dedos roçaram em minha panturrilha.

Cada nervo despertou e meus mamilos se enrijeceram.

— Stella — sussurrou de forma exigente.

Esticou-se e fechou a tela do laptop. Encarei-o com um olhar mortal.

— Nunca faça isso com uma escritora, ok? É simplesmente tão perigoso quanto cortar os dedos de um baterista.

Sua risada baixa incendiou minhas entranhas, mas permaneci onde estava conforme ele me seduzia com seu toque preguiçoso.

— Mas você quer estes dedos agora, não quer?

Quero.

— Vá dormir, Reid.

— Não sem você, venha aqui — convidou, aproximando-se mais, sua face descansando nas costas de sua mão na beirada do colchão, uma luz suave e predatória em seus olhos conforme ele movia a outra mão para acariciar minha coxa.

Meu corpo me traiu, e fiquei sentada ali totalmente seduzida enquanto seus dedos deslizavam pela bainha do meu shorts. Gemi enquanto ele acariciou suavemente a dobra da minha coxa, seus olhos em chamas.

— The Velvet Underground e Deftones — ele disse em um sussurro —, minhas bandas preferidas.

Sem fôlego, desconectei meu iPod e “Change”, de Deftones, soou entre nós. As sobranceiras de Reid se ergueram quando ele apertou minha virilha pela calcinha, puxando forte até eu deslizar para ele no carpete. Senti o tecido ceder e dei um gritinho quando ele me segurou e me puxou para o colchão debaixo dele. Encarei-o em choque.

Ele segurou meus dedos antes de eles poderem chegar ao seu cabelo e os bateu em sua têmpora.

— Você mexe comigo, aqui — declarou com voz rouca, depois colocou a palma da minha mão em seu peito e, sem falar nada, a pressionou ali. Segurando a barra da minha camiseta, subiu o tecido até meu peito e tirou meu shorts e minha calcinha arruinada. — Você me deixa exausto. Me cansa, Stella, me cansa pra caralho. Eu quero você e quero fazer isso certo, mas estou muito irritado neste momento. Só quero te deixar molhada e te foder até doer. — Seus dedos mergulharam antes de ele se inclinar sobre mim. — Você fica me provocando — disse agressivamente ao erguer meu sutiã e deslizar a língua por meu mamilo enquanto me abria mais. — Você não quer isto, Stella.

— Eu quero — declarei quando ele colocou o joelho entre minhas coxas, apertou minha bunda, me puxou para ele e mergulhou fundo.

Algo entre um grito e um gemido escapou quando ele me devastou, puro, primitivo e faminto. Segurei o lençol gasto quando ele entrou, cheio de punição e alerta. Sua intenção era clara, e eu estava assustada, totalmente aterrorizada do que sentia por ele naquele momento. Porque, não importava o quanto tentasse me convencer de que conseguia controlar os sentimentos que tinha por ele, ele derrubava aqueles tijolos de determinação como se fossem penas.

Era tarde demais.

Eu estava apaixonada, e ele estava encaixado.

Rangendo os dentes, ele segurou minha cintura enquanto me fodia primitivamente, como prometido, deixando ferimentos em

minha pele. Ainda assim, mesmo com sua punição, o calor se espalhou. Demais para resistir, ele baixou a cabeça e me beijou. E nós absorvemos, descobrindo tudo que estava crescendo entre nós. Mexendo o quadril, ele arremeteu mais fundo, seu comprimento deslizando em meu clitóris. Arfei seu nome enquanto ele trabalhava em mim, acabava comigo, e explodi em volta dele, meu corpo tremendo com o orgasmo. Ele segurou minha boca e me observou implodir, comandando meus barulhos, meu olhar. Olhos queimando, ele pressionou o dedo em minha boca e eu chupei até ele tirar, tirar a camisinha e se masturbar até gozar.

Sem fôlego e deitados um ao lado do outro, não pude deixar de sorrir. Ele estava deitado em silêncio, encarando o teto. Estava pensando, *profundamente*. Eu queria diminuir a distância entre nós, então beijei seu peito, e seu olhar se desviou para o meu. Estava na ponta da língua perguntar, mas seus olhos me diziam que eu não queria saber o que queimava atrás deles.



CAPÍTULO 21

Sugar, We're Going Down – Fall Out Boy

NA TARDE SEGUINTE, MINHA IRMÃ BATEU NA PORTA COMO SE FOSSE A MALDITA POLÍCIA. FICOU CLARO, QUANDO REID ATENDEU alguns minutos depois, que ela tinha interrompido *algo*. Prendi a respiração quando ela passou por nós em direção à cozinha.

— Preciso que um de vocês me cubra. Ninguém mais pode e, bem, um de vocês pode?

— Eu vou. Reid tem um show — ofereci quando ela olhou pelo apartamento e deu um passo para trás, arfando. Olhos incrédulos fitaram Reid enquanto ela ficava boquiaberta. — Ela levou todos os móveis, *tudo*? — Reid ficou parado enquanto Paige andava pelo apartamento. — Que porra é essa, Reid? É assim que tem vivido desde que ela foi embora? — Suas lágrimas foram instantâneas quando ela olhou para mim. — É assim que tem vivido *com* ele?

— Pare de agir como se você se importasse. Estamos bem — declarei com os braços cruzados. — Vou cobrir seu turno. Vou me vestir agora.

— Eu te levo — avisou ela.

Olhei para Reid, cuja postura derrotada transmitia que ele estava morrendo de vontade de sair dessa situação.

— Certo. — Tirei uma camiseta preta limpa da minha mala e me troquei diante dos dois.

Paige se encolheu e olhou para baixo, uma careta em seu rosto enquanto encurralava Reid.

— Por que a deixou ir embora assim?

Eu liguei minha audição sônica ao correr para o banheiro para pegar um elástico de cabelo. Estava surtando pelas mesmas respostas.

— Paige — começou ele. — Deixa quieto.

— Não mesmo, você não é tão influenciável. Ela levou *tudo*! Este lugar era totalmente mobiliado. Um colchão no chão, Reid?

— Não importa.

— Como pode dizer isso? — Paige estava insistindo mais do que eu jamais insistira.

— Ei! — chamei, aparecendo com cuidado na iminente briga. — Podemos ir? — Fui até Reid, gesticulei “desculpe” e, antes de sair, avisei que o encontraria no show.

Andei de um lado para o outro na base da escada por dez minutos e ia voltar quando Paige desceu.

— O que está havendo? — perguntei.

— Nada — respondeu com um suspiro pesado. — Vamos.

Entramos no carro e agradeci quando ela deu partida e o rádio estava tocando “Heart-Shaped Box”, de Nirvana. Eu não queria conversar com ela, apesar de estar me coçando para saber o teor da conversa que ela havia acabado de ter com Reid. Ainda mais curiosa para ver se ela o tinha deixado mais ressentido por nossa situação.

Pela primeira vez, fiquei quieta. Não estava no clima de me defender.

— Ele não vivia assim — ela contou depois de alguns minutos. — O apartamento deles era legal. Não era nada como é agora.

Eu não sabia quem ela estava confortando, ela mesma ou eu.

— Não sei por que ele a deixaria fazer isso, mesmo que...

Então fisgou minha atenção.

— Mesmo que o quê?

— Nada. Só não faz sentido. Ele é esperto. Não é um otário.

— Culpa. Talvez ele se sentisse culpado — eu disse ao olhar para ela e insinuar que ela estava fazendo a mesma coisa conosco.

— Mas, Paige, o acidente não foi culpa dele.

Paramos no restaurante.

— Como você sabe?

— Simplesmente sei — declarei, pegando meu avental de seu banco.

— Era ele que estava dirigindo — ela comentou, arrogante.

— E foi *e/a* que causou — devolvi em tom regular.

Eu não ia ficar defendendo-o para ela. Por mais que ela dissesse que gostava dele, nunca realmente lhe deu o benefício da dúvida. Eu tinha certeza de que Reid não era um otário. Só acho que tinha sido arrasado vezes demais para se importar em se defender.

— Sei que você pensa que sou só uma vadia raivosa...

Lágrimas bravas apareceram e eu me recompus.

— Nunca vou te perdoar — sussurrei ao me virar e encará-la. — Nunca. Não importa o que aconteça entre Reid e eu. E não é porque estou dormindo em um colchão no chão. Prefiro estar lá com ele do que lavando sua louça e dormindo no seu sofá. Você me expulsou sem nada e virou as costas para mim porque não fiz o que você me disse para fazer. Não sou sua filha. Você não toma as decisões por mim. Sou sua irmã. E Reid pode ser seu amigo, mas é tudo que ele é: seu amigo.

Seus olhos se estreitaram.

— Você simplesmente entrou como o tornado que é e estragou tudo. Não é uma vítima inocente. É dramática e sabe disso. É meu trabalho cuidar de você, mas, ei, você quer liberdade, então está sozinha agora.

— E eu não sei? — berrei ao sair do carro, e ela saiu para ficar do outro lado do capô. — Não fiz isso para te magoar, Paige.

— Mas olhe para nós agora, nem estamos nos falando. Nada é igual.

— E isso é por sua causa! — exclamei ao bater à porta de seu carro. — Entendo que não queria que ficássemos juntos, e vi que estava cuidando de mim, mas agora está apenas nos condenando!

— É um erro, Stella.

— Então é meu erro para cometer!

Ela simplesmente balançou a cabeça e voltou para dentro do carro. Fiquei ali atordoada enquanto ela perdia a paciência e saía correndo do estacionamento.

Seria um verão longo.



Depois do meu turno, implorei para Leslie para usar o computador de seu escritório. Reid não tinha internet, e isso era um grande problema. Com toda a agitação, eu não tivera tempo para encontrar um café com internet. Minha boca caiu quando vi que tinha recebido vários e-mails de Nate. Meu sorriso foi instantâneo. O primeiro estava datada do dia em que eu encharcara sua virilha com molho.

Nate Butler

Assunto: Decisões

2:32 AM

Saudações após inúmeras cervejas,

Acho engraçado que você trabalhe em um lugar chamado Bar dos Pratos. Aqueles donos idiotas sequer pesquisaram o nome? Estou sentado no quintal da casa do meu melhor amigo, olhando para as luzes da cidade e me perguntando onde você está. Depois de tomar a primeira cerveja, jurei que não iria te incomodar. Após a terceira cerveja, decidi escrever um e-mail formal. Mas ainda não posso te pagar. É triste, de verdade. Então, a contagem regressiva começa, srta. Emerson. E, apesar de ser a apenas alguns meses, me vejo querendo fazer uma última tentativa de persuadi-la a

sair comigo (para objetivo de pesquisa, claro). Tenho dois ingressos para o Ritz neste sábado.

VAMOS. NESSA.

Nate Butler
Editor-chefe, Austin Speak
Enviado via Blackberry

Joguei a cabeça para trás e depois pesquisei o show que tinha perdido.

— PUTA QUE PARIU! — Era Sheryl Crow.

Nate Butler
Assunto: Cortesia
5:01 PM

É de meu entendimento que um homem bêbado ofereceu um convite para show para você ontem à noite. E, como não perdoo esse tipo de comportamento, principalmente de um futuro chefe a um funcionário, acho extremamente grosseiro que esse convite não tenha sido reconhecido. Trabalho em equipe é essencial aqui no *Austin Speak*, srta. Emerson. Só posso presumir que você leve seu cargo a sério e que seja contra as letras feministas de Sheryl Crow. Minhas desculpas. Seguindo em frente, vou evitar e-mails extracurriculares, mas vou marcar uma segunda entrevista, em meu escritório, às seis da tarde, hoje.

Nate Butler
Editor-chefe, Austin Speak
Enviado via Blackberry

Minha risada continuou quando percebi que não tinha apenas perdido o show, mas também minha segunda entrevista no *Austin Speak*. Tinha que admitir, ele estava determinado. O último e-mail chegou no dia anterior.

Nate Butler
Assunto: Supervisão
11:11 AM

Me ocorreu que você pode não estar recebendo estes e-mails, mas acho que nós dois sabemos, srta. Emerson, que não é esse o caso. E, já que não tenho provas, não tenho escolha a não ser acreditar que você permanece firme na

decisão de não misturar negócios com pesquisa, independente do quando isso pode ser desconcertante para a natureza de nossa profissão. No entanto, para o bem da moral do escritório, posso estar propenso a beber uma cerveja em nosso lugar lá para as seis desta tarde a fim de discutir essa questão.

Nate Butler
Editor-chefe, Austin Speak
Enviado via Blackberry

Sorri ao abrir uma janela para escrever uma resposta.

Stella Emerson
Assunto: Prazos
9:42 PM

Prezado sr. Butler,

Estou lisonjeada por seu contato e empolgada com a chance de trabalhar com você. Dada minha situação atual, estou incapaz de receber e-mails em tempo hábil devido a problemas de conexão. Vou consertar esta situação dentro das próximas semanas. Por mais que agradeça todos os convites, prefiro fazer minha pesquisa sozinha. Fico feliz em relatar que as coisas estão progredindo rapidamente com meus artigos, e eles serão entregues a você em dois meses.

Sinceramente,
Stella Emerson
Futura colunista de entretenimento, Austin Speak
Enviado via Bar dos Pratos

Minutos mais tarde, eu estava contando minhas gorjetas quando vi, pela porta da frente, seu Tahoe estacionando devagar. Pressionei os lábios em uma linha a fim de esconder meu sorriso quando o vidro escuro do motorista se abaixou.

— Sinceramente, srta. Emerson? — Nate perguntou com um sorrisinho.

— É profissional, sr. Butler — respondi, aproximando-me dele.

O cheiro sutil de perfume caro e de dar água na boca saía da SUV conforme eu o olhava. Seu cabelo estava arrumado com gel e sua gravata, alargada no peito. Sexy como o pecado, seus olhos azuis me analisaram intensamente. Fiquei momentaneamente

deslumbrada até me lembrar de que tinha um sucesso me esperando.

— Nate — comecei suspirando. — Não posso fazer isto agora. Estou atrasada.

— Fazer o quê? — perguntou e um sorriso se abriu, devagar.

— Qualquer coisa. Tenho que estar em um lugar.

— Entre — ele pediu. — Eu te levo. — Mordi o lábio e o encarei.
— Stella, sou inofensivo.

— Estou bem.

— Entre. Não podemos deixar que você ande por essas ruas com essa saia. — Eu tinha me trocado e vestido meu top preto, minissaia de couro pink e All Star preto de cano alto com a letra de “Sure Shot”, de Beastie Boy, escrita nas laterais.

— Só uma carona. — Entrei no banco do passageiro e coloquei o cinto. O ar-condicionado soprava o calor de volta para o inferno. — Ahhh, Deus, tem sido um verão e tanto. Obrigada pela carona.

— Para onde?

— Red Eye Fly. Conhece?

— Claro. Show?

— Sim. — Lancei um olhar culpado em sua direção, retendo um convite para ele se juntar a mim. Ele não hesitou ao sair do estacionamento. — Desculpe por não ter recebido seus e-mails. Estou meio nômade.

— Teria feito diferença? — ele perguntou, sabendo a resposta.

Não pude resistir à vontade de olhar para ele. Ele era o oposto de Reid, nem um pouco exausto, uma luz brincalhona nos olhos e cheio de conversa fácil, que ele iniciava.

— Está gostando de Austin?

— Ah — eu disse, jogando a cabeça para trás. — No momento, essa é uma pergunta complexa.

Ele se inclinou para ajustar o ar-condicionado, e meu corpo ficou tenso. Seu peito se ergueu e desceu em uma risada silenciosa.

Estava satisfeito com o efeito que causava em mim.

— Um pouco assustada esta noite, não é, Stella?

— Estou atrasada — respondi friamente.

— Bem, não vamos deixá-lo esperando — Nate murmurou.

— É uma banda sobre a qual estou escrevendo um artigo — eu disse na defensiva. — E eles são incríveis.

— Estou ansioso para ler — Nate disse, meio distante, como se suas desconfianças tivessem sido confirmadas.

Eu estava tão aliviada quanto decepcionada por ele saber disso. E, ao mesmo tempo, não conseguia parar de olhar para ele. Sua mandíbula lisa, a onda em seu cabelo, os pelinhos nas costas de sua mão. Ele era lindo de um jeito que me deixava desconfortável. Era como se fosse homem demais.

— Stella?

Estávamos parados do lado de fora da balada.

— Oh — eu disse, tirando o cinto ao olhar para o prédio colorido. — Obrigada de novo.

— Sem problemas — Nate respondeu. — E falo sério. Estou apenas a alguns quarteirões de você, ok?

— Ok, obrigada — agradeci ao abrir a porta. Virei-me e olhei para ele com um sorriso. — Te vejo em dois meses, chefe.

Não olhei para trás, apesar de estar tentada, e o ouvi sair. Estava quase entrando na balada quando vi uma nuvem de fumaça à minha direita. Talvez fosse instinto, mas eu sabia que ele estava lá, e a visão de suas botas pretas debaixo da árvore que pairava sobre a balada confirmava isso. Olhei para cima e vi olhos observadores fixos em mim. Ben estava ao seu lado com um grupo de caras que não reconheci. Todos estavam fumando em um círculo, falando sobre música. Enquanto eu me aproximava, os olhos de Reid continuaram fixos em mim.

Ben me viu e assobiou baixo.

— Ei, linda, conclua este debate para nós.

— Ela não pode te falar nada, cara — um punk loiro-aguado disse ao olhar para mim.

— E o sexismo continua — murmurei ao dar um sorriso tímido para Reid, mas ele não retornou. *Merda*. — Qual é o debate?

Ben começou a falar sobre a diferença entre gêneros de rock e Dead Kennedys.

— Afro-punk — sugeri facilmente, sentindo-me murchar conforme Reid esmagava sua bituca.

— Te falei — Ben disse.

— Nem pensar, cara. Não existe isso — o cara insistiu.

— Você deveria assistir ao documentário de Spooner. Estão criando subgêneros todos os dias para rock, porque está começando a variar demais. Suicidal Tendencies também é afro-punk.

— E quem é você? — o cara perguntou.

— Ela é a irmãzinha — Reid disse com frieza ao passar por mim.

— Ei — chamei com cuidado e segurei sua mão.

Ele se esquivou de mim e pegou suas chaves.

— Leve a caminhonete para casa.

Franzi as sobrancelhas, meu peito pesado.

— O quê?

— Ou fique, que seja — ele disse, virando as costas para mim.

— Ele só me deu uma carona — argumentei ao mostrar a identidade ao porteiro, que mal olhou antes de colocar uma pulseira de papel em meu pulso.

— Que bom que está fazendo amigos — Reid comentou, sua voz fria, indiferente.

— É — respondi, sem querer participar dessa conversa por nem mais um segundo. — Tenha um bom show.

— Valeu.

Nos separamos no bar. Sentei-me em um banquinho e assisti ao show inteiro, meu rancor contra ele desaparecendo a cada música. Ele tirou a camisa e guardou no bolso de trás na segunda parte. Seduzida pelo suor pingando de seu cabelo, pelo movimento de seu corpo, eu assisti, e minha reação era a mesma, o calor se espalhando conforme mantinha os olhos grudados enquanto um grupo de garotas gritava aos pés do palco. A balada estava sufocante e lotada. Ben cantava a letra de uma de suas originais, “Even”. Era uma música sobre um menininho que foi abandonado sozinho em uma casa escura, gritando por sua mãe. Estava escuro, e cheirava a Reid.

Estremeci ao pensar naquilo acontecendo com ele. Naquela noite, havia algo diferente em como ele tocava, e irradiava dele. Ele não olhou para cima, nem uma vez. Nem quando Ben tentou envolvê-lo. Parecia muito distante enquanto os fãs gritavam por ele. Após o show, Reid foi diretamente até mim e fomos para casa em silêncio antes de ele se retirar para sua varanda.

Dormi sozinha.



10,000 Emerald Pools – Borns

É INSANO COMO UM PEQUENO GOLPE DE SORTE PODE MUDAR AS COISAS. E EU SABIA, SEM DÚVIDA, QUE REID PRECISAVA DE ALGO a mais para mantê-lo seguindo, e esse algo acabou sendo um convite para tocar semanalmente em várias baladas e ser *pago* por isso.

— Está começando — comentei com um sorriso quando ele me devolveu meu celular.

Ben tinha me ligado porque o de Reid estivera desconectado havia uns dias.

— Não é muita coisa.

— É dinheiro para tocar bateria! — exclamei com um sorriso amplo. — Você é um músico pago agora, Crowne — comentei, pegando um pedido de enchiladas enquanto ele ficava ao meu lado, pegando o dele. Reid não conseguia esconder seu sorriso e, naquele momento, flagrei uma covinha completa. — Vamos sair hoje e comemorar — sugeri, esperançosa.

— É — ele concordou. — Fizemos planos para nos encontrar mais tarde.

— Oh, bem, é uma coisa da banda, entendi. Posso pegar uma carona com Leslie.

— Não pode, não. — Leslie colocou a cabeça para fora de sua sala. — Sou sua chefe, não motorista, Stella. E, Reid, é bom organizar suas noites comigo.

Ele assentiu para Leslie, depois levou a bandeja para fora.

— Vou trabalhar em todos esses turnos para cobri-lo — ofereci.
— Cada um. Mesmo que precise dobrar.

— Eu aceitaria, só que você é uma garçonete horrível.

Franzi as sobrancelhas.

— O quê? Não sou, não!

Leslie assentiu para minha bandeja.

— Esse pedido saiu dez minutos depois de você pedir. Observei você, e agora essas enchiladas estão congelando.

— Vou melhorar.

— Eu duvido — Leslie disse quando fiz careta para suas costas.
— Tenho um espelho retrovisor aqui.



Eu sempre romantizara conviver com uma banda de rock. O que poderia ser mais recompensador do que ouvir conversas criativas voarem em uma nuvem de fumaça, tatuagens e cerveja barata? Não é a fantasia de toda mulher, mas, quando Reid colocava o braço em volta do meu corpo, seus dedos tocando levemente meu ombro enquanto falava, eu sentia a empolgação que vinha ao estar sentada no banco escuro como um deles. Uma líder de torcida silenciosa. Pela primeira vez, fiquei só sentada e observando, guardando as perguntas para mim mesma. E foi quando vi a verdadeira mágica. Os olhos brilhando de quatro caras que estavam prestes a fazer *algo*. Mesmo o ceticismo proeminente de Reid estava em banho-maria. Eu me derretia em seu abraço, seus dedos nunca paravam. Flagrei os olhos de Ben em seus dedos uma ou duas vezes antes de ele piscar para mim.

— Porra, cara, se conseguirmos mais alguns shows, poderemos sair de nossos trabalhos — Rye comentou, entusiasmado.

— Disse o cara que só precisa de dinheiro para jogar videogames no sofá da mãe. Isto não é dinheiro de verdade — Ben disse, revirando o olho. — Mas, caramba — ele continuou, erguendo o copo —, eu topo os shows frequentes.

Todos brindaram, e eu ergui meu copo. Eles se ocuparam falando sobre músicas novas, a energia na mesa fluía entre todos nós. Mandeí mensagem para Lexi e vi Reid franzir o cenho para mim.

— Lexi.

Ele assentiu e riu de algo que Adam disse. Então, virou-se para mim enquanto eu largava o celular.

— Ei — ele sussurrou. — Você está bem?

— Estou, sim. Por quê?

Ele sorriu amplamente. *Lindo*.

— Não pensei que conseguisse ficar quieta.

Dei de ombros.

— Só estou assistindo a você brilhar, Reid Crowne.

Ele balançou a cabeça.

— Stella, é só um show.

— São *dois* shows, e logo serão três. Depois, mais. Reid, vocês estão lotando as casas. Isto não é mais um negócio pequeno.

— Estamos mesmo — Ben concordou e gesticulou para a garçonete. — Ei, linda, pode trazer algumas doses.

Ela lhe deu um sorriso tímido e assentiu. O charme de Ben desarmava qualquer uma. Mal podia esperar para observá-lo fazer sua magia com Lexi.

Sorri ao pensar nisso e senti dedos em minha mandíbula antes de virarem meu rosto de forma persuasiva. Houve um breve lampejo nos olhos de Reid quando ele se abaixou e me beijou. Eu sabia que era para ser um beijo rápido. Senti sua intenção se afastar antes de

ele segurar minha nuca, a mão em meu ombro agora segurando meu cabelo. Ele nos moldou juntos, fogo em busca de fogo. Senti o gemido em sua boca, mas não consegui ouvir enquanto ele ignorava a objeção de Adam e Rye e as cascas de amendoim jogadas em nós. Reid fez durar, e eu o segurei em mim, alimentando, sentindo, voando enquanto ele me dava meu beijo de Sissy/Granada. Aquele que eu estivera aguardando minha vida toda. Ele diminuiu o ritmo e se afastou enquanto eu fiquei encarando-o, maravilhada. “Ordinary World”, de Duran Duran, filtrava o barulho do bar conforme ele pressionava mais uma vez — sua decisão por nós — em meus lábios. Mas já fazia tempo que meu coração tinha declarado que pertencia a ele.

Ben estava sentado do outro lado do banco com os braços cruzados e um sorriso tolo no rosto, enquanto Rye e Adam estavam chocados com a demonstração pública de Reid. Ninguém estava mais surpreso do que eu, e eu sabia que estava evidente em minha expressão. Pigarreei e arrisquei um olhar para Ben, que estava com a cabeça inclinada e um olhar de *acredite, mulher* no rosto. Dei risada como uma idiota e enterrei a cabeça no peito de Reid.

— Parece que acabamos de ganhar uma Yoko, rapazes — Adam comentou e Reid olhou desafiadoramente em sua direção junto com Ben.

— Não — Ben disse antes de Reid conseguir falar. — Cale a boca, Adam. Nossa Yoko ficou para trás — ele continuou ao passar nossas doses, sem dúvida referindo-se a Lia.

Estiquei-me e dei dois tapinhas na testa de Adam. Ele se esquivou para trás, derramando metade de sua bebida. Reid deu risada.

— E esta sabe cuidar de si mesma — anunciei ao olhar para Adam. — Retire o que disse!

— Minhas desculpas, milady — Adam disse sinceramente ao brindar o copo comigo.



Naquela noite, enquanto Reid estava no banho, xeretei algumas letras. Não consegui me conter. Sua biblioteca era ampla, e eu estava bêbada, então meio que me dava permissão de tomar decisões de merda. Peguei o caderno em que ele estivera rascunhando, ansiosa para entrar em sua mente, e meu coração parou. Lágrimas pesadas caíram conforme suas palavras embaçaram, e sequei o rosto para absorvê-las. Algumas eram apenas sussurros aleatórios e pensamentos incompletos. Raiva tomava muitas páginas, e eu podia ver que ele as escrevia com a mão pesada. E as páginas mais recentes eram músicas.

Três músicas sobre suicídio.

Duas músicas sobre sexo.

E a última música era sobre abandono.

Era bem óbvio, entre suas frases desesperadas, que ele lutava contra demônios que eu nunca conhecera.

— Stella? — A voz de Reid era baixa quando soltei o caderno e esfreguei o rosto com as mãos.

— Desculpe. Mas agora entendo. Entendo o quanto é pessoal, ok? Nunca mais vou fazer isso com você. Não vou insistir. Só me dê uma chance de provar.

Não conseguia olhar para ele. Eu o havia violado de tal jeito que não tinha como voltar atrás. Pararia naquele momento, pararia de insistir. A jornalista aspirante em mim estava enojada; a mulher que era apaixonada por ele estava aterrorizada.

Reid ficou me olhando de pé por um instante, depois me levantou.

— Está me dizendo que é a primeira vez?

Chocada com o tom regular de sua voz, encontrei seu olhar e assenti rapidamente.

— Eu esperava que você tivesse chegado na metade deles agora — ele disse, curvando os lábios.

Eu não conseguia sorrir, não com o lampejo de sua alma brava flutuando em minha cabeça.

Ele segurou meu queixo e me forçou a olhar para ele.

— Te falei que estava em um momento zoadado.

Meus lábios tremeram.

— Você disse que ainda estava lá.

Ele soprou o hálito fresco em meu rosto, e foi quando percebi que ele ainda estava pingando e nu.

— Então não está bravo?

— Estou puto, mas é um novo estado normal por estar com você — ele disse, rindo. — Nunca na vida conheci uma mulher que precisasse saber tanto.

— Nunca na vida conheci um homem que quisesse contar tão pouco.

— Combinação criada no inferno — declarou ao morder meu lábio inferior. Sentindo meu nervosismo, ele deu de ombros. — São só músicas, só um desabafo, Stella.

— Ok — respondi, beijando seu peito, ávida para chegar o mais perto possível.

Ofereci meus lábios a ele, os quais ele pegou e devorou, acendendo a chama. Nós nos perdemos e eu fiquei nua. Apertei e provei antes de encontrar seus olhos famintos e ajoelhar aos seus pés em adoração. Ele chiou entre os dentes quando o envolvi na boca. Apertei, chupei, lambi e acariciei, faminta quando ele segurou meu queixo, seus olhos incendiados, e começou a empurrar o quadril. Sua boca se abriu. Gemi e o senti se engrossar a cada investida. Massageando seu saco, enchi a boca, tomando-o por completo, e senti todo seu corpo estremecer.

— Porra, caramba — ele disse, guiando minha cabeça quando senti o calor crescer em minha barriga e se espalhar por entre minhas coxas.

Eu nunca estivera com tanto tesão na vida. O som de nossos sons misturados me deixaram excitada pela avidez. Chupei e chupei até ele segurar a parte de trás da minha cabeça e seu orgasmo descer por minha garganta. Ainda ajoelhada, olhei para cima e o

fitei, minhas mãos em minhas coxas. Ele segurou o topo de meus braços e me puxou para eu me levantar antes de me erguer para montar nele, um brilho malicioso em seus olhos.

— Granada.



Santeria – Sublime

NA MANHÃ SEGUINTE, FIZ OVOS COM CHOURIÇO E BATATAS FRITAS PARA REID. POR CAUSA DO CALOR, DECIDIMOS FICAR EM CASA e não fazer nada até nosso turno. Reid estava em seu balcão comendo um segundo prato enquanto eu vasculhava entre suas letras.

— Oh, amei esta. Deus, Nerd da Banda, você é um poeta de verdade.

— Qual? — Reid perguntou, mexendo-se no balcão para olhar para o caderno.

Mostrei para ele.

— “Trust”, amei. É muito boa.

— Tenho que dar outro nome — ele disse. — E não gosto do riff da guitarra que escrevi. É muito convencional. Preciso que Rye trabalhe nisso.

Dei a ele meu melhor sotaque francês esnobe.

— E o riff da guitarra é muito convencional. — Peguei um pedaço de algodão inexistente em minha camiseta e o retirei antes de ficar inexpressiva. — Dá para ser mais pretensioso? E, ei, astro, quando vai aprender a receber um elogio?

Olhei para ele de cabeça erguida enquanto ele sorria e dava uma garfada enorme nos ovos, o cabelo cobrindo sua covinha. Odiava quando isso acontecia. Mas amava quando ele sorria.

— Então? — insisti.

— Deus, você ama discutir — ele resmungou, jogando nossas louças na pia com sabão que eu preparara.

Em alguns dias, eu estaria em minha própria casa, e saboreava cada momento que brincávamos de casinha. Eu não era iludida quanto à nossa situação de moradia ser permanente. Fomos forçados a ficar juntos, mas eu tinha que admitir que estávamos prosperando sob essas condições.

Chupa, Paige.

— Mudança de planos, precisamos ir à loja de música. Preciso de um novo par de baquetas.

— Oh — eu disse ao mexer em minha mala. Vesti meus Vans e minha camiseta “Imagine”, do John Lennon. — Vamos lá.

Reid me olhou pelo buraco da cabeça de sua camiseta limpa.

— Você demora o mínimo de tempo para se arrumar comparado a qualquer mulher que já conheci.

— Me arrumo quando a ocasião pede. Estamos em agosto no Texas. Posso ir de cara lavada ou parecer que acabei de sair de um funeral. — Peguei meu gloss de menta, passei nos lábios e mandei um beijo para ele. — Feliz?

— Você não é nada refinada, minha pequena latina. Deveria ter nascido homem — declarou enquanto encarava meus lábios brilhantes. — Mas, foda-se, fico feliz por não ter nascido.



Entramos na loja como um casal. Era nossa primeira saída oficial juntos, apesar de nada ter sido falado. Era um fato, principalmente já que não conseguíamos tirar as mãos um do outro. Não era tanto de segurar as mãos quanto era de linguagem corporal. Ele se

inclinava em mim conforme andávamos pelos corredores. Compartilhávamos um sorriso íntimo. Ele segurava meu pulso para me fazer parar enquanto ele olhava os produtos. Não me queria longe, e eu não queria estar. Quando chegamos ao corredor de exibição, Reid parou diante de uma bateria DW.

— Drummer's Workshop — eu disse. — São, tipo, o Cadillac das baterias, certo?

— Ferrari — ele respondeu, olhando-a com apreciação.

Olhei para uma mesa branca de plástico diante da bateria. Havia um aquário cheio de papezinhos.

— Eles estão sorteando — comentei e segurei a caneta. — Vamos entrar.

— Estão anotando e-mails — ele disse. Convencido, me olhou com uma sobrancelha erguida.

— Certo, se eu ganhá-la, vou dar para outro baterista.

— Até parece. — Reid segurou a caneta e preencheu o formulário, jogando seu papelzinho lá dentro.

Saímos vinte minutos depois com um novo par de baquetas, e vi o sorriso de Reid conforme ele me olhou assim que nos sentamos na caminhonete. Eu estava vasculhando minha mochila minúscula quando senti sua mão na minha.

— Ei, Stella?

— Sim?

— Você é linda.



Mais tarde naquela noite, eu estava na Garagem enquanto Rye trabalhava em um novo solo para a música que Reid tinha levado ao estúdio. Era a que eu tinha escolhido. Eles queriam prepará-la para um show na semana seguinte. Enquanto Rye fazia vários acordes, eu estava sentada no banquinho de Reid, com suas novas baquetas

na mão enquanto ele estava atrás de mim tentando me ensinar o básico depois de cinco minutos de aula de como segurá-las.

Apertei o pedal e bati na caixa enquanto ele ria.

— Tente de novo. Bumbo na primeira, caixa na terceira, prato com a direita nos quatro.

— Isso é doloroso de assistir — Adam disse com um tom irreverente enquanto Ben ria e lançava palavras de encorajamento.

— Vamos, mulher, você é metade mexicana. Vocês nasceram com ritmo.

— Sou latina — corriji. — E eu *tenho* ritmo. Cale a boca.

Após alguns minutos, meus ombros caíram.

— Isso é bem excitante — Reid sussurrou quando tentei outro falso início.

— Não tem nada de excitante em uma garota que não sabe tocar — declarei, desencorajada.

— Você queria tocar o baixo, de qualquer forma. O que me diz, Adam? — Reid perguntou a ele, rindo.

— Não mesmo, ela me assusta — ele respondeu ao cobrir o baixo com os braços em um gesto protetor. — Parece que ela está sempre preparada para bater.

— Está preparada para bater, Stella? — Reid sussurrou brincando e virei a cabeça e lhe lancei um olhar de desafio.

— Chega de piada. Eu consigo. Afaste-se — pedi com um sussurro cálido. — E, vocês dois, fiquem quietos — ordenei para Adam e Ben.

Ben abriu uma cerveja e se sentou no sofá enquanto Rye realmente começou a criar algo.

Contei na cabeça e comecei de novo, e de novo. Parecia uma eternidade até finalmente conseguir e eu *arrasei*. Fiquei ali sentada, aturdida, conforme Ben ergueu sua cerveja e pegou o microfone. Rye sorriu para mim.

— Ok, latina, vamos ver do que é capaz. — Ele começou o acorde familiar de “Santeria”, de Sublime, e Adam e eu entramos, o que pensei surpreender a todos... bom, pelo menos o fato de eu ter entrado na hora certa.

Exaltada, mas temendo perder a contagem, mantive a cabeça baixa, concentrada, enquanto Ben cantava. Mantive a batida regular, mas estava explodindo por dentro enquanto tentava tocar, batendo nos pratos quando a música pedia e, então, segurando a batida. Esperançosa, olhei para Reid, que fumava no sofá. Seus olhos estavam estampados com orgulho e diversão enquanto o resto dos caras me davam sorrisos irônicos.

— Foi bom, certo? — perguntei, sorrindo.

— Não mesmo.

— Terrível.

— Muito, *muito* ruim.

Dei tanta risada que tinha lágrimas nos olhos quando Reid se moveu para pegar suas baquetas de mim.

— Obrigada — sussurrei. — Acho que não sabe o quanto significou para mim.

— É, eu sei, porque me disse. Você fala *bastante*. Ainda estou tentando me recuperar do pesadelo de ontem à noite que ouvi por umas duas horas. Agora, me dê as baquetas para ninguém se machucar — ele sussurrou. Seus olhos me fitaram profundamente e me analisaram a ponto de não ter volta. — E eu vou te tocar mais tarde — ele disse com uma piscadinha.

— Combinado — prometi.

Éramos aquele novo casal enjoativo e nós dois sabíamos disso.

— Parem com essa merda agora — Ben disse no microfone. — Estou com inveja.

Afastei-me, rindo, e me sentei no sofá enquanto eles me mostravam, juntos, o que era *bom*.



Stay – Hurts

— QUE PORRA, MÃE! — OUVI REID ROSNAR DE SEU QUARTO VAZIO. — FALE PARA ELE PARAR DE BEBER, CACETE. — UMA CURTA pausa. — E eu que pago por isso. — Pulei ao ouvir a porta de seu quarto bater. Ainda assim, ouvi cada palavra venenosa. — Não estou falando do dinheiro! Eu sabia que isso iria acontecer.

A voz dele ressoava no espaço vazio enquanto eu arrumava minha mala. Lexi chegaria em minutos, e iríamos nos mudar para nosso apartamento. Ben me observou na sala quando pulei com sua próxima explosão. Ouvi um barulho e olhei para Ben, que gesticulou para a porta aberta que segurava.

— Vamos, você não precisa ouvir isso.

Com nervos à flor da pele, eu o segui para a varanda. Estava cheia de bitucas de cigarro. Reid chegara em casa de seu turno na noite anterior extremamente inalcançável. Seu prato de jantar ainda estava intocado. Passou nossa última noite juntos isolado e fumando sequencialmente. Recusava-se a conversar sobre qualquer coisa naquela manhã depois de levantarmos e tinha me queimado como um de seus cigarros. Seus olhos estavam vazios e se recusavam a encontrar os meus enquanto ele me agoniava, com a expressão contorcida. A única vez em que falou foi para me perguntar sobre meus minutos de ligação antes de Lexi aparecer.

Com relutância, dei a ele, sabendo que qualquer conversa que tivesse só agravaria sua raiva. Ele estava bravo de um jeito que me assustava. E eu nunca tivera medo de Reid.

— Sabe o que está havendo? — perguntei a Ben.

Ele deu de ombros.

— O que sempre acontece. Os pais dele são crianças.

— Eu já os detesto. Nunca quero conhecê-los — eu disse ao pensar nas letras dele, no tormento nas frases de suas músicas. Tinha visto o suficiente para saber que eles não o apoiaram. Eram egoístas e indignos.

Nervosa, enjoada, me levantei e ouvi outro barulho alto de algo se quebrando.

— Ele só está desopilando. Já se acalmou bastante.

— Isso é calmo? — perguntei, temendo olhar o apartamento.

— Extremamente — Ben respondeu baixinho. — É por isso que ele toca tanto com o coração.

— Certo. — Engoli em seco assim que a SUV de Lexi apareceu, uma pequena U-Haul apinhada de coisa.

— Lexi chegou — comentei com alívio.

Ela olhou os prédios, totalmente confusa até eu chamar seu nome e encontrá-la na base das escadas. Um sorriso malicioso cobriu seu rosto enquanto ela corria para mim e me apertava até sufocar.

— Jesus, pensei que eu nunca chegaria!

— Fiquei com tanta saudade — declarei com a voz trêmula.

Ela se afastou e franziu o cenho.

— O que aconteceu?

Sua preocupação crescente foi interrompida quando, por cima do meu ombro, ela avistou Ben no topo da escada. Soltei a respiração que não sabia que estava segurando e exigi sua atenção ao apertá-la. Ela era meu conforto e muito necessária naquele momento.

Ela se afastou e deu uma piscadinha.

— Finalmente, certo? Oi — ela disse ao olhar rapidamente para Ben.

— Estranha. Bem-vinda ao lar — ele cumprimentou, assentindo.

Olhei para os dois e sabia que eles eram muito mais íntimos do que pareciam. Estavam conversando ou trocando mensagens todos os dias. Mesmo assim, fingiram frieza, e eu mal podia esperar para ver. Um minuto depois, Reid saiu pela porta da frente e deu um tapinha no ombro de Ben.

— Um minuto, cara.

Pude ver o receio de Ben quando ele o seguiu para dentro e fechou a porta.

— O que está acontecendo? — Lexi perguntou, olhando para mim.

— Não sei.

— Você parece assustada — ela disse ao ficar para trás e me analisar.

Ela havia tingido novamente as pontas de seu cabelo escuro de vermelho e parecia bronzeada. Linda em um vestido azul-claro e complementado com sandálias de couro. De repente, parecia que eu tinha passado uma eternidade sem vê-la. Era incrível o que podia acontecer em alguns meses.

Tudo. *Tudo* podia acontecer em alguns meses.

Meia hora depois, com Lexi e eu cobertas pelo calor da tarde, Reid e Ben saíram. Ben parecia irritado, e Reid evitava todo contato visual.

— Vamos mudar vocês, senhoritas — Ben disse ao carregar minha mala pela escada.

Meus olhos se ergueram para Reid.

— Reid?

Sua mandíbula ficou tensa.

— Eu já vou. — Ele voltou para dentro e bateu a porta.

— Não — Ben me alertou e segurou meu pulso.

— Ele não vem?

Ainda tentando passar, ele me segurou firme.

— Olha, baby, você não precisa...

Passei por ele, subi as escadas, entrei no apartamento e vi Reid segurando seu cabelo no meio da sala, nosso colchão apoiado na parede.

— Reid.

Sua grosseria foi instantânea.

— Nunca consegue seguir ordens, não é?

Eu o ignorei, porque ele não falava sério. Mesmo com seu comportamento desesperado e nervoso, eu o sentia comigo.

— Por favor, só me conte o que está havendo.

Olhos cor de mel me encararam enquanto fiquei lá parada com o coração na garganta. Uma troca de olhares longa e sem palavras e, por um segundo, vi o homem que amo voltar, seus olhos se focarem e sua fala hesitar. Então eu soube.

— Não.

Sua voz estava cheia de derrota e raiva residual.

— Eu preciso.

— Não seja ridículo. Eu entendo. Ok? Entendo. Você teve uns meses difíceis, mas está muito perto de algo. Não consegue enxergar?

— Não.

— Então acredite em *mim* — pedi, dando um passo em sua direção.

— Pare. Isto não é uma porra de conto de fadas, Stella. A vida não começa a acontecer magicamente para ninguém. As coisas não começam simplesmente a dar certo porque você tenta. Sou prova viva. Eu tentei, Stella. Tentei muito.

— Acontece! Acontece e você sabe. — Agarrei-me à esperança.
— Você só enxerga o sucesso dos outros, Reid. Precisa investigar mais a fundo para descobrir o quanto demorou para chegarem lá. Demora anos!

— Não tenho anos, Stella.

— Reid...

— Não posso mais me dar ao luxo de acreditar!

Ele nunca tinha gritado comigo. E pude ver seu arrependimento no minuto em que gritou. Ele se encolheu quando fui até ele. Eu não estava mais com medo dele; estava aterrorizada *por* ele. Ombros caídos, queixo no peito, eu senti sua esperança se partir.

— Um minuto após o desespero — sussurrei. — Precisa esperar *um* minuto após o desespero, Reid. É quando acontece. Você vai ter um descanso. Vai. *Está chegando* — garanti a ele quando me lançou um olhar cético. — Vamos, vamos sair daqui. Me ajude a desempacotar tudo em meu apartamento e depois vamos nos divertir. Você precisa se inspirar. Sei exatamente o lugar.

Lançando-me um olhar desafiador, ele enfiou a mão no bolso e colocou cinco dólares e algumas moedas no balcão.

— Não posso ir a lugar nenhum! Não posso pagar uma maldita refeição para minha mulher!

— E sabe que não ligo para isso. Não precisamos de dinheiro. Eu não preciso de nada. — Além de você.

Ele bufou.

— Você é tão ingênua.

— Pare. Estou nessa *com* você. Sabe disso, Reid. Vamos para a Garagem. Tocar sempre te faz sentir melhor.

— Não existe mais Garagem. Saí da banda. Vendi minhas baterias para Jason ontem à noite. Vou embora.

— Ontem à noite? — O sangue sumiu do meu rosto e me senti tonta. — Por que, por que, por que faria isso?

— Vou voltar para Nacogdoches para morar com meus pais. Minha mãe precisa da minha ajuda com meu pai.

— Você sabia ontem à noite?

— Eu sabia há um mês — ele disse com uma voz grave. — E então você apareceu. Eu tentei, Stella. Acabei de arranjar outro emprego para começar no cemitério na próxima semana e, com os shows, pensei que podia dar conta. Mas é tarde demais. Fui despejado ontem.

Ele tentara não ir embora antes de sequer me tocar. Tinha ficado por mim. Era lindo e horrível ao mesmo tempo. Lágrimas escorreram uma por uma quando percebi a gravidade de tudo.

— Foi por isso que deixou Lia levar tudo?

Ele assentiu. E minha luta voltou.

— Vou ajudar. Vou fazer o que puder...

— Tipo o quê? Colocar gorjetas em minhas contas? Sua irmã me contou sobre isso, Stella.

Nunca mais iria falar com ela.

— Não posso pagar esse lugar e continuo mandando tudo para minha mãe. Não consigo me sustentar. Tenho que ir.

— Pode ficar comigo. Quero que fique *comigo*.

— Quero que pare de se importar comigo! Caramba, Stella, pare!

Meu coração despencou quando ele olhou para sua sala e foi direto para o quarto. Seguindo-o com o coração na mão, observei-o pegar uma mala grande e começar a guardar suas roupas.

— Não posso ficar com você, Stella. Simplesmente não posso. Não quero estragar tudo para você. E minha mãe precisa de mim.

— Ela não merece sua ajuda! Eles se meteram nessa encrenca sozinhos. Ela não merece ter você como filho!

— Pare — pediu baixinho. — Ela é minha mãe. E já te expliquei isso.

— E eu sou a única mulher que te apoia. *EU!*

— E nunca pedi que fizesse isso.

Foi um soco no estômago.

— Vou esquecer que falou isso.

— Porra — ele disse com a respiração pesada ao passar a mão no cabelo. — Desculpe. Não quis dizer isso. Não me arrependo de nada que aconteceu entre nós dois. Mas não posso ficar aqui. Simplesmente não posso.

— Podemos...

— Stella, eu *quero* ir.

— Você quer ir? — Minha voz falhou. — Reid — eu disse sem respirar —, e a gente?

Ele começou a arrancar as camisetas dos cabides, depois chutou uma gaveta de plástico barata contra a parede.

Quando não respondeu, meu coração bravo começou a falar por mim.

— Eu também. Preciso ir, hein? Não é suficiente sair da banda, todo mundo também vai.

Ele parou com a camiseta na mão e deu socos na parede de seu armário. Castigada e implacável, a parede foi se destruindo sob seus socos pesados. Gritando de susto, me afundei na pilha descartada de camisas enquanto o vi se autodestruir. Quando ele caiu no chão, exausto e com a testa suada, ergueu as pernas e abraçou os joelhos enquanto o sangue escorria de suas mãos. Rapidamente, inspecionei suas mãos e vi que não tinha quebrado nada. Corri até o banheiro e peguei uma toalha, molhei-a e corri de volta para ele. Por meros segundos, ele me permitiu limpar enquanto fitava a parede arruinada com um olhar vazio.

— Está tudo bem. — Ele se afastou repentinamente e começou a arrumar a mala de novo.

Em pé diante dele, segurei sua mala e tentei obrigar seu olhar a se fixar no meu.

— Não era para termos acontecido nunca — ele declarou, fugindo de mim. — Não sou bom para você, Stella.

— Que mentira.

— Não é. Sua irmã sabe disso. Todo mundo parece saber, menos você.

— Porque não é verdade.

Uma risada desesperada saiu dele quando me olhou, nossos olhos se encontrando, respirando o mesmo ar. Enxergando meu pânico, ele balançou a cabeça.

— Você está melhor sem mim.

— Não estou — contestei quando as lágrimas nervosas escorreram por meu rosto. — Posso não saber muita coisa, Reid, mas sei disto: sou sua.

Minha respiração falhou quando ele soltou a mala, enfiou os dedos em meu cabelo e me beijou. Segurei-o tão vorazmente quanto ele abriu minha boca antes de sua língua mergulhar profundamente. Beijá-lo naquele momento era realização, alegria e agonia e, no fundo, parecia uma despedida. E foi tão profundo que comecei a chorar antes de afastar meus lábios, lutando para guardar aquele sentimento. Lutando por quanto tempo eu conseguia. Apesar de suas palavras, foi seu beijo que me disse que nosso amor era real, e eu faria qualquer coisa para manter isso. Para ficar com Reid.

— Não vá embora. Por favor, não vá embora. Podemos dar um jeito. Vou falar com Lexi. Não vá.

— Estou quebrado, Stella — ele sussurrou, sua testa pressionada à minha. — E estou exausto de ficar aqui. Sinto muito — acrescentou, baixinho.

Ele passou por mim e começou a guardar os sapatos na mala.

— Reid...

— Vou embora, Stella.

— Porra! — gritei, segurando meu cabelo antes de me jogar no chão.

Ouvi o farfalhar em seu banheiro e, um tempo depois, o tenebroso som do zíper. Ainda estava soluçando quando ele se ajoelhou no armário diante de mim e falou meu nome baixinho:

— Stella.

— Não acredito que está desistindo. Se pudesse apenas... — Solucei. — Se pudesse, por um segundo, enxergar o que enxergo. Só acredite em mim — implorei, me recusando a olhar para ele.

Eu estava despedaçada e demonstrava isso. Não contive nada ao deixar a emoção crua sair de mim. Aparentemente, eu não tinha dignidade quando se tratava de coração partido. Nenhuma. Estava totalmente aberta, ele via, e deixei que visse. Uma mão gentil acariciou a lateral do meu rosto antes de minha cabeça ser inclinada.

— Está cometendo um erro — sussurrei.

— Estou cansado de passar fome, cansado de me matar de trabalhar, levantar só para ser derrubado de novo. Preciso respirar. Quero sair de Austin por um tempo.

— Mas vai voltar? — implorei quando as lágrimas se acumularam em meus lábios. Tinham gosto de ruína. — Vai voltar, certo?

— Não sei.

Estreitei os olhos.

— Não *sabe*?

Ele tirou meu cabelo do rosto.

— Lembra daqueles sete minutos que você economizou para mim? Só queria passá-los com você, Stella.

— Pode ficar com todos. Eu te dou todos, Reid. *Fique*.

Ele fechou os olhos como se minhas palavras machucassem.

— Pare.

— Pare — soltei, amarga. — Nada vai acontecer. — Podia sentir sua frustração quando seus olhos me imploraram para compreender. E compreendi. Mas não significava que o deixaria ir sem lutar.

— Certo, se não vai ficar por mim, e a banda?

— Eles vão encontrar outra pessoa. Não pensei em tudo.

— Mas você vai tocar de novo. Não parou, certo?

— Não sei.

Lágrimas encharcavam e se multiplicavam. Podia ver sua dor, senti-la, e era meu único conforto, porque suas palavras só viravam a faca.

— Não me odeie — ele sussurrou.

— Só não pare de tocar, Reid. Não desista. — Beijeí sua mandíbula. — Vá para casa — eu disse, me levantando, e ele me seguiu, agora ficando mais alto do que eu. Recompondo-me, encontrei as palavras e a força que ainda tinha para falar. — Se não sou o que você precisa, então vá encontrar. Me abri para você e você nem teve a decência de se apaixonar por mim. Provavelmente vou te odiar. Me apaixonei por você, com medo, mas me apaixonei, de qualquer forma. — Coragem, raiva ou uma das dúzias de emoções me percorrendo incentivaram o resto. — Mas não pare de tocar. Me prometa. E cumpra essa promessa.

Ele ficou mudo, e senti a última parte de meu coração se dilacerar quando ele se recusou a me prometer.

Não conseguindo mais conter o choro, saí atrapalhada pela porta e desci as escadas na direção de Lexi, que me olhou com olhos arregalados antes de murmurar:

— Oh, merda.

Ben ficou quieto, seus olhos cheios de raiva enquanto ele olhava por cima de meu ombro.

— Stella — Reid disse do topo da escada, olhos esverdeados frios, expressão severa ao me ver chorar. Minha respiração falhava

conforme meu corpo tremia com soluços silenciosos, dor à mostra, coração partido e trêmulo em meu peito, confuso. — Eu prometo.

Um segundo se passou entre nós antes de eu assentir. Seus olhos se demoraram, depois ele voltou para dentro do apartamento e fechou a porta.

Naquela noite, me mudei para meu apartamento enquanto Reid Crown deixava Austin — *me* deixava.



NORMALMENTE, ESTA É A PARTE EM QUE VOCÊ VIRA A FITA OU TROCA UM CD POR OUTRO, MAS A TECNOLOGIA CONSEGUIRA DEIXAR muito mais conveniente para todos nós revivermos nossas trilhas sonoras individuais em qualquer lugar, a qualquer hora, na ponta de nossos dedos. Tudo que eu tinha que fazer era pressionar o triângulo pequeno para a direita em meu iPhone a fim de mergulhar de volta em uma vida que parecia leve anos atrás.

Mas precisava tirar o chapéu para a tecnologia. Desempenhava um papel importante em meu sucesso, mas não aconteceu do dia para a noite.

Foi exatamente como falara para Reid: demora anos e um minuto após o desespero.

Esperei esse um minuto.

Não se tratava do *se*; tratava-se de *quando*. Caí na cama grumosa do hotel de beira de estrada que encontrara quando fiquei exausta e as lágrimas começaram a se fundir com os rastros de chuva no para-brisa. Encarei o teto esponjoso de cor mostarda, ainda usando meu paletó de tweed e segurando minha ferramenta de na mão. Às vezes, queria ter uma memória nebulosa. Queria não conseguir me lembrar dos detalhes, das datas, da história.

Era tanto meu dom quanto minha maldição.

E música era minha navegação. Eu tinha seguido a música minha vida inteira. Meu guia, minha proteção, minha munição. Eu a segui para Austin e para os braços de meu primeiro amor, só para ser arrancada dele. Mas a música foi leal e ficou comigo, minha constante, meu conforto e, às vezes, minha facilitadora.

Rolei na cama, encarando a parede de madeira. Embora não quisesse nada com a maldita máquina do tempo em minha mão, eu não tinha escolha, porque, apesar de nossas diferenças quanto à jornada, eu permanecia leal e seguia naquela direção. E como eu seguia, a estrada se estreitava e trazia à tona lembranças que simplesmente continuavam circulando, implorando para serem reconhecidas muito tempo depois da última nota. Encarei as notificações aparecerem na parte de baixo da tela e as ignorei, optando por enviar uma mensagem.

Em um hotel de merda atrás de uma porta trancada. Não se preocupe. Te amo.

As bolinhas começaram e pararam por uma eternidade. Ele tivera tempo para pensar e não estava feliz.

Por que não está em casa?

Esse é o problema da intimidade e de realmente conhecer a pessoa com quem se está. Sempre sabem quando algo está errado, não importa o quanto tente esconder sua agitação casualmente. Eles sabem. É o trabalho deles, porque, na música da sua vida, são eles que estão ouvindo. É quando param que você precisa se preocupar. Ele tinha ouvido a minha. Sabia quando estava faltando uma batida ou quando uma nota foi esquecida. Ele havia decorado minha música, e eu era sua preferida.

Vou chegar em casa amanhã à noite. Te amo.

As bolinhas começaram e pararam de novo, e eu podia sentir a ligação chegando, mas ele deixou quieto.

Após um banho quente no banheiro questionavelmente amarelo, deitei-me na colcha florida e liguei minha máquina do tempo antes de olhar para o relógio.

11:11 p.m. *Faça um desejo, Stella.*

Whiter Shade of Pale – Annie Lennox

Dezessete dias depois que Reid Crowne foi embora de Austin, recebi um e-mail.

— Stella!

Foi Ben que atendeu a porta quando a bateria foi entregue. E, se eu não estivesse tanto no inferno odiando a vida, teria dado risada da expressão no rosto dele. Em vez disso, assinei pela entrega quando os caras transportaram a caixa enorme para dentro do apartamento e a colocaram no meio de nossa sala pouco mobiliada.

— Como conseguiu dinheiro para isso? — Lexi quis saber ao compartilhar o olhar estupefato com Ben.

— Não comprei — respondi, meu coração murchando quando lembrei de nosso dia na loja de música. — Eu ganhei.

Ben balançou a cabeça com um sorriso irônico.

— Só você, Stella. Você parece uma porra de unicórnio.

— Ei — Lexi protestou e deu um tapa em seu peito brincando. — E o que eu sou?

Ela estava com as mãos na cintura, os olhos grandes implorando pelos dele. Era exatamente como pensei que seria. Com zero relutância de Lexi, devido ao charme irresistível de Ben, eles ficaram juntos no minuto em que Lexi chegou a Austin. E eram perfeitos um para o outro.

— Oh, baby — ele disse ao segurar as laterais de seu rosto —, você é *minha* musa.

Apesar de estar feliz por Lexi, eu detestava estar tão perto deles. Eles tinham o carinho que foi tirado de mim. Até onde eu sabia, era o agosto mais frio da história do Texas.

O ciclo durou uma semana. Lexi me embebedava. Segurava minha mão quando eu falava e minha cabeça enquanto eu vomitava. Ben também teve o azar de ver isso acontecer, por causa

de sua incapacidade de ficar longe de Lexi, mas eu não dava a mínima. Permitia-me sangrar livremente.

Tinha trabalhado apenas dois turnos no restaurante enquanto Paige me observava como uma águia até eu tirar, de forma irresponsável, meu avental e falar para Leslie que me demitia. Recusava-me a falar com Paige. Ela nunca teria a chance de me falar que tinha me avisado, exatamente como eu não poderia falar com Reid.

Em questão de meses, tudo mudara entre nós três. Uma decisão tomada em um segundo, de andar em direção ao fogo, enquanto eu já estava envolvida em minhas próprias chamas. Nunca me sentira daquele jeito por ninguém e sabia que nunca mais poderia acontecer. Ele era único para mim... *Reid* era único para mim.

Os dias se passaram em um borrão. Ben estava em casa constantemente, geralmente usando seu macacão da Home Depot depois de um longo dia no departamento de madeira e entretendo Lexi em nosso sofá enquanto eu me enfurnava em meu quarto, olhava para fora pela janela, ou andava por nosso condomínio, lutando contra a insônia.

Eu não tinha palavras. Não ouvira uma única música, exceto quando era inevitável, em um posto de gasolina ou supermercado, o que era prejudicial para minha escrita. Não tinha palavras se não houvesse música. E ele as levou.

Reid as levou.

Ainda assim, tinha finalizado novos artigos suficientes em meu tempo com Paige e Reid, junto com uns rascunhos antigos que reeditei e considereei que valia a pena imprimir. Sem duvidar de mim mesma, enviei para Nate por e-mail na manhã em que nossa internet foi ligada. Os estudos começavam em uma semana e era minha única salvação enquanto era forçada a testemunhar o início de Lexi e Ben enquanto vivia meu término.

Eu existia antes de Reid, vivi amando-o e fui abandonada para existir de novo sabendo como era viver.

— O que vai fazer com ela? — Ben perguntou, me retirando de meu entorpecimento enquanto encarava a caixa. Podia sentir o cheiro de Irish Spring.

— *Eu* não vou fazer nada com ela.

Ben franziu o cenho.

— Vai vender? Bom, tem uns seis mil aí nessa caixa.

— Seis MIL! — Lexi exclamou, unindo as mãos antes de eu interrompê-la com um olhar.

Ela interpretou facilmente minha decisão.

— Oh, inferno, não, Stella! Não. NÃO!

Olhei para Ben, que também entendeu rápido.

— Caramba, não, depois do que ele fez?

Encarei Ben, reunindo a força para dar meu veredito. Mas não importava. As lágrimas já estavam começando a escorrer por minhas bochechas.

— Você sabe exatamente a quem pertence isso.

— Não — Ben protestou, como se tivesse alguma escolha na questão. Ficou parado, de braços cruzados, enquanto Lexi o apoiava.

— Parem — comandei. Minhas palavras ecoaram as de Reid, o que só me cortou mais profundo. — Nunca vire as costas para ele, Ben, me ouviu? *Nunca*. Você mesmo disse. Não tinha a vida que ele tem. Ele está no inferno. Precisa de ajuda e se recusa a aceitar, mas não torna isso menos emocionante. Ou você entrega para ele ou vou mandar entregar.

— Stella, ele acabou de te *deixar*. Frio pra caralho. Frio como nunca vi. Eu assisti — Ben disse com a voz baixa.

Senti meu rosto esquentar com a verdade dura, mas insisti.

— Ben, não mereço sua lealdade *ainda*. Você o conhece melhor do que qualquer um.

Ele assentiu.

— Então sabe que ele fez o que pensava ser a coisa certa. E sabe que isso pertence a ele. Ele *precisa* dela, Ben.

Ficamos em silêncio por um instante antes de Ben assentir.

— Tem razão.

— Sei que tenho razão.

— Não precisa ficar convencida. — Ele deu uma piscadinha. — Mas essa é minha garota.

Lexi olhou entre nós.

— Nenhum de vocês tem razão — ela disse. — Deus, Stella, isso poderia pagar um ano de aluguel!

Apesar de Lexi saber da história, não havia como ela realmente entender. Nós vivíamos como rainhas comparado com a realidade que partilhei com Reid. E ele tinha lidado com isso por muito mais tempo. Qualquer um que nunca tivesse realmente passado dificuldade não conseguiria entender aquele tipo de pobreza. Como ela rouba sua alma e faz sua mente acreditar no pior. Ser testemunha disso e ter empatia não é *viver* isso. Mesmo no estado em que eu estava, uma parte de mim reconhecia que eu estava apaixonada demais, cega demais por amor, que não via a realidade, mesmo que estivesse escrita no rosto de todo mundo, principalmente no de Reid. E o amor não foi suficiente para impedir a luz ofuscada nos olhos dele ou a derrota em seu coração.

— Não desista dele — sussurrei para Ben, que estava me olhando. — Juro que ele vai te surpreender.

Apesar de não ter certeza se eu acreditava em minhas palavras naquele instante, implorei para Ben acreditar em mim.

— Vou visitá-lo na casa dos pais dele neste fim de semana...

Ergui a mão quando meu coração acelerou.

— Só fale para eles que entregaram no apartamento dele e que o síndico entrou em contato com a Paige. Ok? Ele não vai aceitar se souber que veio de mim.

— Ele não é burro, Stella.

— Por favor, Ben. Por favor — pedi quando mais lágrimas caíram. — Convença-o.

Ben assentiu.

— E se ele perguntar de você?

Será que se incomodaria? Eu nunca superaria o olhar em seu rosto na última vez em que o vi. Como se fosse totalmente isento de sentimento. Uma parede de raiva misturada com uma promessa que não tinha nada a ver comigo.

— Fale que estou brava. Ele vai acreditar. Fale que não paro de falar sobre como ele é um babaca. Ele pensa... — Hesitei ao baixar a cabeça com a respiração trêmula. — Provavelmente ele pensa que eu fui só uma criança que tinha uma quedinha por ele.

— Isso tudo parece ótimo, Stella, só que você parou de falar, parou de comer e nunca dorme — Ben disse ao me olhar.

— *Minta*, Ben. E faça um bom trabalho, ok? Todo mundo me avisou. Todo mundo, inclusive Reid. Fui *eu* que insisti para ficarmos juntos. Não é culpa dele. Provavelmente ele já me esqueceu. — Andei pelo corredor e fechei a porta do quarto.



Numb – U2

CORAÇÃO PARTIDO TEM O SOM MAIS IRRITANTE DE TODOS. É UM ECO. UM ECO DE BATIDAS PRESO EM UM CÍRCULO. MAS A BOA notícia é que sempre tem um som novo para substituí-lo. E passei meus dias procurando-o. Depois que Ben voltou de Nacogdoches, sem a Ferrari das baterias, me obriguei a começar a procurar um novo som. Queria sair desse círculo. Queria esquecer meus três meses iniciais de merda em Austin, minha irmã e o homem que se exilou da minha vida.

Consegui um emprego... como garçoneiro. Porque poucas horas e dinheiro bom eram a única solução quando se tinha um semestre inteiro de créditos da faculdade para completar, e eu tinha.

E, conforme andava pelo campus no primeiro dia de universidade, uma calma se instalou em mim. Era a única coisa que tinha seguido conforme o plano. Sentia-me segura. Mesmo que Reid dissesse que era uma ilusão.

Eu tinha que esquecer a música, então mergulhei fundo.

Meu iPod estava cheio de agressão, e eu perambulava pelo campus em uma missão.

Eu servia cervejas espumosas no infame Maggie Mae na 6th Street, matando dois coelhos com uma cajadada só. Eu podia ouvir música ao vivo desde o início enquanto ganhava dinheiro. Fazia

sentido. Tudo estava indo para o lugar, exceto por minhas partes despedaçadas que se agitavam em meu peito como uma barulhenta peça de joia de fantasia.

Nate me enviou um e-mail com uma resposta boa sobre minhas colunas e marcou uma data para nos encontrarmos no *Speak* a fim de discutir meu futuro.

Ele foi profissional, e suspirei de alívio por não ser mais pressionada.

O outono começou, apesar das temperaturas ainda remeterem ao verão.

A temporada de futebol chegou, o que significava gorjetas melhores.

E Lexi e Ben se apaixonaram.

Apesar de eu estar vivendo minha vida como planejado, *eu* ainda estava apaixonada por Reid Crowne.

E odiava Dave Grohl.

Por quê? Porque, em cada esquina, via um cara com a barba por fazer e o cabelo escuro pendendo até a orelha, usando camiseta, jeans e uma carteira com corrente de metal.

E meu coração parava.

E um nó se formava na minha garganta.

E eu derrubava uma lágrima quando o rosto, que não era de Reid, virava para mim.

A Sergeants ainda tocava toda semana por dinheiro. E, sendo a egoísta babaca que eu era, não conseguia me obrigar a ir a um único show. Peguei o caminho sem escrúpulos, porque era melhor me acabar ali.

Lexi era uma salva-vidas. Ela aguentou minha merda autoindulgente por semanas antes de sugerir que saíssemos. Minha resposta foi não, e seu consolo foi Ben. Dava certo.

A vida continuou. Era como se ele nunca tivesse existido. Ninguém falava dele.

Mas eu o *sentia*. Embutido. Nossos sete minutos em círculo, nossa música diminuída.



No dia em que entrei pelas portas do *Austin Speak*, estava mais do que determinada a esquecer meu coração e seguir a música. Com uma trilha em mente, cumprimentei Sierra, que acenou para mim entusiasmada enquanto explicava no telefone que Nate Butler estava em uma reunião. Eu estava com um All Star novo e roxo com a letra de “Till I Collapse”, de Eminem, escrita nas laterais, mas coloquei uma blusa preta leve com decote em V e calça preta. Tinha cortado alguns dedos de meu cabelo rebelde e alisado até cair como uma seda sobre meus ombros. Ainda era resistente à maquiagem, com exceção da máscara de cílios caprichada e do batom.

— Ei, você — Sierra cumprimentou com um sorriso carinhoso. — Ele está te esperando. Bom trabalho, aliás. Causou uma impressão e tanto nele.

— Obrigada. — Apesar de eu saber que essa *impressão* era questionável.

— Srta. Emerson está aqui para vê-lo.

Embora estivesse com a expressão neutra, comecei a tremer por dentro no minuto em que Nate abriu a porta de sua sala. Ele sorriu para mim e me colocou para dentro.

Com nervos à flor da pele, passei pelas mesas barulhentas e senti a atenção ávida daqueles atrás delas até chegar à segurança da porta dele.

Controle-se, Stella.

— Olá — cumprimentei com um sorriso enquanto Nate permanecia parado ao lado de sua mesa, me olhando com surpresa antes de dar um sorrisinho, satisfeito ao ver meu tênis.

— Música boa.

— A melhor.

— Feche a porta — Nate pediu sem me olhar mais. — Sente-se.

Fechei a porta e ele começou a digitar furiosamente, um único fone de ouvido pendendo discretamente debaixo de suas mechas lisas, acobreadas e penteadas para trás.

Brevemente, imaginei qual seria seu gosto musical. Ele não me parecia um cara do rap, mas rock 'n' roll também não combinava com ele. Mordi o lábio enquanto ele martelava em seu teclado, os cílios dançando acima de suas maçãs do rosto pronunciadas. Ele parecia mais alto, mais forte, *mais*. Ele era impressionante e, conforme olhava para mim com olhos azuis hipnotizantes, eu não tinha dúvida de que ele sabia disso.

— Bom trabalho, Stella — ele disse ao se afastar de seu laptop e apoiar os braços na mesa. — Falo sério.

— Obrigada — agradei, rouca, depois pigarreei.

— Nervosa?

— Sim.

— Não fique — ele disse, dando uma piscadinha. — Vou comprá-los. Você vai ser publicada. Verificou todos os fatos neles?

Meu peito martelou, meu estômago enjoou enquanto escondia minha empolgação.

— Sim.

— Não importa, porque vou querer que sejam verificados de novo e reservar o direito do rascunho final, entendeu? — Ele pegou uma pasta de sua mesa e me mostrou uma programação. — Vai trabalhar com JJ. Vocês dois vão dividir espaço com eventos da cidade e entretenimento. Não vou me envolver em brigas entre vocês. Se virem. A melhor história sempre vai ser escolhida e, Stella — ele pausou, me olhando fixamente —, ele é bom.

Intimidação e empolgação eram um combo terrível.

— Mas pode aprender com ele. Não o declare inimigo ainda. Ele é justo e está cobrindo sozinho desde que o jornal começou.

— JJ é de quê?

— Nunca perguntei — respondeu, franzindo o cenho. — Você está bem? Está pálida.

— Estou bem — respondi, convencendo-nos totalmente de que estava qualquer coisa, menos bem.

Ele me encarou de forma demorada e séria.

— Stella, se não puder lidar com isso, me diga agora mesmo. A circulação está crescendo. Preciso expandir a seção. As coisas mudaram drasticamente desde a última vez em que estive aqui. Pudemos adicionar quatro páginas.

— Estou pronta — declarei, encontrando minha voz. *Qual é seu problema? Essa é sua chance, aproveite.* — Estou pronta.

— Ok, vai precisar verificar sua programação com JJ quando sair daqui. Ele vai te mostrar os prós e contras. Quero que fique em uma mesa aqui uma vez por semana, um sábado por mês. Sierra vai organizar sua papelada. Se estiver escrevendo por dinheiro, este não é o emprego.

— Entendido.

Ele uniu as mãos.

— Onde você está, Stella?

— Estou aqui, Nate.

— Não — ele disse ao se levantar e dar a volta em sua mesa, depois se apoiar nela. — Não está, não.

Encontrei seus olhos, apesar de minha confiança ter diminuído de forma drástica desde que passei pela porta da frente. Naquele momento, com esse homem lindo diante de mim, praticamente me oferecendo o mundo, eu estava sufocando. Olhei para meu tênis.

Este é seu momento.

Encontrei o olhar de Nate de novo.

— Estou aqui.

Ele sorriu lentamente.

— É. — Deu uma piscadinha sexy. — Bem-vinda de volta.

Ele passou por mim, e eu inalei seu perfume.

— JJ — ele chamou da porta da sala.

Um minuto depois, um cara esguio que parecia alguns anos mais velho do que eu colocou a cabeça no vão da porta.

— E aí?

— Esta é Stella Emerson. Ela é sua nova colega.

— Sério? — perguntou ao me olhar. — Ela sequer pode entrar nos shows?

Cruzei os braços.

— É um prazer te conhecer também. Posso.

— Que bom — respondeu, dando mais uma olhada em mim e entrando na sala. Era alto, bem elegante e vestido como se tivesse acabado de sair da escola preparatória dos subúrbios.

— JJ é de quê? — perguntei conforme nos analisamos.

— Jon Jon.

Nate gargalhou e olhei para ele por cima do ombro com uma sobrancelha arqueada.

Nate e eu compartilhamos um sorriso conspiratório.

Engula-o vivo, Stella.

Ele está muito ferrado.

Ainda assim, eu sabia que não se podia julgar uma pessoa pela aparência. Entendi isso mais do que gostaria de admitir, principalmente nos últimos meses.

— Agora, vocês dois se divirtam. Tenho coisa para fazer — Nate disse ao colocar de volta o fone e começar a digitar.

JJ saiu da sala e eu me virei para encará-lo. Agradecer não parecia suficiente e, como sempre, quando eu tentava pensar em algo inteligente, nunca vinha.

— Feche a porta — Nate pediu com uma curva nos lábios.

Fiquei ali parada, esquisita, até não ter outra escolha que não fosse fazer o que pediu.

— Onde posso ler o que escreveu?

Pulei quando a pergunta foi feita às minhas costas por ninguém mais do que meu novo parceiro.

— Ainda não fui publicada — respondi, ousada. — Estou no programa de jornalismo da UT.

— Você é aluna?

— Cale a boca, Jon Jon — Nate gritou pela porta.

Mordi os lábios para esconder meu sorriso.

— Sério — JJ disse com puro desprezo. — Nunca trabalhou em *nenhum lugar*?

— Não.

Sua cabeça baixou.

— Estágio?

— Não — neguei, suspirando.

JJ ergueu as sobrancelhas. Ele usava gel demais no cabelo castanho caramelado e desodorante demais. Sua calça cáqui parecia passada. Resolvi seguir o conselho de Nate.

— Vamos a um show esta noite — sugeri. — Vamos começar assim.

Ele me lançou um olhar cético antes de assentir.

— Certo, mas eu cubro filmes.

— Jon Jon, seja *legal* — Nate o repreendeu atrás da porta.

Jon Jon revirou os olhos quando o puxei para longe da porta do escritório com minha proposta.

— Esta noite, você escolhe o lugar. Me passe seu número. — Salvei no celular e lhe mandei mensagem. — Me mande mensagem falando quando e que horas.

JJ me analisou de novo e sorriu quando seu olhar recaiu sobre meus tênis.

— Vou te mandar mensagem.

Metade dos funcionários estava me encarando como se eu precisasse ser presa, e eu não me importava, porque tinha acabado de me tornar colega e uma ameaça. Mantive a cabeça erguida ao voltar para Sierra.

Exatamente como desconfiei, foi a música que uniu JJ e eu. Naquela noite, ele me levou para ver uma banda chamada Score. Passamos horas conversando tomando café para ficarmos sóbrios depois da quantidade de cerveja que bebemos. Envolvida na conversa, foi a primeira vez que senti que poderia ficar bem desde que meu coração se esmigalhou.



Wonderwall – Oasis

1 mês depois

ALGUMAS PESSOAS ACREDITAM NO SEXTO SENTIDO, UM DOM DA ALMA. E EU TAMBÉM ACHO QUE SEJA VERDADE, MAS MINHA TEORIA vai ainda mais longe. Ter seu coração despedaçado aumenta esse sentido. Porque com apenas o instinto, você fica procurando os pedaços constantemente.

Porém, teorias sempre precisam ser comprovadas.

Andei pela multidão de milhares de pessoas naquele setembro com Oasis cantando “Wonderwall” às minhas costas enquanto sufocava com a poeira que nos rodeava. Eu estava pingando de suor ao passar pelo mar de corpos balançando, meu crachá de imprensa inútil pendurado no pescoço. Havia muitos jornais reconhecidos da concorrência cobrindo Austin City Limits, e até aqueles mais respeitáveis tinham acesso limitado aos bastidores. No entanto, eu tinha um bilhete marcado no nome do *Speak*, assim como JJ, de quem me perdi após as primeiras horas. Já havíamos separado os shows que iríamos cobrir antes do evento. Tínhamos um planejamento e vinte e oito artistas para cobrir em três dias de festival.

Lexi e Ben haviam ido na noite anterior, e tínhamos nos divertido, apesar do calor e das condições precárias. Naquela noite, eu estava

sozinha e, apesar de a música valer a quantidade de poeira que eu estava regularmente inalando, o calor era uma história diferente. Verão indiano, *até parece*. Era Texas. O outono durou apenas uma semana. Era óbvio que o calor não tinha planos de ir embora conforme eu olhava para os rostos suados na multidão. Sem contar que o furacão Rita estava na costa, lançando ventos em direção ao festival, transformando em uma tempestade de deserto. Na segunda noite, eu estava apenas lutando para conseguir sobreviver aos shows e respirar. Exausta pelo esforço. Mais de dez mil pessoas gritando à minha volta enquanto eu abria caminho pelos fãs imperturbáveis e iluminados pelas luzes do palco. Estava quase em pânico e desesperada por espaço.

— Com licença — pedi, empurrando as pessoas para passar conforme elas voltavam a me pressionar.

Com calor e ansiosa, mantive a cabeça baixa e dava cotoveladas para passar. Quase no fim da multidão, senti meu corpo se enrijecer quando um sussurro percorreu minha consciência. Apesar do calor, um arrepio desceu por minha espinha.

Olhe para cima, Stella.

Olhei.

E encontrei os olhos de Reid Crowne, que me encarava diretamente, a alguns metros. Senti um solavanco da cabeça aos pés enquanto ele me observava. Fitei-o enquanto a multidão se movimentava em câmera lenta à nossa volta. Meus passos vacilaram e meus lábios se curvaram com o início de um sorriso, que sumiu assim que percebi que ele estava atrás de uma mulher. Não a reconheci, e os braços dele envolviam os ombros dela. Ela balançava diante dele enquanto Liam Gallagher cantava sobre uma mulher que talvez pudesse salvá-lo. Fechei os olhos, como fiz centenas de vezes antes, certa de que estava imaginando coisas, e abri e vi que ele ainda estava lá.

Reid estava de volta a Austin.

Com os braços em volta de outra garota.

Meu celular se agitava em meu bolso, e o ignorei enquanto o encarava. Seu olhar era cálido em mim conforme a loira pulava, com um sorriso no rosto e as mãos dando tapinhas nos braços protetores ao redor dela.

Ela sorri bastante, tenho certeza. Provavelmente, não faz muitas perguntas. Bom para você, Reid.

Algo em sua expressão me dizia que ele nunca esperava me ver ali. Era uma suposição justa, considerando a quantidade de pessoas ao nosso redor.

Esta é a parte em que você segue em frente, Stella.

Mas isso não parecia certo. Tudo nisso estava errado. Limpei meu rosto de tudo, inclusive das malditas lágrimas que o deixei ver cair, e comecei a andar de novo, passando pela multidão apertada. Meu coração pulava como um peixe sufocando enquanto eu passava pela pouca quantidade de gente comprando coisas antes de eu trombar em um peito duro.

— Desculpe — pedi, desequilibrando na parede e segurando seus braços para recuperar meu equilíbrio antes de levar nós dois para o chão.

— Sem problema.

Nós dois olhamos para cima, e eu reconheci instantaneamente os olhos azuis lindos e profundos de Nate Butler.

— Que sorte te encontrar aqui. — Ele deu risada ao me analisar, suas sobrancelhas se unindo para uma melhor inspeção. Eu parecia ter vindo direto do inferno, e tinha certeza de que meus lábios estavam tremendo. — Você parece quente, e não de um jeito bom — ele comentou, puxando-me para a lateral de um carrinho de comida, no qual comprou garrafas de água para mim.

— Beba devagar — aconselhou ao me observar engolir duas sem pausa.

Molhei as mãos e dei tapinhas no rosto com a água congelante. Estreitando seu olhar, ele me segurou e, com seus polegares, limpou a máscara de cílios de debaixo dos meus olhos.

— Por que sinto que essa mancha não foi causada pelo calor?

— O quê? — perguntei, a pior atriz do mundo. — Estou me divertindo!

— Ok — respondeu com um olhar demorado que mostrava que sabia que eu estava mentindo. Então, virou-se para olhar para um amigo que eu nem tinha percebido que estava ali. — Stella, este é Marcus.

Marcus era bonito, não tanto quanto Nate, mas chegava perto. Alto, com pele morena e olhos cor de caramelo. Nate voltou sua atenção para me encarar orgulhoso.

— Stella escreve para o *Speak*.

— E aí? — cumprimentou, me olhando como a vira-lata molhada que eu estava.

— Ei — devolvi o cumprimento e olhei para Nate com segurança. — Estou bem agora.

Nate segurou meu braço e falou para Marcus:

— Vá encontrar as garotas. Eu já vou.

— Que porra? Não, cara, não-não. Não vai me abandonar nisso — ele protestou.

— Não — meio sussurrei, meio gritei para Nate. — Não faça isso.

Nate me ignorou enquanto deixei meus olhos verificarem a camiseta lisa que se esticava por seu peito largo. Era a primeira vez que o via sem terno. Seu pomo de Adão pronunciado se agitava quando ele falava. Estava de shorts de camuflagem e botas marrons. Estava gostoso pra cacete. Suas mechas grossas, tocadas pelo sol, mais ruivas do que loiras, estavam todas penteadas para trás pelos óculos de sol do qual não precisara fazia horas. Ele tinha aquele ar de jogador de futebol americano que virou surfista no lazer, e o olhar deliciosamente tomador de decisões no trabalho. Ambos me atraíam demais. Eu teria apreciado muito mais se não sentisse a necessidade sufocante de olhar para trás na multidão atrás dele e procurar o desgraçado cujo efeito duradouro estava me

arruinando. A situação toda era surreal. E parecia que eu ia desmaiar.

Quando Nate se voltou para mim, meio que desmaiei.

— Oh, merda, Stella! — ele gritou ao me pegar nos braços logo antes de eu cair na terra. — Ei, ei, você está bem?

— Só com calor — sussurrei quando ele me pegou no colo, totalmente molhada e desmaiando e voltando, e me carregou pela multidão, para longe do barulho.

Relaxe em seu peito e inalei o cheiro de oceano que emanava da pele de seu pescoço. Então, fui colocada em um caminho de grama e ouvi vozes conspirando quanto ao meu bem-estar.

— Ela está bem, cara? — uma voz chamou a uma distância que parecia ser de um quilômetro. — Precisa que chame um médico?

No chão, Nate pressionou algo frio na minha testa e eu abri os olhos. Ele sorriu para mim.

— Nenhuma mulher nunca desmaiou em mim. — Ele deu uma piscadinha. — Vou presumir que seja porque sou muito bonito.

— Sua cabeça tem um formato estranho. — Consegui sorrir.

— Ela está bem — ele disse quando os rostos embaçados atrás dele desapareceram. — Olhe para mim.

— Estou te vendo — declarei quando ele me colocou sentada.

— Beba isto.

Evitei olhar para a multidão atrás dele. O que estava lá doía.

— Stella, beba.

— Ok, mandão — concordei ao pegar outra garrafa de água.

— Chefe — ele corrigiu.

Após alguns minutos, comecei a me sentir melhor.

— Sinto muito. Foram só a poeira e o calor. Não lido bem com muito calor.

— Stella, acho que devia ficar quietinha amanhã — Nate sugeriu, olhando à nossa volta, avaliando o evento.

Alguma coisa me fez falar, apesar de eu estar secretamente torcendo para sair dali. Não podia encarar Reid de novo, não daquele jeito.

— Estou bem.

— São as condições. Todo mundo está sufocado. Está quente demais. Isso não é um reflexo só em você — ele disse ao se sentar ao meu lado, flexionando as pernas e apoiando o antebraço musculoso nos joelhos. — Deixe que JJ cubra.

— Ok — concordei com muita facilidade.

Vinte minutos depois, me sentia melhor enquanto Nate esperava pacientemente ao meu lado.

— Obrigada.

Ele se virou para olhar para mim.

— Por nada.

— Pode voltar para seu encontro.

— Não — respondeu com um sorriso malicioso. — Não gostei dela.

— Isso é muito errado — eu disse e observei seus olhos analisarem minhas pernas nuas.

Eu estava com um shorts preto que ia até o meio da coxa, mas que ficava praticamente inexistente quando me sentava.

— Foi uma armadilha, e não gosto de cair em armadilhas — declarou.

— Oh, bem, essa é uma história diferente — concordei. — E por que precisam fazer armadilha para você? Você é bonito.

Ele pressionou os lábios e balançou a cabeça.

Mais alguns minutos se passaram, e eu tive que usar o banheiro por causa do galão de água que bebi. Nate ficou do lado de fora do banheiro químico esperando e, quando me viu indo em sua direção, sua expressão mudou. Seus olhos se suavizaram e um sorriso sutil agraciou seus lábios.

— Então, em vez de desperdiçar esta noite, vamos assistir a algumas bandas juntos?

— Ok.

— Você está bem? — quis saber, me observando com olhos preocupados.

— Sim — respondi depois de respirar fundo.

Com a graça de deus, a brisa começou a soprar em uma direção diferente, secando o suor e me esfriando. Suspirei de alívio e, então, lembrei que Reid estava lá, em algum lugar no mar de fãs com os braços em volta de outra mulher.

E eu tinha enviado uma bateria de seis mil dólares para ele.

Espero que o pau dele caia.

Nate pegou emprestado, bem, *roubou* duas cadeiras do meio do campo de terra e as colocou para o lado, longe da multidão. Encarei-o.

— Daqui?

— É — ele respondeu e gesticulou para eu me juntar a ele.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e ele sorriu para mim.

— Melhor lugar da casa.

Ficamos sentados lado a lado, conversando por horas enquanto algumas das maiores bandas de rock agradeciam o palco.

E perdi cada uma delas sem nenhum arrependimento. Mas, de vez em quando, meus olhos analisavam a multidão. Meu coração me lembrando de que ainda estava em círculos.



Back to Black – Amy Winehouse

NO BANCO DE COURO DO TAHOE DE NATE, ME RECOSTEI, CURTINDO O SILÊNCIO, O DESCANSO DO BARULHO. EU SÓ QUERIA UM banho e minha cama. Nate diminuiu a velocidade e parou diante da calçada que levava à minha porta. Virei a cabeça para ele e sorri.

— Obrigada.

— Não, eu que agradeço. Você me salvou.

— Era tão ruim assim?

— Ela pensava que Buckcherry era um hidratante de boca.

Compartilhamos uma risada e segurei a maçaneta da porta.

— Bem, nesse caso, acho que estamos quites. Te vejo no trabalho.

— É — ele disse ao se demorar com os olhos analisando meu rosto —, boa noite.

— Boa noite.

Nate foi embora. Se eu tivesse aceitado um de seus convites, imaginei se as coisas teriam sido diferentes. Se Reid seria só um cara que conheci de passagem.

Eu estava na metade do caminho em direção à porta quando vi a ponta de um cigarro cair aos meus pés. Virei-me e vi Reid apoiado

em sua caminhonete, com a mandíbula retesada, as sobrancelhas erguidas e os olhos cheios de acusação.

Ele entrou em sua caminhonete e a ligou quando dei um passo em sua direção. Antes de eu conseguir me aproximar, ele saiu cantando pneu.

Fiquei observando-o ir embora, minha cabeça latejando, minhas entranhas jogando pingue-pongue.

Ben abriu a porta da frente e olhou para a caminhonete em alta velocidade de Reid.

— Que porra foi isso? Era Reid?

Estreitei os olhos.

— Obrigada pelo aviso, idiota — resmunguei, passando por ele e vendo Lexi no sofá.

Seu sorriso de cumprimento diminuiu quando me viu me dirigir a Ben.

— O que houve?

— Oh, nada, Ben só decidiu esconder de mim que Reid voltou para Austin e está transando com alguma loira.

Lexi olhou para Ben, que balançou a cabeça.

— Ele não voltou para Austin. Está indo para casa. Veio para o festival. Não sabia que ele ia aparecer aqui.

— Bom, ele apareceu. Sabe quem ela era?

Ele deu de ombros.

— Não faço ideia.

— Não importa. — Esfreguei o rosto. — Deveria ter me contado.

— Por que de repente eu sou responsável pelo que ele faz? Ou por relatar por onde anda?

Lexi se levantou.

— Stella, acalme-se.

— Sem problema — eu disse irritada para Ben. — Vocês dois, pombinhos, tenham uma ótima noite.

— Não é justo — Lexi disse ao me seguir para meu quarto, onde peguei um short folgado e uma camiseta em uma gaveta. Ela se apoiou na porta. — O que ele falou?

— Nada. Ele viu que Nate me trouxe até aqui e saiu correndo. Mas, sério, ele vai bancar o ciumento? Não tive uma notícia dele desde que foi embora, aí ele aparece em Austin, e eu o pego com uma garota. E, Lexi, foi a coisa mais doida. Eu estava no meio da multidão, de *milhares* de pessoas, e acabei olhando para cima.

— Está falando sério?

— Um único passo à frente sem olhar para cima e eu o teria perdido.

— Que insano.

— Não, o que é insano é que algo dentro de mim me disse para olhar para cima. Simplesmente o senti lá. Senti que estava perto.

— Sinto muito — Lexi disse baixinho.

Fechei a gaveta e passei por ela.

— Como se fosse eu que deveria me explicar.

— Não deveria. Não deve.

— Por que ele veio aqui?

— Porque, talvez, ele só precisasse ver que você estava bem — ela sugeriu.

— Não estou agora — declarei, entrando em nosso banheiro. Flagrei a expressão de Lexi no espelho. — Desculpe. Deus, Lexi, desde que se mudou para cá, estive zoada.

— Não se preocupe com isso — tranquilizou-me com a voz baixa. — Estou quebrando todas as regras do meu próprio livro.

— Odeio isto! — exclamei, abrindo o chuveiro. — Odeio o quanto quero que ele volte, mesmo sabendo que ele estava com as mãos em outra pessoa. Não sou esse tipo de garota, Lexi. Não sou.

— Você o ama e tudo bem ficar meio doida por causa disso.

— Tudo? — perguntei com voz rouca. — Por que ele estava aqui?

— Não sei. Queria poder te dizer, Stella. Homens são idiotas completos.

— Ouvi isso — Ben gritou do sofá.

— Que bom — ela gritou de volta por cima do ombro. — Tome seu banho. Venha me chamar se quiser conversar.

Mergulhada na água escaldante, fiz meu melhor para tentar descobrir onde estava a cabeça de Reid e percebi que, quando se tratava dele, eu poderia nunca ter respostas.

Chorei até a água ficar fria, depois fui para a sala e me sentei ao lado de Ben, que estava com a cabeça de Lexi no colo.

Cutuquei-o com o braço.

— Desculpe.

Ben envolveu um braço em meu ombro conforme Lexi sorriu para mim.

— Vou socar a boca dele da próxima vez que o vir, gata. Juro.

Engoli as lágrimas que ameaçaram vir à tona.

— Faça com que doa.



Algumas noites depois, eu estava me aproveitando da insônia para escrever um novo artigo para *Speak*. Meu celular vibrou ao meu lado na cama, onde eu estava sentada com um travesseiro no colo. Não reconheci o número. Acendeu só uma vez. Olhei para o código de área e vi que era de Nacogdoches.

Fechei o laptop e retornei a ligação com o coração na boca. Ele atendeu no primeiro toque.

— Alô? — arrisquei com lágrimas se acumulando nos meus olhos.

Silêncio.

— Reid?

Mais silêncio.

— Reid. — Não foi uma pergunta, foi um comando.

Precisava saber que ele estava tão arruinado por nossa despedida quanto eu. Precisava saber que a garota diante dele naquele show não significava nada.

Que ele não tinha me esquecido. Cada batida do meu coração era um *por favor, por favor, por favor*.

— Stella — sua voz estava pesada, arrastada. Ele estava bêbado. Nunca o tinha visto assim.

— Estou aqui. Você está bem?

— Você ganhou, não foi?

Não respondi e ouvi quando ele exalou a fumaça do cigarro. Parecia que havia uma festa acontecendo ao longe.

— Claro que ganhou — ele disse com uma risada sarcástica, sua voz cheia de amargura. — Simplesmente não consegue parar de tentar me salvar, não é, Granada?

— Por que foi embora?

— Por quê? — Outra expiração. Outro silêncio cheio de tensão. E, quando ele falou, sua voz estava fria. — Porque eu não tinha nenhum direito de estar aí. Não tinha direito de perguntar quem era aquele filho da puta. Não foi a primeira vez que o vi te dar carona e nem a última. Você nunca foi minha.

Ajoelhando-me na cama, segurei firme meu celular. Por favor. Por favor. Por favor.

— Eu era sua, Reid. Ainda sou. Não é o que pensa com ele.

Mais silêncio. Ouvi uma mulher rindo histericamente ao longe.

— Desculpe.

O telefone ficou mudo em minha mão.



Into the Black – Chromatics

— STELLA. — ERA UM PEDIDO DE LEXI. — STELLA, POR FAVOR, LEVANTE-SE.

Pressionei o rosto no travesseiro e puxei as cobertas por cima da cabeça.

— Levanta, caramba! — ela surtou ao abrir minhas cortinas.

— Não, Lexi, por favor, só me deixe em paz. Ok? Não preciso de uma intervenção. Não precisa me jogar no chuveiro com roupa e tudo. Estou *doente*.

— Não está doente! E perdeu uma semana de aula. Seus pais estão ligando, e eu não posso continuar mentindo para todo mundo!

— Diga que estou doente — instruí entre dentes cerrados.

— Vai perder seu emprego. Ambos — ela disse, andando de um lado para o outro perto de minha cama. A cama afundou e vi Ben me olhando. Em seus olhos, não havia nada parecido com o humor leve que eu normalmente via ali.

Ele segurou minha mão e ficou em silêncio enquanto Lexi falava.

— Stella, saia da cama! Chega disso. Ele não vale a pena.

Meus olhos imploravam para Ben dizer a ela que ele valia. Que ele valia cada lágrima, cada segundo de dor. Eu só precisava que alguém acreditasse em mim. Ben parou de me olhar.

Lexi reclamava, usando os dedos para enumerar o que eu estava jogando fora e, quando ela chegou no polegar, eu a silencieei.

— Ok.

— Ok? — ela perguntou, me encarando e inclinando a cabeça para o lado a fim de julgar minha mentira.

— É, ok — respondi, me sentando e apertando os olhos com a invasão do sol. — Vou me levantar.

Ben saiu da cama com um suspiro e olhou para Lexi.

— Me dê um minuto.

Ela olhou para nós e saiu do quarto. Não desperdicei um segundo.

— O pai dele?

— Ele está bem — Ben respondeu, preparado para as perguntas que nunca fiz, mas estavam na ponta da língua desde que Reid partiu.

— Reid?

— Está sobrevivendo — ele disse com voz baixa. — Ele ficaria puto se a visse assim.

— Ele está com... alguém? — Abracei meu corpo, pronta para qualquer coisa.

— Não sei, baby, mas você está se acabando. Me ouviu? Tem que esquecê-lo, Stella. Precisa.

— Eu sei — respondi, esfregando meus ombros, meus lábios tremendo. — Eu vou. Já esqueci.

— Não esqueceu — Ben retrucou, bravo. — Ele está neste inferno por bastante tempo. Precisa deixar ele consertar a vida. E isto não é bom. O que quer que seja isto que sinto vindo de você, não está tudo bem.

Ainda procurava Reid à noite, mesmo meses depois. Ainda podia sentir seus braços em volta de mim, sua pulsação regular batendo em minhas costas. Não era nada como sentia com Dylan. Era profundo, muito mais profundo, como uma verdade que fluía por

minhas veias e circulava para me lembrar de que eu pertencia a ele. Uma parte de mim ainda se agarrava à esperança de que ele voltaria depois que partira, e sua ligação tinha arrancado essa esperança de mim.

Minhas mãos ainda estavam no ar, tentando segurar algo que já tinha sumido.

Era cruel. Tinha sido roubado.

— Acabou, certo?

Talvez eu só precisasse ouvir as palavras. Mesmo que fossem de outra pessoa.

Ben me levantou.

— Esqueça-o.

Quando eles saíram para o ensaio de Ben, passei a noite na cama sendo levada por nosso conto de fadas de merda com o final pouco ortodoxo, uma última vez. Ele tinha fugido com a madrasta má e uma mala de magia, enquanto eu ainda estava esfregando chão.



— Stella — Nate chamou de sua mesa.

Ergui o olhar e o vi me olhando por cima de seu laptop. Eu estava na mesa de Herb. Ele ficava fora de quinta à tarde para o clube do livro dos White Knights. Fiquei sabendo que o objetivo do clube era coletar livros para bibliotecas e salas de aula necessitadas. Herb era um cara bom. De acordo com seu histórico no navegador, ele também estava desesperadamente necessitado de um novo produto para crescer cabelo que funcionasse e estava planejando ir para Nova Escócia nas férias para uma viagem de canoa com alguns velhos amigos da faculdade. Esta informação estava em um e-mail aberto em sua mesa. Eu não estava exatamente xeretando.

— Stella. — A voz de Nate me distraía tanto quanto a minha.

— Sim?

— Passou da meia-noite, vá para casa.

— Estou quase acabando — avisei ao digitar as últimas quatro frases de anotações que havia rascunhado na faculdade.

Tinha que admitir que, apesar de meu horário ser apertado com trabalho, faculdade e as tentativas de ir a shows, eu vibrava por isso. Nunca chegava atrasada à aula, sempre chegava cedo no trabalho e sobrava pouco tempo para pensar em qualquer outra coisa. Bem, havia momentos no banho e longas caminhadas durante meus trajetos, mas os passava com o volume tão alto que era impossível ignorar as músicas. Minhas *playlists* foram criadas para animar e empoderar. Nem uma única nota para me lembrar de onde estivera. E, se não tivesse tanta certeza de que tinha chegado lá, poderia ter conseguido esquecer Reid melhor. E, apesar da nova raiva que sentia da tola apaixonada que fora e o coração amargo, sabia que isso nunca iria acontecer.

A luz da sala de Nate se apagou, e eu digitava furiosamente quando minha janela fechou. Estava em meu quarto dia da semana no *Speak*. E tinha que admitir que amava cada minuto. Uma coisa era escrever artigos em casa, mas era uma atmosfera de trabalho totalmente diferente no prédio rodeado por outros autores. Sempre começava no início da tarde e adorava a correria do escritório. Eu me dava bem com uma boa quantidade de funcionários, incluindo JJ.

— Quase acabando — avisei, apertando a verificação da gramática. Corrigi os erros enquanto Nate se sentava ao meu lado, analisando minhas palavras em uma velocidade alucinante.

— Você está entrando em um ritmo — comentou. — E isso não é bom.

Franzi as sobancelhas.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que são sempre fatos e progresso. É como se estivesse escrevendo um relatório.

Soltei a respiração.

— Sugestões?

Nate deu risada.

— Sim, vá para casa.

— Vou fazer exatamente a mesma coisa em casa — declarei ao salvar o documento e enviá-lo para meu e-mail.

Nate se inclinou, e seu perfume permaneceu no ar entre nós.

— Você não está diferenciando isto de qualquer outra coisa que escreveu. Está apenas reformulando e é a mesma linha de questionamento.

— Não é isso que estamos fazendo? — perguntei, me afastando na cadeira para colocar um espaço entre nós. — Estas questões são padrão para uma característica.

— Ótimo — respondeu, levantando-se e se esticando ao meu lado.

— Nate — chamei, arrastando seu nome. Ele ficou acima de mim em seu terno, as calças cheias de vincos depois de passar o dia trabalhando. Seu cabelo tinha aquele visual simplesmente zoadado, seus olhos azuis estavam cansados. — Me diga.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e ergueu os ombros.

— Diferencie-se, Stella. Não é como se você fosse uma paparazzi incômoda. Essas bandas *querem* a exposição. Então, seja a jornalista com sede de sangue. Eles vão te contar tudo que quer saber com um pouco de manipulação. Use isso como sua vantagem. Me faça querer sair de meu sofá e gastar o dinheiro para uma taxa de cobertura.

Abri o artigo de novo e o analisei, desanimando. Eu não estava fazendo as perguntas que queria, não de verdade. Estava na zona de conforto.

— Tem razão. Está uma merda.

— Isso é meio dramático — ele disse, olhando a tela antes de olhar para mim. — Só precisamos que o lado direito de seu cérebro

se envolva de vez em quando.

— Posso fazer uma sugestão?

— Fale — respondeu, encarando o pastor-alemão enorme de Herb.

— *Exatamente*. Precisamos de fotos.

Ele já estava balançando a cabeça. Eu sabia de sua preocupação com o orçamento. Era *sempre* o orçamento.

— *Eu* tiro — avisei. — Você não precisa contratar um fotógrafo. Olha... — Apontei para a tela. — Tem esse cara, Eli, o principal, ele era lindo. Uma foto de perto dele no microfone pode não chamar os homens para o show, mas posso garantir que qualquer garota de dezoito a vinte e cinco anos iria para esse show com o dinheiro do almoço para vê-lo cantar, mesmo que o punk glam não seja o negócio delas.

— O que seria relevante se a maioria de nossos leitores não fosse *masculina*.

— Então, vamos fazer as *garotas* lerem. Porque aonde as garotas vão, os homens vão atrás.

— Quer usar meu jornal para arranjar uma transa para Eli?

— Claro. Por que não? E, enquanto estamos nisso, *Speak* se torna a fonte para *perseguição*.

— Sexo vende.

— Sexo vende.

Compartilhamos um sorriso.

Seus olhos adquiriam um tom violeta sob as luzes amarelas da redação. Era quase impossível não encará-lo.

— Eu posso conseguir permissão para colocar algumas bancas no campus. Percebi que ainda não temos nenhuma.

— Estou trabalhando nisso — ele disse ao morder o lábio, pensando.

Continuei divagando enquanto um maremoto de ideias me inundava.

— Eu podia falar com um casal proprietário de balada, conseguir uma programação para noite das mulheres sem pagar, anotar as bandas e as baladas que querem entrar nessa...

Nate andou para longe enquanto eu estava no meio da frase, destrancou o escritório e saiu segundos depois com uma das poucas câmeras que guardava ali.

— Vale a pena tentar. Sabe como usar uma desta?

Era uma Nikon com todos os acessórios.

— Claro.

— Mentirosa — respondeu com sua piscadinha característica. — Se quebrar, você paga.

— Vai dar certo — garanti ao pegar minha mochila e guardar a câmera nela.

— O que vai fazer quando o principal for feio? — Nate perguntou. Senti a pontada residual e a abafei.

— Nem sempre é o principal.

Ele apagou a luz principal do escritório, deixando-nos no escuro.

Fomos até o lobby iluminado pela lua enquanto ele ativava o alarme.

— Nate?

— Sim? — respondeu, inserindo o código de segurança, de costas para mim.

— Nada.

Ele me guiou até a porta da frente e trancou comigo às suas costas.

— Boa noite.

— Sem carona esta noite.

Dei de ombros.

— Minha amiga está trabalhando.

— Vamos. Eu te levo para casa.

— Não precisa — respondi.

— Precisa com a câmera em sua mochila — ele repreendeu ao me levar para o estacionamento.

— Eu que me dane, certo? Contanto que a câmera esteja segura.

Ele destravou a porta do passageiro, prendeu-me contra ela e me encarou.

— O que você quer ouvir, Stella?

— Ah? — perguntei quando ele diminuiu o espaço entre nós, engolindo em seco enquanto ele me olhava.

Buscou meus olhos sob a luz da rua e, então, baixou a cabeça.

— Stella.

— Hum?

Seu cheiro era incrível, e eu não conseguia me impedir de senti-lo. Estava tentada a segurar seus ombros largos e puxá-lo mais para perto. Seria muito fácil tocá-lo, uma tentativa de suspender um pouco a dor. Esconder a alça para nunca mais encontrar a pá. Mas eu tinha pulado de um homem para o seguinte e fui engolida por chamadas curiosas. E tudo dentro de mim me dizia que o fogo azul de Nate mexeria naquelas cinzas e as moldaria em algo irreconhecível.

— Você precisa dar um passo para trás para eu poder abrir a porta.

— Ok.

Dei um passo para trás. Ele hesitou e, então, abriu para mim.

Ficou em silêncio enquanto seguia pelas ruas em direção ao meu apartamento. Observei-o morder os lábios, seus ombros rígidos e os olhos à frente. Havia um motivo de eu ter recusado toda tentativa que ele fez para algo mais entre nós.

Reid.

Ele é seu chefe.

Reid.

Seu futuro pode depender de ir bem no jornal dele.

Reid.

E, simples assim, eu estava me afundando, sufocando as chamadas.

— Com fome? — Nate perguntou quando me vi encarando seu perfil.

— Morrendo — respondi conforme meu estômago se contorcia.

— Do que está a fim?

— De comida.

Ele deu risada.

— Isso ajuda. Sei de um lugar.

Meu celular apitou.

Lexi: Cadê você?

Eu: Indo jantar com o chefe.

Lexi: Sério? Ok. Te vejo em casa.

Nate olhou para mim enquanto eu digitava.

— Minha amiga, Lexi. Só está perguntando onde estou.

— Não perguntei. Mas falou para ela que estava encarando seu chefe? — ele perguntou com a expressão séria ao me olhar.

— Uau, que ego — respondi, revirando o olho. — Não estava te encarando.

Paramos em um restaurantezinho grego com uma placa de *Aberto a noite toda*. Ele estacionou o carro e se virou para mim.

— Não dê esses sinais para mim, Stella, ou vai acabar do lado direito da minha cama.

— Por que o direito?

— Porque durmo no esquerdo — ele respondeu ao se inclinar. — E você vai dormir no direito. Todo homem precisa de uma garota direita.

— Nate...

— Não faço joguinhos. Não tenho tempo para eles. Quero você desde que entrou com essa bunda linda no meu jornal, e deixei isso claro.

Não havia ar dentro do carro. Nenhum. Olhei para ele, sua intensidade nunca vacilando.

— Da próxima vez que me olhar assim, vou fazer acontecer em, no mínimo, cinco dos cenários que percorrem minha mente.

— Então é uma coisa sexual.

— Não, é uma coisa de *Stella*. — Ele me encarou. O timbre de sua voz cheio de pura tentação. — Quero dividir um jornal com você no café da manhã. Quero saber qual é seu filme preferido. Quero saber tudo sobre você e, apesar de meus melhores esforços, você não me deu nada. Quero você em milhões de formas diferentes, mas, quando me olha assim, só consigo pensar em *uma*.

Minha garganta ficou seca e deixei meus olhos descerem por seus punhos cerrados.

— Eu me magoei.

— Eu sei. Vamos comer.



Everlasting Friend – Blue October

NATE SE SENTOU NO BANCO, COM AS COSTAS PARA A JANELA, O BRAÇO APOIADO NO ENCOSTO ENQUANTO A GARÇONETE ANOTAVA nosso pedido — dois *gyros* e uma cesta de fritas.

— Então, o que aconteceu? — Reid tinha feito a mesma pergunta.

Ele me esqueceu.

Quase dei risada com a ironia, e Nate franziu o cenho.

— Desculpe, se soubesse como é uma coincidência essa pergunta... como foi. E não quero falar disso. Nunca.

Ele assentiu.

— E meu filme preferido... É uma briga entre *Pulp Fiction* e *Xanadu*.

— *Xanadu* — ele disse em um sussurro antes de me olhar com olhos arregalados. — Aquela merda? O filme dos anos oitenta?

— Ei! Olivia Newton-John é uma de meus ídolos. Olivia Newton-John em um vestido tomara-que-caia com meias até os joelhos andando de patins parece uma deusa! Não odeie *Xanadu*.

— Essa filme é mais velho do que você!

— Tem a melhor trilha sonora que existe!

— CHATO — Nate disse, rindo.

— Bom... — Dei de ombros. — O que posso dizer? Tenho alma antiga.

— Alma chata.

— Mas você conhece o filme — comentei, bebendo meu Dr. Pepper.

— Tenho uma irmã mais velha e era obrigado a assistir a essa merda — ele contou, bebendo sua cerveja.

— Posso nunca te perdoar se falar que é uma merda de novo.

Ele passou o dedo em seu lábio inferior, chamando minha atenção para isso antes de eu desviar os olhos.

— Há patins em seu apartamento. Posso apostar meu jornal nisso.

Dei de ombros.

— Fantasia de Halloween.

— E nenhuma pessoa descobria quem você era!

— Os pais sabiam! — defendi. — Bem, algumas mães.

— Uma garota hispânica com cabelo preto comprido?

— Latina. E toda garota morena quer saber como é ser branca em algum momento da vida.

— Oh, Stella... — Ele deu risada quando nossa comida foi colocada à nossa frente. — Você é especial.

— Aja adequadamente — alertei.

— Oh, estou tentando — ele disse ao pegar seu sanduíche e dar uma mordida. — Caramba, que delícia — comentou com a boca cheia. — Coma.

— Sim, chefe. — Dei uma mordida e gemi, surpresa. — É delicioso.

— Deus, muito bom. Senhorita... — Nate apontou para seu sanduíche, chamando a atenção de nossa garçonete sedenta por Nate. — Vou querer outro.

— Dois? — perguntei, olhando o sanduíche que ele tinha soltado.

— Sempre peça mais quando a coisa é boa, Stella. Nunca se sabe quando vai poder provar de novo.

— Pfff — eu disse, dando um gole no meu Dr. Pepper. — Esse é seu conselho de vida?

— Não, tenho uns melhores.

— Vai ficar todo arrogante comigo toda vez que estivermos juntos? — Franzi o nariz. — Bancar o irmão mais velho?

— Não mesmo — negou, horrorizado. — Isso é zoadado, considerando que estou imaginando como você fica no meu chão só de calcinha. — Ele arrancou outra mordida de seu sanduíche, aquela conversa finalizada quando eu arranquei um pedaço de meu pão *pita* e o coloquei na boca.

Nate deu risada.

— O que foi?

Mas eu já sabia a resposta.

Xanadu.



Uma mordida rápida se transformou em uma longa conversa. Nate me contou sobre sua irmã Nikki que, como minha irmã, também era cinco anos mais velha do que ele, mas era casada e tinha quatro filhos. Morava em Georgetown, uma cidade perto de Austin, junto com os pais dele, que, de acordo com Nate, eram republicanos saudáveis, cristãos tementes a Deus e não toleravam mentira. Os Butler eram uma família focada e estavam casados havia mais de trinta anos, bem parecido com meus pais. Nate jogara basquete no Ensino Médio e quase foi publicado em seu primeiro ano de faculdade. Era formado na UT com especialização em Jornalismo, mas permanecia em Austin para ficar perto da família. Ele era, na essência, um homem de família, porém não tinha intenções de ter uma família própria em breve. Seu foco era o jornal.

— O que fez você querer escrever? — perguntei, imitando sua postura.

— Pode pensar que é besteira — começou dando de ombros. — É totalmente sentimental.

— Me conte — pedi, afundando no banco, confortavelmente cansada e com a barriga cheia.

Enquanto eu bebia um café morno, fitei a janela atrás de Nate e vi que a chuva caía lá fora. Nossa mesa já tinha sido esquecida por nossa garçonete extremamente atenciosa fazia tempo. A garota desistiu de chamar a atenção de Nate uma hora depois de terminarmos nossos sanduíches.

— Onze de setembro. Mais especificamente, uma das histórias das vítimas. — Era a última resposta que eu esperava.

Ele passou a mão pelo cabelo grosso e apoiou os antebraços na mesa, o paletó de seu terno pendurado atrás dele.

— Então, estava lendo um artigo de alguém aleatório. Nem me lembro do nome dele, o que é uma pena, porque adoraria agradecê-lo um dia. Estava no banco de trás do carro dos meus pais depois de uma segunda cirurgia no joelho. Ainda não tinha entrado na especialização, porque tinha certeza de que ia jogar para o Mavericks. — Ele revirou os olhos. — E estava lendo a história sobre um homem que tentava transmitir à sua esposa histérica o quanto a amava antes de ele morrer. Ele estava preso na segunda torre. E ela estava recontando a história para esse jornalista, que escreveu a emoção dela tão vividamente que eu *sentí*. A própria história era *incrível*. Eles eram da mesma cidade, mudaram-se para a mesma cidade e se conheceram na Islândia, de todos os lugares. Ambos perderam o primeiro voo, o que os teria colocado sentados lado a lado. Descobriram isso *depois* de começarem a namorar. Com eles, foi simplesmente uma coincidência milagrosa atrás da outra que os uniu. Eram casados havia dezesseis anos. — Ele encarou além de mim, como se os conhecesse pessoalmente, e então meneou a cabeça. — Causou algo em mim que não sei

explicar, Stella. O destino os uniu e um ato horrível de preconceito os separou.

— Isso é... uau.

— Chorei como um bebê — Nate confessou. — Conteí essa história para todo mundo. *Todo mundo*. Por dias, eu simplesmente contei e recontrei essa história para quantas pessoas ouvissem. Meus amigos pensaram que eu tinha enlouquecido e, de certa forma, eu tinha. Precisava contar a história de Keira e David.

— E um escritor nasceu — adicionei.

— Queria poder encontrar esse artigo — ele disse, empilhando nossos pratos vazios. — Devo uma visita a David.

— Isso é maravilhoso — declarei, olhando Nate. — A coisa toda.

— Também achei. O suficiente para passar o resto da vida me certificando de que outros lessem histórias assim.

— Então, interesse humano é sua área?

— Com certeza, e todo dia há uma nova história igualmente milagrosa, animadora, entristecedora ou convincente por aí. Fiquei viciado na época e, em certo momento, por todos os aspectos de reportagem.

— E *Speak* nasceu.

— É — ele confessou, com um brilho que eu só podia descrever como melancólico.

Nesse momento, ele parecia um pouco mais jovem do que era e, por um segundo, vi sua versão segurando aquele jornal, deixando as emoções tomarem conta dele.

— Onze de setembro mudou muitas vidas. E não é besteira, é uma ótima história, Nate. A morte de David mudou o curso de sua vida.

— Mudou mesmo.

— Você sempre foi um leitor ávido?

— Sempre, mas tinha um problema. Sou disléxico. Nunca pensei, em um milhão de anos, que poderia ter futuro como escritor.

Colocava todo meu esforço no basquete.

Fiquei boquiaberta.

— Minha mãe percebeu cedo. Ela lia para mim toda noite quando eu era pequeno. Quando chegou ao ponto em que eu demorava horas para ler um livro de meia hora, foi ela que chamou a atenção de minha professora. — Ele suspirou. — Srta. Mary Zeigler, eu amava essa mulher. Juro que me apaixonei pela primeira vez quando tinha seis anos. Ela partiu meu coração ao se casar com o sr. Potter. — Ele ficou inexpressivo. — Mary Potter.

Joguei a cabeça para trás e dei risada.

— Passei por tudo, fonética, workshops de vocabulário, *tudo*. Descontava minha frustração na bola. E meus pais, principalmente minha mãe, me faziam ler todos os dias. Eles tinham uma folha em branco na maioria dos cômodos da casa para mim toda manhã e no banco de trás do carro antes de toda aula. Preferia leituras mais curtas do que livros com que me envolvia e não conseguia largar.

Eu estava atordoada... e impressionada.

— Não consegue parar de ler um livro?

— Não. Leio inteiro em um dia. Não tem outro jeito de fazer isso. Viciado na adrenalina de ler e disléxico. Não é péssimo? — Ele deu risada. — Mas, quando era jovem, era realmente capturado pelas histórias quando ela lia para mim. Elas falavam comigo em ondas, o imaginário, e não me cansava.

— Então funcionou. Digo, obviamente funcionou — concluí, balançando a cabeça.

— Não tem cura. Mas toda essa ajuda extra valeu a pena. E no *Speak*, tenho o dobro da carga de trabalho de qualquer outro editor-chefe. Preciso ouvir os artigos submetidos enquanto leio, mas vale a pena para mim. E, então, quando finalizo as críticas, peço para alguém verificar meu trabalho. Acabo sendo o funcionário mais dispensável em meu próprio jornal.

— Jesus, Nate.

— Vale a pena, Stella — ele disse, descartando qualquer sinal de pena que viu em meus olhos como um aborrecimento, em adição à admiração.

Em seu Tahoe, me sentei no banco, encarando Nate com novos, mas exaustos, olhos.

— Está encarando de novo.

— Só estava pensando em um livro que quero te emprestar.

— Quer? — ele perguntou, intrigado.

— Quero. — Bocejei. — É meu preferido. Sabia que algumas pessoas especulam que John Lennon fosse disléxico? Muitas pessoas brilhantes são.

— Estou lisonjeado — respondeu, seco.

— O elogio é genuíno. E você arrasou no jantar.

— Teria arrasado há meses, se tivesse me dado dez minutos.

— Eu estava em uma missão. Queria esse emprego.

— Eu sei, e vou parar de falar nisso. Sei o que significava para você. O quanto é convencida a contar aquelas histórias. É uma das coisas que temos em comum. Só nunca me peça para assistir a um filme com você.

— Ha, ha — eu disse e nossos sorrisos se ampliaram.

Quando ele parou no meu apartamento, olhei e vi que o carro de Lexi não estava. Provavelmente, ela estava na casa de Ben. Eles passavam o tempo todo juntos, e os convites para me juntar a eles estavam diminuindo e se espaçando. Por mais que eu detestasse admitir, era muito difícil ficar perto deles, e do resto da Sergeants, sem o Sergeant com quem eu ainda sonhava.

— Para onde foi? — Nate sussurrou do outro lado da cabine da SUV.

— Nenhum lugar. Vamos, minha amiga não está em casa.

— Lexi? — ele perguntou, saindo do carro.

— É, não a vejo muito. Somos melhores amigas desde a escola. Eu estava seguindo um babaca entre as aulas, tropecei, caí e

destruí minha minissaia plissada, que tinha um grande laço branco na cintura. Ela estava lá e me levantou do chão. — *E a história estava se repetindo.*

O barulho da risada de Nate ecoou às minhas costas. Hesitei quando ele ficou atrás de mim na porta. Era tarde demais para desconvidá-lo, e eu não queria pensar muito nisso. Com exceção das encaradas demoradas entre nós, a noite tinha sido tranquila. Eu adorava a tranquilidade. Assim que a porta se abriu, ele passou por mim apressado.

— Qual é o seu?

— O quê? — perguntei com a mão ainda no interruptor. — Aonde está indo?

Caí em mim, e meu rosto incendiou quando ele encontrou meu quarto e foi direto para meu armário.

— Oh, bem, isso é *mágico*.

Parei na porta do banheiro enquanto ele segurava meus patins brancos.

— Você é um idiota — eu disse, indo até a estante pequena de livros que tinha ao lado de minha cama. Peguei *Clube da Luta* da prateleira e fui até ele.

— Cadê o vestido, Stella? — ele perguntou, vasculhando por minhas camisetas.

— Não tenho um. — Eu tinha *três*.

— Coloque esses e te dou um aumento.

— Sério?

— Não — ele respondeu, rindo, ao guardar meus patins. — O que é isso? Um toca-discos de verdade? Este armário é uma máquina do tempo?

— Era do meu pai — respondi conforme ele clicou e gentilmente colocou a agulha no disco... “Thriller”, de Michael Jackson.

No último fim de semana, meus pais tinham aparecido para levar as últimas coisas do meu antigo quarto, inclusive o velho toca-

discos do meu pai — minha posse valiosa, que ficava em uma mesa de carvalho sólida em meu closet grande perto de minha outra posse valiosa, minha coleção de All Stars.

— Esses são seus favoritos — ele declarou, pegando meu All Star de cano alto de lona vermelha com renda preta e a letra “Drive” escrita nele.

— Como adivinhou?

— Menos usado. O resto está gasto.

— Tenho eles desde o Ensino Médio.

— Então foi aí que o pequeno hábito começou?

Mordi os lábios a fim de esconder meu sorriso. Um jornalista de verdade, Nate não deixava nenhuma pedra desvirada ao xeretar cuidadosamente as coisas sobre minha vida, fotos e cartões. Dei um tapa em sua mão quando ele pegou meu diário do Ensino Médio, e ele abriu um sorriso de derreter a calcinha.

— Tem alguma coisa boa aqui?

Dei de ombros.

— Pensamentos de adolescente. Acho que tem uma passagem de quando gostei de alguém pela primeira vez. — Nate o abraçou e olhou para o livro em minha mão. — Vou levar este, então.

— Até parece — eu disse, envergonhada. — Não.

— Valeu a pena tentar — respondeu, colocando-o de volta na prateleira de ferro de onde o tinha tirado.

Era surreal ter esse homem lindo no meu closet às três da manhã. Fazia o espaço parecer tão pequeno. Peguei minha boneca Madame Alexander, que minha mãe havia trazido, e senti a ausência dela.

Não tinha percebido o quando precisava ver o rosto deles até eles estarem na minha porta.

Após um sermão do meu pai sobre a importância da comunicação e um bom tapa na testa de minha mãe, passamos um dia juntos em Austin. Mostrei a eles o campus, depois foram visitar

Paige. Minha mãe estava furiosa por ainda não estarmos nos falando, mas eu tinha batido o pé. No fim, fui deixada com uma despedida relutante e muitos abraços de ambos.

— Softball — ele disse ao pegar minha medalha minúscula e o troféu de mármore.

— É. — Assenti enquanto Nate invadia meu espaço, como se estivesse ansioso para chegar aos finalmente das coisas, de *mim*.

Satisfeito, Nate se encostou na porta do meu closet e cruzou os braços. O ar entre nós mudou quando segurei seu livro em uma mão, minha boneca na outra. Olhos famintos analisaram meu rosto, desceram por meu corpo e depois voltaram.

Michael Jackson cantava sobre Billie Jean.

— Boa música.

Engolindo em seco, guardei a boneca e comecei a arrumar a bagunça que ele fez.

— Amo esse disco. Meu pai me ensinou a dançar.

— Sério?

— É, e com liberdade total. Ele simplesmente nos deixava fazer uns espasmos, Paige e eu. Ah, eu era muito bob...

Peguei-me encarando Nate, que estava parado estoicamente, aguardando o que eu diria em seguida e, em seus olhos, nada era mais importante do que ouvir minha história. Ele estava explorando e eu era o destino. Não havia sinais confusos, nenhuma dúvida. Era ótimo.

— O que foi? — ele perguntou, apoiando o braço na porta.

Já havia tirado o paletó fazia muito tempo, e as mangas de sua camisa antes impecável agora estavam arregaçadas nos antebraços.

— Não está cansado?

— Estou, agora me conte.

— Fiquei toda dramática e... — Balancei a cabeça. — Sabe, tínhamos uma cornija acima da lareira...

— Acho que sei aonde isso vai parar — ele disse, rindo. — Você era desastrada, não era?

Assenti.

— Era o relógio da falecida mãe do meu pai, minha avó, que nunca conheci. Ela morreu antes de eu nascer. Enfim, a cornija não era exatamente grudada no tijolo. E a usei como âncora para um mergulho dramático, fiz todo um *Flashdance* e...

— E caiu para trás com o negócio. — Nate deu risada.

— Foi muito ruim. *Ruim* mesmo. Realmente não sei como meus pais não me mataram — contei com olhos arregalados. — Quebrei o relógio. — Suspirei. — E sabe o que meu pai fez?

Nate deu um passo à frente.

— O quê, Stella?

Ele estava perto, muito perto, e eu não recuei. Em vez disso, me inclinei para a frente.

— Nada. Não gritou nem ficou bravo. Mas eu vi a tristeza. Era uma das últimas partes dela. Ele simplesmente o pegou do chão, colocou na prateleira e me falou para continuar dançando.

— Parece ser um bom homem.

— Me senti muito mal — confessei quando Nate colocou meu cabelo para trás do ombro.

— Era um relógio e você ficou bem.

— Foi o que ele disse. Foi exatamente o que ele disse. — Encarei Nate.

— É o que eu pensaria — ele disse baixinho.

Segurei o braço, que se demorou em meu ombro, e me inclinei mais. Estávamos perto, muito perto. Com o livro na outra mão, encarei os olhos azuis, incentivando-o a avançar, fechando meus olhos. Segundos se passaram, depois, mais um pouco.

— Gosta de futebol?

Afastei-me um pouco e analisei seus lábios, imaginando por que eles não estavam nos meus.

— Futebol.

— Amanhã.

— Amanhã — repeti, encarando os lábios carnudos sorrindo para mim.

— Ok, te pego às três — Nate avisou ao pegar o livro e olhar para a capa.

— Já leu?

— Stella — ele disse, seu sussurro tocando meus lábios. — Eu vivi nestas páginas por semanas.

— Oh — respondi, desencorajada. — Estava torcendo para te dar algo novo.

— Você deu — ele declarou rapidamente antes de seus lábios irem para meus ouvidos. — Amanhã.

— Hoje.

— Hoje — ele concordou, ainda assim pegando o livro que ofereci e me dando uma piscadinha sexy antes de desaparecer da minha vista.

— Boa noite.

Por alguns minutos, não senti culpa. Não pelo fato de não pensar em Reid quando estava com Nate. Ou pelo fato de que lhe ofereci meu tempo ou meus lábios. Eles pertenciam a mim.

O silêncio de Reid me dizia isso.

Mas havia uma coisa que me fez contorcer na cama conforme minha mente pensava. Eu *queria* que Nate me beijasse.



CAPÍTULO 31

Clumsy – Fergie

ACORDEI TARDE NAQUELE SÁBADO E VI QUE LEXI AINDA NÃO ESTAVA EM CASA. MANDEI UMA MENSAGEM CURTA PARA ELA.

Eu: Estou com saudade.

Lexi: Vamos ao show esta noite.

Eu: Ok.

Lexi: Sério?

Eu: Sim. Sinto muito.

Lexi: Não sinta. Te vejo hoje à noite.

Logo saí com uma longa lista de afazeres e estava na metade deles quando lembrei que tinha concordado com um jogo de futebol com Nate. Olhei para o relógio em meu iPod e corri os últimos três quarteirões até minha casa como se estivesse sendo seguida.

Ao entrar, olhei para o relógio barato de algarismos romanos em nossa sala.

— MERDA!

Tinha dez minutos.

Entrei no chuveiro e estava raspando as pernas quando ouvi a batida na porta. Enrolei uma toalha no corpo e corri pelo corredor. Nate estava do outro lado da porta, vestindo seu uniforme de jogo. Óculos na cabeça, vestindo um moletom cinza com “Texas” escrito em laranja. Não consegui me concentrar em muita coisa além do calafrio que percorreu minha espinha quando seus olhos se incendiaram ao me ver molhada, enrolada em uma toalha e com creme de raspar escorrendo pelas pernas.

— Desculpe. Consigo ficar pronta em dez minutos — prometi antes de puxá-lo para dentro e fechar a porta.

Ele se encostou nela com braços cruzados, batendo suavemente a cabeça na madeira.

— Tudo bem?

— Oh, tudo bem, Stella — respondeu com a mandíbula tensa. — O que não está bem é que vou ficar duro pelas próximas duas horas.

Ele era descarado e desavergonhado quanto à sua atração... e eu adorava isso.

Fiz minha própria análise e resolvi que adorava como ele ficava em tudo. Não havia uma roupa que o ofuscassem.

— Trouxe uma blusa para você. Tive a sensação de que seu guarda-roupa não tivesse nada colegial.

Sem avisar, puxou-me para ele. Arfei quando sua boca encostou na minha bochecha antes de ele sussurrar:

— Vamos ver se cabe.

Ergueu meus braços e minha toalha caiu. Mantive os olhos fixos em mim ao levantar a camisa e colocá-la por cima da cabeça. Enfiei meus braços, totalmente excitada. Eu estava congelando e o tecido era desconfortável em minha pele molhada. Mas esqueci tudo isso quando ficamos nos encarando no limite. Meu centro latejava enquanto seus dedos passavam por meu cabelo molhado, desembaraçando-o. A camisa ia até minhas coxas e Nate expirou, o hálito cheirando a hortelã, e deslizou o olhar para baixo. Suas mechas loiro-escuras eram meu ponto fixo enquanto meu peito subia e descia.

— Parece que ficou grande demais — comentou, sua decepção abafada por seu desejo.

— Acho que está perfeita — sussurrei ao me inclinar para a frente e beijar seu rosto. — Obrigada.

— Você é uma mulher cruel — ele disse meio gemendo, com os olhos divertidos.

— Desculpe.

Aquela palavra era familiar na minha boca, então recuei.

— Me dê dez minutos.

— Claro — respondeu enquanto eu ia para o banheiro.

Olhei por cima do ombro e o vi parado na porta com os punhos cerrados, seu olhar um oceano tumultuado. Eu adorava causar esse efeito. Amava o jeito com que ele me via. Estava coberta por seu cheiro — amadeirado e marítimo. Atrás da porta do banheiro, me encarei no espelho. Era uma de suas camisas, o que achei sexy para caramba. Ele sabia que me cobriria assim que me vestiu e não me olhou por completo, o que tinha conseguido de forma tão paciente. Estava se esforçando ao máximo para controlar a atração entre nós, enquanto eu estava brincando com fogo. Mas por quê?

Eu sabia por quê. Ele sabia por quê.

No chuveiro, me repreendi por ser tão negligente. Tinha começado um padrão ruim. Imprudente com meu coração, minhas

emoções. De um homem a outro... e depois outro. Coloquei a mão no rosto, enojada.

Por mais que eu quisesse alimentar a química que senti na minha porta, estava sendo injusta com nós dois. Eu não estava pronta... ainda. E nós dois sabíamos disso.

Eu precisava quebrar o ciclo; apesar de ter certeza de que não me sentiria do jeito que me senti pelo homem que queria que se lembrasse de mim.

Mesmo assim, Nate merecia mais. Eu merecia mais.

Saindo totalmente vestida quinze minutos depois, encontrei Nate no sofá.

— Nate...

— É bom que seu chefe seja mais velho e já tenha passado por isso.

Uma respiração de alívio.

Ele me puxou para seu colo.

— Você fica bem vestida de mim.

— Nate, não é que eu não queira...

— Shhhh — ele disse ao passar o dedo por meu cabelo. — Ansiedade, Stella, estou controlando. Já estou aguardando há meses. O que são mais alguns? Mas não vamos impedir isto.

Ele uniu nossas mãos.

— Porque não vou te deixar esquecer que estou esperando. Quero que se acostume com estas mãos, estes braços, este colo. Estaremos juntos por um tempo. Se acontecer, vai acontecer naturalmente, e vamos criar nossa própria história. Se não, estou com você agora, e fico feliz por isso.

Uma sólida parede de azul estava despedaçando minha determinação, quebrando minhas defesas, ameaçando ignorar a fechadura e quebrar a corrente.

— Desculpe.

— Pelo quê? — ele perguntou, inclinando-se para dar um beijo na minha têmpora. — Fui eu que insisti para isso. Quem continua insistindo para isso. E tenho um bom motivo, Stella. Motivos que contarei a você se esse dia chegar. Mas precisei me certificar. Você e eu — ele disse baixinho ao traçar um dedo por minha mandíbula —, estamos bem. Vamos parar esta conversa por aqui e revê-la depois, certo?

Assenti.



— VAI! — gritei a plenos pulmões latinos, pulando ao lado de Nate, que finalmente estava de pé gritando igual. — Oh, meu deus, isso é muito emocionante! — berrei para Nate, que estava me observando com olhos gentis.

Estávamos andando o dia todo com um grupo de seus amigos, incluindo Marcus, que conheci no show. Estávamos assistindo dos assentos no alto no mar de laranja queimado. Eu estava tonta por conta dos goles compartilhados de uísque e algumas cervejas, e cheia do buffet que eles forneciam. Fui apresentada ao seu pequeno círculo de amigos, que consistia em Gabe e Marcus, que sentaram-se à direita de Nate. Eles me atualizaram de tudo sobre Butler. Contaram histórias que consistiam principalmente em revelar as fraquezas de Nate, que levou na esportiva. Sentia-me um dos caras, e Marcus e Gabe eram tão sinceros e diretos quanto Nate. Sentia que havia encontrado minha tribo, e comemorei.

Depois que os Longhorns pontuaram contra Kansas State, comemorei com Gabe, que estava dentro da distância comemorativa, depois envolvi os braços na barriga de Nate e apertei.

Senti seu peito retumbar.

— Então hoje você gosta de futebol? Porque ontem à noite achei que não gostasse muito.

— Isto. É. Incrível! Quero vir em todo jogo da casa — declarei ao me afastar.

Ele me deu sua piscadinha sexy característica antes de deslizar os óculos de sol sobre os olhos e eu analisar seu perfil.

Vamos criar nossa própria história.

Foi a melhor coisa que ele poderia ter falado sem um roteiro de “Coisas para dizer a Stella para fazê-la se sentir inesquecível”. A ideia de nós dois juntos percorreu minha mente de forma breve antes de voltar ao jogo, cativada e gritando como nunca.

— Preciso muito disto — berrei para Nate, então peguei uma cerveja que Marcus me passou.

Tirei dez dólares do bolso e Marcus negou com a cabeça, determinado.

— Não mesmo, você paga quando ganhar algo de verdade desse mala — Marcus protestou quando Nate lhe mostrou o dedo médio sem nem olhar em sua direção.

Meus dentes estavam congelando do sorriso permanente em meu rosto.

— Obrigada! — Peguei a cerveja e absorvi meus arredores.

Eu era uma aluna de Jornalismo na Universidade do Texas. Estava trabalhando em um jornal da cidade. Os Longhorns eram meu time. Estava rodeada de colegas de classe e não tinha me incomodado em interagir com nenhum deles.

É aqui que você segue em frente, Stella.



Depois do jogo, Nate me carregou no ombro enquanto eu ria, totalmente zozna e meio bêbada.

— Consigo andar, sabia? — protestei conforme a cerveja balançava em meu estômago a cada passo de Nate.

Bati em sua bunda com o dedo de espuma que confiscara de Gabe.

— É, bem, você estava ficando meio rabugenta lá, Stella.

Dei risada.

— Você não gosta quando mostro meu lado latino.

— Oh, te juro — ele bateu de volta em minha bunda e soltei um gritinho —, que gosto de todos seus lados, mas quase apanhei lá.

— Ele parecia *mesmo* com Bushwick Bill, de Geto Boys.

— Bushwick Bill era anão, não um cara de cento e oitenta quilos com tatuagens de prisão.

— De rosto, *quis dizer* de rosto. Não sei por que ele se ofendeu. E o termo correto é pessoa pequena.

— Ele tem noventa centímetros e um olho esbugalhado, foi por isso que se ofendeu. Bushwick era anão.

Seu carro apitou e ele me colocou diante dele. Meu rosto estava congelado. Tinha certeza de que meus cílios estavam grudados e meu nariz, escorrendo. Limpei com a manga de sua camisa.

— Agora essa camisa é sua.

— Eu estava planejando ficar com ela, de qualquer forma.

— Butler! — Gabe chamou, aproximando-se de nós. — Está indo embora, cara?

— Estou — ele respondeu e sorriu para mim como se eu fosse sem-vergonha.

Ele tinha razão. Eu estava quente por inteiro, principalmente sob os gentis olhos azuis.

Gabe parou de andar e abriu uma cerveja de seu *cooler*, e Marcus apareceu do nada, com uma mulher ao lado. Mal tivemos tempo de conhecê-la antes de Nate me enfiar em seu carro.

— Está com vergonha de mim? — provoqueei-o ao lutar com ele, ficando de pé no degrau da caminhonete para mandar um beijo para Gabe, depois apontar meu dedo de espuma para Marcus. — Você é o cara!

Eles deram risada conforme fui enfiada no banco e Nate conseguiu me prender com o cinto.

— Sou perfeitamente capaz de fazer isto sozinha. Não estou embriagada, Butler. Sou *ardente*! — Dei risada da minha piada interna quando ele ergueu um lado da boca e suspirou.

Baixando o vidro da janela, resolvi que não tinha terminado com meu dedo nem minha despedida.

— Divirtam-se. — Apontei na direção deles.

Nate abraçou o amigo e logo saímos. Liguei o rádio de Nate e “Just Dance”, de Lady Gaga, ecoou pelos alto-falantes.

— Oh, ela é boa — comentei, me balançando no banco do passageiro, bancando a maestra com o dedo.

Nate olhou para mim.

— Você *realmente* precisava sair.

— Certo — eu disse, apontando nosso caminho pelo estacionamento. Pressionei a ponta de meu dedo em seu rosto. — Vai levar uma de esquerda bem aqui. — Gargalhei quando Nate aumentou o ar quente, sua risada ecoando a minha.

Ele saiu do estacionamento em alta velocidade na tentativa de evitar o trânsito.

— Por que estamos com tanta pressa? — perguntei quando ele dirigiu com facilidade.

— Você não falou que tinha um show esta noite?

— Não vou — respondi, colocando o dedo de espuma no chão. — Tenho uma ideia melhor.

Ele olhou para mim e leu minha mente.

— NÃO!

— SIM! — retruquei, resolvendo o assunto.

— Não mesmo. Nem pensar. Não.

— SIM!

— Não — insistiu ao virar em minha rua, rindo, protestando inutilmente.

Xanadu.



Horas depois, acordei no sofá com o grito que Lexi deu ao entrar pela porta da frente.

— Stella!

Levemente de ressaca, procurei Nate, que devia ter ido embora quando dormi. Por um segundo, fiquei desanimada. Era tudo brincadeirinha; pelo menos pensei que fosse. Eu o obrigara a ver *Xanadu* enquanto eu comentava. Bati na minha própria testa e fiz careta.

A consciência irritante de que precisaria me desculpar se instalou rápido. A grossura da minha língua me dizia que poderia ser a responsável por sua ausência. Aquela sensação pesada me acertou até eu ver que tinha um recado dele em cima de meu dedo de espuma com a programação de jogos impressa na parte de trás. Era a promessa de outro jogo. Lexi me esperou prestar atenção, e dei-lhe um sorriso sonolento.

— O que foi? — perguntei, esfregando os olhos para limpá-los.

Ela queria minha atenção total, mas não conseguia parar de pensar no homem que foi embora e me cobriu com um cobertor quente no sofá. Ele tinha até limpado a mesa e guardado toda a comida chinesa. Não havia nada em Nate Butler que eu não gostasse. *Nada*.

Lexi andou até mim e viu minha nova blusa enquanto Ben entrava pela porta.

— Contou para ela?

— Não — ela respondeu rapidamente, dando um sorriso forçado para ele.

Por que ela estava fingindo sorrisos para Ben?

— Por que não apareceu? — ela perguntou com os braços cruzados.

Ela estava irritada, e demorava para Lexi ficar assim. Mesmo assim, não pude deixar de notar o tom de mágoa. Ela precisara de mim.

— Sinto muito. Estava com Nate — respondi com uma garganta cheia de uísque. Precisava escovar os dentes. — Queria ir, mas fiquei muito bêbada no jogo.

Lexi olhou para mim.

— Você não gosta de futebol.

— Agora gosto. Não vou perder um jogo. Tem que vir comigo a um dos jogos, é muito divertido!

Lexi falou algo baixinho sobre uma agenda livre, e eu me inclinei para ela com as sobrancelhas franzidas.

— O quê?

— Eles assinaram contrato — Lexi disse com um sorriso apreensivo.

— Assinaram? — Olhei para Ben, que assentiu. De repente, o mundo parecia a muitos planetas de distância. — A Sergeants assinou? Com quem?

— Sony — Ben respondeu com o sorriso mais lindo no rosto ao olhar para mim. — Um dos olheiros da Sony leu um artigo sobre uma banda crescente. Acho que devemos parte disso a ela.

Ainda bem que eu estava sentada. Meu coração estava martelando selvagememente conforme eu tentava absorver suas palavras.

— Esse olheiro falou que a garota que escreveu estava apaixonada pela banda.

Ela não era a única.

Podia sentir o coração partido de Lexi de longe. Nem precisava olhar para ela. Ela me mataria se eu falasse disso na frente dele, então me concentrei em Ben. Sentei-me no sofá, em choque.

— Leram meu artigo no *Speak*?

— Esse olheiro saiu e nos assistiu algumas vezes. Mandamos uma demo que fizemos em março. Quando ele leu seu artigo, tirou-a da pilha. Você fez isso acontecer, Stella.

— Não — neguei, me levantando devagar. Senti que meu coração iria explodir. Estava voando pela sala com emoção.

— Sim — Ben afirmou, dando um passo à frente.

— Março? — Minha atenção se voltou para Ben, totalmente focada. — Mas isso significa... — Meu coração começou a martelar quando ele assentiu lentamente. Meus lábios tremeram quando olhei para Lexi. — Reid.

— Ele estava lá esta noite — Lexi disse com cuidado, sua preocupação por mim óbvia quando seu coração começou a despedaçar. — Todos assinaram.

Colocando todos os pensamentos egoístas de lado, pulei do sofá e abracei Ben.

— Ah, meu Deus, Ben! Ah, meu Deus!

Ele deu risada e me abraçou de volta.

— Eu sabia.

— Você falou — ele disse rindo enquanto eu o abraçava mais forte. — Stella, se não fosse por aquele artigo, não sei o que teria acontecido conosco.

— Pare — pedi com lágrimas alegres escorrendo pelo rosto. — Assinaram com vocês porque são incríveis. Nunca foi uma dúvida.

Nós dois paramos com o mesmo pensamento.

— Ele vai ficar bem — sussurrei com voz rouca.

— Ele vai ficar melhor do que bem. Vai dominar tudo.

Abracei-o de novo.

— Reid Crowne — sussurrei quando ele assentiu em meu ombro. — Obrigada.

— Caramba, Stella, o que posso dizer? Devemos a você. *Todos* nós.

— Pode ser que eu peça um favor um dia — respondi, rindo. — Então, onde ele está? — Recuei e procurei nos olhos de Ben. — Rye, Adam?

— Ainda estão na balada comemorando.

Eu não precisava de palavras. Tinha as de Reid.

Não era para termos acontecido nunca.

— Ok. Tudo bem.

Ele não era mais um fantasma. Tinha simplesmente evaporado. Meu coração abriu a porta e varreu o resto da esperança para fora, batendo-a para fechar.

Lexi pegou uma garrafa de vodca gelada da geladeira e alinhou três doses.

— À Dead Sergeants — ela propôs, e todos nós bebemos. Olhei para Ben. — Só não esqueça dos meros mortais.

— Nunca — ele declarou antes de servir outra rodada de doses, seus olhos pairando em Lexi e os dela na garrafa que ele estava segurando. — Às minhas garotas — Ben brindou, quando Lexi secou rapidamente uma lágrima de seu olho bem a tempo de ele não ver.

A distância entre ela e eu se desintegrou naquele momento, conforme ela via qualquer futuro que poderia ter com o homem que amava passar por ela a cem quilômetros por hora em um borrão. E eu detestava que ela sabia como era. Mas era hora de retribuir o favor.



Xanadu – Olivia Newton-John, Electric Light Orchestra

TRANQUEI A PORTA QUANDO SIERRA FOI EMBORA NA TERÇA SEGUINTE. SENTIA-ME RIDÍCULA E TEMPO ERA ESSENCIAL. SÓ TINHA enviado uma mensagem para Nate me desculpando, e ele insistiu que estava tudo bem, mas eu não conseguia deixar de sentir que, de alguma forma, tinha sabotado minhas chances com ele. Então, me permiti estar aberta a finalmente ter o que merecia com um homem que me merecia. Agradei às minhas estrelas da sorte por ser Halloween enquanto preparava a caixa de som que deixei na recepção, junto com a bola de discoteca.

— Caralho — praguejei baixinho, com os nervos à flor da pele.

— Sierra? — Nate gritou de seu escritório.

Merda. Merda. Merda.

Movendo-me rapidamente, apertei o interruptor e ativei minha bolinha de discoteca, iluminando o ambiente conforme Olivia tocava pelo escritório. A atmosfera rapidamente se transformou em minha cena escolhida enquanto começava meu balé de desculpa.

A risada de Nate foi instantânea conforme ele saiu de trás de sua mesa, seu rosto emergindo totalmente com expectativa enquanto eu corria pelo escritório com meus patins, meias brancas até os joelhos e meu vestido tomara-que-caia com fenda em ambas as coxas.

Nate parou em sua porta, de braços cruzados enquanto sua risada ecoava.

Não tropece. O objetivo é ser sexy aqui, Stella.

— O que você está fazendo? — Nate perguntou e meneou a cabeça.

— Estou me desculpendo — respondi ao tentar desaparecer graciosamente em um canto e aparecer de novo, do jeito que Olivia fazia no filme. “Magic” começou a tocar quando finalmente parei diante dele.

— Pelo quê? — ele perguntou, fitando-me com olhos suaves e divertidos.

— Às vezes, bebo demais — confessei, patinando de um lado a outro diante dele, empurrando seu peito só para voltar para ele.

— Stella — ele disse com os olhos brilhando. — A *maioria* das pessoas bebe demais às vezes.

— É só que... — Dei de ombros quando ele se inclinou e segurou meu queixo com os dedos.

— Você só o quê? — ele sussurrou.

— Só. Estive pensando e... acho que quero começar nossa história agora — sussurrei de volta, depois me inclinei nos freios alaranjados e enlacei seu pescoço.

Seu olhar exibia uma mistura de emoção e desejo que não tinha preço. Olhos azuis buscaram os meus conforme ele segurou meu rosto. Nunca vou esquecer a maneira como ele me olhou, como se eu fosse a coisa mais bonita que ele já tinha visto. Então, fundiu nossos lábios lentamente. Seu beijo foi suave até meu primeiro gemido escapar, depois se transformou em um turbilhão. Ele nos trocara de lado em segundos, eu contra a porta, sua língua me explorando em um beijo que apagava qualquer dúvida.

— Nate — gemi, meus mamilos enrijecidos e a pulsação acelerada.

— Jesus Cristo, baby, você trancou a porta? — ele perguntou rouco antes de morder meu ombro nu e subir os dedos por minha

coxa.

— Tranquei — respondi e ele se afastou, sua respiração acelerada.

Suas roldanas estavam girando. Ele não queria nos reduzir a um lance de escritório, mas nós dois sabíamos. Pude ver sua decisão antes de ele falar uma palavra.

— Foda-se.

Nós nos encontramos, bocas quentes, explorando com as línguas, meus gemidos e os dele. Fui virada para ficar de frente para a porta, meu vestido erguido conforme ele segurava minha garganta e virava meus lábios para os seus. Deslizou a mão entre nós, sua língua acariciando a minha em um beijo completo. Seus dedos mergulharam para baixo em direção à minha calcinha e me encontraram escorregadia. Estremeci quando ele massageou gentilmente meu clitóris com um único dedo. Meus membros estavam tremendo em segundos.

— Eu... gozar — murmurei, afastando-me de sua boca.

Seus olhos azuis me assistiram explodir em suas mãos, minha respiração saindo com dificuldade, a onda atingindo tão rápido que ele precisou me segurar para não me curvar.

— Mais. Você falou para eu pedir. Mais. Agora.

Seus olhos se incendiaram e ele olhou para mim, mergulhando o dedo enquanto eu recuperava minha respiração.

— Você é tão linda se desmanchando nos meus dedos. Preciso de você no meu pau *agora*.

Ele mexeu o punho e foi instantâneo. Engoliu meu orgasmo ao me prender à porta. Derreti-me nele, meu coração acelerando, meus gritos abafados por sua necessidade de me engolir.

— Nate — chamei sem fôlego, quando ele me afastou da porta e, com um movimento rápido, arrancou meu vestido.

Fiquei nua de patins, meias e calcinha branca estilo tanga, que usava só no caso de acontecer algo. Desamarrei as laterais e ela caiu entre meus patins.

— Estou oficialmente fodido — ele disse ao se mover na minha direção, um predador habilidoso, faminto.

Sua boca encontrou a minha, possessiva, escaldante conforme me baixou na mesa e me abriu.

Ele praticamente rasgou a gravata antes de desabotoar a camisa, seus olhos em chamas percorrendo-me de cima a baixo. Seu peito subia e descia enquanto eu fixava o olhar para o V logo acima de sua calça. Nate era puro músculo, esculpido e duro e, depois que tirou os sapatos, sua calça e a cueca caíram no chão. Arfei ao vê-lo massageando o pau enquanto me assistia me contorcer na superfície dura da mesa.

— Abra mais, Stella — ele ordenou enquanto se acariciava.

Seus olhos tremularam brevemente antes de ele pegar uma camisinha na carteira e se cobrir. Inclinando-se, não hesitou quando nossos olhares se fixaram antes de se enterrar com uma investida sólida.

— Nossa! — Tentei alcançar qualquer coisa conforme ele sugava forte meu mamilo antes de dar uma arremetida.

Arqueei as costas, e lutei para erguer as pernas com o peso dos patins. Nate puxou meu corpo para cima com facilidade, a ponta de seus dedos apertando minha pele enquanto ele me fodia como se estivéssemos em guerra. A luxúria escorria de seus olhos conforme o suor descia por seu peito. Ele mexeu os quadris, me abrindo mais, e senti o orgasmo começar a se formar. Com mais uma investida, eu estava gritando seu nome.

— Nossa, caralho — ele rosnou conforme estocava em mim, seu quadril aumentando o ritmo.

Ele estava tão fundo que eu só conseguia arranhar e segurar seus braços enquanto ele acabava conosco.

— Stella — ele disse reverentemente, enquanto enterrava a testa entre meus seios e construía seu orgasmo, seu corpo tremendo minutos antes de nós dois gozarmos.

Ficamos deitados suados enquanto eu enfiava os dedos em seu cabelo.

— Ficou quente rápido — comentei, rindo baixinho.

Ele olhou para mim com um sorriso sonolento.

— Não consigo sentir minhas pernas.

— Vou tomar isso como um elogio.

— Acha que pode nos levar para casa?

— Duvido, as minhas também estão adormecendo — respondi.

— Por favor, tire os patins.

Vestindo sua cueca boxer, ele pegou um dos patins e colocou em sua coxa, desamarrando-o antes de retirar o outro.

— Sem dúvida, essa foi a música mais estranha para transar. Você é muito esquisita.

Dei risada conforme Electric Light Orchestra cantava “I’m Alive”.

— Vai acabar gostando.

— Acho que é melhor eu me acostumar — ele sussurrou ao massagear meu pé. Depois, segurou minha mão e me ajudou a sentar.

Tínhamos destruído sua mesa e havia papéis espalhados por todo o lugar.

Ele deslizou meu vestido pelo braço, dando cálidos beijos de língua em meus seios e pescoço antes de cobri-los. Puxou o vestido até cobrir meu colo.

— Essa não era uma trilha sonora de sexo. Transformou-se em uma por causa de você, seu tarado.

Ele segurou meu queixo com gentileza.

— Vou me limpar.

— Ok.

— Não fique aqui pensando coisas de mulher, ok? Vai ficar do lado direito esta noite.

Mordi o lábio e assenti com um sorriso. Ele foi ao banheiro, e eu me endireitei e amarrei a calcinha. Meio que juntei a papelada e estava quase organizando tudo quando senti seus braços deslizarem em volta de mim.

— Isso foi um primeiro beijo e tanto.

— Foi — concordei, me virando para encará-lo. Nunca falhava. Sempre prendia um pouco a respiração ao vê-lo. Esperava que isso nunca parasse. — Digo, você sabe. Tem sido um ano doido, e eu passei por muita coisa, mas por dias fiquei só pensando no que me disse.

— Stella, se pensa que há uma chance de eu deixar você se safar depois disso, está mais maluca do que a senhorita que acabou de patinar pelo meu escritório.

— Mesma senhorita — respondi, curvando os lábios. — Era uma fantasia minha. Pensei que, se você gostasse, valeria a tentativa.

— Melhor Halloween da vida — declarou, sorrindo.

— Trouxe doce para você.

Ele roçou os lábios nos meus.

— Está cada vez melhor.



Trouble – Coldplay

Véspera de Ano-Novo

— QUERIA ESTAR AÍ PARA TE BEIJAR — NATE DISSE, SUA VOZ CHEIA DE ARREPENDIMENTO.

— É, bem, você é um mala — zombei. — Tudo bem, Nate. O jornal vem primeiro. Tem que ser.

Afundei-me mais no sofá para assistir à contagem regressiva.

— Dez, nove, oito, sete, seis... — dissemos juntos para passar o ano.

Ele estava em Chicago encontrando uns executivos de anúncios e queria já começar as apresentações antes de suas reuniões. Ele os estava cortejando enquanto eu sentia falta dele no meu sofá. Não havia reclamado sobre isso para ele. Ele estava cuidando de sua mulher e seu jornal.

— Sentiu esse beijo?

— Estou comendo donut, então, não — respondi, rindo.

— Sinto muito, baby — ele disse. — Queria poder ter te trazido, mas você ficaria presa em um hotel.

— Fica para a próxima. Preciso trabalhar o dia todo amanhã. É um milagre eu ter a noite de folga.

— Tenho que voltar para a festa.

— Para cima deles.

— Queria estar dentro de você.

— Vou dormir do lado direito.

Houve aquele silêncio demorado, aquele em que nós dois queríamos falar mais palavras, mas aguardamos. Amava esse silêncio. Dizia muito mais do que palavras poderiam dizer.

— Venha logo para casa.

— Tchau, linda.

Mais silêncio. Nenhum de nós queria desligar.

— Um dia, vamos viajar juntos. Oh, merda!

— O que foi?

— Esqueci de colocar uma mala para fora do meu quarto!

— O quê?

— Ainda não é meia-noite em *todo lugar*, certo? — perguntei sem fôlego, jogando a montanha de cobertores para longe do meu colo. Texas estava um mar de gelo havia semanas.

— Stella, estou muito confuso — ele confessou, rindo.

— É só uma superstição.

— Ah — ele disse, entendendo perfeitamente, porque me conhecia, às vezes melhor do que eu mesma.

Ele era um homem que analisava minhas reações, esforçava-se por meus sorrisos e me fodia como se fosse seu trabalho. Eu nunca tivera um homem assim. Apaixonei-me pela promessa em seus olhos, em sua voz e no conforto de ser eu mesma sem ser julgada. Seu amor era incondicional, apesar de ele ainda não ter pronunciado as palavras. Era fato. Estar com Nate era o relacionamento mais natural em que eu já estivera. Ele tinha roubado meu fôlego e estava dando o máximo para roubar o restante, e estava funcionando.

— O que essa significa?

— Deixar uma mala do lado de fora de sua porta na véspera de Ano-Novo? Significa que viajarei o mundo um dia.

— Melhor deixar uma lá fora — ele disse com divertimento na voz.

— Boa noite — despedi-me ao andar pelo corredor até meu quarto.

— Boa noite, esquisita — respondeu com carinho, o barulho de sua risada se cortando quando desliguei.

Eu era esquisita e amava o fato de ele saber disso e gostar. Estava ainda mais esquisita naquela noite, empacotada como uma velha, usando a camisola vermelha de senhora que minha mãe me dera de Natal e as meias listradas de vermelho e verde com um sininho na touca do Papai Noel. Paige e eu conseguimos ser um pouco civilizadas para passar o feriado, apesar de o rancor ainda estar presente em ambas as partes. Passei meu primeiro Dia de Ação de Graças com Lexi e Ben. Queimei o peru, Lexi grudou o purê de batata na batedeira e Ben engoliu tudo sem reclamar de nada. Porque ele amava Lexi do mesmo jeito que Nate me amava.

Nate passou os feriados com os pais, mas me implorou para ir junto. Mas eu disse a ele que era o primeiro ano que Lexi e eu éramos independentes, apesar de termos feito um trabalho de merda quanto a isso.

A banda não iria para a Califórnia antes do primeiro dia do ano, por causa de problemas com a agenda. Pelo menos foi o que Ben dissera para Lexi, então ela praticamente se mudou para a casa dele. Quando Lexi não estava na casa de Ben, significava que eles estavam brigados, e eu me oferecia para fazer o que precisasse a fim de mantê-la calma. Ela estava brigando para manter suas inseguranças guardadas e, apesar de eu ter recebido um ou dois protestos de Nate, quando ela precisava de mim, eu estava lá. Ben estava exausto e demonstrou isso quando parou na minha porta no fim da manhã, com os olhos conectados aos dela, implorando, até ela voar para seus braços com um perdão pronto nos lábios.

Eles estavam aterrorizados, porém Ben permanecia determinado a provar para ela que não iriam mudar, não importava o que acontecesse com a banda.

O tempo diria.

Nenhuma de nós acreditava nele, mas mantive minha opinião fora disso. Lexi tinha bastante coisa pesando contra ela. Sony não era simplesmente qualquer gravadora. As coisas iriam mudar drasticamente para todo mundo.

Entre ir aos shows, escrever para o jornal, meu namorado e minha melhor amiga, eu sentia que estava vivendo duas vidas. Nunca falávamos uma palavra sobre Reid, e eu nunca perguntava. Era como se ele não existisse. E eu precisava admitir que era um alívio, porque tinha me permitido ser feliz em meu novo relacionamento. E eu estava feliz. Tão feliz quanto podia ser uma garota sozinha na véspera de Ano-Novo com a promessa de um ano renovador cheio de Nate Butler. Ele era tudo: gentil, atencioso, cuidadoso, lindo e arrasava como namorado. Passara os dois últimos meses se matando no jornal e, depois, me inundando de todo carinho que conseguia, e sempre era mais do que suficiente.

Rolei minha mala pelo corredor, abri a porta e me deparei com uma rajada de ar congelante. Coloquei-a do lado de fora e ia fechar a porta quando senti cheiro de fumaça.

E onde há fumaça...

Foi como um choque elétrico.

Fechei os olhos e inspirei profundamente antes de erguê-los e encontrar os olhos observadores de Reid Crowne. Ele estivera ali parado por horas, julgando pela quantidade de bitucas de cigarro que estavam espalhadas em minha varanda.

Esmagou o cigarro com a bota e eu ergui os olhos. Fiquei chocada ao ver como ele parecia... mais saudável. Tinha ganhado alguns quilos. Seu cabelo estava escondido debaixo de um gorro que combinava com sua camisa longa, e ficava sexy para caramba nele. A mandíbula estava mais larga e coberta por uma barba espessa, mas perfeitamente aparada em todos os cantos. Fiquei

sem palavras conforme o ar pinicava com a tensão familiar. Minha boca falhou comigo. As palavras falharam comigo. Em seus olhos, vi curiosidade e alívio. Então seus lábios se curvaram para cima.

Não.

Após um minuto de silêncio, seus olhos foram para a mala que coloquei do lado de fora.

— Indo a algum lugar?

Dei um passo para fora no frio congelante. Minhas meias ficaram molhadas com o frio no instante em que tocaram o cimento.

— O que está fazendo aqui?

Ele sorriu e eu morri por dentro.

Não. Por favor. Não. Não sorria. Não sorria. Não olhe para mim!

— Está usando uma camisola bem sexy, Granada. O resto da casa de repouso vai vir esta noite?

— Reid, pare de enrolar. O que está fazendo aqui?

— Posso entrar? Está congelando aqui fora. — Ele soprou ar quente em seus punhos.

— Não — respondi e fechei a porta, bloqueando meu apartamento.

— Ok — ele disse e enfiou as mãos nos bolsos.

Simplesmente o encarei em minha camisola maluca, meu cabelo amarrado no topo da cabeça em um coque bagunçado.

— Só queria conversar um minuto.

— Pensei que tivéssemos falado tudo. — Minha voz soou com certa aspereza. Eu estava mais amarga. Eu tinha Nate. Não tinha motivo para ficar mais amarga.

— Pare de me olhar assim — ele pediu, sua voz baixa.

— Assim como?

— Como um animal enjaulado. Como se estivesse com medo de mim — explicou, dando um passo à frente.

Eu me encolhi.

— Droga — ele soltou. — Sou eu, Stella. Não estou aqui para te machucar.

A tensão se formou em meu peito enquanto tentava abafar o sentimento. Era amargura, ressentimento e muita raiva. Raiva que não havia percebido que ainda tinha.

— Stella — ele disse baixinho. — Quis te ligar tantas vezes.

— Mas não ligou — respondi de forma direta. — Você está ótimo. Estou feliz por você estar bem. Parabéns. Feliz Ano-Novo, Reid.

Bati a porta e, um segundo depois, ela bateu em minha bunda com um barulho e me empurrou para a frente.

— Pare — ele exigiu, fechando a porta ao entrar.

Virei-me para ele.

— Você não tem o direito de me impedir! Não tem o direito de falar merda nenhuma!

Dava para ouvir a festa dos meus vizinhos pela parede e uma onda coletiva de risadas soou por ela. Era para eu ter ido dormir depois de falar com Nate. Eu tinha planos. Reid estava estragando meus planos, e eu estava tentada a me juntar aos vizinhos só para ficar longe dele. Ele me encarou como se pudesse me ver através da roupa. Em um movimento de defesa, deslizei os braços pela barriga e segurei as laterais do meu corpo.

Eu só pensava em fugir, apesar de sentir que tinha aguardado uma eternidade para vê-lo de novo. Costumava rezar pelo dia em que ele apareceria em minha porta.

— Por que está sozinha?

— Não estou sozinha — sussurrei. — Digo, ele está em Chicago.

— Ok. — A mandíbula de Reid pulsou. — Está com aquele cara?

— Estou. Nate. Estamos juntos. *Agora*. Não menti sobre isso. Não sou assim.

Ele assentiu devagar.

— Eu sei.

— Mas não pode dizer o mesmo, pode? — Queria arrancar minha língua. Não sabia por que estava trazendo antigas mágoas à tona. Não ia consertar nada. — Esqueça que perguntei — acrescentei antes de passar por ele e quase bater os joelhos.

Aquele cheiro trouxe tudo de volta, os sorrisos que ele dava apenas para mim, o gosto dele, o calor que só ele conseguia dar. Eu estava congelando, doendo e morrendo por apenas a ponta de seus dedos. Senti minhas sensibilidades começarem a fugir e estava me agarrando a elas. Então o pânico se instalou.

— É melhor você ir — avisei ao pegar um copo do armário e colocá-lo debaixo da torneira, com o balcão entre nós.

Eu estava a uma distância segura. Ele me observou quando dei um longo gole.

— Quer água?

— Não, obrigado.

— Alguma coisa mais forte, talvez, para você sabe, poder me ligar depois que for embora e me contar por que estava na minha varanda, para começar?

— Porque agora você está facilitando para conversar? — Outro sorriso.

— Pare — pedi, meu coração se afastando, tentando se esconder.

— Parar de sorrir?

— É. Vodca ou uísque?

— Nenhum.

— Gemada? — perguntei desesperada.

Ele gargalhou enquanto eu murchava por dentro.

— Senti sua falta — ele sussurrou —, pra caralho. — Rodeou o balcão, e eu ergui a mão.

— Bem, ótimo, me mande um cartão-postal da Califórnia.

Outra risada que só me deixou mais furiosa. O fogo queimava em minha garganta e comecei a ficar com calor. Abri minha

camisola, tentando me livrar do calor insuportável.

Bebi outro copo de água e senti o suor se acumular na minha testa. Abrindo a camisola, tirei-a e a joguei no chão, ficando de shorts e blusinha.

— Você precisa ir.

— Não antes de falar o que vim falar — ele disse ao analisar meu corpo, parando em seus pontos preferidos.

— Ok, então, vamos beber.

— Nada para mim — declarou com seriedade.

Abri a vodca que estava na geladeira, e ele a retirou da minha mão. A garrafa balançou na pia.

— Não beba isso — ele repreendeu.

— Por quê?

— Só não beba.

— Parando de beber?

— Eu estou, e você é uma péssima bêbada — ele disse ao se aproximar de mim. — Andei ferrando com tudo, principalmente quando se trata de você.

— Não importa.

— Importa. E sinto muito.

— Já falou isso.

— Nunca sóbrio — ele disse, erguendo meu queixo com a ponta dos dedos, para conectarmos nossas almas. Era como um interruptor.

— Por favor, não encoste em mim — pedi com lábios trêmulos.

Ele tirou a mão.

— E ainda estou de joelhos — ele murmurou baixinho —, inacreditável.

— Só fale, por favor, o que quer que tenha vindo falar, e vá embora.

Meu corpo todo tremia e eu sabia que ele podia ver.

— Você está tremendo.

— Estou bem.

— Desculpe.

— Você fez o que tinha que fazer — respondi, baixando os olhos.

— Eu estava na reabilitação, Stella. Do minuto em que assinei aquele contrato até as dez desta manhã.

De todos os motivos que eu conseguia pensar, esse era o último.

— O quê?

— Louco, não é? Qual músico vai para a reabilitação *antes* de sua carreira decolar?

Ele deu um passo para trás e tirou o gorro que escondia suas mechas escuras, que se espalharam por seu rosto. Eu o analisei e, por um breve segundo, estávamos de volta ao seu apartamento, meu coração exposto, seus olhos observando minha alma.

— Por quê?

— Eu precisava colocar a cabeça no lugar. Estava ficando igual aos meus pais. Não queria isso. Queria ser melhor.

— Você é melhor — declarei, sem fôlego, em um sussurro. — Sempre foi melhor.

— Ainda é minha eterna líder de torcida? — ele perguntou com outro sorriso. Deu um passo à frente e hesitou quando viu que eu não estava receptiva.

— Você manteve sua promessa, é tudo que importa — respondi com honestidade. — E agora... Minha nossa! Sony, Reid.

— Louco — ele disse com um pequeno sorriso antes de me olhar. — E foi você que mudou *cada coisa*.

— Não. Só escrevi sobre uma banda em que acreditava.

Reid observou meu apartamento e balançou a cabeça. Eu sabia exatamente no que ele estava pensando: no dia em que me mudei.

— Você vai ficar bem, sabe disso, não é? Lá no fundo, sabe exatamente o que quer, como quer que isso aconteça. Não precisa

ser clichê. Não precisa viver essa vida. O que mais importa é a música. Sua música linda, Reid. Você consegue.

— É — respondeu, pensativo. — Outra conversa motivadora — ele disse sem sorrir, com a preocupação evidente em seus traços.

— É, é, olhe para mim — pedi do mesmo jeito que fiz meses antes. Uma névoa se formou entre nós. — *Acredite em mim.*

— Não acredito em mais ninguém, Stella. Só em você. — Ele se moveu na minha direção de novo, e me encolhi, com muito medo de mim mesma. De *nós*.

— Reid, não posso...

“Here Without You”, de 3 Doors Down, tocou na TV a alguns metros conforme meu cérebro se esforçava para se lembrar da mulher que eu era minutos antes de ele aparecer em minha porta.

— Ok — ele cedeu, a frustração saindo de seus ombros.

— Nate é um bom homem. Você iria gostar mesmo dele. É bom comigo. Não me faz...

— Não te faz o quê? — perguntou baixinho enquanto eu contava seus passos lentos na minha direção.

— Reid, que merda — praguejei com voz rouca.

— Eu estou na merda — ele sussurrou entre nós. — Olhe para mim.

Meneei a cabeça quando ele segurou as laterais do meu rosto. Lágrimas se acumularam e escorreram por minhas bochechas. Eu estava queimando, a ponto de me perder. A parede reforçada que havia construído estremecia na base. Tudo que sentia por ele veio à tona. Meu coração martelava selvagememente conforme ele procurava e encontrava tudo em meus olhos. E, então, o calor chegou, a sensação se espalhou de meu peito até meus membros.

— Stella — ele sussurrou antes de seus lábios pressionarem os meus.

A agonia de saudade dele vazava de cada poro. Coloquei toda a dor naquele beijo, todo o amor que sentia escapou em um soluço

que ele capturou com os lábios. Ele pressionou suavemente, e eu envolvi os braços em seu pescoço enquanto ele deslizava os dele em meu corpo, me puxando para mais perto. Manteve nossas bocas seladas enquanto me segurava, nossos lábios pressionados, e senti sua hesitação em soltar quando me afastei. Ele apoiou a testa na minha.

— Feliz Ano-Novo, Stella. Que bom que está feliz. Foi só o que vim ver.

— Feliz? — Bufei. — Acho que agora pode tranquilizar seu peso na consciência — retruquei em uma poça arruinada sob seu peso.

— Me odeie se precisar — ele disse baixinho ao me soltar e enfiar o gorro na calça.

Eu odiava como era a distância. Lutei para encontrar palavras.

— Reid? — sussurrei.

Com ombros caídos, seus olhos encontraram os meus.

— Que tipo de reabilitação deixa alguém sair na véspera de Ano-Novo?

Demos risada. Era nossa habilidade especial, uma que criamos juntos quando as coisas não podiam piorar. Nossos sorrisos sumiram quando ele me olhou e abriu a porta.

— Te vejo por aí, Granada — ele sussurrou antes de fechá-la.

Fui atrás dele e o fiz parar na calçada.

— Sou a mulher que vai ver isso acontecer — gritei para suas costas.

Lentamente, ele se virou para me encarar, seus olhos fechados com a lembrança de minhas palavras, seus lábios curvados.

— Fale.

Sorri entre minhas lágrimas, que caíam livremente.

— Te falei.

Ele me deu um último sorriso de perder o fôlego, entrou em sua caminhonete e me deixou sem seu calor, de novo no frio.



Ex-Factor – Ms. Lauryn Hill

3 anos depois

— Srta. Emerson, gostaria de falar com você na minha sala — Nate anunciou por meu recém-instalado telefone em meu recém-dado escritório.

Apertei o botão da linha dele ao procurar minhas anotações no laptop.

— Nate, todo mundo aqui sabe que transamos sempre. Pode me chamar de Stella — respondi com um tom que combinava com o dele.

— Srta. Emerson, estou com Roger Morris na minha sala para uma reunião — Nate soltou conforme a risada ecoou ao seu lado.

Pulei da minha cadeira e encarei o telefone.

Oh, merda. Oh, merda. Oh, merda.

Íríamos brigar por isso depois. Com o rosto queimando, o rabo entre as pernas, entrei em sua sala, não encontrando os olhos de Nate e me desculpando abundantemente para Roger Morris, que era um dos maiores agentes da indústria da música. Ele tinha uma reputação estelar e tinha a maioria dos talentos mais procurados em sua agência. Precisei de toda minha coragem latina para lançar um olhar me desculpando para Nate.

Os olhos azuis me repreendiam e diziam que poderia ser uma briga feia. Ainda assim, não consegui evitar a excitação de saber que ele ainda queria estar dentro de mim enquanto me estrangulava. Dei um sorriso manhoso de *Te amo, querido* para ele.

— Sinto muito mesmo — continuei para o sr. Morris, um homem alto com aparência nova-iorquina e vestimenta de tapete vermelho.

Ele tinha olhos afiados que deixavam evidente que ele guardava segredos de muitos, mas um sorriso genuíno que o tornava mais alcançável.

— Aquilo não foi nada profissional, e definitivamente não é...

— Stella... Posso te chamar de Stella, apesar de não estarmos transando sempre? — Ele tossiu uma risada conforme Nate me fuzilava com o olhar até formar buracos em meu crânio.

Estávamos naquele estágio confortável de relacionamento em que falávamos sobre tudo e não tínhamos problema em discutir, e não era prejudicial para nossa relação. Morávamos juntos, trabalhávamos juntos. Em todos os aspectos de nossas vidas, estávamos *juntos*. E era só alegria. Bem, na maior parte do tempo. Exceto quando eu ouvia música muito alta enquanto ele escrevia, ou da vez em que atropeli seus tacos caros de golfe, ou às vezes falava — no caso em questão, a situação de que estava tentando sair. Aos vinte e quatro, tinha me graduado e me matriculado no mestrado. Eu tinha um futuro no *Austin Speak*, sem contar um podcast até que bem-sucedido, algo que comecei para mim mesma, apesar de meu foco estar no ascendente jornal e no homem que era seu dono.

A vida estava boa, melhor do que boa.

— Sim, claro, me chame de Stella.

— Verdade seja dita — ele continuou, dirigindo-se a Nate, provavelmente para impedir minha iminente bronca —, provavelmente foi a coisa mais suave que já ouvi como agente de rock ‘n’ roll.

A mandíbula de Nate ficou tensa, provavelmente pensando em suas palavras e na minha punição quando ficasse sozinho comigo.

Eu estava quase zozza de ansiedade. Briga sempre levava a uma transa épica. Nate e eu, legitimamente, tínhamos o melhor sexo da Terra. Competíamos com nós mesmos. Era nosso lance. Gesticulei um “te amo”, o que me garantiu um olhar suave antes de Nate pigarrear.

— Stella — ele disse com um toque de preconceito, porque *realmente* tínhamos essa transa épica regularmente. — Roger agencia aquela banda Dead Sergeants. Foi um dos primeiros artigos que você publicou.

Todos os vestígios de humor sumiram do meu rosto, substituídos por um sorriso falso.

— Lembro. Eles se deram bem — adicionei, aguardando a conclusão.

Nunca contara a Nate sobre Reid. E nunca tive um único motivo para me sentir culpada sobre isso até *aquele* momento. Desde o minuto em que Reid saiu do meu apartamento três anos antes, nunca tive um motivo para contar a ele. Eu não falara com Reid. A Sergeants havia gravado seu primeiro álbum quando eles foram para a Califórnia e ganharam platina dupla. Esse sucesso os levou a um ano de turnê pelos Estados Unidos. A especulação de que estavam gravando no outono anterior já tinha sido confirmada pela imprensa, mas nenhuma data de lançamento tinha sido anunciada. Os fãs estavam ansiosos.

— Se deram bem mesmo — o sr. Morris concordou. — O grupo gostaria de lhe dar uma exclusiva, tanto para seu podcast quanto para o jornal. Ambas as histórias poderiam ser publicadas de uma vez, claro.

— Podemos fazer isso funcionar — Nate concordou, assentindo.

Eu podia praticamente vê-lo salivando. Dead Sergeants estava trilhando o caminho para ser a próxima banda de rock a lotar estádios.

— Sr. Morris, agradeço a proposta, mas creio que não tenho tempo. Minha irmã vai se casar neste fim de semana.

— O quê? — Nate surtou conforme Roger me olhou com um sorriso e uma rápida réplica.

— A banda está disposta a trabalhar de acordo com sua agenda, já que foi seu artigo que os fez assinar contrato com a Sony.

— Eu não sabia disso — Nate disse e lançou um olhar examinador na minha direção.

Olá, culpa, faz um tempo que não nos vemos.

Dei de ombros.

— Porque isso não é verdade.

Levantei-me, pegando um copo de água do *cooler* de Nate e voltei a me sentar diante dele enquanto bebia devagar.

O sr. Morris continuou, ignorando a animosidade crescente.

— A banda discorda, srta. Emerson. E eles têm um anúncio de uma próxima turnê no exterior para o lançamento do álbum no mês que vem. Além disso, um dos membros ficou noivo recentemente — Roger disse enquanto comecei a engasgar.

Pigarreei.

— Quem?

— Rye — Roger respondeu com um sorriso. — Normalmente, não gostamos de nos aprofundar no status de relacionamento por medo de que prejudique o relacionamento da banda com o outro sexo, mas parece que, cada vez mais, a mídia está buscando exatamente esse tipo de história para atrair leitores.

Isso era verdade, e um dos motivos pelos quais meu podcast estava sendo bastante visualizado semanalmente. Quando eu tinha sorte de conseguir uma exclusiva, fazia as perguntas mais intrusivas, e o público adorava. Com o sucesso de reality na TV, as coisas estavam ficando mais pessoais na mídia. E Dead Sergeants era a última banda com quem eu queria tratar de coisas pessoais.

Senti a expectativa de Nate e o sim entusiasmado do outro lado de sua mesa, mas mantive os olhos no mesmo olhar de expectativa de Roger Morris.

— Agradeço, mas, infelizmente, eu recuso. Tenho provas de roupas de última hora e um ensaio de jantar daqui a algumas horas. Tenho certeza de que entende como essas coisas podem ser assustadoras.

— Stella — Nate chiou.

Lancei um olhar de alerta para ele.

— Tenho certeza de que JJ pode cobrir — sugeri com um sorriso entre eles, uma solução rápida.

— Eles insistem que você conduza a entrevista. A banda está no hotel agora e deixaram a noite livre para você, então isso não deve interferir em seus planos do fim de semana.

— Maravilha — declarei quando Roger se levantou. — Posso encaixar lá pelas cinco.

— Ela estará lá em uma hora — Nate disse entre dentes ao tentar decidir o que fazer com meu corpo.

Os olhos de Roger me disseram que ele sabia exatamente por que eu estava hesitando, e ele tinha se preparado bem.

Ben. Vou matá-lo.

Lexi ainda não tinha superado o inevitável término deles. Embora tivesse cumprido sua palavra, não fora Ben que terminara. Fora Lexi. Ben ficou arrasado, mas a forma como ele reagiu foi uma punição cruel, sem contar as notícias nacionais. Algumas fotos nunca podem ser apagadas, principalmente com a mais nova *it girl*, uma estrelinha de Hollywood, seminua em seu colo. Aquelas fotos circularam por meses, lentamente arrancando a vida de Lexi. Ben estava cego demais para ver que ela estava muito envolvida nele, muito desesperada, muito solitária. Eu não concordava com os atos dela de forma alguma, mas via que ela era humana quanto ao amor e sua insegurança quando se tratava dele, e o relacionamento deles

a deixou doente. Eu entendia tudo muito bem. Nenhuma de nós teve o conto de fadas do rock 'n' roll.

Eu estava satisfeita.

E orgulhosa de Lexi. Ela estava dando seu melhor para voltar, e não tinha nada a ver com homens. Matriculara-se no primeiro ano de faculdade.

— Antes tarde do que nunca — ela dissera, e eu concordei.

Também conseguiu um emprego no estúdio como estilista para um programa de “Faça você mesmo” que era filmado na cidade. Lexi havia postado vídeos no YouTube quando o programa lançou e ganhou bastante atenção. Eu poderia correr a maratona em Austin se dependesse do jornal. Conhecia cada rua da cidade. Não precisava mais servir cervejas no Maggie Mae, devido ao recente grande orçamento do *Speak*, mas nunca me impediu de botar a mão na massa. Conhecia todos os administradores de baladas e, com frequência, era avisada quando os grandes nomes iam para a cidade. E, ao fazer isso, minha reputação era conquistada por notícias exclusivas. *Austin Speak* tinha os segmentos de entretenimento mais seguidos da cidade e estava sendo reconhecido nacionalmente com algumas de minhas publicações freelance. E tudo isso aconteceu no ínterim em que Dead Sergeants ganhou na loteria do rock 'n' roll, número um de sucesso na Billboard com seu primeiro álbum autointitulado. Assisti a eles subirem ao palco depois de ganhar dois Grammys de Melhor Artista Revelação e Música do Ano. No palco, Reid ficou para trás, mudo, enquanto o resto deles falava. Mesmo com o sucesso deles, Reid continuava com lábios fechados e longe dos holofotes.

Quando Roger Morris fechou a porta após trocar um breve cumprimento com Nate e comigo, decidi que iria incendiar a bunda de Reid Crowne com perguntas se ele fosse o responsável por me arrastar para o hotel deles.

Meus planos de vingança foram cortados ao ver Nate curvado sobre a mesa, com os dedos espalhados sobre o tampo.

— No que estava pensando?

— Seja mais específico — pedi, afundando de volta em minha cadeira com um suspiro. — E sabe que já me arrependi pelo negócio do telefone.

— O negócio do telefone? Oh, você diz quando anunciou ao prédio inteiro que você e eu sempre transamos?

— Não seja ridículo, apertei o botão do seu escritório. — *Merda.*
— Não apertei?

— Não ouviu os aplausos?

Merda.

— Stella — ele começou com as mãos nos bolsos. — Vamos, baby, você é melhor do que isso. Onde anda sua cabeça ultimamente?

— Não sei — respondi, meneando a cabeça. — Estou cansada, ok? Estou trabalhando duro aqui, na universidade, e minha irmã está enchendo meu saco por causa da diferença entre dois tipos de verde-pastel. Não tenho tempo para uma entrevista dessa proporção. Não estou preparada.

— Isso é mentira. Você sempre está preparada — ele retrucou com os braços cruzados. Olhou para mim. Nate Butler melhorava com a idade. Não era uma opinião parcial. Era um fato. Eu ainda me beliscava mentalmente todos os dias por ele ser meu.

— Desculpe, ok? Desculpe. Vou enviar um e-mail pedindo desculpas.

Nate assentiu e, quando olhei para ele, minha respiração parou.

— Te amo.

Ele deu a volta e me ajudou a ficar de pé e me puxou para seus braços.

— Aguarde um pouco, baby. Assim que finalizarmos essa questão, vou nos tirar daqui. Para onde você quiser ir.

— Para a cama — respondi com uma sobrancelha erguida.

— Fechado.

Ele franziu o cenho para mim.

— Este fim de semana vai terminar antes que você perceba, e estou tendo dificuldade com o problema da entrevista. Você vive por oportunidades assim.

— Por favor, Nate, deixe JJ cobrir. Estou exausta.

Ele suspirou, desesperado.

— Você sabe que nossa última história será lembrada, Stella. Isso vai explodir a circulação.

Olhei para o homem que tinha, literalmente, feito tudo que podia para provar seu amor e o beijei nos lábios.

— Eu faço.

Ele buscou meus lábios e me beijou, tirando meu fôlego. Quando recuou, sua voz estava rouca.

— Preciso que abaixe sua calcinha — ele disse tenso.

— O quê? — Nate nunca tinha iniciado sexo no trabalho desde a noite em que patinei para seu lado direito. — Dê ela para mim. Se me lembro corretamente desta manhã, é vermelha e rendada.

— É — confirmei, meu corpo ficando tenso com o comando em sua voz.

— Tire-a — ordenou.

Feliz, obedecendo sua ordem, ergui minha saia-lápis preta preferida, tirei a calcinha e, usando o dedo indicador, a balancei diante de seu rosto.

— Stella, você ajudou a construir este jornal. Erga sua saia — pediu casualmente, como se suas palavras não tivessem feito minha pulsação acelerar.

Ergui-a até a cintura conforme ele se inclinou, pretendendo manter minha atenção fixa na parte superior do seu corpo enquanto ele trabalhava na parte inferior do meu.

— Sem você, não seria metade do sucesso que é — ele sussurrou conforme minha respiração acelerava. — *Eu* não seria metade do sucesso que sou sem você — confessou, ajoelhando-se diante de mim ao abrir seu blazer azul-marinho. — Segure, baby —

murmurou ao meu clitóris e seus olhos se fixaram nos meus antes de colocar a língua para fora e dar uma lambida suave. — Te amo — Lambeu. Lambeu. Lambeu. Adicionou um dedo enquanto minha respiração deixava meu corpo e o enfiou ao me chupar ferozmente. — Penso em você gozando em meu escritório, naquela porra de camiseta — ele respirou ao adicionar outro dedo e o enfiar fundo enquanto eu me apoiava em sua porta e em sua boca faminta. — Eu queria te pegar naquele momento e, nossa, se ao menos soubesse o que nos tornaríamos — ele disse ao me lambe inteira —, teria te sequestrado naquele dia. — Explodia em sua boca conforme seus dedos aceleraram, saindo e permanecendo ali. — Você se tornou minha no minuto em que entrou por essa porta, linda. Tenho orgulho por ser minha. Nunca vou deixar você ir.

Eu não fazia ideia de onde estava vindo sua confissão.

Sentia isso dele todos os dias, mas ouvir as palavras saindo de sua boca conforme ele me adorava era outro nível. Nunca pressionei Nate por mais do que ele dava. Mas, de vez em quando, imaginava se ele ainda me amava do mesmo jeito. Se seus sentimentos tinham sido amortecidos por uma de nossas brigas ou diminuído um pouco devido à nossa capacidade de esticar o braço e nos tocar quando quiséssemos. Eu conhecia desejo e conhecia conforto. Tinha e sentia ambos no meu relacionamento com Nate, consistentemente. Ainda assim, suas palavras me tocaram profundamente. Se ele tivesse me pedido, naquele instante, para ser sua esposa, teria aceitado sem hesitar.

Ele se inclinou e encharcou o rosto em minha excitação, depois se afastou, lambendo os lábios.

— E amo muito esta boceta doce.

— Nossa, por favor, Nate — pedi quando ele se levantou e me prendeu à porta, seu antebraço em meu pescoço, pressionando levemente enquanto seus dedos passavam por meu sexo.

— Vou te devolver sua calcinha quando merecer, e isto — ele disse, colocando minha mão em seu pau latejante — quando chegar em casa do ensaio esta noite.

— Você não vem?

— Não posso — respondeu devagar, me soltando antes de a culpa aparecer em seus traços. — Tenho uma reunião por telefone.

Os ombros caindo, estreitei meu olhar.

— Você acabou de me fazer gozar para eu não brigar com você por isso?

— Sim. Mas cada palavra que eu disse foi verdadeira.

Compartilhamos um sorriso.

— Deu certo.

Ele me beijou profundamente e não parou até Sierra bater na porta.



The Flame – Cheap Trick

É INCRÍVEL O QUE PODE ACONTECER EM TRÊS ANOS. O HOMEM QUE EU ESTAVA INDO ENTREVISTAR TINHA DEIXADO MEUS PRIMEIROS meses em Austin sombrios. Havia sido um artista literalmente faminto e eu não tinha escolha a não ser assistir a ele crescer conforme os tabloides mostravam um interesse especial em seu progresso, mas com bom motivo. Especialista em seu ofício, Reid frequentemente tocava em shows com outras bandas para várias caridades. Junto com Ben, também gravava músicas com outros músicos famosos. O talento deles não tinha limite, e Rye e Adam eram elogiados por sua própria honra. Mas, juntos, os quatro voavam. Pelo menos da última vez em que pesquisei. E, apesar de falar para Reid que tinha visto isso acontecer, percebi que estava mentindo. Ainda era egoísta quando se tratava da banda. Ouvi o primeiro álbum deles sozinha em minha SUV sem interrupção, e sabia a maioria das músicas de cor. Era surreal ouvi-los de novo; tinham melhorado muito na execução e no som. Ouvia cada batida, cada nota e letra e tentava, em vão, encontrar Reid e eu naquele álbum. Lexi estava presente, assim como as músicas desesperadas que Reid escrevera em seu diário enquanto estávamos juntos. Fiz as pazes com o fato de que eu não estava lá. Em suas próprias palavras, nunca era para ser. Mas o ressentimento subjacente

cresceu, e me vi evitando qualquer artigo ou música nova que tivesse a ver com a Sergeants. Não tinha mentido quando falei que estava despreparada. Fizera tudo que podia para apagar Reid de meu radar. A visita dele naquele Ano-Novo, três anos antes, tinha me devastado. Ficara cega. Mas, conforme meu relacionamento com Nate crescia, tive que resumir a visita dele a Reid sendo Reid. Um homem que estava tentando ser melhor e queria se desculpar por todos os erros, inclusive eu. Eu estava na caixa de erros de Reid.

Tinha deixado meus sentimentos vencerem com ele e isso provou ser uma coisa *muito perigosa*. Mas a Stella Emerson de vinte e quatro anos não era mais uma granada. Era uma jornalista equilibrada, que não deixava seus sentimentos pessoais comandarem sua vida e tinha um caminho de ouro à frente.

Mais do que qualquer coisa, eu estava irritada por ser arrastada para essa parte do meu passado. Pelo menos era isso que dizia a mim mesma enquanto subia pelo elevador até o último andar.

A cobertura.

Imaginei o que Reid pensava disso. Talvez eu lhe perguntasse na gravação de meu podcast. Talvez o homem mais reservado do rock 'n' roll finalmente deixaria seus fãs saberem de seus processos e seus triunfos. Mas eu sabia que ele seria aquele homem discreto para sempre. Exausto de uma forma que não desaparecia nem com todo seu sucesso.

Meu celular apitou com uma mensagem nova.

Paige: Você pegou a espátula do bolo?

Eu: Sim.

Paige: Quando vai chegar aqui?

Eu: Por nada. Às sete.

Paige: Chegue às seis.

Respirei, frustrada. Não podia deixá-la me irritar tão perto de uma entrevista.

Eu: Vou tentar.

Apesar de Paige e eu termos feito as pazes, ela estava rapidamente anulando nossa trégua com suas exigências ultrajantes para sua dama de honra. O telefone não parava de apitar na bolsa e o silencieei sem olhar a mensagem. Verifiquei minha aparência no espelho do corredor. Meu rosto ainda estava meio corado pelo que havia acontecido na sala de Nate. E eu estava praticamente brilhando. Tinha que admitir que minha roupa estava matadora, assim como os saltos que jurei nunca usar. Realmente parecia uma jornalista séria. Meu cabelo estava arrumado e puxado para trás em um coque duplo trançado. A blusa de colarinho vermelha e com decote acentuava meu colo o suficiente, sendo sexy e casualmente profissional ao mesmo tempo. Além disso, usava máscara de cílios carregada e batom vermelho. Estava mais pronta do que nunca.

Bati na porta, com minha bolsa de equipamento em mãos. E, então, as agulhadas quentes pinicaram a minha nuca, e meu couro cabeludo se arrepiou.

Olhe para cima, Stella.

Meros segundos após esse sussurro mental, Reid Crowne tirou meu fôlego.

Reid me colocou para dentro da cobertura enquanto o resto de mim congelava ao vê-lo. O cabelo estava mais curto e agora emoldurava seu rosto. Ainda era grosso, mas estava penteado para trás com um pouco de gel, como se isso o irritasse. Estava de barba

feita, a mandíbula máscula claramente à mostra, e ele parecia... mais alto, mesmo comigo usando salto. Passei pela porta ao processar.

— Olhe para nós, adultos — declarei ao colocar minha bolsa em uma mesa na sala de estar e olhar de volta para ele com um sorriso.

Ele fechou a porta e se apoiou nela, enfiando as mãos nos bolsos. Estava com uma calça social cinza. *Calça social?* Calça de negócios, suas botas características e uma camiseta com gola em V preta que parecia ser feita para combinar com jeans, não com um terno de dois mil dólares. Precisava admitir que, mesmo com essa combinação esquisita, estava sexy para caramba.

— Cadê a gravata, Crowne? Tem uma reunião mais tarde? — Dei risada.

Meu sorriso desapareceu quando seus olhos desceram por meu rosto, varreram meu corpo com uma cautela que fez meu estômago se contrair e o calor se espalhar. Quando chegou aos meus saltos, seus olhos deslizou para o meu em colisão.

— Porra, você está linda.

Minha boca se abriu e meu coração parou e, então, continuou com aquela batida estranha, mas familiar. Abri a boca para falar e a fechei, incerta do que dizer. Ele não ia facilitar. Estávamos a um metro um do outro, apenas... encarando as similaridades e diferenças. Eu não conhecia mais o homem diante de mim, e me perguntei se um dia cheguei a conhecer. Ainda assim, em seus olhos, vi a chama inegável e soube, sem dúvida, que nunca tinha imaginado nossa atração. Queria sair dali, me julgando uma idiota naquele momento ao pensar que distância e tempo haviam me tornado uma mulher segura.

— Puta merda, Stella, é você?

Virei-me e vi Rye vindo em minha direção. Ele tinha se transformado em um homem e tanto. Porém, mesmo enquanto me puxava para seus braços e me girava, meus olhos voltaram para Reid. Ele ainda estava me observando com a expressão dolorosa.

Deixou seus olhos deslizarem para minhas mãos, apoiadas nas costas de Rye.

Rye exigiu minha atenção ao me analisar com um sorriso torto.

— O que aconteceu com você? Está muito gostosa!

Soquei seu peito.

— Está dizendo que não era gostosa antes?

— Não, você era, só... era uma garota gostosa de camiseta e agora está toda de Gucci e tal.

— Você também não está tão mal. E fiquei sabendo que está de parabéns. Quem é a sortuda?

— Angel, ela chegará daqui uma hora. Vai ficar por aqui?

— Não por muito tempo — respondi ao olhar para Reid enquanto entrávamos juntos na sala de estar principal.

A cobertura era espaçosa e moderna.

Ben e Adam saíram de um cômodo adjacente, bebendo Heineken, e pararam ao me ver.

Será que mudei tanto assim?

— Cristo, Stella, você está linda — Ben disse conforme Adam assobiava com os dedos.

Fui abraçada por Adam e Ben, que me tiraram do chão igual Rye tinha feito.

— Oi — ele sussurrou no meu ouvido ao me abraçar forte. — Senti sua falta, mulher — ele disse gentilmente ao me colocar de volta no chão.

E, apesar de pensar que queria arrancar um testículo e embrulhar de presente para Lexi, sorri de volta.

— Crowne, engula essa. Você ferrou com tudo deixando esta mulher aqui ir embora.

Olhei para Reid, aquela frase familiar demais, a mesma que saiu de sua boca anos antes quando ele me exibiu para Dylan. Ele

também estava pensando nisso, julgando por seu olhar. Repreendi Ben e virei o fogo na sua direção.

— Poderia dizer o mesmo de você. Não viu a *sua* ex — declarei com ousadia, fazendo o que podia para tirar a atenção da minha antiga história com Reid. — Você é um babaca pelo que fez.

— Não vamos conversar sobre isso *nunca* — declarou com voz séria.

— Que tal na frente das câmeras? — Ben voltou a me olhar como se eu tivesse lhe dado um tapa e estreitou os olhos.

— Nem pense nisso.

— Vamos *falar* disso — avisei com um alerta na voz.

— Certo, mas depois. — Ele suspirou.

— Combinado.

Tinha que admitir; o tempo tinha sido mais do que generoso. Todos estavam incríveis, principalmente o baterista. Ben olhou para mim.

— Não acredito no quanto você mudou.

— É, todos nós estamos aproveitando a vida — eu disse enquanto Reid ficava em minha visão periférica.

Mantive meu foco, apesar da vontade irritante de olhar para ele. Antes de o silêncio desconfortável passar, comecei, na missão de conseguir o que precisava e dar o fora. O calor estava ficando sufocante, sua ameaça sempre presente expandindo em meu peito com Reid tão perto.

— Então, onde arrumo tudo? Vocês têm um lugar em mente?

— Já direto para os negócios? — Rye perguntou, bufando. — Não quer beber nada primeiro?

— Provavelmente não é...

Fui interrompida pelo som de gelo à minha direita. Reid servia uma grande dose de uísque em um copo cheio de gelo e fui até lá pegar.

— Obrigada.

Dei um gole, e todos compartilharam sorrisos quando Reid se serviu de um copo. Recuei, atordoadas.

— Pensei que não bebesse mais.

— Ele consegue lidar — Ben me garantiu. — Não bebe muito.

Extremamente confusa, olhei na direção de Reid e Ben intercedeu.

— Vamos lá fora para a varanda, ver se acha que tem um bom lugar para a entrevista. — Ben segurou meu braço, e não tive escolha a não ser seguir. Assim que saímos, ele olhou para mim de forma conspiratória. — Ele foi para a reabilitação pela *terapia* — Ben contou em um sussurro. — Nunca bebeu tanto para precisar de ajudar para isso.

— Não faz sentido.

— Por que não? — Reid perguntou, me fazendo pular ao acender um cigarro atrás de mim, seu olhar em meus lábios.

— Caramba, cara, pensei que tivesse contado para ela — Ben protestou em rápida defesa.

— Conte. Ela estava ocupada demais me repreendendo para ouvir — ele respondeu, dando de ombros.

— Ok — comecei sentindo a acusação. — Bom, não é da minha conta, de qualquer forma — retruquei, a chicotada de seu humor repentino percorrendo meu corpo, um sinal revelador de que era uma má ideia estar em qualquer lugar com ele. — Aqui parece um bom lugar.

— Tem um quarto grande no fim do corredor — Reid disse. — Sei o quanto ama um colchão. Talvez todos nós caibamos nele, pelos velhos tempos.

Titubeei para ele.

— Qual é seu problema?

Ele sorriu, e eu me virei de costas para ele.

— Tenho um ensaio de casamento em duas horas — avisei a Ben. — Preciso começar com isso. Não me importo se a entrevista

for no maldito banheiro.

— Aí está a latininha arrogante que conheço e amo — Ben comentou, olhando entre Reid e eu com agitação. — Não comece essa merda, cara — Ben alertou. — Nós devemos a ela.

— É por isso que ela está aqui — Reid o lembrou. — Foi minha ideia — murmurou, cheio de sarcasmo ao soprar uma nuvem de fumaça e mexer as pedras de gelo em minha direção. — Por nada.

— Eu não queria vir — confessei com um suspiro. — E agora tenho certeza de que não quero ficar.

Reid jogou o resto da bebida em uma planta próxima, e eu fui em direção à porta. Ele me parou ao pousar uma mão no meu braço, mas me desvencilhei.

— Ben, deixe que eu fico com ela — Reid disse diretamente, seus olhos nunca deixando os meus.

— Não mesmo, ela já está puta. Precisamos fazer essa entrevista. Adiamos o comunicado de imprensa por dois meses para ela poder anunciar essa turnê!

— Vou ser bonzinho — ele sussurrou.

Ergui minha sobrancelha, sem a menor noção do que estava havendo. E resolvi que era melhor não saber.

— O que acha de não ser nada? Vou estar instalada na sala em dez minutos. — Voltei para dentro da cobertura e olhei Adam e Rye com cautela.

— Oh, merda.

Não sei de quem tinha vindo e não me importava. Ensaiei mentalmente uma lista de perguntas tanto para meu podcast quando para *Speak* enquanto ignorava a discussão. Minhas perguntas para o podcast eram bem mais pessoais, e eu não tinha intenção de me conter. É como os meninos disseram: eles me deviam.

— Stella — Reid sussurrou às minhas costas, me fazendo pular enquanto eu arrumava o tripé.

— Tudo bem, Reid, me poupe de suas desculpas. Vamos acabar com isso.

— Você não queria vir?

Suspirei profundamente, me recusando a olhar em sua direção.

— Não.

Senti o aperto começar em meu peito ao me virar para encará-lo e quase trombar nele. Tudo de uma vez, fui rodeada por nicotina, o toque de uísque em sua respiração e a porra do Irish Spring que parecia dançar de sua pele, me colocando em alerta.

— Você é podre de rico, não pensou em trocar o sabonete barato?

— Agora eles fazem sabonete líquido. — Ele deu risada.

Chicotada. Ou talvez eu só tivesse esquecido o quanto ele era volátil.

— Por que ainda está trabalhando no *Speak*?

— Sou feliz lá — respondi, surpresa.

— Mas não era isso que você queria — ele insistiu.

— Estou chegando lá — declarei. — Essas coisas levam tempo.

— Mentira. Era para você estar viajando e escrevendo. Esse era seu sonho.

— Sonhos mudam — respondi, dando de ombros. — Estou exatamente onde quero estar.

Ele me olhou como se cada palavra fosse uma mentira.

Suas próximas palavras foram tão secas quanto minha garganta.

— Que jeito de se destruir, Stella.

A pontada delas foi profunda. Eu não tinha planejado mais do que terminar a faculdade e viajar para shows, vivendo no circuito na esperança de conseguir um emprego em uma das revistas mais respeitáveis. Compartilhei essas esperanças com ele. Mas não era só isso que ele estava insinuando. Eu não estava fazendo nada que me assustasse e não tinha feito desde que me apaixonei por ele. O

fato de ele ter tido coragem de me cobrar isso após três anos ausente me deixou pálida. Tive que respirar mais devagar enquanto o medo se instalava. Ele me conhecia, e eu tinha me certificado disso.

— Me trouxe aqui para esfregar seu sucesso na minha cara?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Claro que não, te trouxe aqui para fazer uma entrevista com a banda.

Ajustei minha câmera no tripé.

— É isso que estou fazendo, Vossa Alteza.

Como sempre suspeitara, os jornalistas tinham feito uma brincadeirinha com o nome de Reid. Ele tinha sido considerado Rei Crowne.

— Não me convence disso — declarou com um aceno passivo.
— Isso está saindo tudo errado. Podemos começar de novo? Depois da entrevista?

— Vou ao ensaio de Paige.

— Ótimo, te vejo lá.

— Você não foi convidado — gritei para ele. — É uma coisa de *família*.

— É aí que se engana.

Consegui me recompor para a entrevista. E, depois de uma dose de uísque e alguns minutos desconfortáveis, começou a fluir. Após uma hora de interrogatório, Reid sendo o mais evasivo com suas respostas, eu tinha o suficiente para deixar jornalistas de todo o mundo com inveja.

Os meninos e eu rimos com antigas lembranças enquanto Reid ficava alheio e me observava. Com uma rápida olhada para o relógio, peguei minha bolsa e me despedi. Ben se esquivou de mim timidamente quando lancei um olhar direto em sua direção.

— Ligue para ela e acerte as coisas.

A mandíbula de Ben ficou tensa.

— Não fui eu que estragou tudo. — Não havia perdão em sua voz. Nem um mínimo de pena. Mas ouvi a mágoa, e era profunda.

— Converse com ela — pedi, insistindo. — Pode ficar surpreso pelo que ela tem a dizer.

— Acabou — Ben declarou. — Não há nada para falar.

— Você está aqui, e provavelmente não vai acontecer de novo por um tempo.

— Vou pensar nisso — prometeu ao beijar minha face. — Obrigado, Stella.

— Claro, obrigada pela entrevista fresquinha.

— Podia ter um pouco de paciência com ele — Ben comentou ao olhar para Reid, que me esperava na porta.

— Não somos como você e Lexi. É diferente.

Ele gargalhou e balançou a cabeça.

— Tchau, baby.

Encontrei Reid na porta.

— Deixa que eu te levo — ele ofereceu em um sussurro.

— Estou com o carro cheio de porcaria de casamento, mas obrigada — respondi ao abrir a porta. — Reid...

— Te vejo lá.



In too Deep – Genesis

— QUE DIA — NATE DISSE NOS ALTO-FALANTES DE MINHA SUV QUANDO ENTREI PELOS PORTÕES DO *country club*.

- Pode falar de novo.
- Que dia — ele repetiu, e eu dei risada.
- Como foi?
- Acho que meu editor vai ficar feliz.

Olhei para trás e vi uma limusine estacionar bem atrás de mim. Minha família descarada saiu do salão enorme com expressões curiosas. Meus primos gêmeos, Noel e Noah, atacaram Reid no segundo em que ele saiu do carro.

Não pude conter meu sorriso.

— Espero que esteja feliz, *babaca* — eu disse em um sussurro, e Nate ouviu.

— Stella, sei que estou trabalhando muito e está nos atrapalhando, mas juro que não vou deixar isso continuar por muito tempo.

— Não, baby, não estava me referindo a você. Estava falando de... Paige. O casamento dela é um circo.

— Stella — ele alertou. — Ela pode fazer isso por você um dia.

— Bom, com certeza não vou facilitar para ela. E vou me certificar de que *ela* faça viagens às três da manhã ao Walmart por uma semana para ver se eles receberam mais plástico-bolha barato.

— Seja legal, e depois venha se amassar comigo — orientou. — Ainda consigo sentir seu gosto.

— Combinado — respondi ao observar a multidão rodear Reid.

Era seu pior pesadelo, mas, estranhamente, ele parecia confortável o suficiente com as pessoas enquanto assinava a bolsa de minha tia Vesta.

Descarada.

— Combinado, hein? É tudo que mereço? Você está bem?

Não.

— Estou — respondi sem fôlego enquanto pegava algumas caixas no meu porta-malas.

Da porta da frente, Reid viu que eu estava com dificuldade e veio até mim, erguendo as mãos para meus primos, avisando que iria voltar.

— Precisa de ajuda? — perguntou ao se aproximar do meu porta-malas.

— Baby — falei para Nate na tentativa de afastar Reid. — Tenho que ir. Estou cheia de coisas.

— Ele não sabe sobre mim — Reid disse com um brilho malicioso nos olhos.

Um calor percorreu meu rosto enquanto Nate respondia.

— Ok, te vejo mais tarde. Me acorde — despediu-se com um tom sexy na voz.

— Pode? — perguntei a Reid, com a cabeça presa entre minha bochecha e meu ombro.

Reid arqueou uma sobrancelha.

— Desligar na cara do seu namorado? *Com prazer.* — Ele pegou o celular e desligou, depois o enfiou na minha bolsa antes de pegar as caixas de minha mão.

— É melhor rezar para ele ter desligado primeiro. Se tiver que explicar isso depois, você é um homem morto.

— Posso te dar o número do meu quarto — ele sussurrou no meu ouvido, me fazendo pular —, se for mais fácil para você me encontrar.

— Que brega — eu disse ao pegar as três malas cheias de boné bordado. — Não sou sua *groupie*, Crowne.

— Não — ele respondeu baixinho. — Não é.

Minha mãe nos viu da entrada e se apressou em nossa direção. Reid sorriu quando ela se aproximou em um vestido preto brilhante digno de um show da Diana Ross.

— Parece que finalmente vou conhecer os pais.

— *Mi hija!* Estou tão feliz por você estar aqui. Finalmente! — Ela me deu um beijo na bochecha. — Sua irmã está me deixando louca!

— Moro na mesma cidade que ela, mãe. Agradeça por você voltar para Dallas depois.

Reid sorriu para minha mãe, que era trinta centímetros mais baixa do que ele. Ele estava notando as similaridades. Precisava admitir que, quanto mais velha eu ficava, mais parecida ficávamos. No entanto, enquanto eu tentava trabalhar em minha sutileza, minha mãe tinha seu jeito. Analisou Reid.

— Quem é você?

— Sou Reid — ele respondeu com um sorriso apreensivo. — É um prazer te conhecer, sra. Emerson. — Passou todas as caixas para uma mão com facilidade a fim de estender a outra em um cumprimento, e ela franziu o cenho. — Cadê o Nate?

Não pude deixar de sorrir. Meus pais adoravam Nate e o status de astro do rock não significava nada para minha mãe. Ainda assim, precisei repreendê-la.

— Mãe, não seja grosseira, este é um dos velhos amigos de Paige.

— Oh — ela disse, olhando para a vestimenta casual e profissional de Reid. — De onde ela te conhece?

Minha mãe o olhou desconfiada enquanto ele colocava as caixas em um carrinho de bagagem que uma das madrinhas pegou.

— Trabalhávamos juntos — ele respondeu, cedendo a ela com a mesma diversão que rolou quando nos conhecemos.

— Reid — ela disse, tentando reconhecer o nome. E então seus olhos se estreitaram.

Oh, merda.

Vi sua palma da mão se erguer e se encolher conforme Reid levava dois tapinhas na cabeça. Ela foi direto ao assunto.

— Pensa que sou tão velha para esquecer que você levou *minha* filha? Que fez minhas filhas brigarem por meses?

Reid pareceu atordoado e me olhou, pedindo ajuda.

— Caso de família — sibilei ao deixá-lo lá para se defender sozinho. — Bem-vindo à festa, *astro do rock*.

Entrei no salão movimentado e fui recebida por, no mínimo, doze tias, tios e primos. Procurei Neil no lobby enorme e o encontrei em pé em um canto, observando, paralisado de medo conforme sua nova família marchava como formigas. Voei até ele e joguei as malas aos seus pés antes de abraçá-lo.

— Ei, irmão.

Ele sorriu quando me afastei. Neil e eu nos aproximamos nos últimos anos. Eu podia conversar com ele sobre tudo. Era uma dinâmica estranha, mas funcionava conosco. Definitivamente, eu tinha ganhado um irmão. Conversávamos bastante, principalmente nos últimos meses, quando ele precisou de conselho de como lidar com a família.

— Ainda pode desistir — avisei, cutucando seu ombro.

— Este é apenas o ensaio — ele disse ao observar a multidão aumentar atrás de mim.

— O lado do meu pai nem está aqui — contei, rindo, e Neil ficou pálido. — Vai ficar tudo bem — garanti a ele com minha voz meio trêmula conforme Reid apareceu com o braço de minha mãe em volta dele.

Traidora.

Ele deve ter falado a maior mentira para ela cair em suas graças e, pelo jeito que o encarava, eu sabia exatamente o que havia feito. Seus olhos encontraram os meus e observei seus lábios se curvarem em um sorriso. E o nervosismo estava de volta.

Neil se iluminou ao meu lado quando o viu.

— Caramba, cara, você é um colírio para os meus olhos!

Eles deram um abraço de homem, batendo nas costas um do outro, e encarei isso como minha chance de procurar minha irmã. A mão de Reid se estendeu quando tentei escapar.

Ele se inclinou para sussurrar:

— Agora ou depois, você que sabe.

— Vou procurar Paige.

— Depois, então.

Eu estava zozza e o ensaio ainda nem tinha começado.



— Stella! — minha prima preferida, Tangie, me cumprimentou na porta do pequeno cômodo onde seria o ensaio. — Deus, você viu Reid Crowne? Pensei que eu fosse morrer quando ele saiu daquela limusine. Pensamos que fosse o tio Georgie todo *chamativo*, mas não, um astro do rock aparece!

Dei risada, e ela segurou meu quadril, me puxando para perto enquanto caminhávamos.

— Você está gostosa! Faz muito tempo, prima. Preciso vir para cá mais vezes para te ver.

— Qualquer hora, Tangie, de verdade. Sabe que não gosto desses outros bobos.

— Ouvi isso — meu primo Ramon, o mais velho de todos os primos, se intrometeu ao se juntar a nós. — Minha nossa, Stella, você cresceu rápido.

— Não deixe a roupa te enganar — declarei com uma piscadinha.

Não demorou para eu ter um pelotão à procura da minha irmã e estava quase acionando uma busca quando a vi em um bar particular no fundo do salão, apontando para seu copo vazio.

— Só mais um — ela disse com voz arrastada.

Oh, merda.

— Mais nada — soltei quando ela ergueu a dose de tequila e sorriu para mim.

Peguei o copo dela e aqueci minhas entranhas com seu conteúdo.

— Paige, temos que ir — avisei ao segurá-la perto de mim, tentando decifrar sua sobriedade através da inspeção e, então, olhei para o bartender.

Ele me lançou um olhar apreciativo.

— Sério? — Fiquei séria. — Caia na real — soltei quando Reid entrou.

— Oh, meu Deus! — Paige exclamou, olhando para nós. — Você conseguiu!

Ela se desvencilhou de mim e foi para os braços de Reid, e eles se abraçaram, cumprimentando-se. Paige estava vazando energia, uma mistura de tequila e tensão, mas eu vi. O amor genuíno entre os dois, a amizade da qual eles sentiam falta. A culpa pesou em mim quando Reid me olhou enquanto Paige chorava.

— Parece que faz mais tempo — ela comentou, praguejando por suas lágrimas como se fosse uma boba.

E era, mas o que me maravilhava era a gravidade da situação. Tudo voltava às nossas decisões: a minha de beijá-lo, a nossa

decisão de ficarmos juntos e como isso afetou a nós todos de certa forma.

Ele me encarou com as sobrancelhas franzidas, tentando ler meus pensamentos enquanto eu olhava para Paige, que estava realmente feliz em ver o cara que era seu amigo antes de sua irmã separá-los e o rock 'n' roll engolir o resto do tempo e da atenção dele.

Reid sendo Reid abaixou-se para sussurrar para ela, fazendo-a sorrir.

— Então vai ficar para o jantar?

— Vou — ele respondeu e olhou para mim. — Se não tiver problema.

— Claro que não!

Olhei para o bartender.

— Alinhe as doses.

Trinta minutos depois, nós quatro, Neil, Paige, Reid e eu, estávamos rindo histericamente de Paige, que fazia uma imitação perfeita de nossa mãe, o que até Reid pôde identificar. Fiz o bartender substituir as doses de Paige por água, e ela pareceu não perceber. Sabíamos que era para estarmos em outro lugar, porém, por um breve instante, capturamos um vislumbre dos velhos tempos e não estávamos prontos para deixá-lo. Flagrei os olhos de Reid nos meus, e provavelmente era porque o estava encarando muito.

— Você está bem, maninha? — Paige perguntou quando bebi outra dose.

Estava acabando de beber devido à minha atenção de merda e sequei as mãos depois de chupar um limão e jogá-lo no copo. Apreendi meu limite anos atrás e raramente exagerava.

— Acho que a melhor pergunta é: você está? Não sou eu que vou me casar.

— Poderia ter me enganado — Reid murmurou, só para eu ouvir.

Desviei os olhos para ele.

— Não quero que se estresse — Paige disse.

Eu a interrompi rápido.

— Estou bem.

— Sei que fui difícil com você — ela disse baixinho. — Desculpe.

Sorri para ela.

— Você é a noiva.

— Vou me casar. — Ela me abraçou conforme nos sentamos nos banquinhos do bar, e Neil e Reid ficaram em pé conversando atrás de nós. — Ele fica te encarando — ela disse de repente.

Vi os olhos de Reid fitarem o chão e ele sorriu. Foi flagrado, porque Paige não estava falando nada baixo, e eu não consegui a impedir a tempo.

— Paige — censurei com olhos arregalados. — Eles conseguem te ouvir.

— Ainda o ama?

O olhar de Reid pairou no meu conforme Neil falava sobre a lua de mel deles na Jamaica.

Paige também tagarelava, como se estivéssemos falando do clima.

— Sei que foram apenas dois minutos que ficaram juntos, mas se isso te chateia...

— Paige — meio sussurrei, meio gritei quando ela continuou a tagarelar bêbada.

— Nãããão — ela disse com um sorriso confiante. — Você está feliz com Nate. E quem não estaria? O cara é *lindo*.

A mandíbula de Reid ficou tensa, e eu assenti para Paige.

— Aí estão vocês! — minha mãe gritou, e nós quatro pulamos. — Temos ensaio agora — ela disse, chamando-nos com as mãos em seu vestido ridículo. Ela pareceu um pouco confusa ao ver os copos vazios no bar.

— Ursinha? — meu pai perguntou, aparecendo atrás dela. — Quem está aqui? — quis saber, dando um passo à frente.

O calor queimou meu rosto, e comecei a entrar em pânico quando Reid deu um passo à frente a fim de se apresentar.

— Reid Crowne, senhor, é um prazer conhecê-lo.

Meu pai se encolheu e encarou a mão de Reid como se ele fosse retirar *depois* de ele ter falado quem era.

Pulei do meu banquinho.

— Pai, está tranquilo.

— Este Reid — minha mãe disse com um sorriso sem noção em nossa direção. — Gostei dele, querido. Ele vai presentear Paige com a limusine para amanhã. — Ela segurou Neil enquanto Reid tentava fazer sua mágica, que falhou.

— Acho que você deveria ir embora — meu pai soltou, lançando um olhar frio para Reid. — Agora.

Reid ficou aturdido e eu empurrei meu pai alguns passos para trás.

— Pai, não. Te imploro. Não faça isso.

— O que ele está fazendo aqui? — ele perguntou, desviando um olhar prata-acinzentado, da cor do meu, de volta para mim, como se eu o tivesse machucado fisicamente.

— Eu o convidei, pai — Paige avisou com voz arrastada, fazendo com que eu me encolhesse.

A coisa ia ficar feia, bem feia.

Apressando-me para desfazer a confusão, comecei a levar meu pai para fora.

Reid tentou se intrometer.

— Senhor, eu sei...

— Você precisa ir embora — ele declarou de novo, seus olhos bravos encarando-o fixamente, a voz inabalável.

Olhei de volta para Reid, minha mão no peito do meu pai.

— Não se preocupe com isso. Ok?

— Pai, não seja grosseiro. É meu casamento! — Paige estava desesperada enquanto tentava endireitar sua tiara verde com tule de bandeira mexicana pendurado.

Só precisávamos de um desfile de Chihuahuas e uma *piñata* para manter a calma.

— Paige — meu pai sussurrou em tom de censura. — Está bêbada?

— Não, pai — ela respondeu e baixou um pouco a cabeça.

Minha mãe olhou para todos nós, suas desconfianças em alerta antes de fazer seu discurso.

— Está séria comigo agora, Paige? — Minha mãe nunca aperfeiçoou totalmente o idioma.

— Sim, mãe, estou séria — Paige respondeu, cutucando a onça.

Minha mãe não estava brincando. Colocou as mãos na cintura, um sinal de que a coisa estava *oficialmente* feia.

— Já aguentei muito da sua merda, mocinha. Vai agir como uma noiva. Tem pessoas te esperando. Vá lá para fora agora, Altos Paige Ornita Emerson. — Paige baixou a cabeça a cada sílaba de seu nome. — Não tenho a paciência para contar ao nosso pastor, que te batizou, que você não tem respeito por *Jesus*.

Paige explodiu em gargalhada enquanto eu me acovardava atrás de minha irmã para me esconder do olhar acusador de meu pai.

— Eu respeito Jesus — Paige disse, beijando minha mãe na bochecha. Ela passou por Reid. — Ignore meu pai. Eu quero você aqui. Fique, por favor.

E, como se estivesse no roteiro, como se estivesse se preparando para aquele momento a vida toda, Paige se virou para o noivo e estendeu a mão.

— Venha, baby. Vamos fazer isso.

Neil balançou a cabeça com uma risada e pegou sua mão, olhando para Reid.

— Fique, cara. Está tranquilo — ele garantiu enquanto Reid o encarou sem responder.

Meu pai, que estava envelhecendo ao longo do dia em seu terno ajustado, olhou para Reid e para mim quando minha mãe seguiu o noivo para fora.

— Venha, Stella — ele chamou com uma voz raivosa. — Não quero que se chateie.

Reid olhou para mim com evidente confusão.

— Tudo bem — assegurei a ele. — Só espere aqui, ou sei lá.

Ele assentiu e observou meu pai pegar minha mão e me levar para fora do cômodo.

— Você é a dama de honra. É hora de ensaiar — ele disse severamente.

Olhei de volta por cima do ombro e vi a determinação de Reid. Ele não ia deixar quieto. Tinha perguntas e não iria embora sem respostas. Respostas que eu faria tudo que podia para esconder dele.



Após o ensaio e uma quantidade incessante de beijos, eu estava retocando meu batom no banheiro quando ouvi um clique atrás de mim.

Uma onda de energia nervosa circulou quando os olhos de Reid encontraram os meus no espelho. Ele se apoiou contra a porta, me analisando. Eu não conseguia superar a mudança nele. Olhos não mais escondidos pelo cabelo, estavam mais assustadores do que nunca ao me observarem delinear os lábios.

— Por favor — pedi, traçando o arco do cupido. — Estou quase batendo no DJ. Ele está dando bebida para meus primos de quinze anos. Peguei-os tentando roubar um carrinho de golfe. É com essa merda que estou lidando. E você viu Paige — lembrei-o, pressionando o gloss no lábio inferior.

— Você está me punindo.

— O quê?

— Por ir embora, por te abandonar, pelo show. Está me punindo por tudo isso.

— Estou apaixonada por meu namorado, Reid — declarei, fechando o zíper da minha bolsa.

Seus olhos queimaram.

— Pode ser verdade, mas também está apaixonada por mim.

— Não faça isso — soltei ao me virar para encará-lo de cabeça erguida. — Só não faça.

— Por quê?

— Porque é tarde demais — respondi quando meu coração soou um alarme. — Não quero brigar com você, Reid.

— Estou lutando por você, Stella — ele declarou, dando um passo à frente. — Continuo esperando você terminar com esse cara. Me diz que é um cara bom, tudo bem. Eu digo que posso ser o cara melhor. Estou entrando na briga. *Neste. Instante.*

— Você está louco — eu disse, gesticulando para ele abrir a porta.

Ele cruzou os braços, recusando-se a se mexer. Respirei fundo.

— Preciso ir.

— Estou certo. Está me punindo. Esteve me punindo. E não vai me ceder um tempo.

— Estive vivendo minha vida. Você esteve ocupado consigo mesmo.

— E você nunca atendeu a um telefonema.

— Você liga uma vez por ano — respondi, acusando.

— Em nosso aniversário. Era uma boa desculpa.

— Para quê? — questionei.

— Para te mostrar que ainda te queria!

— Ah, isso é ridículo.

— Não, o que é ridículo é você nem ouvir o que tenho a dizer. Recusa-se a tentar enxergar o quanto trabalhei para me endireitar. Fiz terapia. Mantive minha promessa a você, fiquei tranquilo e respeitei seus desejos quando se trata dele, mas não mais. Você pertence a mim.

Gargalhei.

— Praticando abstinência também, Crowne?

— Não, porra — ele respondeu. — Mas é só falar, Stella, e sou seu, e você é minha, e acabamos com essa merda de charada.

— Minha vida *não* é uma charada.

— Onde *ele* está quando é importante, como esta noite?

— Não ouse julgá-lo, nunca. Ele é o melhor homem que conheço. E quem é você para falar? Quando é *importante*? Está falando *sério*? Ele esteve lá nos últimos três anos. Onde você esteve?

— Aqui — ele respondeu, pressionando os dedos em minha têmpora antes de colocar sua mão quente em meu peito —, e aqui. — Sua palma da mão me queimou. — E trabalhando pra caramba para chegar a este momento. A isto. Agora.

— Eu o *amo*.

— Também me ama, e já fiquei sozinho o suficiente.

— Ah? É mesmo? Finalmente está pronto para Stella? — Bufeí. — O navio já zarpou, Reid. Saia do meu caminho.

Em um segundo, fui presa à porta, suas mãos segurando meus punhos, seus olhos imperdoáveis.

— Eu te amo.

— Não. — Foi um sussurro gutural.

— Eu te amo. E sinto sua falta, Stella. E isso não vai mudar.

— Pare com isso — pedi, tentando desvencilhar meus punhos.

— Sinto saudade de ouvir seus sonhos quando acorda. Sinto saudade de passar as noites só conversando em nossa cama. De coisas simples que nunca mais vou subestimar, contanto que eu as

faça com você. Só penso em você. Não durmo uma noite inteira desde que saíu da minha cama. Tudo que fiz do minuto em que deixei Austin foi para voltar para você como um homem melhor. Um homem mais capaz de lhe dar o que merece. Cheguei lá. Cheguei lá há um tempo, e é hora de você saber. E hoje e todos os dias depois são para te conquistar de volta. Não posso mais fazer isso. Não posso mais esperar. Não quero, Stella. É nosso momento.

Mordi meus lábios trêmulos.

— Stella, você não esqueceu. Vejo tudo só de olhar para você.

— Estou com Nate.

— Esteja comigo — ele insistiu. — Você me salvou, Stella. Morar com você, mesmo naquele apartamento de merda, foi a melhor época da minha vida. Não quero dormir outra noite sem você.

— Reid...

Sua mandíbula ficou tensa.

— Ele vai te pedir em casamento, se for esperto. Não aceite.

— Está maluco?

— Pior.

— O que é pior?

— Apaixonado. — Ele se inclinou para me beijar, e eu desviei os lábios. Ele xingou e mordeu o lábio, encarando-me, sua frustração palpável. Desesperado, deu um passo para trás. — Certo, vou jogar limpo, mas vou jogar. Quero você de volta. Quero você na minha vida.

— Você vai fazer uma turnê pelo mundo, Crowne. Exatamente como propõe que isso dê certo?

Reid me olhou atordoado, como se tivesse acabado de se lembrar de que iria tocar nos outros cinco continentes.

— Porra!

Revirei os olhos.

— É, tem esse pequeno detalhe *rock 'n' roll*.

— Venha comigo — ele disse baixinho. — Stella, dou tudo por mais sete minutos. Mas os quero. Você disse que eu podia tê-los.

— Era esse seu plano? Me arrastar para uma entrevista e depois me seduzir para sua vida falando que me ama?

— Faz três anos e você não o escolheu.

— Escolhi — declarei com a voz pesada.

— Não, você quer, mas não *consegue*. Há um motivo, Stella, e sou *eu*.

— Temos uma vida juntos. Estou feliz com Nate.

— Mas tem algo faltando — ele disse, forçando-me a olhar para ele. — Você pensa em como seria se estivéssemos juntos, se tivéssemos ido além. Ainda quer o conto de fadas, mas sou eu que vou lhe dar, e não posso lhe dar se estiver com o *príncipe errado*.

— Não estou — respondi, sem fôlego.

— Stella, não terminamos e você sabe disso. Sempre soube.

— Por que está fazendo isso? Não nos conhecemos mais.

— Sei que não é você mesma, não a versão que quer ser. Essa merda de dona de casa só vai te levar até aqui, e depois?

— Eu cresci, meus sonhos mudaram.

— Para combinar com os dele — ele retrucou, confiante. — Não se case com ele, Stella. Você não pertence a ele. Eu te assusto e isso é bom. Faça o que te assusta, lembra? Sempre foi bem rápida em acreditar em mim sem motivo. Vou te dar quantos precisar. Estou bem aqui, Stella.

Suas palavras acertaram em cheio quando arfei seu nome.

— Por favor, não.

— Eu te amo — ele disse, me soltando antes de deslizar o polegar por meu lábio inferior. — Penso em você toda vez que toco. Todo dia, levo você comigo aonde vou.

Raiva e mágoa me percorreram quando balancei a cabeça.

— Não tem direito de fazer isto. Não tem direito de vir aqui depois de anos...

— Não podia te fazer promessas na época, Stella. Eu não tinha *nada*, menos que nada, e, por dentro, me sentia constantemente confuso. Não conseguia parar. Não podia te falar isso na época. Você estava assustada o suficiente apenas começando, e eu estava muito desesperado.

Era a verdade. Ele não estivera em posição de me oferecer nada além do dia que vivíamos. Estivera se segurando por um fio na época. Era um dos motivos pelos quais nunca consegui odiá-lo totalmente por ir embora. Provavelmente um dos motivos pelos quais nunca parei de amá-lo.

— Eu lembro.

Ele se inclinou com um sussurro.

— Naquela primeira noite que você veio e lavou meu cabelo, lembra disso?

— Lembro — respondi conforme lágrimas quentes escorreram por meu rosto.

Ele as limpou com o polegar, suas mãos segurando meu rosto e esperando meus olhos.

— Eu ia acabar com tudo.

Ele se inclinou lentamente, muito lentamente, e roçou os lábios nos meus.

— Você salvou minha vida naquela noite só por aparecer. — Explodi em lágrimas sob o peso de sua confissão antes de ele me puxar em seus braços. — Está tudo bem, Stella — ele sussurrou com a respiração quente em meu ouvido. — Eu tinha que me endireitar. E, independentemente do quanto você tentasse, não poderia consertar.

— Eu ficava tão preocupada — confessei em seu peito. — Me preocupava todos os dias. Principalmente quando você partiu.

— Eu sei — ele disse arrependido —, e sinto muito que tenha passado por isso. Stella — ele disse, sussurrando —, você pensou

que não era suficiente, mas era exatamente isso. Você era suficiente para me fazer querer tentar consertar. Era suficiente para me fazer querer melhorar, me sentir melhor e, em certo momento, querer mais. Você salvou cada parte de mim. As partes que pensei que estivessem vazias, você preencheu. As partes que pensei que estivessem perdidas, você as trouxe de volta para mim.

Deitei a cabeça em seu coração e ele segurou meus braços.

— Agora posso fazer aquelas promessas, Stella. Todas elas. Qualquer uma que precisar ouvir.

— Reid — eu disse ao balançar em seu abraço.

Olhos verdes incendiados buscaram os meus.

— Só uma vez, fale tudo que quer me falar. Só esta vez.

— Não posso fazer isto — confessei. — Não posso. Nunca foi uma opção.

— Agora é — declarou, determinado.

— Não é justo.

Ele me soltou e cerrou os punhos.

— Não me fale sobre justiça quando tenho que esperar enquanto outro homem te toca, transa com você, dorme com você e te abraça. Não me fale sobre justiça, Stella. Eu tinha que me recompor. Fiz meu trabalho. Eu também te mereço, caramba — ele disse entre dentes cerrados. — Mereço ser tão feliz quanto o cara. Demorei um tempo para perceber que te mereço. Tempo demais, mas não é tarde demais. — Ele se inclinou com um sussurro cálido, meu corpo incendiando em resposta. — Eu quero você. Quero estar dentro de você, Stella, onde pertenço. Lembra de como era? De como *eu* era?

Sua respiração pinicava meu pescoço conforme ele pressionava seu corpo no meu.

— De como nos encaixávamos?

Um calor intenso deslizou entre minhas pernas.

— Pare — pedi, minha pulsação acelerada quando soltei uma respiração de desejo. — Não.

— Por favor, termine essa merda. Pare de me punir.

— Não estou te punindo. — Empurrei seu peito, dando um pouco de espaço a mim mesma. Estávamos perto demais de um ponto de que não seria possível voltar atrás.

Cruzei os braços e segurei as laterais do meu corpo.

— Eu o magoo, eu *me* magoo. Você não sabe o que está pedindo.

— Me diga que não me ama — ele sussurrou. — Diga, Stella — ele desafiou quando pisquei e senti lágrimas frescas.

Quando fiquei muda, ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Foi o que pensei.

Mas ele não tinha terminado, e o ar carregado entre nós dizia que poderia nunca terminar.

— Venha comigo — ele pediu, e eu balancei a cabeça.

— Não posso.

Ele xingou ao passar uma mão pelo cabelo.

— Não pode esperar que eu deixe minha vida por você, Crowne. Da última vez você...

Seus olhos se desviaram para os meus de repente.

— Eu o quê, Stella?

— Você me esqueceu — sussurrei. — Apareceu naquele show com outra menina. Esqueceu disso?

— Eu estava tentando muito te tirar da cabeça, Stella. Não significou nada. *Nada* para mim.

— Mas significou tudo para *mim*, Reid. Você... — Engoli em seco. — Não importa. Não posso. Estou com Nate.

— Pare de falar o maldito nome dele! — Reid chiou ao olhar para o chão entre nós, respirando rápido antes de lentamente erguer seu olhar para o meu. — Vou continuar esperando. — Ele me olhou com a sinceridade que tinha na voz e se inclinou para me beijar na

têmpora. — Nunca te esqueci, Stella. Nunca esqueci você, nós, nada.

Ele se afastou, me deixando totalmente exausta por seu cheiro, suas palavras e seus olhos trilhando meu corpo.

— Não é tarde demais. — Ele abriu a porta e saiu, levando seu calor junto.



Burn – Usher

FUI PARA O BAR PARTICULAR A FIM DE EVITAR OS OLHOS DE TODO MUNDO NA FESTA. PRECISAVA DE UM MINUTO PARA COLOCAR A cabeça no lugar. Vacilando com suas palavras, a leve pressão de seus lábios nos meus, suas promessas, entrei sem ver nada no cômodo e fui interrompida ao ver minha irmã, Neil e Reid bebendo no bar.

Paige me viu e me impediu de recuar.

— Stella.

— Ei — eu disse, me aproximando dela.

— Estamos nos escondendo. Tio Moto está tentando ser DJ agora.

Reid se intrometeu.

— Quantos tios vocês têm?

— Um milhão — minha irmã e eu respondemos em uníssono.

Paige estava bem bêbada ao colocar uma dose de tequila à minha frente. Olhei para Reid e o sangue correu por meu rosto. Estava ali, o calor, a queimação, suas palavras pulverizando todos os motivos para ficar longe dele. Ele me amava, e eu não conseguia fazer nada contra isso. Precisava me afastar antes que as chamadas me tomassem e o resto dele me consumisse.

— Você está bem? — Paige perguntou, olhando por cima do ombro. — O que está havendo? — ela perguntou entre Reid e eu.

— Nada — murmurei.

Paige lançou um olhar acusatório para Reid.

— Pensei que isso tivesse acabado.

— Acabou — soltei.

Ela se virou em seu assento, nos olhando.

— Claramente, não acabou.

— Paige — protestei, percebendo que minha irmã era a bêbada mais intuitiva da história da humanidade.

— Mentira — ela contrariou. — Eu podia sentir na época e posso sentir *agora*.

Ela olhou desafiadoramente para Reid.

— Ela tem namorado, sabia?

— Pare — repreendi.

— Eu sei — Reid assentiu com os olhos queimando entre nós.

— Paige, estou bem — avisei, tentando manter a raiva latina cheia de tequila de lado. Parecia que eu não era a única com ressentimento não dito.

— Não pode se chatear, Stella. Nunca mais consigo ver você daquele jeito!

Chacoalhei-a para olhar para mim.

— Pare!

Ela se soltou para encarar Reid de cabeça erguida.

— Não. Não desta vez. Ele precisa saber.

— Por favor, Paige. Por favor — implorei.

— Saber o quê? — Reid perguntou, sua mandíbula se transformando em pedra.

Neil deu um passo à frente.

— Paige.

— Ele precisa saber que você teve um AVC da última vez que ele foi embora.

Toda a animação sumiu do rosto de Reid.

— É — Paige continuou. — Depois que você decidiu passar na véspera de Ano-Novo e visitá-la. Ela teve um AVC dormindo.

Reid vacilou para trás como se ela o tivesse acertado.

— Como assim?

Neil analisou o choque de Reid e interveio.

— Paige! — ele repreendeu, tentando controlar o dando. — Reid, calma, cara — ele pediu, afastando-o de nós duas.

— É verdade — ela gritou para Neil antes de olhar de volta para Reid. — Amar você quase a matou. Ela afundou, Reid. Orgulhoso de si mesmo? Porque você a machucou. Machucou minha irmãzinha! Ela precisou colocar fita médica no olho para mantê-lo fechado *por meses* para poder dormir normalmente.

Pulei do terror para a humilhação.

Tequila. É. O. Maldito. Diabo.

Ou Paige era. Eu não conseguia decidir naquele momento.

Esse era o fato mais constrangedor sobre meu AVC, além do fato de meu olho levemente preguiçoso, o qual todo mundo jura que mal dá para notar. Eu estava cansada do drama de todo o episódio, o que era irônico, porque foi isso que me levou para o hospital. Acordar com minhas habilidades motoras paralisadas foi aterrorizante, mas me recuperei rápido. Ainda assim, minha família fazia drama com isso. Eu não ia morrer. Não tinha uma doença. Tive uma reação. E Reid estava alimentando isso.

Ele estava afastando os braços de Neil para tentar chegar a mim.

— Stella.

Seu rosto baixou enquanto seus olhos nadavam em lágrimas não derramadas ao tentar passar por Neil, que estava fazendo seu melhor para tentar impedi-lo de me confrontar. Permaneci calma porque precisava. Meu coração estava ameaçando começar aquela

batida estranha. Por mais que eu quisesse esquecer todos os problemas entre nós, não conseguia. Minha família, minha nova vida com Nate, até meu próprio coração se recusava a deixá-lo passar.

— É verdade? — ele perguntou com uma voz assustada.

Estava tão lindo naquele momento, vulnerável e suscetível à crueldade de qualquer veneno que o atingisse. Atraente, ele havia conquistado o mundo, só para ser culpado por aqueles que o incentivaram a fazê-lo.

Paige nunca se perdoaria quando ficasse sóbria.

— Reid, não foi sua culpa — jurei enquanto ele se despedaçava como eu sabia que faria.

— Caralho, Neil — ele praguejou, empurrando-o para chegar a mim. — Deixe-me falar com ela!

— Parem, por favor — implorei para os dois ao me virar para olhar para Paige. — Por quê? Por que magoá-lo assim?

Ela jogou os ombros para trás.

— Ele não pode mais te machucar, Stella. Não vai. — Ela olhou de volta para Reid. — Só a deixe em paz. Se gosta dela, só a deixe em paz.

Reid parou de lutar quando as palavras dela o acertaram como golpes. Ele se soltou de Neil antes de quebrar todos os copos visíveis do bar.

Paige gritou quando eu dei um passo na direção dele.

— Reid.

A respiração dele estava ofegante conforme baixou a cabeça, arruinado. Voltei-me para minha irmã.

— Caramba, Paige! — Virei-me para Neil, gritando. — Tire-a daqui!

Paige nos encarou com olhos arregalados e cheios de hesitação, mas deixou Neil levá-la para fora.

Regularizei minha respiração na tentativa de acalmar a dele.

— Stella. — Sua voz foi um sussurro quando ele se virou para mim. Uma lágrima caiu de seus olhos, a dor contorcendo seu rosto.

— Tive meu primeiro AVC quando tinha quinze anos — contei a ele. — Não foi sua culpa.

Eu o vi se quebrar visivelmente diante de mim com sua pergunta.

— E quando parti?

Balancei a cabeça.

— Foi muito leve, Reid. Nem senti. Aconteceu dormindo. Os médicos pensam que foi porque superaqueci e, depois, fiquei no frio.

— Por quanto tempo?

— Tempo suficiente — respondi, me odiando por isso.

— Por quanto tempo ficou lá fora depois que fui embora? — ele perguntou.

— Tempo demais.

— E não é minha culpa, huh? — Ele olhou cético para mim. — Então por que superaqueceu?

Dei de ombros.

— Sempre fui emotiva. Como falei, a *mesma coisa* aconteceu quando eu tinha quinze anos. Estava brigando com Paige. De todas as pessoas, é muito fácil para *ela* apontar o dedo. Não teve *nada* a ver com você.

— Por favor, não minta para mim — ele pediu baixinho. — Por favor, Stella.

— Isso não ameaça minha vida. — Ok, essa era uma mentirinha. — Preciso tentar ficar tranquila, calma. Não é nada demais. Só não posso lidar com temperatura extrema, e não posso ficar estressada. Vou viver bastante. — Isso era verdade.

— Por que não me contou?

— Porque aquela noite era para ser uma despedida — eu disse. — Porque eu tinha Nate, Reid. Tenho Nate, e ele cuida de mim.

Reid engoliu em seco ao ver a bagunça de vidro no chão.

— Como chegamos aqui?

— Eu estava pensando exatamente isso — confessei baixinho.

— Estava me perguntando se, caso eu nunca tivesse te pedido para me beijar, estaríamos melhor? E então lembrei de todas as coisas que vieram disso.

— Baby — ele hesitou, balançando a cabeça como se para afastar. — Você teve um AVC? — Seus olhos se enevoaram, então vi mais emoção escorrendo por sua bochecha.

Senti a ruína. A mesma dor que vi todos aqueles anos quando nos separamos.

— Tive — respondi com os olhos lacrimejantes. — Mas não é culpa sua, Reid. Não te culpo e, se eu não tivesse ficado tão esgotada depois, nunca teria contado a Paige que você tinha ido lá na noite anterior. Ela contou ao meu pai, mas minha mãe não sabe. É por isso que você ainda está vivo. Provavelmente é melhor se salvar.

— Poxa, Stella — ele disse ao me puxar para ele.

Suspirei, deixando-me afundar em seus braços. Descansamos um no outro em silêncio, nossos corações batendo no mesmo ritmo com muita coisa entre nós. Eu tinha que me tirar dessa. Tinha que nos libertar.

— Porra de tequila. — Dei risada. — Não cai bem para a gente, Reid.

— Mordi a isca — ele murmurou, rindo.

— Somos como uma bomba atômica sempre que nos juntamos — eu disse ao ver a fadiga que coloquei em seus olhos.

— Você finalmente explodiu, hein, Granada? E eu puxei o pino. — Nós dois rimos inapropriadamente. Porque era isso que fazíamos.

— É melhor eu ir — avisou, me soltando.

— Paige não falou sério. — Segurei sua mão. — Ela te ama, Reid.

— É muito louco — ele disse. — Posso lotar estádios no mundo todo, mas ainda não consigo ter a aprovação da sua irmã. — Ele deu de ombros. — Dinheiro costumava ser o problema, e agora ele não pode resolver nada.

— Nunca foi esse o problema — declarei.

— Deus. — Ele passou as mãos no cabelo. — Acabei de me fazer de idiota.

Ele suspirou ao tirar dinheiro do bolso e colocar um maço no bar para pagar pelos copos quebrados.

Meneei a cabeça.

— Você precisa se fazer de idiota, Reid. Na minha experiência, é a melhor forma de demonstrar que se importa.

— Não fez nenhuma diferença, fez? — ele perguntou antes de pegar a garrafa de tequila do bar, sem aguardar minha resposta. — Não vim aqui para te magoar — ele disse baixinho. — Só pensei... caralho, Stella... só esperava...

— Reid? — Paige chamou da porta, os olhos cheios de lágrimas. — Posso falar com você, por favor?

Olhei para os dois e suspirei.

— Vou deixar vocês sozinhos.



She's Everything – Brad Paisley

DANÇANDO. FOI ASSIM QUE O ALÍVIO DE VERDADE VEIO NAQUELA NOITE. A FESTA ESTAVA SUPERANIMADA NO *country club*, E EU podia ver que os garçons estavam aterrorizados, e por um bom motivo.

Com exceção de se pendurar nos lustres, a festa estava fora de controle. Paige e eu estávamos juntas, dançando para caramba enquanto os acordeões tocavam pelos alto-falantes que meu primo Junior alugou só para a festa, declarando que o sistema de som do lugar “Não tinha baixo suficiente”.

— Deus, me sinto péssima — Paige confessou.

— Ei, pelo menos você causou drama em seu *próprio* casamento — chiei, mexendo o quadril.

Ela olhou na direção de Reid.

— Ele esteve quieto a noite toda.

— Você é terrível mesmo — eu disse quando ela baixou a cabeça. — Paige, ele está aqui por você. Vá falar com ele. Ele vai embora logo.

— Eu fui. Mas sei que ele ainda está bravo comigo.

A curiosidade se apossou de mim.

— Ele tem te ligado?

— Tem, desde que foi embora de Austin. Ligou da reabilitação.

Soltei suas mãos. Ela viu minha raiva e rapidamente se defendeu.

— Ele não deixou transparecer que queria mais coisa com você. Era para eu ter te contado? Torcendo bastante a faca na ferida, Stella? Ele só ligava uma vez a cada alguns meses.

— E perguntava sobre mim?

— Sim, e *nós*. Ele era nosso amigo, sabe.

Em pé no meio da pista de dança, não pude deixar de finalmente esclarecer.

— Por que não consegue simplesmente aceitar o fato de que o amo?

Ela cruzou os braços.

— Você o ama?

— Eu o amava — eu disse, desconversando. — E estávamos juntos, e não era uma queda da minha parte ou um lance da dele. Nós nos amávamos, Paige.

Ela se moveu para se afastar.

— Oh, não, não pode abrir essa ferida e sair andando!

Puxei-a para o lado na pista de dança e ela contestou com culpa escrita em todo seu rosto.

— Chega, Paige. Me ouviu? Deus, estou cansada de pagar por isso! Eu o amava! Eu o amava o suficiente para arriscar nosso relacionamento, e já paguei o preço. Quando vai esquecer isso?

— Paige — Neil chamou gentilmente, aproximando-se de nós duas.

Eu o ignorei, vazia por dentro com a confissão de Reid do que poderia ter sido e o desejo que ainda sentia e me ressentia, porque me fazia sentir uma mentirosa. Distorcia toda a lógica e me colocava na posição de defender meu relacionamento. Minha vida com Nate.

— Queria que soubesse como era ter seu peito dilacerado assim. Você teve sorte com Neil!

— Paige — Neil interrompeu de novo.

— O que foi? — Nós duas respondemos a ele, nossa discussão permeando o ar.

Metade da festa estava nos encarando. Olhei para Reid, que estava absorto, conversando com uma mesa cheia de primos meus, uma risada sincera saindo dele. Meu coração se apertou com o som. Ele tinha ficado contra o próprio julgamento, por Paige, e conseguiu se misturar muito bem.

— É nossa música — Neil disse baixinho para Paige, puxando seu dedo anelar aos seus lábios para beijá-lo.

A decepção de Neil superou minha raiva. Os olhos cheios de lágrimas de Paige puseram um fim à nossa discussão.

— Desculpe, Neil. Leve sua noiva.

Paige se virou para mim, exausta. Suas emoções correram de forma desenfreada pela primeira vez e pareciam as minhas. Não podia culpá-la por isso.

— Desculpe, Stella.

Assenti.

— Só pare de tentar me proteger dele. Não preciso da sua proteção. Sei cuidar de mim mesma.

Eu a amava, por mais que ela tivesse sido uma bêbada idiota. E seu noivo também, que estava se esforçando ao máximo para salvar a noite deles.

— Confio em você o suficiente para lhe entregar ao homem que escolheu, e espero que faça a mesma coisa por mim. Confie no meu julgamento. Confie em *mim*, Paige.

Com sua mão ainda unida à de Neil, ela se inclinou e colocou um braço em volta de mim.

— Vou confiar. Prometo. Por favor, só não o deixe te machucar de novo.

— Não vou — prometi ao abraçá-la e, depois, me afastei para dar dois tapinhas em sua testa.

Ela revirou os olhos cheios de lágrimas.

— Chega, querida irmã, vá dançar com seu noivo.

— Ok — ela respondeu e me lançou um olhar preocupado por cima do ombro. — Vai aparecer amanhã, certo?

— Só por ele — respondi e dei uma piscadinha para Neil.

Neil deu risada e puxou a noiva para a pista conforme Brad Paisley cantava “She’s Everything”.

Country era o gênero musical de que eu menos gostava, porém, conforme eu ouvia a letra enquanto eles dançavam na pista, meu coração se inclinou a favor da declaração de amor de Neil à sua noiva. Meus olhos se voltaram para Reid, que estava me observando atentamente. Ele também estava ouvindo. Dei meu melhor sorriso, mas ele não retornou, sua expressão séria.

Era um sonho ouvir aquelas palavras dele. Tudo. Foi isso que ele disse. Tudo. Foi isso que ele prometera me dar.

Tínhamos perdido tanto tempo.

Havia tanta coisa que eu queria saber.

Não sabia onde ele morava, como era sua vida. Só presumi que estivesse vivendo o sonho de todo astro do rock, porém ele tinha me dito que era diferente. Por mais que eu quisesse desconsiderar suas palavras, jogar fora a noção que ele tinha de nós por causa do jeito que ele me machucou, senti um vislumbre de esperança há muito esquecido. Ele estava bem ali, me esperando. Engolindo em seco, comecei a ir em sua direção. Meu pai foi rápido e segurou minha mão quando cheguei ao limite da pista.

— Stella, o que vai fazer?

Meu pai me puxou para seus braços, mas mantive contato visual por cima de seus ombros.

— Dançar com você, pai — respondi enquanto ele nos levava pela pista. Meus olhos ainda fixos no astro do rock sentado no meio do salão.

— Onde Nate está? — meu pai perguntou, me tirando de meu torpor e da vista de Reid.

— Provavelmente em casa agora. Trabalhou até tarde. Falou que vai trabalhar menos em breve.

— Que bom — meu pai respondeu, pensativo.

— Pai, não estou fazendo nada de errado. Ele está aqui porque Paige o convidou. Não se preocupe.

Ele se enrijeceu.

— Veja sua filha deitada na cama de um hospital porque um cara partiu seu coração e pense se isso não te assusta pra caramba.

— Foi a mudança na temperatura e você sabe disso. Aconteceu também quando eu era mais jovem.

Ele bufou, seu sarcasmo no máximo ao falar.

— Porque estava brigando com Paige e saiu na neve. São suas emoções e a mudança de temperatura, Stella.

— Pai, tenho tudo sob controle. Não vou deixá-las me controlarem mais. Reid e eu somos apenas amigos — garanti a ele, embora minha alma estivesse gritando pelo homem que estava apenas a alguns metros.

Meu pai me balançava conforme eu girava o pescoço para ver onde ele estava sentado.

Ele me ama.

Não posso lhe dar se estiver com o príncipe errado.

— Filha — ele disse. — Está muito claro. Sua mãe também viu. Qualquer um consegue ver.

— Não o vejo há anos.

— Ursinha, ouça — ele sussurrou. — Não é uma boa ideia ele estar aqui.

— Pai, eu amo Nate.

Milhares de agulhas espetaram meu peito conforme olhos verdes fixavam-se em mim.

Você também me ama.

— E significaria o mundo para mim se você fosse até lá e se desculpasse com ele, porque ele é importante para suas duas filhas. Realmente teve uma vida difícil e não precisa se sentir culpado por isso.

— Está me dando um sermão?

— Acho que sim — respondi, engolindo em seco.

Meu pai estreitou os olhos.

— Desculpe, pai, tem que admitir que errou. Você fez isso.

— Caramba, você e sua memória. Ouve tudo que digo?

— Sim — respondi orgulhosa.

— Certo... — ele suspirou —, mas só depois de dançar com minha ursinha.

Dei um beijo em sua bochecha. Buscando olhos diferentes, vi que Reid não estava mais em sua cadeira. Procurando-o com desespero, eu o vi na entrada, seu olhar hesitante fixo em mim enquanto dançava com meu pai, suas mãos na barra de metal da porta. Podia ver tudo ali: o arrependimento, o perdão, a decisão e a renúncia.

Brad cantava sobre entregar sua vida pela mulher que amava conforme Reid baixava o olhar e passava pela porta.

Segurei os ombros de meu pai quando ele se afastou de mim pela segunda vez.

Com o coração apertado, me joguei nos braços dele e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Filha?

— Dance, pai, só dance — pedi ao chorar baixinho em seu paletó.



Em nosso apartamento horas mais tarde, observava, da cadeira de balanço que escolhemos juntos, Nate dormir no sofá. Seu cabelo loiro-avermelhado, escuro, estava bem bagunçado de um dia inteiro passando as mãos nele. Ainda estava com a calça de trabalho e a regata que usava debaixo da camisa. O homem incrível que eu amava dormia pesado, sua respiração regular. Atrás dele, havia três fotos de nós. A primeira era em um jogo da universidade. Eu estava sentada em seu colo com as mãos grudadas em seu pescoço. Sorríamos como dois doidos. A segunda era no barco de Gabe. Eu tinha acabado de pescar um achigã enorme e o estava segurando orgulhosamente para a câmera. Nate estava atrás de mim com os braços me envolvendo. A última foi na véspera de Ano-Novo semanas atrás. Nate estava me beijando em um cômodo cheio de gente. Era fofa e minha preferida. Funguei ao conter as lágrimas se formando e senti a culpa começar a me corroer. Sabia, sem dúvida, que o tinha traído. O beijo no Ano-Novo que Reid me deu não era nada comparado ao engano em meu coração. Amava Nate Butler. O suficiente para me casar com ele e continuar com a vida que construímos, a história que começamos.

E eu amava Reid Crowne com uma paixão que poucas pessoas sentem na vida inteira.

Não havia disputa em meu coração. Tinha vivido sem uma por tanto tempo que o abandonara pelo outro. Nunca me senti traída ou como se estivesse faltando algo, porque a escolha nunca foi minha.

Até aquela noite.

E Reid tinha acabado de virar tudo de cabeça para baixo.

Estou bem aqui, Stella.

Coloquei as mãos na boca ao lutar contra os soluços. Estava tudo errado, muito errado. Eu as tinha mantido separadas por tanto tempo que não sabia como encarar o fato de que a mulher na pista de dança, pronta para fugir com Reid, era a mesma mulher sentada na cadeira encarando Nate.

Ficara sentada em minha SUV por uma hora tentando encontrar a coragem para dirigir, porque não sabia aonde iria acabar.

Dilacerada.

Apaixonada por dois reis valiosos, e eu era a rainha condenada.

— Ei — Nate chamou, um sorriso preguiçoso e sexy cobrindo seu rosto. — Baby, o que está fazendo nessa cadeira tão longe?

Eu sabia que, se falasse, ele ouviria em minha voz. Respirei antes.

— Stella?

— Oi — cumprimentei com a garganta cheia de emoção. Estava muito ferrada.

— Ei, o que aconteceu?

— Queria escrever para os grandes canais, Nate.

Ele se sentou e fitou o chão entre nós.

— Eu sei.

— Queria viajar quando me formasse.

— Nós vamos.

— Quando? — Eu me odiava naquele momento por pensar que não estava nada satisfeita com nossa vida, porque estava. Mas não poderia ignorar as acusações de Reid. — O jornal só vai ficar cada vez maior.

— Venha aqui.

Balancei a cabeça.

— Estou sendo deixada para depois?

— Para depois? — ele perguntou, passando as mãos no cabelo.

— É, até você descobrir seu futuro?

— Meu futuro... — Ele estreitou os olhos para mim e jogou a cabeça para a frente, como se não tivesse ouvido direito. — Stella, de onde isso está vindo?

— Só quero saber se estou tomando as decisões certas.

Ele se levantou e andou até mim.

— Por que está chorando?

Sequei as lágrimas com as costas da mão.

— Me responda, Nate.

Suas narinas inflaram conforme ele me olhou de cima.

— Isso é porque Paige vai se casar? Você quer um anel? Se quiser, isto é um jeito terrível de pedir um.

Revirei os olhos.

— Não se trata de anel. Não quero um anel.

— Não? — Nate perguntou, confuso. — Bom saber. — Ele foi até o quarto e o segui.

— Não foi o que quis dizer.

— Bom, quer ir direto ao ponto? Porque estou bem confuso quanto ao motivo de ter acordado com minha namorada chorando e me questionando. O que aconteceu nesse ínterim entre sair do escritório e agora?

— *Você* foi a uma *reunião* — eu disse, esfregando os olhos.

— Jesus, Stella, pedi desculpa. Queria estar lá.

— Poderia ter ido depois da reunião. Paige só vai se casar uma vez. — *Espero*. — Por que não foi?

Ele arrancou as almofadas decorativas da cama e me olhou.

— O que está fazendo? O que é isso?

Segurei minha blusa, arrancando-a e baixando a cabeça com vergonha. Era eu falando as palavras de Reid, tentando encontrar defeitos que não existiam. Eu me despi, percebendo que estava sem calcinha. Ainda estava no bolso de Nate. E eu ainda estava molhada por Reid ter ficado tão perto. Eu era a pior mulher do mundo.

— Isso é inapropriado. Desculpe. — No banheiro, abri a torneira de nossa banheira e me afundei na água escaldante.

Minutos depois, Nate se sentou na beirada da banheira, me encarando. Seu peito esculpido era meu foco. Não conseguia encontrar seus olhos.

— Stella, está infeliz? — Minhas lágrimas escorreram rápido e ele suspirou. — Está.

— Não. — Minha voz falhou. — Não, juro, Nate, você me faz muito feliz. Sinto muito. Simplesmente me ignore, só estou... cansada.

Três anos de “eu te amo”, de sorrisos, de noites nos lençóis. Três anos compartilhando nossos garfos no jantar, compartilhando artigos, estando ao seu lado direito. Todos eles felizes, nossas maiores brigas de lado. Três anos passaram como moedas de um centavo brilhantes espalhadas por todo o chão entre nós.

— Eu te amo — sussurrei.

Você também me ama.

Eu me encolhi, temendo que Nate visse. Olhei para cima com relutância. Os olhos de Nate penetraram os meus.

— Me conte.

— Foi o dia mais longo da minha vida.

Ele tirou a toalha da prateleira atrás dele e a segurou.

— Venha — ele disse. Joguei um pouco de água no rosto e balancei a cabeça.

— Só me ignore. Nate, ok? Dia ruim. Tudo ruim.

— *Tudo* ruim? Por favor, Stella, estou em pânico aqui.

Com sua insistência, meu peito primitivo e cheio de dúvidas que não existiam até aquela noite, saí do banheiro e fui para seus braços, montando em seu colo e encharcando sua calça.

— Não posso te ajudar se não conversar comigo — ele sussurrou em meu cabelo.

— Só quero deixar minha marca, sabe?

— Baby, você vai. Seu público está crescendo, tem uma base de fãs, e é só questão de tempo. Stella — ele disse, com a voz gutural. — Está dizendo que quer terminar?

Olhos azuis se fixaram em mim, puxando cada cordinha em meu peito, me lembrando de nossa história.

— Não. Meu deus, não, Nate. — Envolvi os braços em seu pescoço, encharcando-o em meu passado. Um passado que nunca quis que chegasse nele.

— Stella — ele disse firme, seu pau se endurecendo debaixo de mim —, apesar de isso poder me fazer parecer insensível ou um idiota egoísta, preciso te foder, *agora*.

— Sim — chiei, seus lábios esmagando os meus, me punindo por fazê-lo duvidar de nós.

Nate andou de costas sem enxergar comigo agarrada a ele.

— O que está fazendo comigo? — ele perguntou rouco ao segurar minha bunda e me esparramar sobre sua barriga nua, suas costas deitadas em nossa cama.

Segurei o seu pau com firmeza enquanto ele olhava para mim com um olhar azul profundo. Seus olhos se fecharam com um gemido quando me afundei em cima dele.

— Me diga o que fazer — ele pediu, seus olhos tremulando enquanto eu, lentamente, subia e descia por sua ereção grossa.

Meu cabelo encharcado derramava água em suas coxas. Ele grunhiu quando apertei-o entre minhas pernas, meu coração martelando, meu desejo por ele me estimulando ao limite.

— Nate — choraminguei, conforme as lágrimas inundaram meus olhos e me apoiei em seu peito na tentativa de me conter.

Sua voz vacilou quando ele nos virou e me prendeu à cama.

— Estou te perdendo?

— Por favor, Nate — implorei, abrindo mais minhas pernas, e ele se abaixou até nos conectarmos.

— Me responda. — Ele me pressionou para baixo e começou a se mover, esfregando-se em mim enquanto segurava meu cabelo.
— Stella — ele exigiu.

— Eu te amo — respondi quando ele acelerou o ritmo.

Agarrei-me a ele, desesperada, o desejo percorrendo meu corpo, o passado e o presente colidindo pela primeira vez. E, ainda assim,

era Nate com quem eu fazia amor. Nate, me envolvi nele. Era o nome de Nate que eu gemia quando gozava. Ele enganchou minha perna acima de seu ombro, afundando mais, fundindo meu clitóris ao seu pau enquanto eu me desmanchava, uma, duas vezes, seus olhos se fixando em mim com sua acusação até ele se desequilibrar, aliviando-se enquanto mordida a pele de meu seio.

Ficamos deitados em uma pilha de sedação enquanto eu passava a ponta dos dedos por seu cabelo.

— Me diga o que fazer — ele pediu baixinho.

Encolhi-me com a raiva em sua voz. Ele tinha todo o direito de ficar bravo.

— Te amo. — Era a verdade e minha única resposta.

E caímos no sono pela primeira vez como estranhos. Mas eu estava determinada a abandonar a mulher com quem ele não era familiarizado, assim como fiz antes, para lhe dar a mulher que ele merecia.

— Te amo — sussurrei de novo no quarto escuro enquanto ele dormia. Mas as palavras coloridas de verde me mantiveram acordada.

Você também me ama.



Drive - The Deftones

8 meses depois

EU DIGITAVA FURIOSAMENTE NO TECLADO ENQUANTO OLHAVA PARA AS ANOTAÇÕES QUE TINHA FEITO NO SHOW. HAVIA UMA NOVA banda circulando Austin e eu sabia, sem dúvida, que tinha potencial de chegar longe. Não estivera tão apaixonada com algum grupo novo desde a Sergeants, e estava dando duro para fazer justiça a eles. Estava torcendo pelo mesmo resultado e sucesso que a Sergeants teve. Ignorei os lampejos de lembranças que tentavam surgir na comparação das duas bandas. Tinham uma sensação similar, eram carismáticos, mas tinham som diferente. No entanto, estava lá, o fogo, a necessidade de disseminar as palavras.

— Linda pra caralho — Nate sussurrou quando sorri para meu teclado.

— Estou quase terminando — prometi. Dei uma olhada no relógio. Era quase meia-noite.

— Mentirosa — ele disse suavemente ao se sentar na cadeira oposta à minha. Olhei por cima do monitor e minha respiração falhou. Seu olhar estava cheio do que suas palavras transmitiam. — Às vezes olho para você e não acredito no quanto cheguei perto de desistir.

Parei de digitar.

— Desistir?

Ele acenou.

— No início. Você era muito jovem e nem por um segundo pensei que ficaria aqui.

— Nova York ligou esta manhã — eu disse com uma piscadinha —, quer que eu retorne a ligação?

— Só se concordar em atirar em mim primeiro — ele respondeu antes de morder o lábio, pensativo.

— Nunca fui a Nova York — contei.

— Você a comeria viva — declarou com confiança.

Ele deu a volta e se aproximou de onde eu ainda digitava minha admiração pelo cantor, que tocava piano, guitarra e, recentemente, tinha criado a primeira demo da banda. Nate olhou o artigo.

— Tão boa assim, huh?

— Sim, Nate, acho que talvez eu ligue para Roger Morris. Acha que ele me escutaria?

Nate passou os dedos por meu cabelo.

— Baby, sua opinião importa.

Pausei meus dedos no teclado. Havia esperado cinco anos para ouvi-lo dizer essas palavras.

Olhei para ele.

— Você é uma autoridade agora. Foi por isso que LA ligou, Chicago ligou e Nova York ligou. Querem a nova voz literária da música.

Meus lábios tremeram quando ele se abaixou.

— É a verdade. Não é porque te amo, porque é a mulher mais bonita do mundo, porque faz panelas cheias de enchiladas ou porque tem uma boceta deusa. — Ele sorriu maliciosamente com sua grosseria. — É porque você mereceu. Sua opinião importa... *sua*, Stella Emerson.

— Boceta deusa? — Dei risada quando as lágrimas de felicidade inundaram meus olhos.

— Sim, devemos demonstrar os efeitos dela? — Ele olhou por cima do ombro para a redação vazia que abrigava mais de trinta funcionários.

Olhei para o cômodo vazio atrás dele.

— Um dia chegou a imaginar que ficaria tão grande?

— Deus, eu esperava que sim — ele respondeu, os braços cruzados conforme encarava o cômodo com um sorriso sonhador.
— Acho que é hora de eu ceder um pouco.

— Hum, será um dia maravilhoso — declarei e me encolhi com a quantidade de amargura em minhas palavras.

— Bom, então, acho que é melhor fazer as malas, porque esse dia é *amanhã*.

Ele colocou duas passagens de avião na minha mesa. Peguei-as e vi nosso destino.

— OH, MEU DEUS, NATE!

— Sete dias no México, você, eu e a deusa.

Todas as promessas que ele quebrara desapareceram com esse grande gesto. Eu entendi sua ideia, deixei a namorada necessitada ficar no banco de trás para nossas ambições, mas o jornal estava prosperando e havia uma administração suficiente para finalmente escapar em segurança.

Abracei-o.

— Obrigada!

— Vamos dar o fora daqui.

— Isso! — concordei, sorrindo.

— Só partimos às seis da tarde amanhã, então vamos nos divertir. Jon Jon vai nos cobrir.

— Para onde? — perguntei, salvando meu artigo e transferindo-o para meu pendrive.

— Esta semana se trata apenas de Stella — ele disse, seus braços em volta de minha cintura enquanto ele pegava meu blazer e o segurava para eu enfiar os braços. Eu estava de salto, calça de tecido e uma blusa. Sentia-me sofisticada e sexy, e refletia nos olhos de meu companheiro. — Vamos fazer algo, Stella.



De mão dada com meu homem, fomos até o bar lotado.

— Você é um velho. Vou entender se não quiser ficar a noite toda.

— Estou com seu velho bem aqui — ele disse maliciosamente ao levar nossas mãos unidas rápida e discretamente à sua virilha.

— Que rude — zombei em choque.

— Você sabe que ama — retrucou sem esperar uma resposta, a qual eu não tinha para dar.

Passei pela fila comprida e assenti para o segurança, Gerry, que acenou para entrarmos.

Nate sussurrou em meu cabelo.

— Minha mulher é muito foda.

— É mesmo — concordei. — Estive trabalhando arduamente há anos, ganhando pagamento de merda por esse privilégio.

Nate franziu as sobrancelhas, mas seus lábios curvados o deduraram.

— Eu te pago decentemente.

— Era suficiente para comprar papel higiênico, seu mão de vaca. Uma viagem para o México é um bom jeito de começar a me recompensar.

— Eu poderia ter te colocado como estagiária — ele disse, suspirando.

— Você queria muito isto aqui — respondi, passando uma mão dramática no rosto e no corpo.

— Eu quero agora, então o que me diz de pularmos a balada e irmos para casa?

— Está lotado — comentei, ignorando-o e olhando por cima de ombros, só para ver mais ombros. — Amo essa música.

— Qual é?

— “Talk Tonight”, de Oasis.

Ouvi o cara cantando e arrasando no vocal, sua voz rouca e cheia de alma. Comecei a tentar passar pela multidão.

Emo’s estava com o dobro de sua capacidade. Nate assentiu.

— Ele é bom. Vou pegar uma cerveja. Baby, o que você quer?

— Agora, nada. Ainda estou cheia do jantar.

— Vá. — Nate assentiu para o palco que nenhum de nós conseguia enxergar. — Eu te encontro, mas não comece a escrever nada, mulher. México, amanhã.

— Ei, senhorita! — Casey, um dos gerentes da casa, veio até mim. — Onde você esteve? Faz, tipo, dois meses!

— Ocupada. Sinto muito. Sei que estive ausente. Não estou conseguindo responder todos meus e-mails há meses. Então, finalmente, resolvi te cobrar uma daquelas cervejas que me prometeu.

— É o mínimo que posso fazer por você ter escrito aquele texto sobre a reforma. Ainda não consigo acreditar como elogiou tanto. Fez este lugar parecer um tesouro nacional.

— Parece que os negócios estão indo bem — comentei, olhando em volta para a balada espaçosa. Estava quase irreconhecível desde meus primeiros anos em Austin. Mesmo assim, em suas paredes havia lembranças que nenhuma tinta ou novo metal brilhante poderia apagar. Pigarreei. — Ei, o que está havendo aqui?

— É incrível, certo? — Casey disse, olhando para o palco.

Engoli em seco quando a consciência pinicou minha pele e a multidão começou a se abrir.

Olhe para cima, Stella.

A estática preencheu meus pulmões quando, finalmente, tive uma visão clara do palco. Meu estômago se revirou conforme Ben guiava o público em uma palma coordenada e Reid cantava a letra, sua alma ecoando pelo espaço, intransigentemente crua. Meu mundo se virou quando tentei respirar para conter a emoção que acompanhou meu extremo choque.

Casey se inclinou.

— Eles simplesmente entraram e disseram que queriam o palco emprestado. Pode imaginar? Acho que estão se sentindo nostálgicos. A notícia se espalhou rapidamente, aumentamos a segurança e a fila lá fora não vai entrar.

As palavras de Casey se estilhaçavam no barulho de fundo enquanto eu assentia.

— O louco é que eles estão tocando covers a noite toda. Nenhuma música própria.

Com meu coração se revirando rapidamente, segurei a lateral da mesa conforme via Dead Sergeants tocar como a banda de nível mundial que se tornaram. Não os tinha visto ao vivo desde que assinaram contrato.

Aquele choque foi elevado pela voz que soava como um anjo quebrado e pertencia a ninguém menos do que Reid Crowne.

Reid Crowne estava *cantando*.

Balbuciei alguma coisa para Casey, concordando, conforme tremia violentamente. Reid estava com o tronco à mostra, a camiseta enfiada no bolso de trás. Uma nova parede de tatuagens cobria seu lado direito do peitoral e se espalhava pelo resto de seu corpo esculpido. Inevitavelmente lindo, ele desafiava seu ritmo, seus olhos fechados, enquanto o suor escorria de sua têmpora. Cantava a história sobre uma garota que o alimentou, sobre uma garota com quem ele queria falar a quilômetros de distância, com a qual ele passou apenas um instante, uma garota que salvou sua vida. Ele fazia as batidas de maneira profissional na bateria, a bateria que eu lhe dera, enquanto arrancava meu coração com sua linda voz. Pulei quando Nate deslizou a mão na minha, entrelaçando nossos dedos.

Segurei-o com firmeza quando a música terminou. O público rugiu e os caras sorriram de volta para Reid e Ben se dirigiu a todos.

— Obrigado. Estamos aqui só para prestar nosso respeito a este grande lugar que nos ajudou a começar — Ben brindou, uma cerveja na mão, assentindo para o bar.

Jon, que ainda estava atrás dele depois de anos, ergueu o queixo e sua cerveja para brindar de volta.

— Prometemos nunca esquecer de onde viemos, Austin.

Os clientes gritaram conforme nós assistíamos e Nate se inclinou para Casey.

— A Sergeants, certo? Puta merda, você vai ficar bem para os próximos seis meses.

— Eu sei disso!

Eles compartilharam um sorriso e Nate me segurou firme enquanto o resto de mim se despedaçava.

Eu ainda estava cambaleando enquanto Ben os encantava com seu devaneio.

— Lembrem-se de dar gorjeta, pessoal. Eles não estão aqui porque vocês cheiram bem, porque estou sentindo o cheiro de vocês daqui e juro que não cheiram bem.

Risada e anarquia soaram no palco conforme ele olhava para nós. Pude ver a satisfação em seus olhos, as lembranças coletivas circulando na cabeça de todos da banda. Senti-me instantaneamente orgulhosa por ter estado lá para testemunhar o início deles. Eles estiveram em turnê nos últimos oito meses em estádios lotados. A turnê deles os consolidou como deuses do rock. Realizar seus sonhos deve tê-los deixado reflexivos e, por isso, deve ter parecido adequado que terminassem a turnê onde tudo começou. Em casa. E Emo's era a casa deles.

— Esta noite se trata de agradecer e retornar. Então, aqui está uma coisinha que fizemos para vocês.

Ele assentiu para Reid, que segurava as baquetas preguiçosamente quando tudo ficou escuro. O baixo soou primeiro

antes de a caixa soar, e quase caí para a frente ao reconhecer. Adam e Rye entraram no acústico enquanto a bateria de Reid ecoava no escuro, reverberando pela casa toda. O grave do baixo me chacoalhou sem piedade, recusando-se a cessar até que penetrou fundo e seguiu para um lugar que só tinha sido tocado... por um.

— Ah, meu Deus — eu disse, fraca, quando o holofote pairou em um teclado e Ben começou a tocar a melodia que eu tinha seguido minha vida toda. Meu coração batia tão irregularmente quanto estava minha respiração quando Reid abriu a boca e começou a me fazer perguntas.

A boca tremendo, os olhos inundados, dei um passo à frente, depois outro, e outro, então outro quando a voz nervosa de Reid soou pelo microfone, crua e cheia de emoção.

Em um mar cheio de estranhos, Reid cantava para *mim*.

Minha música preferida, tocada pela banda favorita *dele*, Deftones.

— “Drive”.

Um raio de sol quente se espalhou por meu corpo, um reflexo da exaltação de meu coração enquanto eu seguia à frente, ignorando a multidão, flutuando, consumida. Lágrimas se multiplicavam conforme ele perguntava repetidamente quem iria cuidar de mim, me tocar, me consolar. Pergunta atrás de pergunta sobre quem estaria lá para mim, quem seria responsável por mim, por meus sonhos. Estava tudo ali, em cada palavra. As perguntas para ele fazer enquanto me confrontava com seu coração e exigia minha verdade, sua verdade, a nossa verdade. Sua voz fluía como uísque pela balada, me atraindo cada vez mais para ele, sua alma vacilando sob o peso de nossa perda. Rye transitou na música e se apressou com o solo de guitarra enquanto Reid se balançava para a frente e para trás com a batida, sua cabeça chacoalhando sutilmente de um lado para o outro, olhos fechados, baquetas voando, imersas nas batidas que movimentavam minha alma. Sua voz era como um gemido bravo que me enganchava e me puxava

até a beirada do palco. Baixo e ritmo, melodia e palavras que soavam mais verdadeiras do que qualquer coisa que já ouvi.

Capturada sem aviso, fechei os olhos e voltei ao passado. Ao primeiro olhar demorado que ele me deu no banco de trás do carro de Paige, à curva lenta de seus lábios da primeira vez em que sorriu para mim. Revivi a explosão de nosso primeiro beijo e da noite em que nos abraçamos exaustos em seu colchão depois de entregar o coração um ao outro. Sua voz ecoava em uma exigência rápida conforme o baixo sumia e o palco escurecia em uma pausa, logo antes de voltarem e a multidão explodir atrás de mim. Reid ignorou o reconhecimento deles, mergulhando mais fundo, forçando sua voz, me perguntando, me implorando para responder antes de me trazer de volta à realidade com uma queda lenda na última nota. O lugar se encheu de gritos e elogios enquanto o baterista pressionava os lábios e soltava uma respiração dolorosa, olhando para baixo. Eu soluzei ao vê-lo magoado *por mim*.

— *Santeria* está aqui — Ben anunciou ao me ver aos seus pés.

De volta ao barulho, percebi que estava soluçando ao lado do palco, quando os olhos de Reid se ergueram naquele instante e encontraram os meus. Minha expressão se contorceu quando me desfiz por ele do jeito que ele fizera por mim. Deixei-o ver a garota de vinte anos que se rodeou de escuro porque ele se recusou a deixá-la entrar em seu próprio abismo. Sua expressão se contorceu de emoção quando ele se levantou da cadeira e passou correndo pela lateral do palco. Trombei com ele. Éramos braços e palavras desesperadas, então seus lábios tomaram os meus. Seu beijo me despedaçou conforme eu mergulhava para pegar tudo que podia, apertando a camiseta em suas costas na tentativa de rasgá-la. Éramos fogo e calor enquanto sua língua provava e confiscava, queimando através dos anos entre nós. Reid me dominava com seu beijo. Só quando estávamos sem fôlego, ele se afastou.

— Baby, está aqui mesmo?

— Reid — soluzei em sua boca quando ele me segurou como se nunca mais fosse soltar.

E eu não queria que soltasse.

— Reid — foi tudo que consegui dizer enquanto me desintegrava em seus braços, em seu abraço, a multidão rugindo e gritando atrás de nós, exigindo o baterista deles.

Mas ele não era deles. Era *meu* e tinha feito tudo que podia para provar para mim o que eu já sabia.

— Stella, baby, não chore.

Ignorando-o, me apertei mais a ele. Ele me segurou com firmeza e sussurrou em minha têmpora.

— Nunca te esqueci. Não consigo. Sabe que este negócio entre nós não vai simplesmente desaparecer. Não chore. Estou bem aqui — ele sussurrou. — Sempre estarei — ele prometeu.

— Foi tão lindo — declarei, chorando, quando ele puxou meu rosto de seu peito e olhou para mim.

Minhas faces em suas mãos, minhas mãos nas dele, ele murmurou:

— Você está linda. Deus, toda vez que te vejo...

E, então, seu sorriso sumiu, substituído pelo vislumbre de algo que eu nunca tinha visto. Segui seus olhos para a aliança em meu dedo.

Então a realidade veio nos atropelando.

Ele tirou as mãos de mim, a acusação clara em seus traços, todo o calor deixando-o. Incrédulo, ele me encarou antes de balançar a cabeça.

— Eu deveria saber. — Sua voz me cortou milhares de vezes quando ele falou de novo. — O engraçado é que nunca *senti* você me deixando — disse com uma voz cheia de ironia. — Nunca senti você me deixando, Stella.

Eu estava arfando ao perdê-lo, tentando segurar o homem de quem sentia falta enquanto ele deslizava por meus dedos.

— Reid...

— Reid — Ben repetiu atrás de mim. — Oi, Stella. — Olhei e vi Ben me encarar, exausto. Aparentemente, eu era um assunto doloroso quando se tratava da Sergeants. — Eles estão fazendo tumulto, cara — ele avisou, nos olhando e interpretando a tensão antes de balançar a cabeça e sair.

Não consegui falar nada. Estava arrasada. Encharcada de gasolina sem fósforo à vista, a dor, o desejo e a queimação, tudo ali. Olhei para Reid, que deu um passo para trás.

— Talvez você nunca tenha estado lá.

— Oh, eu estive — garanti a ele, dando um passo à frente quando ele ergueu a mão, uma parede entre nós. — Eu estive lá, Reid. E senti *cada* coisinha.

— Tem certeza? — ele perguntou, fitando-me com maldade antes de olhar para minha mão como se aquilo o enojasse. — Porque tenho quase certeza de que a garota por quem me apaixonei está perdida.

— Reid...

— Melhor ir para casa agora, Stella — ele avisou, seus olhos verdes brilhando e me encarando. — Seu futuro marido a aguarda.

Nate. Baixei a cabeça ao pensar no homem me esperando no bar com minha promessa da eternidade. Sequei o rosto e olhei para Reid, que estava tão inconsolável em sua raiva quanto eu em minha dor.

Uma música. Uma porra de música.

O pavor me percorreu quando percebi que, dentro de segundos naquela música, eu tinha perdido ambos.

Quando encarei o homem diante de mim, só pude esperar o inevitável.

— Queria que nós nunca tivéssemos acontecido.

Arfei diante das palavras cruéis.

— Juro por Deus que queria. Porque, pelo menos, falido e sozinho eu nunca saberia como é perder isto — ele murmurou antes

de começar a passar por mim e parar quando estávamos a um ombro de distância. Ali, vi sua decisão antes de ele falar. — Cansei de esperar.



Poison & Wine – The Civil Wars

PASSEI PELA PORTA DE NOSSO APARTAMENTO, TANTO ALIVIADA QUANTO ATERRORIZADA AO VER O CARRO DE NATE NA GARAGEM. Ele me deixou na balada, e eu não fazia ideia do que tinha visto, mas sabia que estava seguindo para o segundo inferno na Terra. Notei a casa extremamente quieta. Então ouvi a voz dele. A voz de *Reid*.

A pulsação acelerando, entrei na sala e vi a entrevista que tinha feito com a Sergeants meses antes passando no laptop de Nate na mesa de centro. Ele estava curvado diante dele e aumentou o volume quando fiz algumas perguntas para Reid.

— Na maioria das vezes, você fica de boca fechada sobre sua vida pessoal. Tem alguma coisa que gostaria que seus fãs soubessem?

Reid olhou diretamente para mim.

— Gosto de manter minha vida particular, *particular*.

Podia ver meu sorriso falso na tela do canto da sala.

— Você sabe que isso te torna mais misterioso, e que algumas mulheres acham isso atraente.

— Não penso nisso, nem na atenção — respondeu, soprando fumaça, seus olhos intensos fixos nos meus. Ele era tão óbvio.

— Vícios, monstros, Reid Crowne?

— Parei com todos meus maus hábitos há alguns anos. Ainda danço com meus monstros e os guardo debaixo da cama à noite. Eles não falam muito — ele respondeu, sério.

Lembrei de estar sentada naquela sala, a tensão permeando o ar entre nós. Como uma reflexão tardia, Reid trouxe seu cigarro.

— Vícios são perigosos — ele disse de forma direta, seus olhos me cobrindo de desejo. — Sei o que é bom para mim.

Nate pausou a entrevista e se recostou, com a cabeça nas mãos, esfregando-a furiosamente.

— Sempre me perguntei por que você não postou esse podcast. Sou muito idiota. Te empurrei direto para ele, não foi?

— Não — sufoquei.

— Eu estava tão interessado na história que não li nas entrelinhas. Você estava assustada naquele dia. Não queria fazer, e te forcei. Dei você a ele.

— Nate.

Seus olhos encontraram os meus. Estavam vermelhos. Ele estivera bebendo.

— Você soltou minha mão. No minuto em que ele começou a cantar, você soltou minha mão.

Senti o corte em seu coração. A traição.

— Sinto muito. Nate, por favor, acredite que não percebi que reagiria assim. Eu te amo.

— Desista, Stella! Ele sabe que você o ama. Porra, estou *enjoado* — ele disse e ficou pálido. — Ele é um maldito astro do rock e você não pensou em me contar nada?

— Ele não era nada quando o conheci.

— Deus, acabou de cair minha ficha. Ele é o garçom. Não é? Aquele com o braço quebrado. Você esteve com Reid Crowne antes de mim. Era *e/ele*. — Sua voz se encheu de pavor.

Assenti devagar.

Ele se levantou e andou até mim.

— Então você ficou com ele esta noite? Agora é minha vez? — Seus olhos brilharam com raiva e desprezo. — Não, obrigado. — Ele passou por mim e seguiu para nosso quarto.

— Nate, por favor, não faça isso.

Ele se virou para mim no corredor.

— Eu vi. Eu te vi! Você o ama! Você o ama, caralho!

Senti meu coração se afundar.

— Eu amo você.

— Eu sei — declarou ao se virar para o quarto. — Eu sei, Stella.

Pegou uma mala no armário e me olhou.

— Você transou com ele?

— *Não*. Eu o beijei. Me deixei levar pelo momento, e não é desculpa, então não vou te dar uma. Não posso explicar. — O desespero escorria de mim enquanto o assistia arrumar a mala. — Não vá embora.

A raiva em seus olhos me dizia que eu não tinha nenhuma chance de vencer aquela briga. Então desmoronei, e ele me pegou.

— Stella, pare com isso. Você não pode se chatear assim.

— Foda-se — praguejei com convicção. — Se for embora, vou ficar arrasada de qualquer forma — declarei, meu coração aberto. — Eu disse sim porque queria me casar com você, Nate. Está agindo como se eu tivesse dormido com ele, como se tivesse um caso.

— É a mesma coisa se está apaixonada por ele!

Eu sabia que ele tinha razão. Sabia que tinha, mas não me impediu de lutar.

— Nate, nós mal começamos, Reid e eu, e terminamos há muito tempo.

— Mentiras. Você não é mentirosa, Stella! Eu mereço você! Cadê esse otário ganancioso? Onde ele está agora? Te esperando em um jato? Danem-se vocês dois. Ele tirou umas roupas de nosso armário e começou a fazer a mala.

Eu não tinha direito de discutir, mas a metade de mim que pertencia a Nate Butler não iria desistir sem lutar.

— Nunca, em todo nosso tempo juntos, você *não* me sentiu com você, Nate Butler. Pode me acusar de um monte de coisa agora, mas não de ser ausente! Foi você que esteve ausente!

Ele parou de arrumar a mala e balançou a cabeça devagar.

— Não venha falar disso agora, quando lhe é conveniente.

— Nunca foi conveniente, não é?

— Oh, essa é uma lógica fodida, Stella!

Dei de ombros.

— Não importava. E sabe por quê? Eu queria um *nós*. Nunca teria aceitado esta aliança se não achasse que seria feliz como sua esposa e que poderia te fazer feliz.

— Stella — ele começou, sua voz falhando conforme seus olhos se inundavam. — Eu *vi*. Nunca vou conseguir apagar essa imagem da cabeça. *Nunca*.

Ele pegou uma foto nossa — uma da gente na noite em que ficamos noivos, na noite em que ele se ajoelhou e me pediu pela eternidade — e a e quebrou na parede atrás de mim.

— Nate. — Encolhi-me com sua explosão. Ele estava fervendo.

Andou de um lado para o outro diante de mim, seus olhos azuis incendiados.

— Me conte tudo. Agora, Stella.

— Ele foi meu primeiro amor. Só me surpreendeu. Só isso.

— Não vai mentir nisso. Quero a verdade. Agora. Eu mereço.

— Nem o conheço mais — declarei, mas até isso parecia errado.

Eu estava sem defesa depois de uma emboscada. Nunca senti que não seria feliz onde estava. Nate era suficiente, foi isso que meu coração me disse, e acreditei.

Reid era a porra da granada.

— Bem, ele te conhece. Aquele show inteiro foi para você! Admita — ordenou, dando um passo perigoso na minha direção. — Stella — disse, bravo, enquanto meus olhos imploravam para ele esquecer. Ergueu o queixo, pronto para o golpe, e eu dei.

— Amo vocês dois — gritei quando ele me olhou de cima. — Não era para ele ter voltado por mim. Nunca.

— Mas voltou — ele concluiu conforme lágrimas bravas escorreram por suas faces.

Nunca me perdoaria por magoá-lo.

— Depois da entrevista, ele apareceu no casamento de Paige e me disse que me queria de volta. Falei para ele que estava com você e que estava feliz.

— E você veio para casa e transou comigo — ele bufou.

— E no dia seguinte e no seguinte. Fui clara com vocês dois! — Tirei a mala da cama e a joguei no chão. — É a sua aliança que estou usando, seu sobrenome que vou adotar.

— Não — ele disse, negando com a cabeça.

— Não? — questionei, andando em sua direção enquanto meu mundo parava pela segunda vez na noite.

— Talvez me escolha agora, *neste* instante, mas se arrependa da decisão depois, fique ressentida. Meses atrás já me falou que queria mais. E não vou andar em círculos como um maldito zumbi esperando minha esposa me deixar!

Ele desvencilhou-se dos meus braços, e eu afundei em nossa cama conforme a gravidade de perdê-lo me afetava repetidamente.

— Nate, você significa muito para mim. É meu melhor amigo. Eu te amo — vacilei. — Por favor, não vá.

Nate ficou com seu coração se partindo, seus olhos cheios de emoção. Nunca o tinha visto tão perturbado, tão arruinado.

— Eu merecia saber a verdade — ele disse, me puxando para eu ficar de pé.

Estava ali, entre nós, toda a adoração, os anos se conhecendo tão intimamente, e tanto amor inacabado para ser vivido. Segurei-o com firmeza e pressionei minha boca à dele, lutando, implorando para ele me beijar de volta. Seus lábios me feriram quando ele lutou contra, sua língua batalhando com a minha. Choraminguei em seus braços até ele me afastar.

— Não, Stella. Ontem à noite, foi sincero entre você e eu. Esta noite, seria uma mentira. Não me toque. Estou louco de ciúme agora, de um jeito que me assusta. — Seus olhos foram para os meus. — Quero machucar vocês dois.

Arfei quando ele passou por mim, deixando suas roupas, nossa vida, *me deixando*. As emoções me governavam naquele momento quando implorei para que ele me perdoasse, implorei para ficar comigo, implorei para *ele* sem direito, porque eu soltei, sim, sua mão, e ele não era o único homem que eu amava.

Eu também não me perdoaria.

— Demore o quanto quiser, mas leve tudo — declarou com frieza. — Eu te amo — sussurrou quando mais lágrimas caíram antes de ele ir embora.

Fechou a porta, e eu a espalmei e depois caí no chão.



— Uau — Lexi disse com olhos arregalados ao ver o vidro quebrado em meu quarto. — Quem diria que Nate poderia fazer isso? — Ela tinha aparecido minutos depois de Nate sair. Ele ligara para ela porque estava preocupado que eu tivesse outro episódio.

Nate.

Não havia volta. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito. Tudo que aconteceu entre nós rodeava minha mente e saía por minha boca enquanto contava a história a Lexi.

— Isso dá uma novela muito boa. — Ela tirou um baseado da bolsa e acendeu.

— É isso que tem a me dizer? — Olhei para ela desafiadoramente.

Lexi tinha deixado o cabelo crescer e estava trabalhando mais arduamente do que nunca. Em seu vestido, praticamente brilhava no sucesso. Era difícil chatear Lexi naqueles dias. Uma mulher bem diferente de com quem eu morei no obscuro ano anterior. Eu a invejava. Ela andou pelo vidro, usando botas até o joelho, e passou por cima, estendendo a maconha para mim.

— Desculpe, Stella — ela disse, soprando fumaça e gesticulando para mim com o baseado.

Balancei a cabeça.

— Sabe que não fumo.

— Não, você tem ataques — ela disse, rindo. — Vou me certificar de que isso não aconteça.

— Se vai só rir de mim, pode ir embora — ordenei.

Ela se sentou devagar ao meu lado contra a cabeceira e puxou minha cabeça para descansar em seu braço.

— Pegue, Stella. Sabe que Nate vai voltar. Ele te ama, mais do que qualquer coisa.

— Não, Lexi, não vai. Isso não está em questionamento. Você não o viu. Ele cansou. Eu senti — informei, tirando as infinitas lágrimas dos olhos. — Deus, estraguei tudo.

Ela me lançou um olhar solene.

— E Reid?

— O que tem ele? — perguntei, cedendo quando ela ofereceu o baseado para mim. Peguei e o analisei, a raiva me percorrendo. — Ele está bravo porque me abandonou *duas* vezes e depois eu resolvi, oh, ficar noiva de meu namorado de muito tempo. Ele não é inocente. Chegou há oito meses, fazendo exigências, depois foi embora de novo, como se não tivesse acabado de incendiar meu mundo. Sério, é para eu correr atrás dele? Não vou lá e abandonar minha vida por ele.

— Parece que sua vida já foi e te abandonou, Stella, porque *você ama Reid*. É você que está iludida. Sua conexão com ele acabou de terminar seu relacionamento.

Inspirei a maconha e comecei a sufocar com a verdade.

— Nate tem todo direito de estar bravo por eu não ter contado sobre Reid. Deveria ter contado a ele na noite do casamento.

— E fazê-lo desconfiar de você o tempo todo? Não foi sua culpa Reid ter chegado com tanta força. Agora, Nate só está se protegendo. Ele foi acordado de repente quanto à competição que não sabia que tinha, e foi isso que provavelmente o fez surtar mais — ela disse tranquilamente.

Senti a sensação me atingir e meus nervos começarem a se acalmar, meus membros adormecerem. Meu coração estragado para sempre por duas despedidas.

— Eu perdi os dois — comentei, me curvando em uma bola e pegando o travesseiro de Nate. Seu cheiro me atingiu: oceano e madeira. Explodi em lágrimas. — Não consigo suportar — confessei e olhei para ela, sem saber o que fazer. — Nate era perfeito.

— Ele não era, não. Você sabe disso, e sempre soube. Assisti a você se situar em volta dele e daquele maldito jornal, e não tinha problema contanto que estivesse feliz. Mas, Stella, por mais que o amasse, por mais que estivesse sacrificando seus planos para estar com ele, teria odiado essa decisão em certo momento, e Nate percebeu isso *esta noite*.

— Não.

— Sim. E ainda tem Reid, por quem ainda está claramente apaixonada.

— Nunca vou perdoá-lo.

— Pelo quê? Tocar em um lugar onde começou? Ele estava nostálgico, e você e seu noivo foram pegos no fogo cruzado. Ele não fez nada de errado. Só não está mais disposto a desperdiçar a vida em negação.

— Como eu estou? — surtei, fumando mais uma vez.

— Quer que eu segure sua mão e minta para você?

Dei de ombros.

— Não.

Ela me olhou ao lamber o dedo e esfregá-lo na lateral do baseado para impedi-lo de se desmanchar.

— Então é assim que vejo. Você ama os dois. Foi feliz com ambos. Talvez, se esta noite não tivesse acontecido, você e Nate teriam tido um casamento feliz. Mas aconteceu, então agora precisa organizar a vida sem os dois. O amor tem seu lugar e você já se colocou em muita pausa. É hora de se mexer e agir como *Stella*.

— Você nunca gostou de Nate para mim — acusei, me agarrando a qualquer resquício de minha própria versão da verdade.

— Mentira. Ele era uma pessoa linda e boa para você. Não havia nada para não gostar.

— Jesus, me sinto arrasada — declarei ao olhar para minha aliança e ver Nate de joelhos, suas palavras ensaiadas, nossos sorrisos combinando e lágrimas, o olhar em seus olhos quando, por uma fração de segundo, ele não tinha certeza da resposta que eu daria.

— Há algo em Reid que você nunca vai esquecer, e não é por nada, Stella. Ele mudou toda a vida dele para abrir espaço para você nela.

— Ele não tinha direito de voltar assim.

— Ele tinha todo direito. Trabalhou duro para te merecer, e você merecia saber que ele te amava tanto quanto você.

— E você sabia disso? — perguntei, encarando-a.

— Na verdade, não, não até você me contar o que ele falou esta noite. E foi só então que me lembrei de que Ben me falava uma coisa de vez em quando que ficou guardada na minha memória.

— Tipo o quê?

Ela suspirou.

— Não necessariamente *sobre* você... só de como ele saía depois dos shows e voltava para o hotel em vez de ir às festas. De como eles tinham que reagendar algumas coisas para Reid endireitar a cabeça. Ele tem lutado contra os próprios demônios por muito tempo, por si mesmo e por você.

O olhar e a expressão de Reid me impediram de ter mais raiva. Eu queria muito ir até ele. A culpa bateu forte enquanto estava sentada na cama de Nate, tentando entender tudo.

— Deus, Lexi, deveria tê-lo visto naquele palco. Foi a coisa mais linda que já vi na vida.

— Acredito em você.

— Todo esse tempo, ele se sentiu assim quanto a mim. Não sei por que se guardou. Dei a ele todo motivo para não fazê-lo.

Ela me olhou com cautela.

— Porque sabia que tinha te magoado. Sabia que você não estava sendo sincera. Igual Nate sabia. Não tem problema amar os dois, porque você realmente *ama* os dois.

— Bom, desculpe, mas vou discordar de você. Me odeio por isso. Não sei o que fazer.

— O que quer fazer?

— Queria que esta noite nunca tivesse acontecido — confessei e estremeci com um soluço. — Quero minha vida de volta.

— Então pegue.

— Ele acabou comigo, Lexi, estava muito ma-ma-magoado. — Solucei.

— Não pense em Reid ou Nate. Pense na Stella. O que ela quer para *si mesma*?

Tirei meu cabelo do rosto e mordi o lábio.

— Sou eu — ela insistiu gentilmente. — Fale.

— Quero minha carreira. Quero que meu podcast tenha sucesso. Quero ser levada a sério. Quero ser a Barbara Walters do mundo da música.

— Então é isso que vai fazer — ela disse simplesmente. — No próximo ano, você se concentra na Stella.

— Foi isso que você fez?

— Pode ter certeza de que foi — ela declarou ao se deitar no travesseiro ao lado do meu. — Viver por um homem é o jeito mais rápido de se perder. E a realidade de sair de mãos vazias quando não dá certo. Foda-se. É um pesadelo. Aprendi minha lição. Tem hora para tudo. Perdi a cabeça com Ben.

— Lexi — eu disse baixinho.

— Ele veio me ver ontem à noite — ela anunciou, encarando o teto.

Normalmente, Lexi teria me ligado e me contado na mesma hora. Teria sido uma grande notícia. Ela não tinha nem mandado mensagem. Talvez estivesse bem. Talvez tenha encontrado a força em si mesma para não deixar as emoções a levarem. A forma que pensei, erroneamente, que evitar a minha funcionaria para mim.

— O que ele falou?

Ela deu de ombros.

— Depois, isso não se trata sobre Ben e eu. — Ela se virou para mim. — Ainda amo aquele cretino. Mas todos os dias vivo por *mim* e essa foi a melhor decisão que já tomei. Era para sermos mais espertas do que isso, Stella.

— Estragamos todos nossos planos bem rápido. Vivemos juntas por dez minutos.

— Nunca tivemos nossa chance — ela me lembrou.

— Eu sei. Sinto muito.

— Também sinto, mas não trocaria meu tempo com você por nada, e você?

— Também não, não por nenhum deles — respondi sinceramente. — Embora a avalanche tenha começado porque eu simplesmente tinha que saber como era beijar Reid Crowne.

— Você poderia não ter beijado — ela me lembrou. — E aí onde vocês *dois* estariam?

— E então? — Funguei. — Só aceito a decisão de Nate e sigo em frente?

— Não, ele estava bravo, magoado, louco de ciúme. Não acho que ele já tenha realmente tomado a decisão. E é sua escolha esperá-lo. Só estamos começando, Stella — ela disse com um sorriso astuto. — Não é tarde demais.

Os mesmos sentimentos de Reid ecoaram.

— Vamos. Vamos dar a Nate o espaço dele para perceber como está sendo um idiota ciumento. Venha ficar comigo.

— Lexi — comecei, olhando por nosso quarto cheio de lembranças. — Fiz besteira soltando a mão dele. Nem percebi que soltei, nem pensei nele. — Encolhi-me. — Só conseguia ver e sentir Reid.

Ela me puxou para eu ficar de pé.

— Você tem lutado contra seus sentimentos por Reid por muito tempo. Talvez simplesmente fosse seu jeito de, enfim, admitir, permitindo-se amá-los. Mas não será boa para nenhum deles se não entender o que você quer e fazer acontecer. E o único jeito de fazer isso é se retirar de ambas as equações. Deixe acontecer.

— Não acredito que isto está acontecendo — confessei, encarando a foto no chão. O sorriso de Nate estava coberto por estilhaços de vidro quebrado.

Peguei o porta-retrato, o esvaziei na cômoda e o virei para ver a foto que estava arruinada.

— Eu o escolhi — anunciei, encarando a foto em preto e branco.

— Porque era ele quem você realmente queria ou porque não sabia como seria a vida com Reid e ficou com muito medo de descobrir?

Nunca esqueceria o jeito que me senti quando Reid cantou para mim. Quando ele despiu sua alma em um lugar cheio de gente sem saber que eu estava assistindo. Será que ele sempre foi tão

transparente quanto aos sentimentos por mim? Olhando para trás, ficava claro.

Sempre foi, sim. E eu o punira.

Ambos tinham razão.



Colorful – The Verve Pipe

5 meses depois

Passei pela porta dupla da padaria com algumas sacolas de compras na mão. Tinha acordado cedo para fugir do calor. Não tinha paciência para as temperaturas escaldantes do Texas no mês de julho, ou em nenhum mês, aliás. Meu telefone tocou, e sorri para a tela antes de atender.

— Mulher, aquele homem ligou de novo — Lexi informou.

— Que homem? — perguntei ao me aproximar do balcão.

— Aquele do emprego — ela respondeu com cuidado. — Quase falei que você morreu.

Dei risada.

— Não faça isso.

— Não se mude — ela implorou.

— Você nunca está aí — eu disse alto, quando a moça do balcão com uma expressão de má vontade perguntou se podia me ajudar. Dando um passo para o lado, ergui a mão quando a campainha soou atrás de mim.

— Lexi, já conversamos sobre isso. — Suspirei. — E foi você que falou para eu pensar em mim. Essa sou eu pensando em *mim*.

— Certo. — Ela suspirou. — Seu mestrado chique chegou pelo correio esta manhã. Eu o emoldurei na Hello Kitty.

Dei risada conforme ela murmurou no telefone.

— Estou muito orgulhosa de você.

— Eu não teria conseguido sem você — declarei com sinceridade.

— É, bom, alguém tinha que colocar a caixa de donut longe, desligar os filmes viçosos e te levar para a universidade. O que está fazendo?

Esquivei-me da pergunta devido ao seu peso.

— Nada.

— Está comprando donuts, não está?

— Noite difícil.

O dia anterior tinha sido meu aniversário de vinte e cinco anos, e o de Reid de trinta. Mantive meu toque alto o dia todo na esperança de receber aquela ligação. Assisti ao filme caseiro que meus pais fizeram umas vinte vezes e andei de um lado a outro por meu apartamento, esquivando-me dos convites de amigos e do meu atual chefe, Adrian, para quem eu trabalhava como assistente pessoal. As horas foram razoáveis até eu encontrar outra coisa. O desespero bateu às 11h11 ontem à noite, e eu só desejava uma ligação de Reid. Deixei-me emitir um grito saudável quando o relógio bateu meia-noite. Ele parou de esperar. E eu não o culpava. Mas sabia, sem sombra de dúvida, que, se ele tivesse ligado, eu teria atendido.

O que eu diria era outra história. Nate também não tinha ligado para meu número, apesar de minhas poucas tentativas de falar com ele. Detestava a forma como terminamos. Ainda o amava todos os dias. Permaneci fiel a ambos, apesar de não ter nenhuma esperança da parte de nenhum deles. Parte de mim acreditava que eu estava pagando penitência por meu coração dividido. Mas a verdade era que eu os amava com todo o coração. E Lexi tinha

razão. Eu precisava me afastar de Nate a fim de enxergar a verdade. Não ficava mais fácil para mim.

A lógica de Lexi tinha me salvado, apesar de não estar totalmente correta. Eu amava minha vida com Nate Butler, disso eu sabia. E não parecia que eu estava desistindo de nada para estar com ele, porque estar com ele se tornou um novo sonho. A única coisa de que eu precisava desistir para estar com Nate era Reid.

Naqueles primeiros meses separada, andava pelas ruas rezando para me deparar com ele, como fiz tantas vezes antes. A cada passo derrotado sem um sinal dele, sentia sua decisão. E precisava respeitá-la porque, com toda sinceridade, eu fui egoísta. O amor era egoísta. Mas não importava o quanto de nossa história estivesse inacabada, eu agradecia por cada minuto que tive com ele.

Olhar minha vida e minhas escolhas era a coisa mais difícil que eu já tinha feito. Responsabilizei-me por meu envolvimento com Reid. Desculpei-me para minha irmã, de todo o coração, alguns meses atrás. Ela apenas balançou a cabeça quando fiquei parada em sua porta com lágrimas nos olhos. Sorriu, pegou minha mão e me levou de volta ao meu lugar de direito em sua vida. Ela também se desculpou e, pela primeira vez desde aquela noite todos aqueles anos atrás, quando escolhi meu coração egoísta, senti que a tinha de volta.

Terminei meu mestrado, mas quase não consegui. Não fiquei imune ao meu coração partido, e isso me custou. Deixei-me ser enterrada em uma caixa de emoções e saí do outro lado, tanto iluminada quanto amortecida. Meu AVC tinha me assustado a ponto de eu viver totalmente com medo de arriscar. A vida não era uma aposta, mas parecia que eu precisava aceitar a parte “apaixonada” de mim para florescer totalmente. E então floresci. Não cabia em mais nenhuma roupa. Engordei nove quilos e sentia em todo lugar.

Milagrosamente uma nova eu?

Nem pensar.

Não era assim que funcionava para a nova Stella. Eu era um trabalho em andamento. Tinha caminhos a percorrer para conseguir

aquele brilho de Lexi. Então, me deixei sentir, e fiz isso com medo.

Deixei doer.

Mas nunca esqueci. Não conseguia.

Lexi me tirou do meu devaneio enquanto eu salivava por um pedaço de torta de chocolate.

— Ei, desculpe eu ter perdido seu aniversário. Venha logo para casa, ok? Quero te recompensar.

— Espero que não me recompense com bolo. Já cuidei disso — eu disse, tímida.

— Vaca, compre esses donuts. Sua bunda está incrível. — Ela deu risada.

— Realmente queria me importar. Estou começando a me agitar, e você está me possibilitando.

— Você trocou homens por donuts — ela disse, suspirando. — Queria ter pensado nisso primeiro. Venha logo para casa, mulher. — Ela desligou enquanto eu encarava uma caixa cheia de açúcar e fritura.

Fiquei no balcão enquanto a mulher, a que tinha me visto com frequência nos últimos meses, olhava para mim apreensiva, como se eu a tivesse descoberto. Ela estava julgando, mas eu via a inveja em seus olhos. Ela estava faminta.

— Caixa grande?

Assenti ao listar o pedido.

— Ok, dois *danishes* de cream cheese, dois daqueles croissants doces. Quatro de chocolate e dois com cobertura.

— Só isso? — a mulher perguntou, impaciente.

— Não — respondi, retribuindo seu olhar feio antes de sorrir com olhos arregalados só para assustá-la. — Um com granulados.

Ouvi a risada familiar atrás de mim e meu coração despencou.

Claro que nos encontraríamos assim. Suspirando, derrotada, me virei e vi Nate bem atrás de mim. Estava impecavelmente vestido, um sorriso lento se abrindo no rosto.

Era meu pior pesadelo. Eu estava com o último par de jeans que fechava e uma camiseta suja em que estava escrito *Spank Me* com um homem adulto de fralda nela. Desmazelada não era a palavra. Estava mais para desleixada. Meu cabelo estava empilhado em um coque nojento no topo da cabeça, e não usava nada de maquiagem.

— Oi — Nate cumprimentou ao me olhar.

— Pode só fingir que estou naquele macacão que você ama com saltos e que pareço incrível?

Seus olhos se suavizaram quando ele deu um passo à frente e jogou uma nota de vinte no topo do vidro.

— Eu que vou pagar os de granulado dela.

A mulher atrás do balcão deu uma olhada para Nate e eu vi a mudança em seu comportamento. Ela estava faminta e necessitada por sexo com Nate Butler. E senti sua dor. Ele sempre causava esse efeito nas mulheres e nunca me dera um motivo para me preocupar. Consegui conter as lágrimas ameaçadoras, mas minha voz tremeu quando falei:

— Como você está?

Nate se voltou para mim depois de fazer seu pedido, enquanto fui para a ponta do balcão e peguei minha caixa.

— Obrigada.

— Parabéns atrasado — ele disse, ignorando minha pergunta. — Recebi uma ligação de um cara chamado Gary ontem. Dei a ele minha recomendação.

— Obrigada — agradei quando ele se juntou a mim no balcão.

Senti um frio no peito que se afundou na barriga.

— Acho que devo te parabenizar.

— Ainda não. Não me ofereceram o emprego.

— É seu, Stella — ele declarou, seus olhos azuis vasculhando meu rosto.

Assenti, nada interessada em falar sobre meu possível emprego.

— Vai aceitar?

— Não sei — respondi, cautelosamente interpretando-o para ver se a ideia soava boa para ele. — Meu futuro está meio que em aberto neste momento.

— Quer se sentar? — ele perguntou.

— Só se você quiser — respondi, sincera. *Por favor, queira.*

A moça trouxe a caixa dele, e ele adicionou dois cafés. Pediu o meu pelo que lembrava, exatamente como eu gostava, e foi quando meus olhos lacrimejaram. Não consegui esconder.

— Talvez seja melhor eu ir.

— Stella, vamos nos sentar.

Assenti e o segui até a mesa. Ele tirou o paletó, algo que o tinha visto fazer centenas de vezes, mas, de alguma forma, era dolorido assistir.

— Li a edição da semana passada. Muito boa — comentei ao dar um gole no café, meu apetite diminuído.

— É?

— É — respondi com um sorriso. — Mas longe de mim julgar, sendo a garota com a camiseta inapropriada e cuja opinião não é relevante.

Nate sorriu.

— Sabe que isso é mentira. Te falei...

Ele parou de falar, e eu quis dar um tapa na minha testa. Ele me falou na noite em que terminamos. Nate pigarreou.

— Enfim, acho que nós dois sabemos que você se tornou um pouco mais relevante desde que foi publicada na *Rolling Stone*.

Fiquei boquiaberta.

— Você viu?

— Vi. Queria te ligar. — Ele escorregou e nós dois nos mexemos desconfortavelmente. — Fiquei muito orgulhoso de você.

Sorri conforme uma lágrima que não consegui vencer escorreu por meu rosto.

— Significa muito para mim.

— Não faça isso — ele sussurrou. — Não estou acostumado a ver isso. E odeio.

— É minha nova terapia — informei quando o calor subiu por meu rosto. — Isso e donuts. — Encolhi-me sob o peso de seu olhar.

— Stella, vi você entrar aqui e pensei que eu fosse enlouquecer, ok? Meu coração parou. Está mais linda do que nunca. Quaisquer defeitos que esteja tentando apontar para mim, não consigo enxergar. Agora, vamos esmagar este desconforto, porque quero falar com você. — Sua voz ficou pesada, rouca e crua. — Sinto falta da minha melhor amiga.

Mais lágrimas emergiram quando tentei pigarrear.

— Você não me odeia?

— Nunca. Deus, nunca poderia te odiar — ele garantiu ao se inclinar e secar as lágrimas.

— Você nunca me fez chorar — declarei com a saudade que sentia. Segurei sua mão e a mantive em meu rosto. — Nunca. Sinto sua falta também, Nate. Demais.

— Stella, estava esperando que...

Meu celular tocou, nos assustando, e olhamos juntos para baixo e vimos que o nome de Reid apareceu.

Nate suspirou e se recostou.

Com o coração acelerado, cerrei os punhos no colo com uma explicação rápida para Nate.

— Isso é totalmente coincidência. Não estamos...

— A parte triste é que eu *acredito* em você — ele respondeu quando seu próprio celular tocou. — Atenda. — Ele assentiu para meu celular.

Atendi antes de cair na caixa-postal e ele saiu pela porta.

— Reid — eu disse quando lágrimas quentes escorreram.

Isto não está acontecendo.

— Sinto muito mesmo — ele respondeu sem fôlego. — Stella, eu estava preso em uma tempestade no meio da porra de uma selva. Não acredito que atendeu.

Dei risada, aliviada, enquanto Nate andava de um lado a outro fora da loja, olhando na minha direção de vez em quando.

— Na selva?

— Praticamente — ele respondeu, sem fôlego.

— Onde você está?

— Estamos na Indonésia. Adam está em uma fase de busca pela alma, a besteira de artista torturado. Quer ser iluminado e pensa que devemos fazer isso juntos como uma banda. Então, onde estou? No sétimo círculo do inferno, mas, juro por Deus, que não fiz isso para te magoar. Digo, não ligar. Mais do que isso. Tudo. Stella, sinto muito pelo que falei. Naquela noite. Na posição em que te coloquei. Não foi justo. Simplesmente não consigo evitar. Quando te vejo, simplesmente não consigo...

— Reid?

— Quero que saiba que respeito sua decisão. Odeio ser o adulto, porque isso significa que... — Ele expirou. — Te perdi. Mas precisa saber que nunca quis ver aquelas lágrimas. Cansei de te magoar.

— Eu sei.

— Eu te amo, sempre, não importa o que aconteça. Precisa saber disso.

— Eu sei, Reid. Juro.

— Não está brava comigo?

— Não.

Outra lágrima quente caiu conforme sequei o rosto, sem acreditar. Nenhuma palavra de nenhum deles em meses só para ser colocada na situação mais impossível e inimaginável. Reid suspirou no celular.

— O que está fazendo?

— Comprando donuts, engordando.

— Adoraria ver isso — ele comentou, rindo.

— Se eu continuar, não vai ter problema para me enxergar.

— Você é tão linda. Só isso que sempre enxerguei.

— Você também — respondi com sinceridade. — Estou muito orgulhosa de você. Acho que nunca te falei isso.

— De mim? Foi você que chegou na *Rolling Stone* — ele disse, orgulhoso. — Eu li, Stella. Comprei milhares de cópias. Enviei-as para Paige.

— Enviou? — perguntei quando meu coração ameaçou pular do peito.

— Pensei que poderia enviar para sua família. Mil é suficiente?

— Ele deu risada de novo, o som o suficiente para acabar comigo.

— Maldita vida — sussurrei.

— Stella, tenho que ir. Vai acabar a bateria do meu celular. E não sei como é esse celular reserva que parece que veio direto do estúdio de *Jurassic Park*. Posso... posso te ligar algum dia? Digo, sei que provavelmente vai irritá-lo, mas, Stella...

— Sim. Por favor, sim — eu disse baixo para ele não conseguir ouvir o tremor em minha voz. — Me ligue a qualquer hora. Falo sério. Parabéns para você também.

— Ok, bem — ele se demorou.

— Reid — chamei, minha voz falhando com a verdade. — Eu te amo.

Silêncio. Sua respiração difícil era a única indicação de que ele ainda estava lá.

— Reid?

— Você nunca falou — ele sussurrou. — Nunca realmente falou as palavras para mim.

— Mas você sabia — respondi quando comecei a sangrar, de novo, pelo homem que me encarava de fora da janela e pelo homem com quem eu falava no telefone. — Sempre soube.

— Esperava estar certo, mas *agora? Ainda?* — ele perguntou.

— Agora. *Ainda*.

— Fale de novo, Stella. Fale de novo e vou cruzar esses continentes para voltar para você.

Olhei para Nate, que estava me observando atentamente pela janela.

— Reid...

— É suficiente, Stella. Juro. Vou lutar com a porra de um tigre ou alguma merda assim — declarou —, agora que sou invencível. — Senti seu sorriso do outro lado da linha.

— Reid?

— Sim, Granada? — Foi outro golpe no peito, mas ainda conseguia sentir seu sorriso.

— Me diga que a vida magicamente começa a acontecer.

— Um minuto após o desespero, baby. Juro. Sou prova viva. Acredite *em mim*, Stella.

— Ok.

— Eu te amo — ele sussurrou antes de desligar.

Nate entrou, e eu respirei fundo.



Estacionei em uma parada de descanso na fronteira do estado, focada nas nuvens negras ao longe. Virei a chave e deixei as janelas descenderem para arejar a cabine. Estiquei as pernas, o vento chicoteando meu cabelo, o barulho do trovão ao longe.

Iria para o túmulo pensando que desfechos eram uma besteira. Eu sabia. Só existia o esquecer. E eu sabia, melhor do que ninguém, que esquecer era mais uma façanha do que fazer as pazes com uma despedida, e esse era o significado de um desfecho. Despedidas doíam, mas esquecer era *maravilhoso*. E, em algum lugar entre o hotel que deixei vinte e quatro horas antes e a estrada em que viajava agora, senti que uma grande parte de mim já tinha esquecido. A pontada daquela ligação foi suficiente para

buscar minha alma, mas tudo que fiz foi chegar à mesma conclusão. Mesmo em retrospectiva, com todos seus erros desaparecendo à distância, as coisas que você fez certo estão lá ao lado deles.

Eu cometeria o erro de apenas procurar a dor.

Por que temos que ser perfeitos?

Nomeie um ser humano com ovários que tome todas as decisões certas quando se trata do sexo oposto e vou te contar a história mais monótona de amor que existe. Perfeição é um tédio. Deixa a vida chata, e o amor ainda mais. Comigo, não acabou sendo apenas quanto ao destino; era quanto à minha jornada. Sempre foi a jornada que deixava tudo tão mais doce, e às vezes amargo, como em dias como ontem. Afligia-me como se a ferida fosse nova, mas essa era eu sendo eu, Stella sendo Stella. Foi assim que fui construída.

Meus erros, minhas falsas certezas, todas as coisas que me moveram pela tentativa e erro mantinham tudo empolgante, me mantinham centrada, me mantinham crescendo na direção certa dentro do alcance de alguém crescendo igual. Deixei minhas emoções ditarem minha vida ou, no caso de Reid e Nate, *excederem* minha vida, e esqueci de uma coisa que me acalmava, a única coisa que fazia com que eu fosse eu mesma.

Música.

Ainda estava no controle na maior parte do tempo, mas, às vezes, me perdia.

E ainda *amava* a mulher emotiva que me tornara.

E quanto mais olhava para trás, mais me aproximava da verdade. Não tinha problema amar os dois, dar ao meu coração uma chance de explorar, mas eu já tinha esquecido. Estava relembrando da vida que vivia e, talvez, essa fosse minha imperfeição. Talvez fosse onde eu ainda deixava minhas emoções tomarem o controle às vezes. Tornava-me imperfeita e emotiva, mas eu estava tranquila quanto a isso e estava farta de me desculpar. E, com o homem que me amava, não precisava fazer isso. Então, com apenas algumas centenas de quilômetros para percorrer, meus

olhos não fitavam o que estava para trás, mas estavam fixos no que existia à frente. Era hora de ir para casa.



Wasted Time – Eagles

3 meses depois

— ESTÁ FILMANDO? — LEXI PERGUNTOU ENQUANTO EU SEGURAVA MEU IPHONE NO AR NA LATERAL DO PALCO.

— Estou — respondi ao dar zoom no baterista, o vídeo correndo, meu coração martelando com empolgação. Eu estava totalmente admirada.

— Deus, isto é incrível — Lexi comentou ao meu lado. — Não acredito que voltamos aqui!

— Eu sei — respondi, olhando para ela. — Percorremos um longo caminho, baby!

Lexi e eu estávamos como pinto no lixo ao assistirmos ao show da lateral do palco.

Finalizei o vídeo e o enviei para meu pai, que me respondeu de volta por mensagem algo que lembrava um texto impresso. Ele estava começando a aprender e chegaria lá. Embora não tivesse certeza se ele sabia o que “RS” significava.

— Amo você pra caralho — Lexi gritou ao se balançar ao meu lado, toda fã.

Dei a ela um sorriso de lado.

— Humm, com todo seu preconceito, está finalmente cedendo?

— Eles são incríveis!

— É, bem, sempre estive certa sobre eles! — gritei, cutucando-a com o cotovelo.

— Esteve — ela admitiu, olhando para seu celular com sobrelhas franzidas. Olhou para mim e seus ombros caíram.

— Você tem que ir — eu disse quando ela assentiu devagar, a devastação evidente em seu rosto. Compartilhamos um sorriso cheio de lágrimas.

— Vá — eu disse, abraçando-a forte.

— Vou te ligar o tempo todo, juro.

— É bom mesmo — alertei, brincando, quando ela pegou sua mochila. — Como cheguei aqui? — ela perguntou com a expressão incrédula.

Com lágrimas ameaçando vir à tona, encarei minha melhor amiga, que estivera lá em quase toda música de minha vida. Tinha sido minha rocha, meu conforto e eu esperava que eu tivesse sido metade disso para ela.

— Chegou aqui porque é boa pra caralho e o mundo foi esperto ao perceber. Te amo.

Nós nos abraçamos mais uma vez e ela olhou para meu All Star novo.

— Boa escolha.

Virando o pé, mostrei meu tênis branco novo em que escrevera “Don’t Worry Be Happy” apenas algumas horas antes do show.

— Também acho. Adequado, não é?

Lágrimas escorreram por suas faces quando ela me deu um último abraço e sussurrou:

— Isto não é um adeus, você sabe.

— Sei — respondi, apesar de meu coração já estar sentindo sua falta.

E, embora soubesse que sempre estaríamos perto, parecia o fim de nossa independência juntas. Nós duas estávamos perseguindo

grandes sonhos que nos levavam a caminhos diferentes.

— Estou orgulhosa de você — nós duas dissemos ao mesmo tempo, depois compartilhamos um sorriso lacrimejante.

Ela se afastou de mim e reajustou a mochila, hesitando antes de me olhar por cima do ombro.

— Vá — incentivei-a. — Não quero chorar.

Estávamos chorando, de qualquer forma, quando ela acenou para mim antes de desaparecer. Voltei meus olhos para o baterista.

Meu coração vacilou quando as notas iniciais do piano permearam o ar e a multidão gritou. Meus olhos voltaram para o homem na bateria, meu herói e meu contador de história preferido: Don Henley.

Don abriu a boca e cantou frases da minha música preferida do Eagles, “Wasted Time”. Cantou sobre uma mulher de coração partido tentando encontrar seu caminho, uma mulher percorrendo os pedaços de sua história de amor e pensando no que deu errado.

Oh, que ironia.

Era sempre a música que me lembrava onde eu estivera e para onde estava indo. Com dor pela verdade da letra, o doce alívio chegou em forma do homem lindo que apareceu do outro lado do palco. Estava procurando alguém desesperadamente, *me* procurando. Fiquei lá esperando conforme lágrimas diferentes — lágrimas que jurava que não tinha mais — inundaram meus olhos. E sua busca acabou quando ele me viu, e seus olhos azuis profundos encontraram os meus. Eu o vi relaxar visivelmente e, por um minuto, estava tudo certo com o mundo. Esperava que ele preenchesse a lacuna, que viesse até mim. Em vez de fazer isso, inclinou-se contra a lateral do palco e enfiou as mãos nos bolsos da calça de tecido, seus olhos nunca me deixando. Não importava o que tinha acontecido conosco, ele me deu quantos sonhos meus pôde, mesmo depois de eu nos arrasar com meu coração egoísta. No fim, ele me deu o maior presente que poderia me dar. Nate me deu música.

Naquele instante, demonstrei meu amor e deixei minhas lágrimas caírem livremente conforme a voz rouca de Don transmitia mais a ele do que eu poderia. Porque nosso amor era real. Era verdadeiro. E eu nunca subestimaria o que tínhamos.

Ergui minha mochila do chão e a joguei no ombro quando as últimas notas de nossa música tocava e nossa história terminava naquele palco. Dei uma última olhada para ele, memorizando seus detalhes enquanto pressionava a mão no coração.

Eu te amo, Nate Butler. Obrigada por me amar.



Meu cinto fez barulho quando o tirei apressadamente depois de ver meu marido parado na calçada... me esperando. Suas mãos enfiadas nos bolsos, olhos buscando os meus. Lágrimas embaçaram minha visão enquanto eu soluçava com o coração repleto de gratidão. Porque não importava o quanto eu havia me perdido dele, ele havia esperado.

Mal conseguindo estacionar o carro, meu coração martelou quando sua alma falou com a minha ao longe. Pela luz de meus faróis e o chuveiro pingando em minha pele, me lancei em seus braços, que me esperavam.

— Eu te amo tanto. — Chorei quando ele me abraçou forte, o alívio evidente e emanando entre nós enquanto eu soluçava em seu abraço.

Meu coração em casa, minha vida à minha volta. Porque eu estava segura, exatamente como ele me disse que estava todos aqueles anos antes.

— Ei — ele chamou, me segurando como se eu fosse sua força de vida. — Ei, ei, baby, o que aconteceu?

Respondi com um beijo fervoroso quando começou a chover mais forte à nossa volta. Senti seu gosto, respirei seu cheiro, e seu calor me preencheu inteira e até mais.

— Fiquei com saudade — murmurei, dando beijos reverentes por todo seu rosto, sua mandíbula e seus lábios macios.

— Stella, o que aconteceu?

Afastei-me e abri um sorriso sábio.

— Nós acontecemos. *Nós* acontecemos, Reid. E estou muito feliz por ter pedido para você me beijar.

Ele segurou meu cabelo de uma forma possessiva, seu lindo olhar esverdeado voando por meu rosto.

— Juro que não vai precisar pedir de novo, sra. Crowne.

Ele pressionou os lábios famintos nos meus, sua língua varrendo gentilmente antes de nossas chamadas se tocarem e incendiarmos, quente e queimando, tanto que até as estrelas notavam. Quando ele se afastou, vi nosso passado do mesmo jeito que via nosso futuro quando nos encontramos de novo.

A música havia me levado de volta para ele, nos solidificando, e eu seguiria para sempre. Ele era minha música, minha alma, meu tudo, e seu amor tinha me impulsionado para a frente para a mulher que eu queria ser. E essa mulher iria queimar com o homem que foi feito para mantê-la quente.

Ele secou as lágrimas enquanto eu o encarava.

— Como sabia que eu estava quase chegando em casa?

— Do jeito que sempre soube quando você está perto — ele respondeu, mergulhando fundo em minha boca e me deixando sem fôlego. Afastou-se depois de um beijinho demorado nos meus lábios. — Eu senti. — Ele me observou atentamente. — Tem certeza de que está bem?

— Nunca estive melhor, *nunca* — respondi, segurando seu rosto, desejando mais.

Mesmo a apenas alguns centímetros, nossos corpos alinhados e pressionados, eu nunca ficaria perto o suficiente.

— Bem-vinda ao lar — ele murmurou carinhosamente, ignorando a chuva antes de baixar a cabeça e me devorar, um homem faminto

que estava cansado de esperar, me reivindicando com seu coração conforme a fechadura era reforçada no meu, conosco seguros lá dentro.

Quando ele se afastou, eu só tinha um pedido.

— Me leve para dentro e acabe comigo, sr. Astro do Rock.

— Com prazer, Granada.



Who Knew – P!nk

2 anos antes

ACEITEI O EMPREGO.

E deixei Nate na loja de donut naquele dia com um “sinto muito” choroso antes de colocar a aliança — que não havia tirado desde nosso término — no bolso de seu terno. O cartão de imprensa que tinha devolvido depois de sair do *Speak* apareceu no correio alguns meses depois com ingressos do Austin City Limits e um recado de Nate que dizia que eu tinha merecido. Era um presente surpresa dele, junto com sua presença inesperada no show. O amor mudo em seus olhos, que brilhavam do outro lado do palco, me dizia que estávamos bem, que sempre estaríamos bem e que nossa história tinha significado tanto para ele quanto para mim. Porque, apesar da forma como acabou, haveria um amor eterno entre nós. *Sempre*.

A presença do *Austin Speak* fora *solicitada* no Austin City Limits naquele ano, *junto* com o resto dos canais respeitados. Não pude deixar de sentir que tinha algo a ver com isso. E, quando vi que a Eagles era a atração principal, sabia que era o destino me dizendo que eu tinha completado uma fase.

Nate e eu nunca poderíamos voltar ao que éramos. E, apesar disso, quando entramos naquele avião para Seattle, lamentei o futuro que nunca teríamos, a maior parte de mim sabendo que eu

precisava me concentrar no meu caminho. Meus planos já tinham ficado de lado por tempo demais.

Reid e eu tínhamos conversado uma vez antes de eu decidir aceitar o emprego. Ele estava em Londres gravando um álbum novo.

Aquela conversa durou dois dias. E, embora estivesse na ponta da minha língua, resolvi não contar a ele sobre terminar meu relacionamento com Nate até eu ter um tempo para mim mesma sem o fardo de minhas emoções junto. Mantive a calma, sabendo que qualquer balanço na conversa poderia arruinar nossa amizade recém-recuperada e levar à expectativa para a qual não sabia se estava pronta. Tínhamos anos de separação entre nós, e não podia deixar de ficar admirada com o homem que Reid se tornara. Conversamos sobre a banda, sobre nosso amor mútuo pela música, sobre meu podcast e os planos para ele. Ele me contou histórias da estrada de pessoas que conheceu, e não pude deixar de invejá-lo, embora um pouco ressentida por não ter feito parte de tudo. Mas não podia, nem por um segundo, me arrepender de meu tempo com Nate. Ele era uma parte enorme da minha jornada, não um desvio, e eu sabia que isso era verdade no meu coração. Reid e eu deixamos nossa conversa aberta, do jeito que nosso relacionamento sempre havia sido, e com “eu te amo” trocados com sinceridade. Ele era um astro do rock mundialmente conhecido com um futuro brilhante, e eu finalmente tinha a chance de executar meus sonhos do jeito que sempre quis. Nosso meio-termo, como sempre foi nosso amor, admiração, respeito, amizade e, acima de tudo, a música que ele me prometeu continuar fazendo.

Apaixonei-me por Seattle.

Alguns meses em minha nova casa em Washington e, a pedido do meu sexto sentido, resolvi criar raízes.

Passei meus dias trabalhando como editora para um jornal da cidade chamado *Seattle Waves* — um emprego para o qual fui treinada e fazia bem — e minhas noites trabalhando em meu podcast. Meu ritmo vinha naturalmente. Dentro de alguns meses,

havia me firmado no meu novo ambiente, andando pelas calçadas com objetivo, fazendo o trabalho braçal e perdendo os nove quilos e mais alguns que tinha ganhado viajando muito. Passei algumas de minhas noites me familiarizando com as baladas. Fui orgânica, de volta ao trabalho básico de assistir a shows das bandas em ascensão para manter uma perspectiva renovada, enquanto, ao mesmo tempo, entrevistava veteranos para meu podcast. Aumentava o nível e continuava competindo comigo mesma, me transformando em uma jornalista melhor por causa disso. Estava escalando montanhas em minha profissão, porém respirando com facilidade ao fazer isso. Meus passos eram dados com exatidão e, com meu coração no lugar certo, meus obstáculos eram poucos. Era tão esperado quanto surreal estar no topo de meu jogo, e em meus próprios termos.

Eu sabia que Nate estava assistindo. Ele me dizia em alguns e-mails. Eu havia nos surpreendido. Em seu último e-mail, porém, ele fez um comentário fora do comum, declarando que eu tinha tomado a decisão certa. E, apesar de doer, concordava com ele.

Mantive os olhos fixos no chão enquanto digitava meu caminho para minha própria vida. Amava Seattle por muitos motivos, sem contar a chegada do meu novo melhor amigo: *outono*. *Outono de verdade*, onde o clima mudava com as datas, as folhas ficavam coloridas, e a paisagem de Seattle ficava de tirar o fôlego. Apesar de sentir falta de minha família e de meus amigos, Seattle parecia ser meu lar.

Embora meus sonhos fossem ser nômade, e o fato de ainda colocar minha mala para fora em toda véspera de Ano-Novo na esperança de um eventual carimbo no passaporte, resolvi comprar minha primeira casa. Com o pouco sucesso do meu podcast, e fazendo alguns anúncios para vendedores locais, bem como para uma marca grande e reconhecida nacionalmente, consegui tirar um dinheiro para a entrada. Passei semanas procurando o lugar certo, trabalhando com um corretor e pesquisando on-line. E, às 11h11 da noite, dois meses do dia em que eu tinha me mudado para meu apartamento minúsculo, tive a ideia de ver as últimas listagens.

Porque, não importava o quanto eu tentasse guiar minha vida, a vida resolvia revelar seus próprios planos.

E eram milagrosos.

Foi naquela noite que encontrei minha casa, uma casa grande que parecia ter saído de uma pintura de Thomas Kinkaid. Uma casa dos sonhos no estilo cabana, com pedras que levavam a uma casa com quartos suficientes para os sete anões. Agarrei a oportunidade. Tirando a manhã de folga de meu jornal, fui direto para ela. Tudo no interior me dizia que pertencia a mim.

Eu estava cheia de sonhos em trabalhar no quintal enorme enquanto corria pelas ruas para tê-la. Estava um pouco fora do preço que eu queria, mas estava determinada a comprá-la.

Não se pode colocar um preço em seus sonhos, e aprendi, ao longo dos anos, que às vezes sonhos têm um jeito de se pagar. Empolgada para minha nova aventura, apertei o pedal para cima e para baixo nas ruas íngremes que levavam para a cidadezinha adjacente à cidade grande. E, conforme me aproximei, meus nervos começaram a se agitar em um ritmo familiar enquanto meu coração martelava com certeza. No minuto que cheguei à rua particular, meu sexto sentido apareceu, me dizendo que eu estava certa em seguir a batida. Um terremoto de arrepios me cobriu quando tomei consciência.

Olhe para cima, Stella.

E olhei.

Turning Page – Sleeping At Last

Reid me levou por nossa porta da frente, seus lábios fundidos aos meus, suas mãos em todos os lugares certos conforme eu gemia, aprovando. Ele gostava que eu vocalizasse... na *maior* parte das vezes.

— Ainda não acredito que você estava parado lá!

— *De novo?* — ele resmungou quando tirou minha camiseta por cima da cabeça. — Quer ouvir *de novo*?

— Todos os dias. Todos os dias — respondi, sugando seu lábio inferior. — Para sempre.

— Era Rye que estava olhando a casa — ele disse quando seus lábios capturaram os meus a fim de me silenciar.

Afastei-me com olhos arregalados.

— Você simplesmente estava... *lá!*

— Falei para acreditar em *mim*.

— É, mas estava bem *ali!* Não é coincidência, Reid. Era para você estar em Londres!

— É um mundo pequeno com a gente nele, baby. — Ele sorriu para mim, seus dedos abrindo o botão da minha calça jeans. — Então, deixe eu esclarecer. A Sergeants assinou contrato com a Sony, o fato de você ter ganhado a bateria ou qualquer *outra* maluquice que aconteceu não te deu um sinal?

Em frente à casa, a outra metade de mim, meu futuro, estava parada no gramado, olhando para cima, para a cabana cara, com a filha de três meses de Rye ao seu lado na cadeirinha do carro. Só demorou alguns segundos para sua espinha pinicar com a mesma consciência e ele se virar e me avistar parada do lado de fora de minha SUV, com as chaves na mão e o queixo tão caído que quase tocava o caminho de pedra. Sua expressão não teve preço: um misto de choque e alívio. Apesar de ele continuar falando que

sempre *soube*, nenhum de nós poderia ter se preparado para *aquele* momento.

— Quase tive outro AVC quando vi aquela bebê na cadeirinha do carro no gramado ao seu lado — sussurrei.

— Foi o que me falou um *milhão* de vezes. Fique nua, esposa. *Agora* — ele comandou.

— Ainda assim, você estava ali na *minha* casa! — eu disse com uma ansiedade sem fôlego quando ele me deitou na cama.

— *Nossa* casa, e você começou uma guerra de proposta. Esta coisa nos custou o dobro do preço, graças a Rye.

— Reid — resmunguei, frustrada —, foi um *milagre*!

— Não, milagre foi eu não ter te estrangulado no minuto em que descobri que não era mais noiva e, mesmo assim, não voltara para mim.

A mágoa ainda estava ali. Um vislumbre em seus olhos que tinha diminuído com o tempo e adormecido, não ameaçador, sob a promessa de sempre e dos anos de novas lembranças que compartilhamos.

— Eu estava no processo de voltar a mim, para voltar para você — murmurei. — Estava me dando um tempo.

Ele me olhou de cima, nu e faminto.

— Acabou o tempo, esposa. — Ele me abriu debaixo dele e deixou uma trilha de beijos cálidos que ia do meu joelho até minha coxa.

— Você comprou de mim.

— Só para ter um primeiro encontro adequado — ele disse, olhando para cima para me fitar enquanto sua língua traçava minha pele sensível. — Precisava garantir que não iria fugir de novo.

— Influência — eu disse, dando um tapinha em sua testa. — Fiquei muito brava.

— Não é ruim ter dinheiro — comentou, rindo. — Vai me deixar te foder esta noite, esposa?

— Claro — me esforcei para falar, conforme ele me transformava em uma poça sob os lábios macios e dedos habilidosos. Segurei seu cabelo sedoso. — Assim que a história acabar — provoquei, e ele queimou uma trilha até meu centro em meu meio latejante.

Ele me tinha bem onde queria, bem onde eu pertencia, com ele, *dele*. Explorava com precisão, mexendo sua língua habilidosa para apressar o desejo antes de me olhar com um sorriso presunçoso.

— Transamos em nosso *primeiro* encontro, fim.

— Reid, por favor — arfei, puxando seu cabelo, pedindo tanto nossa história quanto mais do calor em seus olhos. Nunca queria que nada disso terminasse.

Ele suspirou conforme eu me contorcia, simplesmente tão ansiosa, mas disposta a esquecer, precisando da satisfação gananciosa de coração e corpo.

— Em nosso primeiro encontro, coloquei um colchão no chão da sala, e comemos miojo. E você falou *muito*.

— E?

Senti um frio na barriga quando ele segurou minha mandíbula. Beijou-me até a barriga, depois pairou sobre mim.

— Abri todas as janelas da casa e a iluminei.

— Acendendo milhares de velas — complementei, sonhadora.

— Centenas — ele corrigiu, sugando meu mamilo.

— E depois?

Ele se abaixou e mordeu meu pescoço enquanto eu entrelaçava as pernas em volta dele.

— Depois discutimos — ele continuou mordendo meu lábio conforme seu pau duro cutucava minha entrada. — E foi a *melhor* discussão da minha vida, *literalmente*.

— E... depois? — perguntei, sem fôlego enquanto ele chupava meu pescoço e depois acabava comigo com seu olhar esverdeado e faminto.

— E depois...

Ele colocou para dentro e me preencheu, e eu me desmanchei. E ele estava lá para queimar cada pedacinho, moldando os que perdemos juntos e aliviando a queimação entre nós.

— Eu pedi para você não esquecer — ele sussurrou ao arremeter com força, tirando uma arfada e um gemido de mim.

— Nunca — sussurrei quando ele chupou meu mamilo, mordiscando-o e me apertando em volta dele.

Estremeci com sua provocação enquanto ele beijava cada centímetro de pele que seus lábios conseguiam alcançar antes de lambe minha boca meio aberta, exigindo minha língua, e me acariciar profundamente, agitando meu centro.

— Caramba, Stella — ele disse com voz rouca, seu toque de adoração, uma promessa em seus olhos que nunca mais me deixaria fria. Mexendo o quadril, ele rebolou e, sem aviso, cheguei ao meu limite, incendiando meu corpo fervente.

— Reid — choraminguei quando ele estocou forte em mim, pegando fogo, sua boca aberta ao sentir meu calor se espalhar por ele. Eu estava envolvida em seu calor, radiante.

Em seu calor, fui perdoada, desesperadamente apaixonada com o amor que foi selado antes de eu saber o que significava. O amor que me esperou; o amor que me mostrou o caminho para casa.

Completa.



— Amo te chamar de esposa — ele murmurou ao acariciar minha pele com a ponta dos dedos, preguiçosamente, logo antes de sua respiração se regularizar. Seu cabelo pinicou meu queixo quando se deitou em meu peito.

Passei as mãos em suas mechas escuras e despenteadas conforme olhava para a estante de livros do outro lado da nossa cama. E, naquela prateleira, estavam os últimos anos de lembranças. Uma foto de meus pais com água congelante do Pacífico até os joelhos com sorrisos parecidos, Neil e Paige

posando na beirada do som, de mãos dadas, olhando por cima do ombro para mim logo antes de eu apertar o botão, e Lexi e seu lindo menininho, uma cópia do pai, segurando estrelas-do-mar parecidas nas mãos.

Lexi e Ben fizeram Benji na noite de nosso casamento, mas permaneceram separados, a história deles ainda inacabada. Mas eu tinha fé. O homem dormindo em meus braços me dava o suficiente para acreditar que eles encontrariam o caminho de volta um para o outro, assim como Reid e eu, por um milagre, encontramos o nosso.

Nossa foto de casamento em preto e branco, minha preferida, estava orgulhosamente exposta na prateleira do meio. Reid estava me beijando pela primeira vez como sua esposa, e nunca na minha vida tinha sido beijada daquele jeito. Não tinha uma dúvida naquele dia. Não pensei em Nate nem no casamento que teríamos tido. Nem hesitei quando andei até o altar de braço dado com meu pai em direção ao homem que me olhava com uma veneração tão poderosa que fez seiscentos convidados chorarem. Foi um momento que reviveria pelo resto da vida.

Costumava pensar que era amaldiçoada por ter me apaixonado por dois homens. No entanto, olhando para trás, percebi que foi um presente. Eles eram meus amantes, meus professores, meus melhores amigos, e eu os amaria até meu último suspiro.

Enquanto também tinha dado meu coração a Nate, Reid roubara a outra metade da minha alma e se recusava a devolver. Ele era egoísta com isso e nunca desistiu de mim, retribuindo minha fé nele, me lembrando de que ele estava lá, sempre lá, aguardando o dia em que eu voltaria para reivindicá-la. Ele a manteve segura e longe de qualquer um que ameaçasse pegá-la. E fez isso mantendo sua promessa para mim. Uma promessa que eu pensava que tinha pouco a ver comigo, mas depois percebi que foi por isso que ele se tornou o homem que queria ser. E, em troca, terminamos o sonho um do outro. Um único sonho de uma vida cheia de amor e música.

Olhei para o relógio ao lado da foto — 11h10 da noite — e esperei a mudança de minutos.

Faça um desejo, Stella.

Dessa vez, desejei por Nate. Desejei a ele a mesma felicidade inacreditável que eu tinha encontrado com sua atual noiva. Esperava que ele sentisse o mesmo tipo de completude com a outra metade de sua alma. Esperava que ela mantivesse os sonhos dele em segurança, o coração dele protegido e nunca o deixasse esquecer o homem incrível que era. Esperava que sua vida se assemelhasse à sua própria ideia de um conto de fadas.

Porque meu conto de fadas rock 'n' roll tinha acabado de começar.

FIM



Antes de agradecer a quem me manteve inteira com paciência e uma cola inacreditáveis, só quero dizer: Ei, VOCÊ, que vomita e chora, eu te acho incrível. Não é uma tarefa fácil viver com seu coração tão exposto. Sua dor no coração pode ser profunda, pode ser que você fique o que considerem como extremamente empolgado com as coisas que te animam, pode ser meio apaixonado demais às vezes, mas seu grande coração é a sua parte mais maravilhosa. Por favor, não mude por *ninguém*, nunca.

Sinceramente, Kate

Vomita e chora desde 1977

Muito obrigada a todos os leitores e blogueiros que deram uma chance para *Drive*. É por causa de vocês que continuo escrevendo histórias. Não consigo expressar o quanto *suas* palavras significam para mim. Sua empolgação em nossa comunidade é linda, e ficarei para sempre em dívida com vocês.

Para meus Asskickers que continuam a apoiar minha escrita selvagem e tudo que a envolve, vocês fazem esse trabalho valer muito a pena. Agradeço a cada um de vocês por estar aí.

Este ano foi uma mistura louca de coisas aleatórias. Passei por poucas e boas, e não havia como este livro ter existido sem o extremo apoio de uma de minhas melhores amigas, Edee M. Fallon. Obrigada por me deixar vomitar e chorar, e por estar lá para os altos e baixos. Mas foi uma boa jornada! Amo seu lindo coração. Irmãs de alma existem, e nós somos prova viva. Aposto que falamos isso ao mesmo tempo.

Bex-a-Million, mais conhecido por Bex Kettner, algo incrível aconteceu comigo no último mês de outubro. Só não percebi. Obrigada por me lembrar todos os dias neste ano. Você, minha amiga, representa bem seu nome. É realmente uma em um milhão. Eu *NUNCA* poderia ter feito isto sem você. É um exército de uma, uma humana foda e uma AP maravilhosa. Sou sortuda, e sei disso.

Christy Baldwin — DESDE O PRIMEIRO LIVRO! Não há adjetivos suficientes para descrever você. Seu entusiasmo, seu carinho e seu senso de humor são apenas algumas coisas que adoro em você. Acho você incrível e estou ansiosa por muito mais. Obrigada por separar um tempo da sua vida, enquanto cuida de outros, para me apoiar.

Amy Qeau (Qdesign) — Obrigada por dar vida à minha visão nesta linda capa. ****

Stacey Ryan Blake (Champagne Formats) — Muito obrigada por me ajudar a executar este. Sei que foi um desafio. Você é uma joia.

Autumn, de Wordsmith — Muito obrigada por se envolver e nos formatar. Sou tão feliz de ser sua amiga.

Amy Burke Mastin — *De onde* você veio? Chegou como uma super-heroína, e estive me pendurando em sua capa desde então. É insano como nossa amizade aconteceu! E, Jesus, sou grata por isso. Não consigo agradecê-la o suficiente por suas caronas diárias. Você é hilária, carinhosa e altruísta, e tenho muito orgulho de te

chamar de amiga. Obrigada por me ajudar com o dia a dia na escrita deste livro.

Aos meus incríveis betas — Anne Morrillo, Stacy Hahn, Ella Fields, Malene Dich, Beth O’Geynn Rustenhaven, Donna Cooksley Sanderson e Amy Burke Mastin, nenhuma palavra faria jus a quanto sou grata por ter tido a ajuda de vocês neste livro. É uma tarefa desafiadora separar o coração de alguém, e vocês lidaram com isso com uma graça maravilhosa. Vocês, mulheres, foram minha espinha dorsal para terminar este livro, e eu não teria conseguido sem cada uma de vocês.

Às minhas queridas amigas Sharon Dunn e Kelli Collopy, que tiveram um ano que as colocou à prova, só queria que soubessem como são corajosos e lhes dizer o quanto significam para mim. Vocês duas são a definição de amizade e lealdade. Bjs.

Heather M. Orgeron — Sem palavras. Ok, tenho algumas. VOCÊ ARRASA! Passamos por tudo juntas. Nunca vou esquecer nossas aventuras neste ano! Ser sua amiga é a maior bênção. Te amo. Bjs.

Kim Bailey, nossas sessões de mensagem me salvaram. Sério, te amo. Amo nossas festas, de todo jeito. 😊

Jessica Florence, você é a pessoa mais linda, solidária e hilária. Se fugisse, eu iria te caçar. Espero ser metade da amiga que você é.

Ella e Maiween, agradeço tanto por encontrar vocês no meio da tribo. Vocês duas foram uma surpresa esplêndida neste ano.

Leigh Shen, você é muito genuína e linda. Fico muito feliz que o mundo tenha notado. Você merece.

Saffron Kent, perseguição nunca foi tão recompensadora. Obrigada por todos os cumprimentos e pela *playlist*, da qual arranquei algumas músicas com prazer.

Por último, mas não menos importante, aos meus queridos amigos e família, e ao meu marido lindo, Nick. Vocês são meu mundo. Obrigada por me apoiarem e entenderem quando eu não

sou capaz de entender. Vocês são os primeiros em meu coração,
sempre.

**** Referente à capa original, americana.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

%5C2714 SITE: <https://allbookeditora.com>

%5C2714 FACEBOOK: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

%5C2714 INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/allbookeditora/>

%5C2714 TWITTER: <https://twitter.com/AllBookEditora>

%5C2714 SKOOB: <https://www.skoob.com.br/allbookeditora>